

A man with dark, wavy hair and a serious expression is wearing a black leather motorcycle jacket and black leather gloves. He is holding a small, fluffy white cat against his chest. The background is dark and textured.

GATA BRANCA HOLLY BLACK

ROCCO
JOVENS LEITORES

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

MESTRES DA MALDIÇÃO
LIVRO UM

GATA BRANCA
HOLLY BLACK

TRADUÇÃO
Regiane Winarski

ROCCO ITALIA

PARA TODOS OS GATOS FICCIONAIS QUE MATEI EM OUTROS LIVROS.

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Agradecimentos

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Catorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesseis

Capítulo Dezessete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Créditos

Sobre a autora

AGRADECIMENTOS

Vários livros foram muito úteis na criação do mundo dos Mestres da Maldição. Em particular, *The Big Con*, de David R. Maurer; *How to Cheat at Everything*, de Sam Lovell; *Son of a Grifter*, de Kent Walker e Mark Schone; e *Speed Tribes*, de Karl Taro Greenfeld.

Sou profundamente grata a muitas pessoas pelas opiniões sobre este livro. Quero agradecer a todos da Sycamore Hill 2007 por lerem os primeiros capítulos e me darem a confiança para seguir em frente. Agradeço a Justine Larbalestier por conversar comigo sobre mentirosos e a Scott Westerfeld pelas notas detalhadas. Obrigada a Sarah Rees Brennan por me ajudar com os sentimeeeeentos. Obrigada a Joe Monti pelo entusiasmo e pelas indicações de livros. Obrigada a Elka Cloke pelo conhecimento médico. Obrigada a Kathleen Duey por me forçar a pensar nas questões do mundo maior. Obrigada a Kelly Link por tornar o começo muito melhor e também por me levar por aí na mala do carro. Obrigada a Ellen Kushner, Delia Sherman, Gavin Grant, Sarah Smith, Cassandra Clare e Joshua Lewis por lerem rascunhos de ideias pouco desenvolvidas. Obrigada a Steve Berman pela ajuda para decidir os detalhes da magia.

Acima de tudo, tenho que agradecer a meu agente, Barry Goldblatt, por me encorajar; a minha editora, Karen Wojtyla, que me impulsionou a tornar o livro muito melhor do que achei que poderia ser; e a meu marido, Theo, que não só me aguentou durante o processo da escrita como também me deu muitas dicas sobre deméritos, golpes, escolas particulares e como convencer o pessoal dos abrigos de animais.

CAPÍTULO UM

ACORDO DESCALÇO, DE PÉ

sobre o frio da ardósia. Olhando para a distância vertiginosa abaixo. Inspiro uma lufada de ar gélido.

Acima de mim, vejo as estrelas. Abaixo, a estátua de bronze do coronel Wallingford me faz perceber que estou vendo a praça central do alto de Smythe Hall, meu alojamento.

Não tenho lembrança alguma de subir as escadas até o telhado. Nem sei *como* chegar onde estou, e isso é um problema, pois terei que sair daqui, de preferência de uma forma que não envolva morrer.

Tremendo, forço-me a ficar o mais parado que consigo. A não inspirar rápido demais. A me segurar à ardósia com os dedos dos pés.

A noite está tranquila, com o tipo de silêncio da madrugada que faz o som de cada movimento ou respiração nervosa ecoar. Quando as silhuetas negras das árvores acima de mim se mexem com o vento, dou um pulo de surpresa. Meu pé desliza em alguma coisa escorregadia. Musgo.

Tento me firmar, mas minhas pernas cedem.

Tateio o ar atrás de alguma coisa a que me agarrar quando meu peito nu bate na ardósia. A palma da minha mão cai com força sobre um pedaço de telha de cobre, mas nem sinto dor. Ao mover as pernas, meu pé encontra uma saliência no telhado, e pressiono os dedos contra o suporte de neve até me equilibrar. Dou uma risada de alívio, embora esteja tremendo tanto que escalar de volta fica fora de questão.

O frio deixa meus dedos dormentes. A descarga de adrenalina faz meu cérebro gritar.

– Socorro – digo baixinho, e sinto uma gargalhada louca subir pela minha garganta. Mordo a parte interna da bochecha para sufocá-la.

Não posso pedir socorro. Não posso chamar ninguém. Se fizer isso, meu fingimento cuidadosamente elaborado de que sou apenas um cara normal vai por água abaixo para sempre. Sonambulismo é coisa de criança, é estranho e constrangedor.

Observo o telhado pouco iluminado e tento enxergar o intervalo dos suportes, pequenas peças triangulares de plástico que impedem o deslizamento de neve e gelo, pequenas peças triangulares que não foram feitas para suportar meu peso. Se eu conseguir chegar mais perto de uma janela, talvez consiga descer até ela.

Estico o pé, mexendo-me o mais lentamente possível e me contorcendo em direção ao suporte de neve mais próximo. Durante o movimento, arranho a barriga contra a ardósia, pois algumas placas estão lascadas ou não são completamente lisas. Piso no primeiro suporte, no seguinte, e depois chego a um que fica na extremidade do telhado. Lá, ofegante, com as janelas muito abaixo de mim e sem lugar para onde ir, decido que não estou disposto a morrer só por causa do constrangimento.

Inspiro ar gelado três vezes e grito.

– Ei! Ei! Socorro! – A noite absorve minha voz. Ouço o som distante de motores na estrada, mas nada vindo das janelas abaixo de mim.

– Ei! – Dessa vez grito, com voz gutural, o mais alto que consigo, alto o bastante para de as palavras arranharem minha garganta. – *Socorro!*

Uma luz é acesa em um dos quartos e vejo palmas de mãos pressionadas contra uma vidraça. No momento seguinte a janela se

abre.

– Olá? – diz alguém com voz sonolenta abaixo de mim. Por um momento a voz dela me lembra a de outra garota. De uma garota morta.

Estico a cabeça para o lado e tento dar meu sorriso mais envergonhado. Como se ela não fosse levar um susto.

– Aqui em cima – digo. – No telhado.

– Ai, meu Deus! – Justine Moore ofega.

Willow Davis vai até a janela.

– Vou chamar o inspetor.

Aperto a bochecha contra a pedra fria e tento me convencer de que está tudo bem, de que não é uma maldição, de que, se eu aguentar mais um pouco, tudo vai ficar bem.

Uma multidão se junta abaixo de mim, saindo dos alojamentos.

– Pula – grita algum idiota. – Anda logo!

– Sr. Sharpe? – grita o supervisor Wharton. – Desça daí imediatamente, Sr. Sharpe! – Seu cabelo grisalho está de pé, como se ele tivesse sido eletrocutado, e veste um roupão do lado avesso e mal-amarrado. A escola toda pode ver sua cuequinha branca.

De repente, me dou conta de que estou só de cueca. Se ele está ridículo, eu estou pior.

– Cassel! – grita a Sra. Noyes. – Cassel, não pule! Sei que as coisas têm sido difíceis... – Ela para de falar, como se não tivesse certeza do que dizer depois. Provavelmente, está tentando lembrar o que é tão difícil. Tenho boas notas. Tenho um bom relacionamento com os outros.

Olho de novo para baixo. Câmeras de celulares piscam. Alunos do primeiro ano apoiam-se nas janelas do prédio ao lado, o Strong House, e alunos do terceiro e do quarto ano estão de pé na grama usando

pijamas e camisolas, apesar de os professores estarem tentando desesperadamente levá-los de volta para os alojamentos.

Dou meu melhor sorriso.

– Xis – digo baixinho.

– Desça, Sr. Sharpe – grita o supervisor Wharton. – Estou avisando!

– Estou bem, Sra. Noyes – grito. – Não sei como cheguei aqui. Acho que tive um ataque de sonambulismo.

Eu tinha sonhado com uma gata branca. Ela se inclinou por cima de mim, inspirando profundamente, como se fosse sugar o ar dos meus pulmões, mas o que fez na verdade foi morder minha língua. Não senti dor, só uma gigantesca e sufocante sensação de pânico. No sonho, minha língua era uma coisa vermelha que se debatia, úmida e do tamanho de um rato, e a gata a carregava na boca. Eu queria minha língua de volta. Saltei da cama e fui atrás da gata, mas ela era ágil e rápida demais. Eu a segui. Quando percebi, estava tremendo no telhado de ardósia.

Uma sirene soa ao longe e vem se aproximando. Minhas bochechas doem de tanto sorrir.

Depois de algum tempo, um bombeiro sobe em uma escada e me ajuda a descer. Me cobrem com um cobertor, mas meus dentes estão batendo com tanta força que não consigo responder a nenhuma das perguntas. É como se o gato tivesse mesmo roubado minha língua.

Na última vez em que estive na sala da diretora, meu avô estava comigo para me matricular na escola. Eu me lembro de vê-lo esvaziar um prato de cristal cheio de balas de menta dentro do bolso enquanto o supervisor Wharton falava sobre o admirável jovem que eu viria a ser. O prato de cristal foi parar no outro bolso.

Estou sentado na mesma cadeira de couro verde, enrolado em um cobertor, e olho para a gaze que cobre a palma da minha mão. Realmente, um jovem admirável.

– Sonambulismo? – pergunta o supervisor Wharton. Ele está usando um terno marrom de tweed, mas o cabelo ainda está bagunçado. Está de pé perto de uma prateleira coberta de enciclopédias ultrapassadas e passa um dedo enluvado pelas lombadas de couro em frangalhos.

Reparo que há um novo prato de vidro barato cheio de balas de menta sobre a mesa. Minha cabeça está latejando. Queria que as balas fossem aspirina.

– Eu era sonâmbulo. Não acontece há muito tempo.

Sonambulismo não é incomum em crianças, principalmente meninos. Pesquisei na internet depois de acordar na entrada da garagem quando tinha 13 anos, com os lábios roxos de frio e sem conseguir me livrar da sensação de que tinha acabado de voltar de um lugar do qual não conseguia me lembrar.

Do lado de fora das janelas de caixilharia de chumbo, o sol nascente enche as árvores de um brilho dourado. A diretora, Sra. Northcutt, está com o rosto inchado e os olhos vermelhos. Está bebendo café em uma caneca com o logotipo de Wallingford e a aperta com tanta força que o couro das luvas está quase rasgando nas dobras dos dedos.

– Eu soube que você está tendo problemas com sua namorada – diz a diretora Northcutt.

– Não – respondo. – Problema nenhum. – Audrey terminou comigo depois das férias de inverno por estar cansada das minhas mudanças de humor. É impossível ter problemas com uma namorada que não tenho mais.

A diretora limpa a garganta.

– Alguns alunos acham que você agencia apostas. Está com algum tipo de problema? Deve dinheiro a alguém?

Olho para baixo e tento não sorrir ao ouvir sobre meu pequeno império criminoso. Ele consiste apenas em um pouco de falsificação e uma bolsa de apostas. Não tenho nenhum golpe em andamento; nem mesmo aceitei a sugestão do meu irmão Philip de que poderíamos ser os principais fornecedores de bebida alcoólica para menores na escola. Tenho quase certeza de que a diretora não se importa com as apostas, mas fico feliz por ela não saber que a mais popular é a de quais professores saem juntos. Northcutt e Wharton são um casal improvável, mas isso não impede que as pessoas apostem dinheiro neles. Nego com a cabeça.

– Tem tido mudanças de humor ultimamente? – pergunta o supervisor Wharton.

– Não – respondo.

– E quanto a mudanças no apetite e no padrão de sono? – Ele parece estar recitando palavras de um livro.

– O problema é meu padrão de sono – digo.

– O que você quer dizer? – pergunta a diretora Northcutt, repentinamente atenta.

– Nada! Só que eu estava tendo uma crise de *sonambulismo*, e não tentando me matar. E se eu quisesse me matar, não pularia de um telhado. E se *fosse* pular de um telhado, vestiria uma calça antes.

A diretora toma um gole da caneca. Sua mão está mais relaxada.

– Nosso advogado me aconselhou a não permitir que você fique no alojamento até um médico nos garantir que nada desse tipo vai acontecer de novo. Você representa um risco muito grande.

Pensei que as pessoas iam me encher o saco, mas nunca achei que haveria consequências concretas. Pensei que ia levar uma bronca. Talvez perder alguns pontos de comportamento. Fico perplexo demais por muito tempo para falar qualquer coisa.

– Mas não fiz nada de errado.

Isso é besteira, claro. As coisas não acontecem com as pessoas porque elas merecem. Além do mais, fiz muita coisa de errado.

– Seu irmão Philip vem buscar você – diz o supervisor Wharton. Ele e a diretora trocam olhares, e a mão de Wharton vai inconscientemente até o pescoço, onde vejo o cordão colorido e o contorno de um amuleto sob a camisa.

Eu entendo. Eles estão se perguntando se fui enfeitiçado. Amaldiçoado. Não é um grande segredo que meu avô era um mestre da morte da família Zacharov. Ele tem cotocos enegrecidos onde costumavam ficar os dedos como prova disso. E se eles leem jornais, sabem sobre minha mãe. Não é de estranhar que Wharton e Northcutt culpem as maldições por toda e qualquer coisa estranha relacionada a mim.

– Você não pode me expulsar por sonambulismo – digo, ficando de pé. – Isso deve ser ilegal. É um tipo de discriminação... – Paro de falar quando um pavor gelado toma conta do meu estômago, porque por um momento me pergunto se eu poderia ter sido enfeitiçado. Tento lembrar se alguém esbarrou em mim com a mão, mas não consigo me lembrar de ninguém tocando em mim sem estar de luva.

– Ainda não chegamos a nenhuma determinação sobre seu futuro aqui em Wallingford.

A diretora folheia alguns papéis que tem sobre a mesa. O supervisor se serve de café.

– Ainda posso ser aluno mesmo sem morar aqui.

Não quero dormir em uma casa vazia nem ter que dormir na casa de algum dos meus irmãos, mas é o que farei. Farei tudo que me permitir manter a vida do jeito que está.

– Vá para o alojamento e coloque algumas coisas na mala. Considere-se de licença médica.

– Só até eu ter um atestado – respondo.

Nenhum dos dois diz nada e, depois de alguns segundos de constrangimento, vou em direção à porta.

Não se sinta solidário demais. Eis a verdade essencial sobre mim: matei uma garota quando tinha 14 anos. O nome dela era Lila, ela era minha melhor amiga e eu a amava. Mas eu a matei mesmo assim. Grande parte do que aconteceu no dia do assassinato me parece enevoada, mas meus irmãos me encontraram de pé ao lado do corpo dela com sangue nas mãos e um sorriso estranho nos lábios. O que lembro melhor é a sensação que tive ao olhar para Lila: a alegria eufórica de sair impune de alguma coisa.

Ninguém sabe que sou um assassino além da minha família. E eu, é claro.

Não quero ser essa pessoa, então, passo a maior parte do tempo na escola fingindo e mentindo. Dá muito trabalho fingir ser uma pessoa que você não é. Não penso na música de que gosto; penso na música de que eu deveria gostar. Quando tive uma namorada, tentei convencê-la de que era o cara que ela queria que eu fosse. Quando estou no meio de um grupo, fico na minha até descobrir como fazer todo mundo rir. Felizmente, se tem uma coisa que faço bem, é fingir e mentir.

Eu falei que fiz muita coisa de errado.

Ando rapidamente, ainda descalço, ainda enrolado no cobertor áspero dos bombeiros, pela praça iluminada de sol, e vou até meu quarto. Sam Yu, meu colega, está colocando uma gravata no colarinho de uma camisa amassada quando entro pela porta. Ele olha para mim, assustado.

– Estou bem – falo, com cansaço. – Caso você estivesse pensando em perguntar.

Sam é fã de filmes de terror e aficionado por ciências, e cobriu a parede do nosso quarto com máscaras de alienígenas de olhos esbugalhados e pôsteres de imagens sanguinolentas. Seus pais querem que ele estude no Massachusetts Institute of Technology e que depois tenha um rentável emprego na indústria farmacêutica. Ele quer fazer efeitos especiais para filmes. Apesar de ter o tamanho de um urso e ser obcecado por sangue falso, até agora tem falhado em se impor aos pais ao ponto em que nem sabem que discorda deles. Gosto de pensar que somos meio que amigos.

Não costumamos sair com as mesmas pessoas, o que torna mais fácil sermos meio que amigos.

– Eu não estava fazendo... o que você acha que eu estava fazendo – digo a ele. – Não quero morrer nem nada.

Sam sorri e coloca as luvas de Wallingford.

– Eu só ia dizer que ainda bem que você não dorme pelado.

Dou uma risada e me deito na cama. O estrado geme em protesto. Sobre o travesseiro ao lado da minha cabeça há um envelope novo, com o desenho de um código que me diz que um calouro quer apostar 50 dólares que Victoria Quaroni vai vencer o show de talentos. As chances são astronômicas, mas o dinheiro me faz lembrar que alguém vai ter

que cuidar dos livros e fazer os pagamentos enquanto eu estiver afastado.

Sam dá um chute de brincadeira na base da cama.

– Tem certeza de que está bem?

Faço que sim com a cabeça. Sei que devia contar a ele que vou para casa, que ele está prestes a se tornar um dos caras sortudos que têm um quarto só para si, mas não quero perturbar meu frágil senso de normalidade.

– Só estou cansado.

Sam pega a mochila.

– Vejo você na aula, maluco.

Levanto a mão enfaixada para dar tchau, mas paro o gesto no meio.

– Ei, espere um segundo.

Com a mão na maçaneta, ele se vira.

– Eu estava pensando... caso eu vá embora. Você acha que as pessoas poderiam continuar deixando o dinheiro aqui?

Não gosto de perguntar, pois me coloca em dívida com ele e, ao mesmo tempo, torna a história da expulsão real, mas não estou pronto para abrir mão da única coisa que funciona a meu favor em Wallingford.

Ele hesita.

– Deixe pra lá. Finja que eu nunca...

Ele me interrompe.

– Vou ficar com uma parte?

– Vinte e cinco – falo. – Vinte e cinco por cento. Mas vai ter que fazer mais do que só recolher o dinheiro pra receber isso.

Ele assente lentamente.

– Tá, tudo bem.

Dou um sorriso.

– Você é o cara mais confiável que conheço.

– A bajulação leva você a qualquer lugar – diz Sam. – Só não tira você de um telhado, aparentemente.

– Legal – falo com um gemido.

Levanto da cama e pego uma calça limpa de uniforme, preta e áspera, dentro da cômoda.

– Por que você *iria embora*? Não estão expulsando você, estão?

Viro o rosto para o outro lado quando visto a calça, mas não consigo disfarçar o desconforto na minha voz.

– Não. Não sei. Vou explicar o esquema para você.

Ele faz que sim com a cabeça.

– Certo. O que tenho que fazer?

– Vou deixar meu caderno com a pontuação, os cálculos e tudo, e você simplesmente preenche as apostas que receber. – Fico de pé, puxo a cadeira para perto do armário e subo nela. – Aqui.

Meus dedos se fecham ao redor do caderno que preendi com fita adesiva em cima da porta e puxo. Um outro caderno, do meu segundo ano, ainda está lá, da época em que o negócio cresceu tanto que eu não pude mais confiar na minha memória, que é boa, mas não fotográfica.

Sam dá um meio-sorriso. Percebo que está impressionado por nunca ter reparado no esconderijo.

– Acho que consigo fazer isso.

As páginas que ele folheia são registros de todas as apostas feitas desde o começo do nosso terceiro ano em Wallingford e as vantagens em cada uma delas. Apostas sobre quem mataria o rato que havia em Stanton Hall: Kevin Brown com seu taco de polo, Dr. Milton com as ratoeiras com pedaços de bacon ou se Chaiyawat Terweil o pegaria com sua armadilha cheia de alface e completamente respeitosa à vida. (As

apostas estão a favor do taco de polo.) Sobre quem seria escolhida como atriz principal de *Pippin*, Amanda, Sharone ou Courtney, e se a atriz principal perderia o lugar para a substituta. (Courtney conseguiu o papel; ainda estão na fase de ensaios.) Sobre quantas vezes por semana será servido no refeitório “brownie com nozes sem nozes”.

Agenciadores de apostas de verdade ficam com uma porcentagem e usam um livro de controle para garantir o lucro. Por exemplo, se alguém aposta 5 pratas em uma luta, está na verdade apostando 4 dólares e 50 centavos. Os outros 50 centavos vão para o agenciador de apostas. Para o agenciador, não faz diferença quem ganha; ele só se preocupa com o equilíbrio das apostas, para que possa usar o dinheiro dos perdedores para pagar os vencedores. Não sou um agenciador de apostas de verdade. Os alunos de Wallingford querem apostar em coisas bobas, coisas que talvez nunca aconteçam. Eles têm dinheiro de sobra. Então, às vezes, eu calculo as vantagens do jeito certo, do jeito que os agenciadores fazem, e, outras vezes, calculo do meu jeito e torço para conseguir ficar com tudo em vez de ter que pagar mais dinheiro do que tenho. Você poderia dizer que também estou apostando. É isso mesmo.

– Lembre-se – falei –, só dinheiro. Nada de cartão de crédito nem de relógios.

Ele revira os olhos.

– Está mesmo dizendo que alguém acha que você tem uma máquina de cartão de crédito aqui?

– Não. Eles querem que você fique com o cartão e compre alguma coisa que custe o valor que devem. Não aceite; fica parecendo que você roubou o cartão deles e, acredite, é o que dirão aos pais.

Sam hesita.

– Tá – diz ele, por fim.

– Tudo bem. Tem um envelope novo na escrivaninha. Não se esqueça de anotar tudo.

Sei que estou falando demais, mas não posso dizer a ele que preciso do dinheiro que ganho. Não é fácil frequentar uma escola dessas sem dinheiro. Sou o único garoto de 17 anos de Wallingford que não tem carro.

Faço sinal para que ele me passe o livro.

Quando estou colocando-o no lugar, alguém bate à porta com força, e quase caio com o susto. Antes que eu possa falar qualquer coisa, a porta se abre e o inspetor do andar entra. Ele olha para mim como se esperasse que eu estivesse preparando uma corda para me enforcar.

Desço da cadeira.

– Eu só estava...

– Obrigado por pegar minha mochila – diz Sam.

– Samuel Yu – diz o Sr. Valerio. – Tenho certeza de que o café da manhã já acabou e as aulas começaram.

– *Aposto* que o senhor está certo – diz Sam, com um sorrisinho em minha direção.

Eu poderia dar um golpe em Sam, se quisesse. Eu faria assim, pedindo a ajuda dele, oferecendo um pequeno lucro ao mesmo tempo. E acabaria levando um pouco da grana dos pais dele. Eu poderia dar um golpe em Sam, mas não farei isso.

Não farei, é sério.

Quando a porta se fecha atrás de Sam, Valerio se vira para mim.

– Seu irmão só pode vir amanhã à noite, então você vai ter que ir para a aula com os outros alunos. Ainda estamos debatendo a questão de onde você vai passar a noite.

- Sempre dá pra me amarrar na cabeceira da cama - digo, mas Valerio não acha muito engraçado.

Minha mãe explicou o essencial sobre golpes mais ou menos na mesma época em que explicou sobre as maldições. Para ela, a maldição era como conseguia o que queria, e o golpe era como escapava do que tinha feito. Não consigo fazer as pessoas amarem ou odiarem instantaneamente, como ela, nem fazer seus corpos se virarem contra si mesmos, como Philip, nem tirar a sorte das pessoas, como meu outro irmão, Barron. Mas não é preciso ser um mestre para ser um golpista.

Para mim, a maldição é uma muleta, mas o golpe é tudo.

Foi minha mãe quem me ensinou que, se você quer tirar vantagem de alguém (seja com magia e esperteza ou só com esperteza), tem que conhecer o alvo melhor do que ele conhece a si mesmo.

A primeira coisa que precisa fazer é conquistar sua confiança. Seduza-o. Certifique-se de que ele pensa ser mais inteligente do que você. Depois, você (ou, idealmente, seu parceiro) sugere o negócio.

Deixe seu alvo ganhar alguma coisa logo de cara. Nessa área, isso é chamado de “persuasão”. Quando ele sabe que tem dinheiro no bolso e pode ir embora, essa é a hora em que abaixa a guarda.

O segundo passo é quando você apresenta os valores maiores. A grana alta. Essa é a parte com a qual minha mãe nunca precisa se preocupar. Sendo uma mestra de emoções, consegue fazer qualquer um confiar nela. Mas mesmo assim ela precisa passar pelas etapas, para que, mais tarde, quando eles voltem a pensar no assunto, não percebam o que ela fez com eles.

Depois disso vêm apenas o corte de relações e a fuga.

Ser um golpista significa pensar que você é mais inteligente do que todo mundo e que pensou em tudo. Que é capaz de se safar de tudo. Que consegue enganar qualquer um.

Gostaria de poder dizer que não penso no golpe quando interajo com as pessoas, mas a diferença entre mim e a minha mãe é que eu não engano a mim mesmo.

CAPÍTULO DOIS

SÓ TENHO TEMPO SUFICIENTE

para vestir o uniforme e correr para a aula de francês; o café da manhã já acabou faz tempo. A televisão de Wallingford ganha vida quando coloco meus livros sobre a mesa. Sadie Flores anuncia na tela que, durante o período de atividades, o clube de latim fará uma venda de bolos e biscoitos para arrecadar dinheiro para a construção de uma gruta artificial e que o time de rúgbi vai se reunir no ginásio. Consigo ir de uma aula para a outra até que acabo adormecendo na de história. Acordo abruptamente com a baba molhando a manga da camisa e com o Sr. Lewis perguntando:

– Em que ano a proscricção foi iniciada, Sr. Sharpe?

– Mil novecentos e vinte e nove – murmuro. – Nove anos depois de a Proibição começar. Pouco antes da quebra da Bolsa de Valores.

– Muito bem – diz ele, sem alegria. – E você pode me dizer por que a proscricção não foi revogada, como a Proibição?

Limpo a boca. Minha dor de cabeça não melhorou.

– Hum, porque o mercado negro fornece mestres de maldição para as pessoas?

Algumas pessoas riem, mas o Sr. Lewis não. Ele aponta para o quadro, onde uma confusão de razões está escrita com giz. Alguma coisa sobre iniciativas econômicas e um acordo comercial com a União Europeia.

- Pelo que vejo, você consegue fazer muitas coisas muito bem enquanto dorme, Sr. Sharpe, mas assistir à minha aula não parece ser uma delas.

Ele recebe mais risadas. Fico acordado o resto da aula, embora tenha que me cutucar com uma caneta várias vezes para conseguir isso.

Volto para o alojamento e durmo durante o horário em que deveria estar recebendo ajuda dos professores com as disciplinas nas quais estou tendo dificuldade, durante o horário do treino de corrida e da reunião do grupo de debate. Quando acordo, já passou da hora do jantar e sinto o ritmo da minha vida normal sumir, mas não tenho ideia de como recuperá-lo.

A Escola Preparatória Wallingford se parece muito com o que imaginei quando meu irmão Barron levou o livreto para casa. Os gramados são menos verdes e os prédios, menores, mas a biblioteca é bastante impressionante e todo mundo usa paletó no jantar. As pessoas vão para Wallingford por dois motivos diferentes. Ou uma escola particular é o bilhete de entrada para uma universidade bacana, ou foram expulsos de uma escola pública e estão usando o dinheiro dos pais para evitar a escola para delinquentes juvenis, que é a última opção.

Wallingford não é exatamente Choate ou a Academia Deerfield, mas estava disposta a me aceitar, mesmo com minhas ligações com os Zacharov. Barron achava que a escola me daria estrutura. Nada de casa bagunçada. Nada de caos. Tenho me saído bem. Aqui, minha incapacidade de operar maldições é uma vantagem, e é a primeira vez em que ela é boa para alguma coisa. Ainda assim, tenho uma tendência perturbadora de procurar por toda confusão que essa nova vida não deveria ter. Como organizar a bolsa de apostas quando preciso de

dinheiro. Simplesmente não consigo parar de explorar as possibilidades.

As paredes do refeitório são cobertas de madeira e o teto é alto e abobadado, o que faz nossas vozes ecoar. Nas paredes há quadros com imagens dos diretores importantes e, é claro, do próprio Wallingford. O coronel Wallingford, fundador da Escola Preparatória Wallingford, morto por uma maldição um ano antes de a proscricção entrar em vigor, zomba de mim de dentro de sua moldura dourada.

Meus sapatos estalam no assoalho gasto de mármore e fecho a cara quando as vozes ao redor se misturam até virarem um único zumbido que faz os ouvidos doerem. Ao andar até a cozinha, sinto as mãos úmidas e o suor encharcando o algodão das minhas luvas quando empurro a porta.

Olho ao redor automaticamente para ver se Audrey está aqui. Não está, mas eu não devia ter olhado. Tenho que ignorá-la o bastante para que ela pense que não ligo, mas não demais. Demais também me entregaria.

Principalmente hoje, que estou tão desorientado.

– Você está atrasado – diz uma das senhoras do serviço de cozinha, sem nem tirar os olhos da limpeza da bancada. Ela parece ter passado da idade de aposentadoria (deve ter no mínimo a idade do meu avô) e alguns de seus cachos com permanente se soltaram da touca de plástico. – O jantar acabou.

– É. – Em seguida, murmuro: – Me desculpe.

– A comida está guardada. – Ela olha para mim. Ergue as mãos cobertas de plástico. – Vai estar fria.

– Gosto de comida fria. – Exibo meu melhor meio-sorriso tímido.

Ela sacode a cabeça.

– Gosto de garotos com bom apetite. Todos vocês são tão magros e nas revistas falam sobre vocês passarem fome como as garotas.

– Eu, não – falo, e meu estômago ronca, o que a faz rir.

– Vá lá pra fora, eu levo um prato. Pegue alguns biscoitos aqui nessa bandeja. – Agora que ela decidiu que sou uma pobre criança que precisa ser alimentada, parece feliz em trabalhar.

Ao contrário da maioria dos refeitórios escolares, a comida de Wallingford é boa. Os biscoitos são escuros por causa do melado e picantes por causa do gengibre. O espaguete que ela traz está morno, mas sinto gosto de linguiça no molho vermelho. Quando estou passando um pedaço de pão no molho, Daneca Wasserman vem até minha mesa.

– Posso me sentar? – pergunta ela.

Olho para o relógio.

– O horário da sala de estudos já vai começar. – Seus cachos castanhos parecem despenteados, presos com uma faixa de sândalo. Olho para a bolsa feita de fibras de maconha que ela traz a tiracolo, coberta de bótons com os dizeres **MOVIDA A TOFU, NÃO À PROPOSIÇÃO N^o2 e DIREITOS DOS MESTRES**.

– Você não foi ao grupo de debate – diz ela.

– É verdade.

Eu me sinto mal por evitar Daneca e por só dar meias-respostas rudes, mas tenho feito isso desde que comecei em Wallingford, apesar de ela ser amiga de Sam e de o fato de morarmos juntos tornar mais difícil conseguir evitá-la.

– Minha mãe quer falar com você. Ela diz que o que você fez foi um grito de socorro.

- Foi mesmo - digo eu. - Foi por isso que fiquei gritando "Socooooorro!". Não sou muito de sutilezas.

Ela bufa, impaciente. A família de Daneca é cofundadora da HEX, o grupo de advocacia que quer legalizar os feitiços de novo, basicamente para que leis contra aqueles mais sérios possam ser impostas. Já vi a mãe dela na televisão, sendo filmada no escritório da casa de tijolos em Princeton, com um jardim florido visível pela janela dos fundos. A Sra. Wasserman falou que, apesar das leis, ninguém queria ficar sem um mestre de sorte em um casamento ou batizado, e que esses tipos de feitiços eram benéficos. Falou que isso ajudava as famílias mafiosas a impedir que os mestres encontrassem formas de usar seus talentos legalmente. Admitiu ser ela mesma uma mestra. Foi um discurso impressionante. Um discurso perigoso.

- Mamãe convive com famílias de mestres o tempo todo - Daneca comenta. - Com os problemas que crianças mestras têm que enfrentar.

- Sei disso, Daneca. Olhe, não quis entrar no seu clube HEX júnior no ano passado e não quero me meter com esse tipo de coisa agora. Não sou mestre e não me importo de você ser. Encontre outra pessoa para recrutar ou salvar, ou seja lá o que você está tentando fazer. E não quero conhecer sua mãe.

Ela hesita.

- Não sou mestra. Só porque quero...

- Deixe pra lá. Já falei que não ligo.

- Você não liga de os mestres estarem sendo presos e executados na Coreia do Sul? E aqui nos Estados Unidos sendo forçados ao que basicamente não passa de trabalho escravo para as famílias mafiosas? Você não liga pra nada disso?

- Não, não ligo.

Do outro lado do salão, Valerio vem ao meu encontro. Isso é o bastante para fazer Daneca decidir que não quer arriscar ser chamada a atenção por não estar onde deveria. Com a mão na bolsa, ela vai embora dirigindo-me um único olhar. A combinação de decepção e desprezo em seus olhos magoa.

Coloco um pedaço grande de pão cheio de molho na boca e fico de pé.

– Parabéns. Você vai dormir em seu quarto esta noite, Sr. Sharpe.

Balanço a cabeça afirmativamente enquanto mastigo. Talvez, se eu passar esta noite bem, eles me deixem ficar.

– Mas quero que saiba que estou com a cadela do supervisor Wharton e que ela vai dormir no corredor. Aquela cadela vai latir como louca se você sair para uma caminhada noturna. É melhor que eu não o pegue fora do quarto, nem mesmo para ir ao banheiro. Entendeu?

Engulo em seco.

– Sim, senhor.

– É melhor ir logo e começar a fazer seus trabalhos.

– Certo. Sem dúvida. Obrigado, senhor.

Raramente volto sozinho do refeitório. Nas árvores de folhagem verde-clara, os morcegos cortam o céu ainda iluminado. O ar está pesado com o cheiro de grama esmagada misturado com fumaça. Em algum lugar alguém está queimando a folhagem molhada e meio decomposta do inverno.

Sentado em frente à escrivaninha, com fones de ouvido, as enormes costas voltadas para a porta e a cabeça baixa, Sam rabisca as páginas do livro de física. Mal olha quando me joga na cama. Temos umas três horas de dever de casa por noite, e nosso período de estudo noturno é

de apenas duas horas, então, se você quer passar o intervalo das 21h30 sem estresse, é melhor correr. Acho que o desenho da garota com olhos arregalados de zumbi comendo o cérebro do idiota do James Page, do quarto ano, não é parte do dever dele, mas, se for, o professor de física dele é demais.

Tiro os livros da mochila e começo a estudar trigonometria, mas, quando meu lápis percorre a página do caderno, percebo que não me lembro da aula bem o suficiente para conseguir resolver os problemas. Empurro o livro em direção ao travesseiro e decido ler o capítulo de mitologia. É mais uma história olimpiana de família problemática, com Zeus como personagem principal. Sua namorada grávida, Semele, é enganada pela esposa, Hera, que faz com que ela exija ver Zeus em toda sua glória. Apesar de saber que isso vai matar Semele, ele lhe mostra tudo. Alguns minutos depois, corta o útero da queimada Semele para tirar o bebê Dionísio e o *costura na própria perna*. Não é surpreendente que Dionísio bebesse o tempo todo. Estou chegando à parte em que Dionísio está sendo criado como menina (para mantê-lo escondido de Hera, é claro) quando Kyle bate no batente da porta.

– O quê? – diz Sam, tirando um dos fones e se virando na cadeira.

– Telefone pra você – diz Kyle, olhando em minha direção.

Antes de todo mundo ter celular, acho que o único modo de os alunos ligarem para casa era juntando moedas para usar no antigo telefone público que havia no final de cada corredor do alojamento. Apesar do ocasional trote noturno, Wallingford mantém esses velhos telefones onde sempre estiveram. As pessoas ainda os usam de vez em quando; em geral, pais ligando para alguém cuja bateria do celular acabou ou que não retorna ligações. Ou minha mãe, ligando da cadeia.

Pego o fone preto e pesado já conhecido.

- Alô.

- Estou muito decepcionada com você - diz minha mãe. - Essa escola está deixando você de miolo mole. O que você estava fazendo no telhado?

Teoricamente, minha mãe não devia poder ligar para outro telefone público da prisão, mas ela conseguiu dar um jeito nisso. Primeiro, convence minha cunhada a aceitar que as ligações sejam cobradas dela, depois, Maura faz uma ligação de conferência para mim ou qualquer outra pessoa com quem mamãe precise falar. Advogados. Philip. Barron.

É claro que minha mãe poderia fazer uma ligação de conferência para meu celular, mas ela tem certeza de que todas as conversas de celular são ouvidas por algum departamento xereta e secreto do governo, então, evita usá-los.

- Estou bem - respondo. - Obrigado por perguntar.

A voz dela me lembra que Philip vem me buscar de manhã. Tenho uma breve fantasia na qual ele nunca se dá o trabalho de aparecer e a coisa toda dá errado.

- Perguntar? Sou sua mãe! Devia estar aí! É tão injusto que eu tenha que ficar presa assim enquanto você vagueia por aí em telhados, arrumando o tipo de problema que já mais arrumaria se tivesse uma família estável, com uma mãe presente. Foi isso que falei para o juiz. Falei que se ele me prendesse, isso aconteceria. Bem, não isso especificamente, mas ninguém pode dizer que não avisei.

Mamãe gosta de falar. Gosta tanto de falar que é possível ficar fazendo barulhinhos de concordância e ter uma conversa inteira sem ter que dizer uma palavra. Principalmente agora, que ela está tão longe que, mesmo se estiver furiosa, não pode tocar sua pele para fazer você soluçar de remorso.

Manipulação de emoções é uma coisa poderosa.

– Ouça – diz ela. – Você vai para casa com Philip. Vai ficar no meio da nossa gente, pelo menos. Em segurança.

Nossa gente. Mestres. Só que eu não sou. Sou o único não mestre da minha família inteira. Coloco a mão em cima do fone.

– Estou correndo algum tipo de perigo?

– É claro que não. Não seja ridículo. Sabe, recebi uma carta muito gentil daquele conde. Ele quer me levar em um cruzeiro quando eu sair daqui. O que você acha? Você devia ir comigo. Vou dizer a ele que você é meu assistente.

Dou um sorriso. Ela pode ser apavorante e controladora, mas me ama.

– Tá bom, mãe.

– É mesmo? Oh, isso vai ser ótimo, querido. Você sabe que essa coisa toda é injusta. Não consigo acreditar que me afastaram dos meus bebês quando mais precisam de mim. Falei com meus advogados e eles vão ajeitar tudo. Falei que você precisa de mim. Mas se você pudesse escrever uma carta, ajudaria.

Sei que não vou fazer isso.

– Tenho que ir, mãe. Estou no horário de estudo. Não deveria estar ao telefone.

– Oh, deixe-me falar com o inspetor do corredor. Qual é o nome dele? Valerie?

– Valerio.

– Chame-o para falar comigo. Vou explicar tudo. Tenho certeza de que ele é um bom homem.

– Tenho mesmo que ir. Tenho dever de casa.

Ouço-a rir e depois um som que conheço, de quando ela acende um cigarro. Ouço a inalação profunda e o leve estalar de papel queimando.

– Por quê? Seu tempo nessa escola já acabou.

– Se eu não fizer meu dever, vai acabar mesmo.

– Querido, sabe qual é o seu problema? Você leva tudo a sério demais. É porque você é o bebê da família...

Consigo imaginá-la entrando nessa linha de teoria, balançando a mão para enfatizar o que diz, recostada na parede de cimento da cadeia.

– Tchau, mãe.

– Fique com os seus irmãos – diz ela baixinho. – Fique em segurança.

– Tchau, mãe – repito, e desligo. Meu coração está apertado.

Fico de pé mais algum tempo no corredor, até que o intervalo comece e todo mundo siga pelo corredor para o salão do primeiro andar.

Rahul Pathak e Jeremy Fletcher-Fiske, os outros dois jogadores de futebol do terceiro ano do alojamento, sinalizam para que eu vá até a porcaria de sofá onde estão sentados. Respondo ao aceno, pego um pacote de chocolate em pó e o misturo a uma xícara grande de café. Acho que, tecnicamente, o café é para os funcionários, mas todos nós bebemos, e ninguém diz nada.

Quando me sento, Jeremy faz uma careta.

– Está com hibiguibi?

– É, peguei da sua mãe – digo, sem irritação nenhuma. HBG é a abreviação de um termo médico enorme que significa mestre e, a partir disso, saiu hibiguibi.

– Ah, pare com isso – diz ele. – Falando sério, tenho uma proposta pra você. Preciso que me bote em contato com alguém que possa

enfeitiçar minha namorada para ela não resistir a mim. No baile. Podemos pagar.

– Não conheço ninguém assim.

– É claro que conhece – diz Jeremy, olhando para mim fixamente, como se eu estivesse tão abaixo dele que ele nem consegue entender por que precisa tentar me persuadir. Eu devia ficar feliz em ajudar. É para isso que sirvo. – Ela vai tirar os amuletos e tudo. Ela quer.

Fico curioso para saber quanto ele pagaria. Não o bastante para me manter longe de encrencas.

– Me desculpe. Não posso ajudar.

Rahul pega um envelope do bolso interno do paletó e o empurra em minha direção.

– Eu falei que não posso fazer isso – repito. – Não posso, tá?

– Não, não – diz ele. – Vi o rato. Estou totalmente certo de que estava indo na direção de uma daquelas ratoeiras com cola. Vai morrer antes do amanhecer. – Ele faz um gesto com a mão cortando a garganta, com um sorriso. – Cinquenta dólares na cola.

Jeremy franze a testa, como se não tivesse certeza de estar pronto para desistir de tentar me convencer, mas também não tem certeza de como levar a conversa de volta para onde queria.

Enfio o envelope no bolso e me forço a relaxar.

– Espero que não – falo rapidamente, dizendo para mim mesmo que quando voltar para o quarto vou fazer Sam anotar o valor e em que foi a aposta. Será um bom treino. – Aquele rato é bom pros negócios.

– É, porque você só quer continuar pegando nosso dinheiro – diz Rahul, mas ele ri quando fala.

Dou de ombros. Não há resposta boa para isso.

– Aposto que ele vai roer um dos próprios pés para fugir – diz Jeremy. – Aquele bicho é um sobrevivente.

– Então *aposte*, Jeremy – diz Rahul. – Bote uma grana.

– Não tenho nada aqui – diz Jeremy, puxando os bolsos da frente da calça para fora com um gesto exagerado.

Rahul ri.

– Eu cubro.

O café moca queima minha garganta. Estou odiando toda aquela conversa.

– Se quiserem apostar, Sam vai cuidar das coisas no meu lugar.

Eles param a negociação e olham para Sam, do outro lado da sala. Está sentado à mesa em frente a uma pilha de papel quadriculado, desenhando uma silhueta a lápis. Ao lado dele, Jill Pearson-White joga dados com mil lados e lança o punho ao ar.

– Confia nele com nosso dinheiro? – pergunta Rahul.

– Confio nele – respondo. – E você confia em mim.

– Tem certeza de que ainda podemos confiar em você? Aquele comportamento de ontem à noite foi muito *Um Estranho no Ninho*. – A nova namorada de Jeremy é do grupo de teatro, e isso fica óbvio nas suas referências a filmes. – E agora você vai ficar longe por um tempo?

Mesmo com o café percorrendo minhas veias e com a longa soneca da tarde, estou cansado. E de saco cheio de explicar sobre o sonambulismo. Ninguém acredita mesmo em mim.

– Isso é pessoal – explico, depois dou uma batidinha na parte do envelope que está para fora do meu bolso. – Isto é profissional.

Naquela noite, deitado no escuro e olhando para o teto, não tenho certeza de que o açúcar e a cafeína que ingeri serão suficientes. Não

vão, de jeito nenhum, me deixar voltar para Wallingford se eu sair andando sonâmbulo de novo, então, não quero me arriscar a adormecer. Ouço o cachorro em frente à porta, as unhas estalando nas tábuas de madeira antes de ele deitar em um novo canto com um baque suave.

Fico pensando em Philip. Ao contrário de Barron, ele não me olha nos olhos desde os meus 14 anos. Nunca me deixa nem brincar com o filho dele. Agora, vou ter que ficar em uma casa com ele até conseguir voltar para a escola.

– Ei – diz Sam da outra cama. – Você está me assustando por ficar olhando assim para o teto. Parece morto. Não pisca.

– Eu pisco. – Mantenho minha voz baixa. – Não quero cair no sono. Ele mexe nas cobertas, se virando de lado.

– Por quê? Está com medo de...

– É.

– Ah!

Fico feliz por não poder ver a expressão dele na escuridão.

– E se você tivesse feito uma coisa tão terrível que não quisesse encarar ninguém que soubesse do assunto? – Minha voz está tão baixa que nem tenho certeza se ele consegue me ouvir. Não sei o que me fez dizer isso. Nunca falo sobre essas coisas, e, certamente, não com Sam.

– Você tentou *mesmo* se matar?

Acho que eu devia ter previsto isso, mas não foi o que aconteceu.

– Não – respondo. – De verdade.

Eu o imagino pensando as possíveis respostas e desejo poder retirar a pergunta.

– Tudo bem. Essa coisa terrível. Por que eu teria feito isso? – pergunta ele, por fim.

– Você não sabe.

– Isso não faz sentido. Como posso não saber?

O jeito como estamos falando me lembra de um dos jogos de Sam. *Você chega a uma encruzilhada e há um caminho estreito e sinuoso indo em direção às montanhas. O caminho mais largo parece ir em direção a uma cidade. Que caminho você escolhe?* Sou como um personagem com o qual ele está tentando jogar e não gosta das regras.

– Você simplesmente não sabe. Essa é a pior parte. É uma coisa que você quer acreditar que jamais faria. Mas fez.

Também não gosto das regras.

Sam se reclina de novo no travesseiro.

– Acho que eu começaria com isso. Deve haver um motivo. Se você não entender o motivo, provavelmente vai fazer de novo.

Olho para a escuridão e desejo não estar tão cansado.

– É difícil ser uma pessoa boa – digo. – Porque já sei que não sou.

– Às vezes – diz Sam –, não consigo perceber quando você está mentindo.

– Eu nunca minto – minto.

Depois de não dormir a noite toda, estou muito confuso de manhã. Quando Valerio bate à porta, atendo, recém-saído de um banho frio que me despertou o suficiente a ponto de conseguir me vestir. Ele parece aliviado por me ver vivo e no quarto. Ao lado de Valerio está meu irmão Philip. Os óculos de sol espelhados e caros estão no alto da cabeça, sobre o cabelo com gel, e um relógio de ouro brilha no pulso. Sua pele bronzeada faz seus dentes parecerem mais brancos quando ele sorri.

– Sr. Sharpe, o conselho administrativo conversou com a equipe de advogados da escola e pediu que eu lhe comunicasse que, se quiser

voltar para cá, precisa ser avaliado por um médico, e esse médico deve assegurar à escola de que nada como o incidente da noite de anteontem voltará a acontecer. Está entendendo?

Abro a boca para dizer que sim, mas o toque da mão enluvada de Philip no meu braço me impede.

– Está pronto? – pergunta Philip com alegria, ainda sorrindo.

Sacudo a cabeça, mostrando a falta de malas ao redor, os livros espalhados, a cama desarrumada. Pois é, Philip acabou aparecendo, mas seria bom se ele me perguntasse se estou bem. Quase caí de um telhado. Está claro que tem alguma coisa errada comigo.

– Precisa de ajuda? – indaga Philip, e me pergunto se Valerio percebe a acidez em sua voz. Na família Sharpe, a pior coisa que você pode fazer é ser vulnerável na frente de um alvo. E todo mundo que não é um de nós é um alvo.

– Pode deixar – respondo, pegando uma bolsa de lona dentro do armário.

Philip se vira para Valerio.

– Agradeço por você ter cuidado do meu irmão.

Isso surpreende tanto o inspetor que por um momento ele parece não saber o que dizer. Acho que poucas pessoas consideram que cuidar de alguém signifique chamar os bombeiros para tirar essa pessoa do telhado.

– Ficamos todos chocados quando...

– O importante – interrompe Philip com delicadeza – é que ele está bem.

Reviro os olhos ao enfiar coisas na bolsa (roupas sujas, iPod, livros, dever de casa, meu gato de vidro, um *pen drive* onde salvo todos os

meus relatórios) e tento ignorar a conversa deles. Só vou ficar fora alguns dias. Não preciso de muita coisa.

A caminho do carro, Philip se vira para mim.

– Como você pôde ser tão burro?

Dou de ombros, ofendido, apesar de tudo.

– Pensei que tivesse parado com a idade.

Philip pega a chave eletrônica e aperta o botão para destrancar o Mercedes. Sento no banco do passageiro, mas antes empurro copos de café para o tapete, onde impressos amassados de MapQuest ficam encharcados com o líquido derramado.

– Espero que esteja falando do sonambulismo – diz Philip –, já que você, obviamente, não deixou de ser burro com a idade.

CAPÍTULO TRÊS

EMPURRO ALGUMAS COUVES-DE-BRUXELAS

no prato e ouço meu sobrinho gritar no cadeirão até Maura, a esposa de Philip, dar a ele um negócio de plástico gelado para morder. A pele ao redor dos olhos de Maura está escura como um hematoma. Aos 21 anos, ela parece velha.

– Coloquei alguns cobertores no sofá-cama do escritório – diz ela.

Às suas costas há armários manchados de gordura e bancadas de fórmica cobertas de papéis. Quero lhe dizer que não precisa se preocupar comigo, além de todo o resto.

– Obrigado – acabo respondendo, porque os cobertores já estão no escritório e não quero provocar a hospitalidade de Philip ao parecer ingrato. Por exemplo, não quero comentar que a cozinha está quente demais, quase sufocante. Isso me lembra das festas de final de ano, quando o forno fica ligado o dia inteiro. E me faz pensar em nosso pai, sentado à mesa de jantar, fumando cigarrilhas longas e finas que deixam as pontas dos seus dedos amarelas, enquanto o peru assa. Às vezes, nos dias ruins em que sinto muita saudade dele, compro cigarrilhas e as deixo queimar em um cinzeiro.

Mas, naquele momento, sinto saudade de Wallingford e da pessoa que eu podia fingir ser quando estava lá.

– Vovô vem amanhã – diz Philip. – Ele quer que você o ajude a arrumar a casa antiga. Diz que quer tudo ajeitado pra mamãe, quando ela sair.

– Acho que não é isso que *ela* quer – digo. – Ela não gosta que mexam nas coisas dela.

Ele suspira.

– Diga isso a ele.

– Não quero ir – falo.

Philip está se referindo à casa na qual crescemos, um lugar enorme e velho, cheio das muitas coisas que nossos pais juntaram. Nenhum bazar de jardim passava em branco quando eles percorriam o país a cada verão, deixando os filhos em Pine Barrens com vovô. Quando papai morreu, tinha tanto lixo acumulado que havia túneis em vez de cômodos.

– Então não vá – diz Philip, e por um momento acho que ele vai mesmo me olhar nos olhos, mas acaba falando com o colarinho da minha camisa. – Mamãe sabe se cuidar. Sempre soube. Duvido que volte para aquele buraco quando terminar de cumprir a pena.

Mamãe e Philip não se falam desde o julgamento, quando ele foi obrigado a forçar testemunhas a ajudar na defesa. Philip é um mestre físico, um mestre corporal, que consegue quebrar a perna de alguém com um toque do dedo mindinho. Acho que ele nunca perdoou mamãe por ser condenada apesar do que ele fez.

Além do mais, o rebote o deixou bastante doente.

Eu suspiro. O que não é dito é para onde devo ir se não for com vovô. Duvido muito que Philip esteja planejando me deixar ficar.

– Pode dizer ao vovô que só serei escravo dele até voltar para a escola. E isso vai levar no máximo uma semana.

– É o que você diz – retruca Philip.

Maura cruza os braços sobre o peito. É tão estranho olhar para suas mãos nuas que fico constrangido. Mamãe odiava luvas em casa. Ela

dizia que pessoas da família deveriam confiar umas nas outras. Acho que Philip acredita nisso também. Ou em alguma coisa.

É diferente quando as mãos pertencem a alguém com quem não tenho parentesco, mesmo sendo minha cunhada. Tento forçar meu olhar a permanecer no pescoço dela.

– Não deixe que ele o intimide a ficar naquele lugar horrível – diz Maura para mim.

– Nós morávamos lá! – Philip fica de pé e pega uma cerveja na geladeira. – De qualquer modo, não sou eu que estou mandando você ir.

Ele abre a garrafa, toma um longo gole e abre o botão do colarinho da camisa branca. Vejo o colar de queloides, no lugar onde seu criador lhe cortou a garganta para simbolizar a morte da vida anterior e depois encheu o ferimento de cinzas até ele cicatrizar em uma linha longa e inchada. Parece que uma minhoca da cor da pele se enrolou em sua clavícula. Todos os funcionários, chefes menores do crime, têm cicatrizes semelhantes. Assim como uma rosa acima do coração mostrava que você era membro da *bratva* russa, ou como um membro da *yakuza* insere pérolas sob a pele do pênis para cada ano na cadeia. Philip obteve suas cicatrizes três anos atrás; agora, ele só precisa afrouxar o colarinho da camisa para as pessoas se encolherem de medo.

Eu não faço isso.

As seis grandes famílias de mestres conquistaram o poder ao longo da Costa Leste nos anos 1930. Nonomura. Goldbloom. Volpe. Rice. Brennan. Zacharov. Eles controlam tudo desde então, dos amuletos baratos e provavelmente falsos que ficam pendurados perto dos isqueiros nas bancadas das lojas de conveniência, aos leitores de tarô nos shoppings que oferecem pequenas maldições por 20 dólares a mais, além das agressões e assassinatos cometidos para aqueles que

podem pagar e sabem a quem pagar. E meu irmão é uma das pessoas para quem se paga, assim como meu avô costumava ser.

Maura afasta o olhar e observa pela janela com ar sonhador o pedaço de grama quase toda morta do lado de fora do apartamento.

– Estão ouvindo música? Está vindo lá de fora.

– Cassel quer ficar na casa antiga – diz Philip com um olhar rápido e repressor em minha direção. – E não tem música, Maura. Nada de música, tá?

Maura cantarola um pouco ao recolher os pratos.

– Você está bem? – pergunto a ela.

– Ela está ótima – diz Philip. – Está cansada. Ela se cansa facilmente.

– Vou fazer meu dever de casa – digo, e como nenhum dos dois tenta me impedir, subo para o escritório de Philip, no andar de cima.

O sofá está arrumado com lençóis limpos, e os cobertores que ela prometeu estão empilhados em uma ponta, lavados tão recentemente que sinto o cheiro de sabão em pó. Sento na cadeira de couro em frente à escrivaninha, giro e ligo o computador.

A tela ganha vida, revelando um fundo de tela repleto de pastas. Abro o navegador e verifico meu e-mail. Audrey me mandou uma mensagem.

Clico tão rápido que ela abre duas vezes.

“Preocupada com vc”, é o que diz a mensagem. Só isso. Ela nem assinou.

Conheci Audrey no começo do primeiro ano. Ela costumava sentar ao lado da parede de cimento do estacionamento na hora do almoço, tomando café e lendo velhos livros de Tanith Lee. Uma vez era *Don't Bite the Sun*. Eu já tinha lido; Lila tinha me emprestado. Falei para ela que gostava mais de *Sabella, um vampiro nas galáxias*.

- Isso porque você é romântico - disse ela. - Os garotos são românticos. São, sim. As garotas são pragmáticas.

- Isso não é verdade - falei para ela, mas às vezes, depois que começamos a namorar, eu me perguntava se ela estava certa.

Demoro 20 minutos para responder a mensagem.

"Em casa a semana toda. Ansioso p/ ver tevê o dia todo." Torço para que isso transmita a quantidade certa de indiferença; demorei bastante para conseguir fingir.

Por fim, clico em enviar e solto um gemido, me sentindo idiota de novo.

Na minha caixa de entrada o que não é spam é de links para o meu vídeo pendurado no telhado de Smythe que alguém já colocou no YouTube, além de algumas mensagens de professores, passando os trabalhos da semana. Entendo isso como um sinal de que nem tudo está perdido quanto a voltar para Wallingford, apesar dos e-mails com o vídeo. Ainda tenho o dever da noite anterior para terminar, mas antes quero decidir como vou convencer a escola a se esquecer do incidente no telhado. Depois de algumas pesquisas no Google, encontro dois especialistas a uma hora de distância. Imprimo os endereços e salvo o logotipo dos dois no meu *pen drive*. É um começo. Suponho que nenhum médico vai botar sua reputação em risco para garantir que não vou ter mais ataques de sonambulismo, mas posso dar um jeito nisso.

Estou me sentindo bem seguro, então decido resolver como escapar do plano de arrumação do vovô. Ligo para o celular de Barron. Ele atende no segundo toque, parecendo sem fôlego.

- Está ocupado? - pergunto.

- Não para meu irmão que quase mergulhou de cabeça no chão. O que aconteceu, afinal?

– Tive um sonho estranho e voltei a ter ataques de sonambulismo. Não foi nada, mas agora estou preso à boa vontade de Philip até a escola perceber que não vou me matar. – Suspiro. Barron e eu não nos dávamos quando éramos crianças, mas agora ele é praticamente a única pessoa da família com quem posso conversar.

– Philip está irritando você? – pergunta Barron.

– Vamos dizer assim: se eu ficar aqui por muito tempo aí é que vou me matar.

– O importante é que você está bem – diz Barron, o que é bom, mesmo sendo condescendente.

– Posso ficar com você? – pergunto.

Barron está em Princeton, fazendo o curso básico de direito, o que é bem engraçado, considerando que ele é mentiroso compulsivo. É o tipo de mentiroso que esquece completamente o que contou da última vez, mas acredita em cada mentira com tanta convicção que às vezes consegue convencer os outros. Acho que ele não vai durar meio minuto em um julgamento sem inventar algum absurdo sobre o cliente.

– Preciso perguntar à minha colega de quarto. Ela está namorando um embaixador e ele sempre manda um carro para levá-la a Nova York. Talvez não queira mais estresse.

Ah, até parece!

– Bem, se ela não fica muito por aí, talvez não se importe. Por outro lado, sempre posso passear por alguns sofás. – Pego pesado. – E sempre há o ponto de ônibus.

– Por que você não pode ficar com Philip?

– Ele está me repassando pro vovô, quer que eu vá arrumar a casa antiga. Não falou isso, mas acho que não me quer aqui.

– Não seja paranoico – diz Barron. – Philip quer você aí. É claro que quer.

Philip iria querer Barron.

Quando eu tinha uns 7 anos, costumava seguir Philip, que tinha 13, pela casa, fingindo que éramos super-heróis. Ele era o herói principal e eu, o parceiro, o Robin do Batman dele. Eu sempre fingia estar com problemas para que ele pudesse me salvar. Quando eu estava na velha caixa de areia, ela era uma ampolheta gigante que ia me esmagar. Eu estava na piscininha de plástico sendo perseguido por tubarões. Eu gritava e gritava por ele, mas era sempre Barron quem acabava aparecendo.

Ele já era o verdadeiro parceiro de Philip aos 10 anos, ótimo em cuidar das coisas para as quais Philip estava muito ocupado. Como eu. Passei a maior parte da infância com ciúme de Barron. Eu queria ser ele e me ressentia por ele ter conseguido isso primeiro.

Isso foi antes de eu perceber que nunca poderia ser ele.

– Talvez eu pudesse ficar só por alguns dias – peço.

– Claro, claro – diz ele, mas não é uma combinação. É enrolação. – Me conte esse seu sonho doido. O que fez você ir pro telhado?

Dou uma risada de deboche.

– Uma gata roubou minha língua, e eu queria pegá-la de volta.

Ele ri.

– Seu cérebro é uma coisa obscura. Da próxima vez, deixe a língua pra lá, moleque.

Odeio ser chamado de moleque, mas não quero discutir.

Dizemos adeus, ligo meu telefone no carregador e o carregador na tomada. Mando meus deveres completos por e-mail.

Eu tinha acabado de começar a abrir pastas aleatórias no computador de Philip quando Maura chegou à porta. Há muitas fotos de garotas nuas deitadas de costas, tirando longas luvas de veludo. Garotas tocando em seios nus com chocantes mãos nuas. Fecho uma imagem obviamente mal-nomeada de um cara com uma calça de aparência maluca usando um pingente de diamante gigante. Em se tratando de coisas escandalosas, é tudo até bem chato.

– Tome. – Ela me entrega uma xícara do que parece ser chá de hortelã. Seus olhos não se prendem aos meus, e há dois comprimidos na palma da mão dela. – Philip mandou dar isto pra você.

– O que são?

– Vão ajudar você a descansar.

Pego os comprimidos e provo o chá.

– O que está acontecendo entre vocês dois? – pergunta ela. – Ele fica tão estranho quando você está aqui.

– Nada – respondo, porque gosto de Maura. Não quero dizer a ela que Philip, provavelmente, não quer que eu fique sozinho em casa com ela nem com o filho por causa de Lila. Philip viu meu rosto, viu o sangue, se livrou do corpo. Se eu fosse ele, também não ia querer que eu ficasse aqui.

Acordo no meio da noite com uma necessidade absurda de fazer xixi. Minha cabeça está confusa e, a princípio, mal reparo nas vozes no andar de baixo enquanto cambaleio pelo corredor acarpetado. Urino e estico a mão para dar descarga. Paro com a mão sobre a válvula.

– O que você está fazendo aqui? – pergunta Philip.

– Vim assim que soube.

A voz de vovô é inconfundível. Ele mora em uma cidadezinha chamada Carney, em Pine Barrens, e pegou um pouco do sotaque de lá (ou deixou que um pouco do velho sotaque voltasse). Carney é como um cemitério onde todo mundo já tem seu lote e construiu casas sobre eles. Praticamente todo mundo da cidade é mestre, e bem poucos dos mestres que moram lá têm menos de 60 anos. É aonde eles vão para morrer.

- Estamos cuidando bem dele. - Por um momento, fico impressionado, tentando entender se estou ouvindo certo. Barron está lá embaixo. Não entendo por que ele não me contou que estava a caminho. Mamãe costumava dizer que ele e Philip escondiam coisas porque eram mestres e eu, não. Nem vovô tinha vindo ao andar de cima para me convocar à pequena reunião.

Eu podia até ser membro da família, mas sempre serei um intruso.

Ter assassinado uma pessoa não ajuda, embora, sob certa perspectiva, seja de se imaginar que sim. Pelo menos prova que eu tenho capacidade para ser um criminoso.

- O moleque precisa que alguém fique de olho nele - diz vovô. - Dê alguma coisa para mantê-lo ocupado.

- Ele precisa descansar - diz Barron. - Além do mais, nem sabemos o que aconteceu. E se alguém estivesse atrás dele? E se Zacharov descobriu o que aconteceu a Lila? Ele ainda está procurando a filha.

O pensamento faz meu sangue congelar.

Alguém dá um riso de deboche. Acho que é Philip, mas vovô diz:

- E ele estaria em segurança com vocês dois, seus palhaços?

- É - diz Philip. - Nós o mantivemos em segurança até agora.

Chego perto da escada e me agacho no parapeito que fica acima da sala de estar. Devem estar na cozinha, pois consigo ouvi-los claramente.

Estou pronto para ir lá e dizer a eles que consigo ouvir tudo. Vou forçá-los a me envolver.

– Talvez você não tenha tempo para se preocupar com seu irmão, levando em consideração o quanto deve estar se preocupando com aquela sua esposa. Acha que não percebo? E *you* não devia estar enfeitando-a.

Isso me faz parar com o pé no primeiro degrau acarpetado. Enfeitando-a?

– Deixe Maura fora disso – diz Philip. – Você jamais gostou dela.

– Tudo bem – retruca vovô. – Não é da minha conta como você cuida da sua casa. Você verá em breve. Só acho que está muito ocupado.

– Ele não quer ir com você – diz Philip.

Estou surpreso; ou Philip realmente odeia que vovô diga a ele o que fazer ou Barron o convenceu a me deixar ficar.

– E se Cassel estivesse naquele telhado porque queria pular? Pense nas coisas pelas quais ele já passou – diz vovô.

– Ele não é assim – diz Barron. – Não fez nenhuma besteira naquela escola. Só precisa de um tempo.

A porta do quarto principal se abre, e Maura sai para o corredor. A camisola de flanela está erguida na lateral do quadril. Posso ver o canto da calcinha dela.

Ela pisca, mas não parece surpresa de me ver no parapeito.

– Pensei ter ouvido vozes. Tem alguém aqui?

Dou de ombros, meu coração batendo com força. Demoro um momento para me dar conta de que não fui pego fazendo nada demais.

– Também ouvi vozes.

Ela está magra demais. Seus ossos da clavícula parecem facas ameaçando cortar-lhe a pele.

– A música está tão alta hoje. Tenho medo de não conseguir ouvir o bebê.

– Não se preocupe – falo baixinho. – Ele deve estar dormindo como... bem, como um bebê. – Dou um sorriso, embora saiba que a piada é boba. Ela me deixa nervoso. Parece uma estranha no escuro.

Ela se senta ao meu lado no carpete, ajeita a camisola e deixa as pernas penderem entre as grades do corrimão da escada. Consigo contar as saliências da coluna dela.

– Vou largá-lo, sabe. Philip.

Eu me pergunto o que ele fez a ela. Tenho certeza de que ela não sabe que foi enfeitiçada, mas, se for uma maldição de amor, talvez esteja acabando. Isso acontece, embora possa demorar uns seis, até oito meses. Fico na dúvida se posso perguntar se ela visitou minha mãe na prisão. Mamãe tem que usar luvas, mas podia facilmente ter puxado alguns fios para abrir um buraco e permitir que a pele dela tocasse na de Maura ao se despedir.

– Eu não sabia – digo.

– Logo. É segredo. Você vai guardar meu segredo, né?

Faço que sim com a cabeça, rapidamente.

– Por que não está lá embaixo? Com os outros?

Dou de ombros.

– Irmãos menores sempre ficam de fora, certo?

Ainda estão conversando lá embaixo. Não consigo ouvir as palavras direito, mas tenho medo de parar de falar, por temer que ela possa ouvir o que estão dizendo sobre ela.

– Você não é um bom mentiroso. Philip é, mas você, não.

– Ei – reclamo, verdadeiramente ofendido. – Sou um excelente mentiroso. Sou o melhor mentiroso na história dos mentirosos.

- Mentiroso - diz ela, com um sorriso lento se espalhando pelo rosto. - Por que seus pais escolheram o nome Cassel pra você?

Acho a pergunta desconcertante e divertida.

- Mamãe amava nomes extravagantes. Papai insistiu que o primeiro filho tivesse o nome dele, Philip, mas depois disso ela pôde escolher para Barron e para mim o nome exótico que quisesse. Se fosse ela a escolher, Philip teria se chamado Jasper.

Ela revira os olhos.

- Sério? Tem certeza de que não são nomes da família dela? Nomes tradicionais?

- Quem sabe? É tudo um mistério. Papai era louro, e aposto que encontrou o nome Sharpe em uma porcaria de caixa de identidades falsas. Quanto ao lado da minha mãe, vovô diz que o pai dele, avô dela, era um rajá na Índia. Vendia tônicos de Calcutá para o Meio-Oeste. Faz sentido se formos indianos. O sobrenome dele, Singer, podia derivar de Singh. Mas essa é apenas uma das histórias dele.

- Seu avô me contou que alguém da sua família era descendente de um escravo que fugiu - diz ela.

Eu me pergunto o que ela achou quando se casou com Philip. As pessoas sempre vêm até mim nos trens e falam comigo em línguas diferentes, como se fosse óbvio que vou entendê-los. O fato de que jamais entenderei me incomoda.

- É. Gosto mais da história do rajá. E não começa com a história de que somos iroqueses. Nem italianos. E não só italianos, mas *descendentes de Júlio César*.

Isso a faz rir alto o bastante para eu achar que podem ter ouvido lá embaixo, mas o ritmo das vozes deles não muda.

– Ele era mestre? – pergunta ela, voltando a falar baixo. – Philip não gosta de falar sobre isso.

– O bisavô Singer? Não sei.

Com os cotocos pretos no lugar de dedos que vovô tem na mão esquerda, tenho certeza de que ela sabe que ele é mestre da morte. Cada tipo de maldição causa alguma espécie de rebote, mas feitiços de morte matam uma parte de você. Se tiver sorte, o feitiço apodrece alguns dos seus dedos. Se não tiver, ele talvez apodreça seus pulmões ou seu coração. Toda maldição enfeitiça o mestre, diz meu avô.

– Você sempre soube que não era? Sua mãe percebeu?

Sacudo a cabeça.

– Não. Quando éramos pequenos, ela tinha medo de enfeitiçarmos alguém sem querer. Ela achava que acabaria aparecendo, então não nos encorajava. – Penso na rápida avaliação que mamãe faz de um alvo e nas muitas habilidades duvidosas que nos encorajou a aprender. Isso me faz quase sentir saudade dela. – Mas eu fingia que era. Uma vez, pensei ter transformado uma formiga em um graveto, mas Barron acabou me contando que tinha feito a troca pra me provocar.

– Transformação, é? – O sorriso de Maura é distante.

– Qual é o sentido de fingir ser nada menos que o mestre mais talentoso da maldição mais rara? – pergunto.

Ela dá de ombros.

– Eu pensava que podia fazer as pessoas caírem. Toda vez que minha irmã ralava o joelho, eu tinha certeza de que tinha sido eu. Chorei quando me dei conta de que não era.

Maura olha na direção do quarto do filho.

– Philip não quer que façamos o exame no bebê, mas tenho medo. E se nosso filho machucar alguém sem querer? E se ele for uma dessas

crianças que nascem com rebotes terríveis? Pelo menos, se o exame desse positivo, nós saberíamos.

– Deixe-o sempre de luvas – digo, sabendo que Philip nunca vai concordar com o exame. – Até que ele esteja com idade suficiente para tentar um feitiço pequeno.

Na aula de saúde, nosso professor dizia que, se alguém viesse em nossa direção com as mãos nuas, deveríamos considerar aquelas mãos potencialmente tão mortais quanto facas.

– Cada criança se desenvolve de maneira diferente. Ninguém tem como saber quando estará pronto – diz Maura. – Mas as luvas de bebê são bonitinhas.

Lá embaixo vovô está dando algum aviso a Barron. A voz dele aumenta, e escuto as palavras:

– Na minha época, éramos temidos. Agora, vivemos com medo.

Bocejo e me viro para Maura. Eles podem passar a noite inteira discutindo sobre o que querem fazer comigo, mas isso não vai me impedir de dar um jeito de voltar para a escola.

– Você ouve mesmo música? Como ela é?

O sorriso dela fica radiante, embora o olhar permaneça no carpete.

– Como se anjos gritassem meu nome.

Os pelos dos meus braços ficam todos arrepiados.

CAPÍTULO QUATRO

NA CASA DOS MEUS PAIS

nada era jogado fora, nunca. As roupas se empilhavam, formando morros que viravam montanhas e que Philip, Barron e eu escalávamos, jogando-nos depois lá de cima. As pilhas de peças de roupas ocuparam o corredor e expulsaram meus pais do quarto deles, até que acabaram indo dormir no cômodo que antes era o escritório de papai. Sacos e caixas vazias preenchiam os buracos na confusão, caixas que antes eram de anéis, tênis e roupas. Um trompete que minha mãe queria transformar em abajur estava em cima de uma pilha de revistas velhas repletas de artigos que meu pai queria ler, perto de cabeças, pés e braços de bonecas que minha mãe prometeu para uma criança de Carney que ia costurar, tudo isso ao lado de um amontoado de botões, alguns ainda nas embalagens de papel transparente. Uma cafeteira estava sobre uma pilha de pratos, com um calço em um dos lados para impedir que o café caísse nas bancadas.

É estranho ver isso tudo do jeito que era quando meus pais moravam aqui. Pego uma moeda na bancada e a movo entre os dedos, do jeito que meu pai me ensinou.

– Este lugar está um chiqueiro – diz vovô, saindo da sala de jantar e prendendo o suspensório na calça.

Depois de passar meses morando nos alojamentos impecáveis de Wallingford, onde você fica em detenção aos sábados se não passar nas inspeções regulares, sinto a velha e conflitante sensação de

familiaridade e repulsa. Inspiro o aroma de mofo e coisa velha, com um toque azedo que pode ser suor antigo. Philip solta minha bolsa no chão rachado de linóleo.

– Que chance tenho de pegar o carro emprestado? – pergunto a vovô.

– Amanhã – diz ele. – Se conseguirmos fazer o bastante. Marcou a consulta médica?

– Marquei – minto. – É pra isso que preciso do carro. – O que preciso é de tempo sozinho suficiente para colocar em prática meu plano de voltar para Wallingford. Isso envolve um médico, mas não um que esteja me esperando.

Philip tira os óculos de sol.

– Quando é sua consulta?

– Amanhã – respondo impulsivamente, depois pouso o olhar em Philip e elaboro. – Às 14 horas. Com o Dr. Churchill, especialista em sono. Em Princeton. Está bom pra você? – As melhores mentiras têm tanta verdade nelas quanto possível, então conto a eles exatamente aonde planejo ir. Só não conto por quê.

– Maura mandou algumas coisas – diz Philip. – Vou trazer antes que eu me esqueça.

Nenhum deles se oferece para ir comigo na consulta completamente inventada, o que me enche de um alívio profundo e não merecido.

Alguém poderia cortar uma seção da bagunça na nossa casa e examiná-la como os anéis no tronco de uma árvore ou camadas de sedimento. Encontrariam pelos brancos e pretos de um cachorro que tivemos quando eu tinha 6 anos, o jeans manchado de ácido que minha mãe usava, as sete fronhas cheias de sangue da vez em que ralei o joelho. Todos os segredos da minha família estão amontoados uns sobre os outros, sem fim.

Às vezes, a casa parecia apenas imunda, mas, outras vezes, parecia mágica. Mamãe era capaz de enfiar a mão em algum nicho, bolsa ou armário e tirar qualquer coisa de que precisasse. Tirou uma vez um colar de diamantes para usar em uma festa de ano-novo junto com anéis de citrino com pedras do tamanho da unha de um polegar. Tirou a coleção inteira dos livros de Nárnia quando eu estava com febre e cansado dos livros espalhados perto da minha cama. E tirou um conjunto de peças artesanais de xadrez pretas e brancas quando terminei de ler C. S. Lewis.

– Tem gatos lá fora – diz meu avô, olhando pela janela ao derramar o café de uma xícara dentro da pia. – No celeiro.

Philip coloca uma bolsa de mantimentos no chão, com cuidado. A expressão dele está estranha.

– Gatos de rua – diz vovô, usando um garfo para pegar um pedaço de torrada pré-histórico dentro da torradeira e jogá-lo no saco de lixo pendurado na maçaneta do porão.

Vou até onde ele está e olho pela janela. Consigo vê-los, pequenas formas fluidas. Um gato malhado pula em cima de uma lata de tinta enferrujada, e outro branco está sentado em um trecho de grama alta, com apenas a ponta do rabo mexendo.

– Acha que estão morando aqui há muito tempo?

Meu avô sacode a cabeça.

– Aposto que eram de estimação. Parecem gatos de estimação.

Vovô resmunga.

– Talvez eu devesse levar um pouco de comida para eles – digo.

– Coloque a comida dentro de uma armadilha – diz Philip. – É melhor pegá-los antes que se reproduzam descontroladamente.

Depois que Philip vai embora coloco comida para eles, uma lata de atum da qual não se aproximam enquanto estou lá, mas pela qual lutam quando vou para a entrada da garagem. Conto cinco gatos: o branco, dois malhados, que tenho dificuldade em diferenciar, um preto peludo com um ponto branco debaixo do queixo e um bege pequeno.

Eu e vovô passamos o resto da manhã arrumando a cozinha, depois de trocarmos as luvas tradicionais pelas de borracha. Jogamos fora uma pilha de garfos enferrujados, um coador e algumas panelas. Puxamos um pedaço do linóleo e descobrimos um ninho de baratas que se espalham tão rapidamente que, apesar de pisarmos nelas, a maioria acaba fugindo. Ligo para Sam depois do almoço, mas Johan atende o celular dele. Pelo que entendo, Sam está ocupado fazendo um teste para ver se os alunos do último ano controlam “o espaço aéreo acima da grama do último ano”. Esse experimento consiste em deixar o pé suspenso um pouco acima da área restrita do gramado até que alguém tente dar um soco na cabeça dele. Digo que ligo depois.

– Para quem estava ligando? – pergunta meu avô, limpando o rosto na camiseta.

– Pra ninguém.

– Isso é bom, considerando o tanto de trabalho que você tem pra fazer – diz ele.

Eu me sento de frente para o encosto de uma das cadeiras da cozinha e apoio o queixo nele.

– Acha que tem alguma coisa errada comigo ou o quê?

– Eis o que acho: estou limpando a casa. Não sou jovem, então você precisa ajudar. Você não quer ser um juvenzinho bonito e inútil.

Dou uma risada.

– Posso ser jovem, mas não nasci ontem. Isso não é resposta.

– Se você é tão esperto, conte-me o que está acontecendo. – Ele sorri depois de falar, como se uma luta verbal fosse a ideia dele de diversão.

Estar com ele me faz pensar em ser criança, correr no jardim em Carney, em segurança e livre durante o verão. Ele não precisava que o ajudássemos a bater papo com um alvo ou que enfiássemos objetos roubados na calça. Mas nos fazia cortar a grama.

Decido tentar uma tática diferente para mostrar que estou prestando atenção.

– O que está acontecendo? Não sei o que há de errado comigo, mas tenho certeza de que há alguma coisa errada com Maura.

Ele para de sorrir.

– O que quer dizer?

– Você a viu? Ela está péssima. E pensa que anda ouvindo música. E eu ouvi você dizer que Philip a está enfeitiçando.

Vovô sacode a cabeça e coloca a camiseta suada na mesa.

– Ele não está...

– Ah, pare com isso. Eu a vi. Sabe o que ela me disse?

Ele abre a boca, mas alguém bate à porta antes que possamos falar, e nós dois nos viramos. O rosto de Audrey aparece no vidro sujo da porta dos fundos. Ela franze a testa, como se tivesse certeza de estar no lugar errado, mas depois gira a maçaneta e empurra a porta com bastante força para desperrá-la.

– Como me encontrou? – pergunto, com o choque me fazendo parecer tão frio como sempre tento parecer.

– Todos os endereços estão impressos no catálogo dos alunos – diz ela, sacudindo a cabeça como se eu fosse um idiota.

– Certo – digo, porque *sou* um idiota. – Me desculpe. Entre. Obrigado por...

- Expulsaram você? - Ela coloca a mão com uma luva azul no quadril. Está falando comigo, mas está olhando para as pilhas de papéis e cinzeiros, mãos de manequim e coadores de chá que cobrem as bancadas.

- Por enquanto - respondo, desejando que minha voz não falhe. Pensei que estava acostumado com a sensação doída de sentir falta de alguém, de sentir falta de Audrey, mas agora percebo o quanto mais vou sentir falta dela se não puder vê-la todos os dias na aula ou sentada na grama do jardim. De repente, não me importo com a quantidade apropriada de indiferença. - Venha para a sala.

- Sou o avô dele. - Vovô estica a mão esquerda. A luva de borracha pende sem vida onde os dedos deveriam estar. Fico feliz por ela não poder ver os cotocos. Não passam de carne apodrecida pela magia negra.

Audrey empalidece e pressiona a mão enluvada contra a barriga como se tivesse acabado de se dar conta do que ele é.

- Desculpe - digo. - Vovô, esta é Audrey. Audrey, meu avô.

- Uma garota bonita como você pode me chamar de Desi - diz, ajeitando o cabelo e sorrindo como se fosse um crápula pedindo para ser repreendido.

Meu avô ainda está sorrindo quando passamos por ele e vamos para a sala.

Eu me sento no estofamento rasgado do sofá. Fico curioso para saber o que ela pensa da casa e se vai dizer qualquer coisa sobre ela ou sobre meu avô. Quando eu era criança e levava amigos em casa, sentia um orgulho rebelde do caos. Eu gostava do fato de saber pular pelas pilhas de coisas e pelos vidros quebrados enquanto eles tropeçavam. Agora, tudo parecia um oceano de loucura impossível de explicar.

Ela enfia a mão na bolsa preta e tira um punhado de impressos.

– Aqui – diz ela, colocando os papéis no meu colo e sentando ao meu lado. Seu cabelo está ligeiramente úmido (como se ela tivesse acabado de sair do chuveiro) e frio contra o meu braço.

O cabelo de Lila era louro e estava encharcado de vermelho na última vez em que a vi.

Fecho os olhos com força e pressiono os globos oculares até não ver nada além de escuridão. Até afastar as imagens. Quando era namorado de Audrey, eu pensava que, ao fazer com que ela gostasse de mim, ao fazer com que ela pensasse que eu era como todo mundo, eu me tornaria como todo mundo.

Penso em reconquistá-la e me pergunto se conseguiria. Eu me pergunto quanto tempo demoraria para fazer uma besteira e ela me largar de novo. Não sou um golpista tão bom a ponto de ficar com ela.

– Alguns tipos de comprimidos para dormir podem causar sonambulismo – diz Audrey, apontando para os papéis.

– Extraoficialmente. Peguei alguns artigos na biblioteca. Um cara até dirigia dormindo. Eu estava pensando que você podia dizer...

– Que estava me automedicando para insônia? – pergunto, e me viro de lado. Encosto o rosto no seu ombro e inspiro seu aroma, filtrado pelo tecido do suéter.

Ela não me empurra. Penso em beijá-la ali mesmo, no sofá sujo, mas um instinto de autopreservação me impede. Depois que uma pessoa magoa você, é mais difícil relaxar com essa pessoa, mais difícil pensar nela como segura para se amar. Mas isso não impede você de querê-la. Às vezes, acho que torna o desejo maior.

– Não precisa ser verdade. Você pode só *dizer* que estava tomando comprimidos para dormir – diz ela, como se eu não entendesse o que é

mentir, o que é um tanto doce e, ao mesmo tempo, humilhante.

Não é um plano ruim. Se eu tivesse sido mais esperto e tivesse pensado nisso antes, talvez ainda estivesse na escola.

– Já falei para eles que tinha ataques de sonambulismo quando criança.

– Merda – diz ela. – Que pena. Tem outro comprimido na Austrália que fez algumas pessoas comerem demais e pintarem as portas de casa dormindo. – Ela vira a cabeça e vejo seis pequenos amuletos de proteção em seu pescoço. Sorte. Sonhos. Emoções. Corpo. Memória. Morte. O sétimo, transformação, fica preso na beirada do suéter.

Eu me imagino esmagando a garganta dela com as mãos e fico aliviado por sentir horror. Sinto culpa quando penso em matar garotas, mas é o único jeito que conheço de me testar, de ter certeza de que a coisa terrível que há dentro de mim não está prestes a sair.

Estico o braço e solto o pequeno pingente de pedra, deixando que caia contra o seu pescoço. Hematita. Provavelmente falso. Não há mestres de transformação suficientes por aí para que haja muitos amuletos de verdade. Há um mestre a cada geração ou duas. Esse amuleto me faz pensar se o resto também é falso.

– Obrigado. Por tentar. Foi uma boa ideia.

Ela morde o lábio.

– Você acha que isso tem alguma coisa a ver com a morte do seu pai?

Eu me mexo abruptamente, de forma que minhas costas fiquem contra o braço do sofá. Que delicado!

– Se acho que o quê tem a ver com isso? Ele sofreu um acidente de carro durante o dia.

– O sonambulismo pode ser deflagrado por estresse. E quanto à sua mãe estar na cadeia? Isso deve ser estressante.

O tom da minha voz sobe.

– Papai está morto há quase três anos e mamãe está presa praticamente pelo mesmo tempo. Você não acha...

– Não fique com raiva.

– Não estou com raiva! – Passo a mão pelo rosto. – Certo, olha só. Eu quase caio de um telhado, estou sendo expulso da escola e você acha que sou maluco. Tenho motivos para estar zangado. – Respiro fundo e tento dar o sorriso mais arrependido. – Mas não com você.

– Isso mesmo – diz ela, me empurrando. – Não comigo.

Seguro sua mão enluvada na minha.

– Posso lidar com Northcutt. Estarei de volta a Wallingford em pouquíssimo tempo. – Odeio que ela esteja no meio da minha casa bagunçada, já sabendo mais sobre mim do que me deixa confortável. Eu me sinto revirado, com minhas entranhas expostas.

Mas também não quero que ela vá embora.

– Olha só – sussurra ela, com um olhar na direção da cozinha. – Não quero irritar você de novo, mas você acha que pode ter sido tocado? Você sabe, hibiguibi?

Tocado. Enfeitiçado. Amaldiçoado.

– Para ter ataque de sonambulismo?

– Para se jogar do telhado – diz ela. – Pareceria suicídio.

– É um feitiço bem caro. – Não quero dizer a ela que já pensei nisso, que minha família inteira pensou tanto que até se reuniu secretamente para discutir a possibilidade. – Além do mais, sobrevivi. O que torna sua ideia menos provável.

– Você devia perguntar ao seu avô – diz ela baixinho.

Se você é tão esperto, conte-me o que está acontecendo.

Eu faço que sim com um gesto de cabeça, mal reparando que ela coloca os papéis de volta na bolsa. Então ela me abraça de leve e não consigo deixar de reparar nisso. Minhas mãos se apoiam na lombar dela e sinto sua respiração quente contra meu pescoço. Com ela, eu poderia aprender a ser normal. Toda vez que ela toca em mim, sinto a emocionante promessa de me tornar um cara normal.

– É melhor você ir – digo, antes que eu faça alguma coisa idiota.

Na porta, no momento que ela vai embora, eu me viro para olhar para o rosto do meu avô. Ele está tirando um queimador de fogão imundo com uma chave de fenda, sem nenhuma preocupação aparente de a família Zacharov inteira estar atrás de mim. Ele já trabalhou para a família, então sabe muito bem do que eles são capazes. Sabe melhor do que eu.

Talvez seja por isso que está aqui.

Para me proteger.

A ideia faz com que eu precise me apoiar na pia devido a uma combinação de pavor, culpa e gratidão.

Naquela noite, em meu antigo quarto, com os pôsteres rasgados de Magritte colados no teto e estantes cheias de robôs e livros da Hardy Boys, sonho que estou perdido em uma tempestade.

Embora seja sonho, e tenho certeza de que é um sonho, a chuva bate fria na minha pele e mal consigo ver com água nos olhos. Eu me inclino para a frente e corro para a única luz à vista, protegendo o rosto com uma das mãos.

Vou até a porta gasta do celeiro que fica atrás da casa. Ao passar pela porta reconheço que me enganei quanto a ser o nosso celeiro. Em vez de as ferramentas velhas e móveis rejeitados, há apenas um longo

corredor, iluminado por tochas. Quando me aproximo, percebo que mãos realistas demais para serem de gesso seguram as tochas. Uma das mãos se mexe para segurar melhor a base de metal, e dou um salto para longe. Depois chego mais perto e vejo que cada pulso foi cortado e preso à parede. Consigo ver a carne cortada irregularmente.

– Olá – grito, como fiz quando estava no telhado. Desta vez ninguém responde.

Olho para trás. A porta do celeiro ainda está aberta, e a chuva encharca as ripas de madeira. Por ser um sonho, não me dou o trabalho de voltar para fechar a porta. Continuo seguindo pelo corredor. Depois do que parece um tempo desproporcional caminhando, chego a uma porta desgastada com uma maçaneta feita da pata de um cervo. O pelo áspero faz a palma da minha mão coçar quando abro a porta.

Dentro há um futon do quarto do alojamento de Barron e uma cômoda que tenho certeza de que mamãe comprou no eBay, com a intenção de pintar de verde-maçã para colocar no quarto de hóspedes. Abro as gavetas e encontro vários jeans velhos de Philip. Estão secos, e o de cima serve em mim perfeitamente quando o visto. Há uma camisa branca que foi de papai pendurada atrás da porta; eu me lembro da queimadura de cigarrilha logo acima do cotovelo e do cheiro de loção pós-barba.

Como sei que estou sonhando, não sinto medo, só perplexidade, quando volto pelo corredor e, dessa vez, vejo pegadas indo até uma porta pintada e com um pingente de cristal. Parece com aqueles dispositivos que servem para chamar os empregados nas mansões dos programas da televisão aberta, mas esse é feito de partes cintilantes de um velho candelabro. Quando o puxo, sinos tocam alto, ecoando por toda a área. A porta se abre.

Uma mesa velha de piquenique e duas cadeiras de jardim estão no meio do grande aposento. Talvez eu ainda esteja no celeiro, afinal, porque os espaços entre as ripas de madeira que formam as paredes são bastante largos para que eu consiga ver a chuva contra o céu intenso da tempestade.

A mesa está coberta com algum tipo de tecido sedoso e bordado, e em cima dela há castiçais, duas travessas de prata e pratos decorados, no centro, com uma cúpula de prata. Há cálices de cristal em cada um dos lugares da mesa.

Os gatos saem da penumbra, malhados e peludos, gatos castanhos e bege e gatos tão pretos que mal consigo distingui-los de suas sombras. Eles andam em minha direção, centenas deles, subindo uns em cima dos outros para se aproximarem.

Pulo em uma das cadeiras e pego um castiçal, sem saber muito bem que coisa doentia meu cérebro está prestes a fazer, quando uma pequena criatura coberta por um véu entra no aposento. Ela está usando um vestido pequenino, do tipo que as bonecas caras usam. Lila tinha um monte de bonecas com vestidos assim; a mãe dela gritava se ela tocasse em alguma. Brincávamos com as bonecas de qualquer jeito, quando a mãe não estava olhando. Arrastávamos a que tinha roupa de princesa pelo quintal de vovô, fingindo que ela estava sendo mantida prisioneira por um dos meus

Power Rangers, com um Tamagotchi quebrado servindo de mapa interestelar, até que o vestido ficou sujo da grama e rasgou na bainha. O vestido da criaturinha também está rasgado.

O véu escorrega e cai. Debaixo dele há uma cara de gato. É uma gata, de pé sobre as pernas traseiras, com a cabeça triangular inclinada para

o lado, quase como se o pescoço estivesse quebrado. Seu corpo está coberto pelo vestido.

Não consigo me controlar e gargalho.

– Preciso da sua ajuda – diz a pequena criatura.

Sua voz é triste e suave e parece a de Lila, mas com um sotaque estranho que poderia ser do modo como os gatos fariam, se pudessem fazer isso.

– Tudo bem – respondo. O que mais eu poderia dizer?

– Colocaram uma maldição em mim – diz Lila, a gata. – Uma maldição que só você pode romper.

Os outros gatos nos observam, com os rabos se mexendo e os bigodes tremendo. Ainda em silêncio.

– Quem amaldiçoou você? – pergunto, tentando sufocar as gargalhadas.

– Você – diz a gata branca.

Ao ouvir isso meu sorriso se torna uma careta. Lila está morta e gatos não deviam ficar de pé, não deviam unir as patas num gesto de súplica, não deviam falar.

– Só você pode desfazer a maldição – diz ela, e tento observar o movimento de sua boca, o brilho de seus dentes, para ver como ela consegue falar com o focinho. – As pistas estão por todos os lados. Não temos muito tempo.

Isto é um sonho, digo para mim mesmo. Um sonho muito esquisito, mas um sonho, mesmo assim. Eu até já sonhei com um gato antes.

– Você mordeu minha língua?

– Parece que você a recuperou – diz a gata branca, com os olhos enevoados, sem piscar.

Abro minha boca para falar, mas sinto garras nas minhas costas, unhas afundando na minha pele, e dou um grito.

Grito e me sento. Acordo.

Ouçó o som regular da chuva contra minha janela e percebo que estou encharcado e os cobertores estão molhados e grudados em mim. Estou de volta ao meu quarto, na minha velha cama, e minhas mãos estão tremendo tanto que tenho que colocá-las debaixo de meu corpo para fazer com que parem.

CAPÍTULO CINCO

DE MANHÃ CAMBALEIO

até a cozinha e encontro vovô fazendo café e fritando ovos em gordura de bacon. Estou usando jeans e uma camiseta surrada de Wallingford. Não sinto falta das luvas ásperas nem da gravata apertada; o conforto é o prêmio de consolação por levar o pé na bunda, mas não quero me acostumar com isso.

Encontrei uma folha presa à minha perna quando estava me vestindo, e isso foi o bastante para eu me lembrar de ter acordado encharcado de chuva. Tive outro ataque de sonambulismo, mas quanto mais penso no sonho, mais confuso fico. Não aconteceu nada fatal, o que exclui a ideia da perseguição de Zacharov da jogada. Então, talvez seja apenas culpa o que me faz sonhar com Lila. A culpa enlouquece, não é? Ela apodrece dentro de você.

É como em “O coração delator”, de Poe, que a Sra. Noyes nos fez ler em voz alta, no qual o narrador escuta o coração da vítima batendo debaixo do piso de madeira, cada vez mais alto, até que acaba confessando: *“Admito o feito! Aqui, aqui! É o batimento do seu abominável coração!”*

– Preciso falar com você – digo ao pegar uma caneca, coloco leite primeiro e, depois, acrescento o café. O leite sobe pela caneca, junto com partículas de poeira que eu deveria ter visto antes de usá-la. – Tive um sonho estranho.

– Deixe-me adivinhar. Você foi amarrado por mulheres ninjas. Com seios enormes.

– Hum, não.

Tomo um gole e faço uma careta. Vovô fez o café absurdamente forte. Ele coloca uma fatia de bacon na boca e franze o cenho.

– Acho que seria mesmo meio estranho se tivéssemos tido o mesmo sonho.

Reviro os olhos.

– Então é melhor você não me contar mais nada. Não estrague a surpresa caso eu sonhe com isso esta noite.

Vovô ri, mas o riso vira um chiado.

Olho pela janela. Não há gatos no gramado. Enquanto observo vovô colocar ketchup nos ovos e o líquido vermelho se espalha, eu penso: *Há sangue demais, e não me lembro de ter enfiado a faca nela, mas uma faca molhada está na minha mão e o sangue está espalhado pelo piso como um revestimento pesado.*

– Vai me contar sobre o sonho que teve?

Meu avô se senta à mesa e estala os lábios.

– Vou – respondo e pisco ao lembrar onde estou.

Mamãe dizia que os flashes repentinos e repugnantes do assassinato melhorariam com o tempo, mas eles só ficaram menos frequentes. Talvez uma pequena parte de mim que ainda tem honra não quisesse esquecer.

– Está esperando um convite impresso? – pergunta vovô.

– O sonho começou comigo lá fora, na chuva. Andei até o celeiro e depois acordei na minha cama, com lama nos pés. Acho que tive outro ataque de sonambulismo.

– Você acha? – pergunta ele.

– Lila estava no meu sonho.

Forço as palavras a saírem da minha boca. Nunca falamos sobre Lila nem que a família inteira me protegeu depois. Que minha mãe chorou na gola de pele do suéter e me abraçou e me disse que, mesmo que eu tivesse feito aquilo, ela tinha certeza de que a vagabunda Zacharov tinha merecido e que não se importava com o que as pessoas diziam, eu ainda era seu bebê. Que havia alguma coisa escura debaixo das minhas unhas que eu não conseguia limpar. Tentei tirar com minhas próprias unhas e depois com uma faca, enfiando fundo, até começar a sangrar. Até meu sangue afogar a outra escuridão.

Então minha consciência está finalmente me destruindo. É questão de tempo.

Vovô ergue uma sobrancelha.

– Talvez ajudasse se você falasse sobre ela. Sobre o assassinato. Se desabafasse. Já fiz coisas ruins, moleque. Não vou julgar você.

Mamãe foi presa não muito depois do assassinato de Lila. Não por minha causa, não exatamente, mas ela perdeu o controle. Queria dar um golpe alto e tinha que ser rápido.

– O que você quer que eu diga? Que a matei? Sei que matei, mesmo não lembrando. Sempre quis saber se mamãe pagou a alguém para me fazer esquecer os detalhes. Talvez ela tenha pensado que se eu não me lembrasse da sensação não faria de novo. – Tem que ter alguma coisa morta dentro de mim, porque pessoas normais não ficam junto ao corpo de alguém que amam sentindo apenas uma alegria distante e terrível. – Lila era mestra de sonhos, então acho que o sonambulismo e os pesadelos são uma ironia. Não estou dizendo que não mereço; só quero entender por que estão acontecendo.

- Talvez você devesse ir comigo para Carney. Para ver seu tio Armen. Ele ainda sabe fazer feitiços de memória. Talvez possa ajudar você a se lembrar.

- Tio Armen está com mal de Alzheimer – digo. Ele é amigo de vovô desde que eram crianças, nem é meu tio de verdade.

Vovô dá um riso debochado.

- Que nada. É rebote. Mas vamos ver primeiro o que o médico acha.

Coloco mais café na caneca. Uma semana depois que Lila morreu e Barron e Philip esconderam o corpo no lugar onde se escondem corpos, fui até um telefone público e liguei para a mãe de Lila. Prometi que não ia fazer isso, ouvi meu avô explicar que, se alguém descobrisse o que fiz, a família toda pagaria. Eu sabia que os Zacharov dificilmente esqueceriam quem tinha cavado o túmulo, limpado o sangue e não tinha me delatado, mas não conseguia parar de pensar na mãe de Lila sozinha naquela casa.

Sozinha e esperando que a filha voltasse.

O som do telefone tocando foi alto demais. Eu me sentia meio tonto. Quando a mãe dela atendeu, eu desliguei. Depois, fui até os fundos da loja de conveniência e vomitei até as tripas.

Vovô se senta ereto.

- Que tal você começar a arrumar o banheiro lá de cima? Vou comprar umas coisas.

- Não se esqueça do leite – digo.

- *A minha* memória está ótima – responde ele ao pegar o casaco.

O piso do banheiro está rachado e quebrado em alguns lugares, e tem um armário branco barato encostado na parede. Dentro há dezenas e dezenas de toalhas variadas, algumas cheias de buracos, e potes de

plástico âmbar com alguns comprimidos. Na prateleira embaixo há vidros cheios de líquidos escuros e latinhas de pó.

Enquanto limpo teias cheias de aranhas dos cantos do chuveiro e jogo fora vidros de xampu vazios e grudentos, não consigo parar de pensar em Lila.

Tínhamos 9 anos quando nos conhecemos. O casamento dos pais dela estava indo mal, e ela e a mãe foram morar com a avó em Pine Barrens. Ela tinha cabelo louro e macio, um olho azul e outro verde, e a única coisa que eu sabia sobre ela era que vovô falou que o pai dela era importante.

Lila era o que qualquer pessoa poderia esperar de uma garota que podia fazer você ter pesadelos com um toque da mão nua, da filha do chefe da família Zacharov. Era mimada demais.

Aos 9 anos, ganhava de mim sem pena nos videogames, corria pelas colinas com tanta rapidez que eu sempre estava três passos atrás das suas longas pernas e me mordeu quando tentei roubar suas bonecas para escondê-las. Eu não sabia se ela, em parte, me odiava, mesmo depois de passarmos semanas nos escondendo debaixo dos galhos de um salgueiro, desenhando civilizações na terra e as destruindo como deuses insensíveis. Mas eu estava acostumado com irmãos que eram rápidos e cruéis, e a idolatrava.

Aí, os pais dela se divorciaram. Só voltei a vê-la quando tínhamos 13 anos.

Vovô volta com várias sacolas de compras bem na hora em que começa a chover. A maioria das sacolas está cheia de limpa-vidros, cerveja e papel-toalha. Ele também trouxe armadilhas.

– São para gambá, mas vão servir – diz ele. – E não são cruéis, ao menos é o que diz na embalagem, então não fique nervoso. Não tem guilhotina nem nada.

– Legal – comento, pegando-as no porta-malas.

Tenho que levá-las sozinho para o celeiro. Os gatos estão lá dentro; posso ver os olhos brilhantes quando monto a primeira gaiola de metal com porta vaivém. Abro a tampa de uma lata de comida e a enfio na gaiola. Ouço um baque suave atrás de mim e me viro.

A gata branca está a menos de 1 metro de mim, e sua língua rosada lambe os dentes afiados. Na luz da tarde, consigo ver que sua orelha está cortada. Há cascas de feridas recentes ao redor do pescoço.

– Oi, gatinha – digo, palavras sem sentido saindo automaticamente da minha boca.

Abro outra lata. A gata pula quando a tampa estala, e percebo o quanto estou tenso. Como se ela fosse falar. Mas a gata é só uma gata. Só um animal mal-alimentado, morando em um celeiro e prestes a ser capturado.

Estico a mão enluvada e ela se encolhe. Bicho esperto.

– Aqui, gatinha, gatinha – digo.

A gata se aproxima de mim lentamente. Cheira meus dedos e, enquanto prendo a respiração, passa a bochecha na minha mão; o pelo macio e os bigodes trêmulos tocam a minha pele.

Coloco a lata de comida de gato no chão e observo-a pular em cima. Estico a mão para acariciá-la de novo, mas ela sibila, arqueia as costas e fica com os pelos arrepiados. Parece uma cobra.

– Agora, sim – digo, acariciando-a de qualquer jeito.

Ela me segue até a casa. Suas omoplatas parecem saltar das costas, e o pelo está sujo de lama. Eu a deixo entrar na cozinha mesmo assim e dou-lhe água em um copo de martíni.

– Você não vai trazer esse animal imundo pra cá, vai? – pergunta meu avô.

– É uma gata, vovô, não uma barata.

Ele a olha com ceticismo. Sua camiseta está coberta de poeira, e ele está se servindo de uísque em um daqueles copos grandes de plástico flexível que vêm com canudo.

– Pra que você quer um gato?

– Pra nada. Não sei. Ela parece estar com fome.

– Vai trazer todos pra cá? – pergunta vovô. – Aposto que todos estão com fome.

Dou um sorriso.

– Prometo que só trago um de cada vez.

– Não foi para isso que comprei as armadilhas.

– Eu sei. Você comprou as armadilhas para que possamos pegar todos os gatos, soltá-los em um campo a mais de 15 quilômetros daqui e depois apostar qual volta primeiro.

Ele sacode a cabeça.

– É melhor você voltar ao trabalho, espertinho.

– Tenho aquela consulta médica com... – digo.

– Eu lembro. Vamos ver o quanto você consegue fazer antes de sair.

Dou de ombros e vou para a sala de estar com algumas caixas e fita adesiva. Monto as caixas e pego a lata de lixo do quintal. Em seguida, começo a revirar as pilhas de coisas.

A gata me observa com olhos brilhantes.

Panfletos anunciando feitiços e um cobertorzinho de pele que parece estar com sarna vão para o lixo. Livros voltam para a prateleira, a menos que pareçam ser algo que eu queira ler ou que estejam com as páginas soltando. Uma cesta cheia de luvas de couro, algumas delas grudadas por terem ficado perto demais da saída da calefação, também vai para o lixo.

Independentemente do quanto eu jogue fora, sempre tem mais. As pilhas despencam umas sobre as outras e me fazem confundir qual delas eu estava arrumando. Há dezenas de sacos plásticos, um com um par de brincos e com o recibo ainda preso, outros com um pedaço de pano ou com os restos de um sanduíche.

Há chaves de fenda, porcas e parafusos, meu boletim do quinto ano, o vagão de passageiros de um trem de brinquedo, rolos de adesivo com a palavra PAGO, ímãs de Ohio, três vasos com flores secas e um cheio de flores de plástico, uma caixa de papelão com enfeites quebrados, uma sujeira grudenta, preta e derretida cobrindo um rádio velho.

Quando pego um desumidificador poeirento, uma caixa cai no chão e um monte de fotos se espalha.

São *pin-ups* em preto e branco. A mulher está usando luvas de verão até o pulso, um espartilho antigo e uma calcinha de lycra. Seu cabelo está penteado no estilo de Bettie Page, e ela está ajoelhada em um sofá, sorrindo para a pessoa que tira as fotos, um homem cujos dedos aparecem em uma delas, com uma aliança com aparência de cara por cima da luva preta. Conheço a mulher nas fotos.

Mamãe está bem bonita.

A primeira vez que percebi que eu tinha talento para o crime foi quando mamãe me levou para passear, só eu, e tomar um milk-shake. Era um

dia escaldante de verão, o assento de couro do carro estava quente e queimou a parte de trás das minhas pernas de um jeito só um pouco desagradável. Minha boca estava vermelha quando entramos em um posto de gasolina e fomos para os fundos, como se mamãe fosse calibrar os pneus.

– Está vendo aquela casa? – perguntou ela. Estava apontando para uma casa com estilo de chácara, com proteção de alumínio e persianas pretas. – Quero que você entre por aquela janela de trás, ao lado da escada. Fique bem quietinho e pegue o envelope pardo em cima da mesa.

Devo ter olhado para mamãe como se não tivesse entendido.

– É um jogo, Cassel. Faça o mais rápido que conseguir, vou contar o tempo. Me dê o milk-shake.

Acho que eu sabia que não era um jogo, mas corri mesmo assim, subi na torneira e entrei pela janela com a graça e flexibilidade das crianças. O envelope pardo estava exatamente onde mamãe disse que estaria. Ali perto havia pilhas de papéis debaixo de xícaras de café cheias de canetas, réguas e colheres. Havia um gatinho de cristal sobre a mesa com o que parecia ouro em pó dentro. O ar-condicionado fez o suor secar nos meus braços e nas minhas costas. Ergui o objeto contra a luz e depois coloquei-o no bolso.

Quando cheguei com o envelope, ela estava tomando meu milk-shake.

– Tome – falei.

Ela sorriu, com a boca também vermelha.

– Bom trabalho, querido.

E percebi que o motivo de ela ter levado a mim e não meus irmãos era por eu ser o menor. Mas isso não me incomodou, porque também

me dei conta de que podia ser útil. De que não precisava ser mestre para ser útil. De que eu podia ser bom em certas coisas, melhor do que eles, até.

Essa percepção pulsou nas minhas veias como adrenalina.

Talvez eu tivesse 7 anos. Não tenho certeza. Foi antes de Lila.

Nunca contei a ninguém sobre o gato.

Junto as fotos com algumas outras de vovô com o pai de Lila em Atlantic City, na frente de um bar. Estão com um homem mais velho que não conheço, com os braços passados sobre os ombros uns dos outros.

Varro camadas de sujeira de debaixo dos sofás e cadeiras até que a poeira sobe e me faz tossir.

Quando me sento para descansar, encontro um caderno debaixo de uma das almofadas, coberto com a caligrafia de mamãe. Nada de fotos picantes, só coisas chatas. “Retirada do tanque de óleo – enterrado” está escrito na lateral da página, e no outro lado há “comprar cenouras, frango (inteiro), água sanitária, fósforos, óleo de motor”. Duas páginas depois há alguns endereços, com um deles circulado. Depois, um lembrete para ligar para uma loja de carros para convencê-los de alugar um carro por uma semana. Há alguns outros escritos sobre diferentes golpes, com anotações nas laterais. Leio todas, sorrindo apesar de tudo.

Em algumas horas vou dar meu próprio golpe, então é melhor eu me preparar.

Em nossa família (talvez em todas as famílias) as pessoas acham que os filhos puxam a alguém de outra geração. Dizem que Philip puxou ao nosso avô, pai de mamãe. Philip largou a escola para se unir aos Zacharov e conseguiu o colar de queloides alguns anos depois. Leva a sério a lealdade e a estabilidade, mesmo sendo alguém que paga o

aluguel quebrando pernas. Eu o imagino daqui a quarenta anos, aposentado em Carney, espantando do jardim uma nova geração de crianças mestras.

A lenda familiar diz que Barron puxou a mamãe, embora ele faça feitiços de sorte e ela, de emoções. Mamãe consegue fazer qualquer um virar seu amigo, consegue iniciar uma conversa em qualquer lugar porque acredita genuinamente que o golpe é um jogo. E só liga para vencer, todas as vezes.

Para mim, resta ser como meu pai, mestre de sorte. Só que não sou. Ele era a pessoa que agregava tudo. Quando estava vivo, mamãe agia normalmente quase o tempo todo. Só quando ele morreu ela começou a correr atrás de milionários sem usar luvas. Na segunda vez em que um cara acordou ao final de um cruzeiro com 100 mil dólares a menos e completamente apaixonado, o advogado dele chamou a polícia.

Ela não consegue evitar. Adora dar golpes.

Digo para mim mesmo que não sou como ela, mas tenho que admitir que também adoro.

Folheio o caderno, procurando alguma coisa que não sei o que é – talvez algo familiar, talvez apenas um segredo que me faça rir. Virando as páginas, encontro um envelope colado a uma divisória. Ao lado dele estão as palavras “Dar isso para Lembrar!”. Rasgo o envelope e encontro um amuleto de memória, prateado e com a palavra “lembrar” gravada nele, com uma pedra azul sem rachaduras no meio. Parece antigo, com a prata escurecida nos cantos, e o amuleto pesa nas minhas mãos.

Amuletos para afastar feitiços e maldições, como os que Audrey usa no pescoço, são tão antigos quanto as próprias maldições. Os mestres o fazem amaldiçoando uma pedra, o único material que absorve uma

maldição inteira, inclusive o rebote. Aí a pedra está preparada para absorver uma maldição do mesmo tipo. Então, se uma mestra de sorte amaldiçoa um pedaço de jade e o carrega contra a pele, e alguém tenta amaldiçoá-la com má sorte, a pedra de jade quebra e ela não é afetada. É preciso um novo amuleto cada vez que enfeitiçam você, e você precisa ter um amuleto para cada tipo de magia, mas você fica protegido. Só pedra funciona, não prata nem ouro, nem couro ou madeira. Certas pessoas preferem determinadas pedras; há amuletos feitos de todos os tipos, desde cascalho a granito. Se o que está na minha mão for um amuleto, a pedra azul é o centro de poder.

Eu me pergunto se mamãe roubou alguma relíquia de família ou se realmente pertence a ela. É engraçado pensar que alguém esqueceu um amuleto de memória. Eu o guardo no bolso.

Enquanto arrumo a sala, encontro uma máquina de fazer botões, dois sacos de plástico-bolha, uma espada com a lâmina enferrujada, três bonecas quebradas que não me lembro de terem sido de ninguém, uma cadeira virada que me assustava quando eu era criança, porque eu jurava que era idêntica a uma que vi na televisão na noite anterior àquela em que Barron e Philip a levaram para casa, um taco de hóquei e uma coleção de medalhas por vários feitos militares. É quase meio-dia quando termino, e minhas mãos e a barra da minha calça estão pretas de sujeira. Jogo fora pilhas de jornais e catálogos, contas que provavelmente ficaram sem pagamento por anos, sacos cheios de cabides e arame e o taco de hóquei.

A espada eu apoio na parede.

O lado de fora da casa já está cheio de sacos de lixo do trabalho matinal. Tem tanta coisa que logo vamos ter que ir até o lixão. Olho para as casas

arrumadas dos vizinhos, com gramados cuidados e portas pintadas, e depois olho de novo para a minha. As persianas das janelas da frente estão despendadas e uma das vidraças, quebrada. A tinta está tão velha que as ripas de cedro parecem ser cinzentas. A casa está apodrecendo por dentro.

Estou no meio do processo de arrastar a cadeira até a rua quando vovô desce a escada e sacode a chave na minha frente.

– Volte para o jantar – diz ele.

Pego a chave com bastante força para senti-la machucar a palma da minha mão. Deixo a cadeira onde está e sigo para a entrada da garagem como se realmente tivesse uma consulta para a qual me atrasaria.

CAPÍTULO SEIS

O ENDEREÇO DO CONSULTÓRIO

do Dr. Churchill, que peguei na internet, é na esquina da avenida Vandeventer, no centro de Princeton. Estaciono ao lado de um restaurante especializado em fondue, olho meu reflexo no retrovisor e passo os dedos para ajeitar o cabelo, na esperança de conseguir me fazer parecer um garoto bom e confiável. Apesar de eu ter lavado as mãos três vezes no banheiro de uma loja de conveniência quando parei para comprar um café, ainda consigo sentir a aspereza da poeira na pele. Tento não esfregar os dedos no jeans quando entro na recepção e vou até a bancada da recepcionista.

A mulher que está ao telefone tem cachos pintados de ruivo e está com os óculos pendurados no pescoço, com uma corrente de contas. Eu me pergunto se ela mesma fez a corrente; irracionalmente, associo artesanato a simpatia. Ela parece estar na casa dos 50 anos, por causa das rugas no rosto e das raízes brancas no cabelo.

– Oi – digo. – Tenho consulta às 14 horas.

Ela olha para mim sem sorrir e digita no teclado à sua frente. Sei que não vai haver nada sobre mim na tela, mas tudo bem. Faz parte do meu plano.

– Qual é o seu nome? – pergunta ela.

– Cassel Sharpe. – Procuro me manter o mais fiel à verdade possível, caso haja necessidade de ir mais a fundo ou de mostrar algum documento. Enquanto ela digita para tentar descobrir quem cometeu

algum erro, observo o consultório. Há uma jovem atrás da bancada, usando uniforme lilás, e acho que deve ser enfermeira, pois só há o nome de um médico (Dr. Eric Churchill) na porta. As poucas fichas em cima do armário atrás dela estão dentro de pastas verde-escuras e há um comunicado sobre o horário de férias colado ao balcão da recepcionista. Em papel timbrado. Estico a mão para ele.

– Não vejo nada aqui, Sr. Sharpe – diz ela.

– Oh! – digo, parando o movimento da mão. Não vou conseguir puxar a fita adesiva sem que ela perceba. – Oh!

Tento parecer preocupado e espero que ela tenha pena de mim e faça alguma busca infrutífera, ou, o que seria melhor, que vá perguntar a alguém.

Ela não parece reparar no meu nervosismo fingido e se mostra até mais irritada do que solidária.

– Quem marcou a consulta?

– Minha mãe. Você acha que pode estar no nome dela?

A enfermeira de uniforme pega uma pasta e a coloca sobre a bancada, perto de onde estou.

– Não tem nenhum Sharpe aqui – diz a recepcionista, com o olhar firme. – Talvez sua mãe tenha se enganado.

Respiro fundo e me concentro em minimizar as pistas. Mentirosos botam a mão no rosto para se esconder. Ficam tensos. Fazem várias coisas não verbais (respiram rápido, falam rápido, ficam vermelhos) que podem entregá-los.

– O sobrenome dela é Singer. Você poderia verificar?

Quando ela vira o rosto para a tela, pego a pasta da bancada e a enfio no casaco.

– Não. Não tem nenhum Singer – diz ela, com profunda irritação. – Gostaria de ligar para sua mãe?

– É melhor mesmo – digo, com pesar.

Quando me viro, puxo o aviso em papel timbrado que estava colado na frente do balcão. Não faço ideia se ela viu. Eu me forço a não olhar para trás, a continuar andando com um dos braços por cima do casaco para que a pasta fique no lugar enquanto enfio a folha de papel dentro dela, tudo perfeitamente natural.

Ouçõ uma porta fechar e uma mulher (talvez a paciente da pasta que peguei) dizer:

– Não entendo. Se fui amaldiçoada, de que serve este amuleto? Olhe só para ele, é coberto de esmeraldas. Está me dizendo que são o mesmo que uma bijuteria...?

Não paro para ouvir o resto. Continuo andando em direção à porta.

– Sr. Sharpe – diz uma voz masculina.

As portas estão bem na minha frente. Mais alguns passos me levariam a atravessá-las, mas eu paro. Afinal, meu plano não vai dar certo se eles se lembrarem de mim, e vão se lembrar de um paciente de quem precisam ir atrás.

– Hum, o quê?

O Dr. Churchill é um homem magro e bronzeado, com óculos grossos e cabelo encaracolado cortado curto e branco como casca de ovo. Ele ajeita os óculos no nariz distraidamente.

– Não sei o que aconteceu com sua consulta, mas tenho tempo agora. Volte.

– O quê? – pergunto, me virando em direção à recepcionista, ainda segurando o casaco para que fique fechado. – Pensei que você tivesse dito...

Ela franze a testa.

– Você quer se consultar com o médico ou não?

Não consigo pensar em outra coisa além de ir atrás dele.

Uma enfermeira me leva a uma sala com uma mesa de exame coberta de papel enrugado. Ela me dá uma prancheta com um formulário para que eu preencha com endereço e informações sobre meu seguro-saúde. Em seguida, me deixa sozinho, e fico olhando para um gráfico que mostra os diferentes estágios do sono e as ondas cerebrais correspondentes. Rasgo o forro do meu casaco o suficiente para enfiar a pasta dentro. Depois, eu me sento na beirada da mesa e escrevo fatos sobre mim que são, em sua maior parte, verdadeiros.

Há vários folhetos sobre uma bancada: “Os quatro tipos de insônia”, “Sintomas de agressão de HBG”, “Perigos da apneia do sono” e “Tudo sobre narcolepsia”.

Pego o que fala de agressão de HBG. Esse é o termo legal para o que minha mãe fez com aquele cara rico. Agressão. Há uma lista de sintomas, e a advertência para o diagnóstico diferencial (seja lá o que isso quer dizer) para cada um é bem amplo:

- Vertigem
- Alucinações auditivas
- Alucinações visuais
- Dores de cabeça
- Cansaço
- Ansiedade crescente

Penso na música de Maura e me pergunto o quanto as alucinações podem ser esquisitas.

Meu celular vibra e o tiro do bolso automaticamente, ainda olhando para o folheto. Não me surpreendo com nenhuma das informações (por exemplo, sei que tenho muitas dores de cabeça porque minha mãe me fez muitos feitiços emocionais em vez do castigo que outros pais aplicam), mas é estranho ver tudo impresso, preto no branco.

Abro o telefone e deixo o folheto cair no chão. *Venha para cá*, é a mensagem de texto. *Temos um problemão*. É a única mensagem de texto que já recebi na qual todas as palavras estão escritas de forma correta. É de Sam.

Aperto os botões para ligar para ele imediatamente, mas a ligação cai na caixa postal e me dou conta de que ele deve estar na aula. Vejo a hora no celular. Falta meia hora para a hora do almoço. Digito rapidamente (*o q vc fez?*). Pode não ser a mensagem mais sensível, mas já estou imaginando algum desastre.

Imagino que ele foi pego com meu caderno e me entregou. Imagino que terei que vagar pela bagunça dos meus pais até vovô encontrar algum trabalho para mim.

A resposta vem rápido. *Pagamento*.

Respiro fundo. Alguém deve ter ganhado uma aposta e, obviamente, ele não tem dinheiro para fazer o pagamento. *Vou logo*, digito em resposta quando a porta se abre e o médico entra.

O Dr. Churchill pega a prancheta e olha para ela em vez de para mim.

– Dolores disse que houve algum tipo de confusão.

Suponho que Dolores seja a recepcionista antipática.

– Mamãe me disse que eu tinha consulta com o senhor hoje. – A mentira sai com facilidade; eu até pareço meio ressentido. Chega um momento em uma mentira que você já falou a mesma coisa tantas vezes que ela parece mais verdadeira do que a verdade.

Ele olha para mim e sinto que vê mais do que quero que veja. Penso na pasta escondida no meu casaco, tão perto que ele pode esticar o braço e pegá-la antes que eu consiga impedi-lo. Espero que não tenha um estetoscópio, porque meu coração está tentando pular do meu peito.

– Então, por que ela marcaria uma consulta com um especialista em sono? Que tipo de problema você está tendo? – pergunta ele.

Eu hesito. Quero contar sobre acordar no telhado, sobre o sonambulismo e os sonhos, mas, se eu contar, ele talvez se lembre de mim. Sei que não vai me dar o atestado de que preciso, nenhum médico faria isso, mas não posso correr o risco de que ele escreva qualquer outro tipo de carta para Wallingford.

– Deixe-me adivinhar – diz ele, me pegando de surpresa. Como qualquer pessoa poderia *adivinhar* o motivo de um paciente ir a uma clínica de sono? – Você veio para o exame.

Não tenho ideia do que ele está falando.

– Certo – respondo. – O exame.

– Quem desmarcou a consulta? Seu pai?

Estou preso à situação e não tenho nada a fazer além de ir levando.

– Provavelmente, foi meu pai.

Ele movimenta a cabeça afirmativamente, como se o que falei fizesse sentido, e remexe uma gaveta até que sua mão enluvada apareça com um punhado de eletrodos. Começa a prendê-los à minha testa, e a parte grudenta repuxa minha pele.

– Agora vamos medir suas ondas gama.

Ele liga a máquina e ela ganha vida. O padrão que vejo na tela à minha esquerda sai impresso numa folha de papel.

- Ondas gama - repito. Não estou dormindo, então não vejo o propósito de medir minhas ondas gama. - Isso vai doer?

- É rápido e indolor. - O médico olha para o papel. - Há algum motivo para você pensar que seja hiperbatogâmico?

Hiperbatogâmico. O termo médico complicado que significa mestre. HBG. Hibiguibi.

- O q-quê? - gaguejo.

Ele aperta os olhos.

- Achei...

Penso na mulher que ouvi na sala da recepção. Ela estava reclamando sobre ter sido enfeitiçada e parecia que tinham feito um exame nela para confirmar. Mas ele não está me perguntando se acho que fui enfeitiçado. Ele está me perguntando se acho que sou *mestre*.

Este é o novo exame, o que vivem mencionando no noticiário, o que os políticos conservadores querem tornar obrigatório. Teoricamente, os exames obrigatórios vão impedir que as crianças HBG infrinjam a lei sem querer ao usarem seus poderes pela primeira vez. Teoricamente, os resultados devem permanecer em segredo, então, não há mal algum, certo? Mas ninguém acha que os resultados vão ficar em segredo.

Eles vão acabar nas mãos do governo, que adora recrutar mestres para trabalhar com contraterrorismo e com outros serviços estranhos. Ou, legalmente ou não, esses resultados vão acabar nas mãos das autoridades locais. Se os exames obrigatórios virarem realidade, o resto vai acontecer em seguida. É, sei que o argumento da bola de neve é uma falácia lógica, mas, de vez em quando, uma bola de neve realmente fica cada vez maior.

Os que apoiam a proposição encorajam os não mestres a irem fazer o exame. A ideia é simples. Mesmo se os mestres não quiserem fazer o

exame, eles serão os únicos que terão se recusado. Assim, ainda que o exame obrigatório não seja aprovado, vai ser fácil descobrir quem é hiperbatogâmico.

Pulo da mesa e arranco os eletrodos da pele. Posso não me dar bem com as pessoas da minha família, mas participar de um banco de dados de não mestres que será usado como uma rede para capturar Philip, Barron e vovô é algo horrível.

– Tenho que ir. Me desculpe.

– Sente-se. Vamos terminar em um minuto – diz ele, pegando os fios.

– Sr. Sharpe!

Desta vez, quando me dirijo à porta, não paro até passar por ela. Mantenho a cabeça baixa e ignoro a enfermeira me chamando e as pessoas na sala de espera me olhando. Ignoro tudo, exceto minha necessidade de estar em algum outro lugar que não seja aqui.

Fico tendo que me lembrar de respirar enquanto dirijo. Meu pé afunda no acelerador e meus dedos mexem no rádio só para procurar algum som que sufoque um único pensamento: *Fiz merda*.

Eu tinha que ter sido discreto, mas me tornei inesquecível. Além do mais, usei meu próprio nome. Sei onde errei: foi quando o médico disse que sabia para que eu tinha ido lá. Tenho esse problema. Às vezes, me apaixono demais pelo golpe; mesmo quando ele dá errado, prefiro que ele se vire contra mim a abandoná-lo no meio. Eu devia ter interrompido o médico e o corrigido, mas eu estava curioso demais, ansioso demais para cooperar e ver o que ele diria em seguida.

Ainda tenho o papel timbrado. Ainda posso fazer o plano acontecer. Com a recriminação soando nos meus ouvidos mais alto do que a música, entro no estacionamento da Target. As vitrines da frente estão

em cores pastel e cheias de ovos de chocolate, embora me pareça que eles vão estragar antes de a Páscoa chegar. Ando até a seção de eletrônicos e escolho um celular pré-pago. Minha segunda parada é uma loja de fotocópias, onde pago para usar o computador. O zumbido das fotocopadoras e o cheiro de tinta da impressora me lembram a escola e me acalmam, mas quando tiro a pasta da mochila meu coração começa a disparar de novo.

O outro erro que cometi: roubar uma pasta. Porque eu agora sou inesquecível o bastante para eles pensarem em mim quando considerarem as alternativas para explicar o sumiço da pasta.

Só preciso do logo do centro especializado em doenças do sono. A resolução do logo da internet é tão ruim que não dá para usá-lo para nada além de um fax. Não preciso da pasta. Uma pasta podia me encenar de verdade. Mas quando vi a pasta sobre a bancada eu simplesmente a peguei.

E agora, ao abri-la, me sinto ainda mais burro. Só tem o nome de uma mulher, o número do seguro-saúde, alguns números e gráficos com linhas. Nada tem significado para mim. A única coisa boa é que o Dr. Churchill assinou uma das páginas; pelo menos, posso copiar a assinatura.

Folheio as outras páginas até que chego a um gráfico intitulado “Ondas gama”, com círculos vermelhos ao redor dos picos das linhas. Ondas gama. Uma pesquisa no Google explica o que estou vendo. Pelo que entendo, um feitiço de sonhos deixa a pessoa em um estado de sono que parece o sono profundo, só que com ondas gama. As ondas gama, de acordo com o artigo, costumam estar presentes apenas durante o tempo que passamos acordados e durante o sono REM leve. No gráfico, as ondas gama estão presentes durante os estágios mais

profundos do sono, onde não há movimento ocular e quando acontecem tanto os estados de sonambulismo quanto os terrores noturnos. É isso que prova que ela foi enfeitiçada.

De acordo com o mesmo site, as ondas gama também são a chave para determinar se você é mestre. As ondas gama dos mestres são mais altas do que as das pessoas normais, seja dormindo ou acordada. Muito mais altas.

Hiperbatogâmico.

Olho para a tela. Essa informação sempre esteve disponível para mim com apenas alguns cliques do mouse, mas nunca pensei realmente nisso. Ainda sentado aqui, tento entender por que lidei tão mal com a situação no consultório do médico. Eu não fui esperto. Entrei em pânico. Minha mãe me instruiu repetidamente para nunca contar a ninguém sobre nossa família (nem o que eu sabia nem o que eu supunha), então é terrível descobrir que nada precisa ser dito. Poderiam descobrir pela pele.

Ainda assim. Ainda assim, há uma parte patética de mim que quer ligar para o médico e dizer: *Você quase terminou o exame. Conseguiu chegar a algum resultado?* E ele diria: *Cassel, todo mundo está errado sobre você. Você é o mestre mais fantástico dos mestres. Não sabemos como você não descobriu. Parabéns. Bem-vindo à vida que você deveria ter.*

Tenho que afastar esses pensamentos. Não posso me distrair ainda mais. Sam está esperando por mim em Wallingford, e se quero fazer mais do que visitar o campus repetidamente para resolver as confusões nas quais ele se mete, tenho que bolar uma carta.

Primeiro, digitalizo o papel timbrado. Depois, procuro a fonte usada no endereço, uso o programa de edição de imagens para remover os

dados e digito o número do meu novo celular de cartão. Apago o texto sobre o período de férias do consultório e digito meu texto no lugar. “Cassel Sharpe é meu paciente há vários anos. Indo contra o recomendado pelo médico, ele interrompeu o uso de medicação, o que resultou em um episódio de sonambulismo.”

Não sei ao certo o que mais escrever.

Outra rápida pesquisa no Google resulta em um palavreado com cara de coisa de médico. “O paciente apresentou uma doença do sono resultante do uso de estimulantes, que gerava episódios de insônia. Ele foi medicado e dorme a noite inteira sem novas ocorrências. Como a insônia costuma ser relacionada ao sonambulismo, acredito não haver mais nenhuma razão médica pela qual Cassel seja impedido de frequentar aulas e precise ser monitorado à noite.”

Sorrio para a tela, com vontade de usar um gráfico de setores na carta para mostrar como sou inteligente. Sinto vontade de me gabar. Eu me pergunto em que outra informação o falso Dr. Churchill poderia convencer Wallingford a acreditar.

“Além do mais, eliminei qualquer tipo de maldição como causa para o sonambulismo do paciente”, escrevo.

Não faz sentido fazê-los se preocuparem com uma coisa que não deve passar do meu sentimento de culpa. Também não faz sentido que eu me preocupe.

Imprimo a carta no papel timbrado falso e imprimo também um envelope falso. Colo o envelope e pago à loja de fotocópias. Ao deixar a carta na caixa de correio, me dou conta de que é melhor que outra coisa aconteça para que meu plano dê certo e eu não volte a ser suspenso.

Que eu pare de ter ataques de sonambulismo.

Chego a Wallingford por volta das 16 horas, o que significa que Sam está no ensaio da peça. É fácil entrar despercebido no Auditório Carter Thompson Memorial e sentar em uma das cadeiras do fundo. A iluminação está baixa porque tudo se concentra no palco, onde o elenco está obstruindo a cena em que Pippin mata o pai.

– Fiquem mais perto um do outro – diz a Sra. Stavrakis, a professora de teatro, claramente entediada. – E erga bem essa faca, Pippin. A luz tem que bater nela para que todo mundo possa vê-la.

Vejo Audrey de pé ao lado de Greg Harmsford. Ela está sorrindo. Embora eu não consiga ver seu rosto claramente, minha memória me diz que o suéter azul que ela está usando é da cor de seus olhos.

– Por favor, tente ficar morto – grita a Sra. Stavrakis para o garoto que faz o papel de Charles, James Page. – Você só tem alguns momentos aí deitado antes de trazermos você de volta à vida.

Sam vai até o palco e limpa a garganta.

– Hum, com licença, mas antes de fazermos isso de novo podemos pelo menos experimentar o efeito? Fica ridículo sem o saco de sangue, e precisamos treinar. Hum, e você não acha que seria incrível se Pippin *atirasse* em Charles em vez de esfaqueá-lo? Assim poderíamos usar cápsulas e espirrar pra todo lado.

– Estamos falando do século VIII aqui – diz a Sra. Stavrakis. – Nada de armas.

– Mas no começo do musical eles usam roupas históricas de épocas diferentes – diz ele. – Isso não implica...

– Nada de armas – diz a Sra. Stavrakis.

– Tá, mas que tal usarmos um dos sacos? Ou eu podia prender uma cápsula de sangue à ponta da lâmina retrátil.

– Temos que ensaiar o resto da cena, Sam. Me encontre antes do ensaio de amanhã e conversaremos sobre isso. Ok?

– Tudo bem – diz ele e anda em direção aos bastidores.

Eu me levanto e vou atrás dele.

Encontro-o de pé ao lado de uma mesa. Há garrafas de líquido vermelho sobre ela, ao lado de embalagens de preservativo. Ouço a voz de Audrey em algum lugar do outro lado, gritando alguma coisa sobre uma festa no sábado.

– Que diabos acontece aqui atrás? – pergunto a ele. – O clube de teatro faz muitas festas.

Sam se vira de repente. Acho que ele não fazia ideia de que eu estava ali. Em seguida, olha para o que há na frente dele e ri com nervosismo.

– São para o sangue – diz ele, mas vejo que seu pescoço está ficando vermelho. – Usamos o preservativo cheio de sangue falso. Eles são muito resistentes, mas estouram com facilidade.

Eu pego um.

– Se você diz, cara.

– Não, olhe. – Ele o tira de mim. – Você prende uma pequena carga explosiva em uma placa de metal coberta de espuma e depois cobre o explosivo com o saco de sangue. Funciona a pilha, então só é preciso prendê-la e passar o gatilho pelo corpo do ator, para que fique em um lugar que não dê pra ser visto. Com esparadrapo da cor da pele, por exemplo. Se for para um vídeo, não importa tanto se os fios ficam visíveis. Dá pra tirar na edição. Mas, no palco, tem que ficar bem escondido.

– Certo – digo. – É uma pena que não vão deixar você fazer.

– Também não gostam muito dos meus acessórios visuais. Eu queria botar uma barba em James. Será que a Sra. Stavrakis já viu alguma

pintura de Charlemagne? Todos têm barba. – Ele olha para mim por bastante tempo. – Você está bem?

– Estou. É claro. Quem ganhou o quê?

– Ah, é. Me desculpe. – Ele volta a guardar o equipamento. – Duas professoras foram vistas juntas. Praticamente ninguém apostou nelas, só três pessoas. Você tem que pagar uns 600 dólares. – Ele se corrige: – Nós temos que pagar.

– A casa nem sempre ganha. – Errei muito no cálculo das vantagens, mas não quero que ele saiba o quanto esse golpe financeiro vai ser grande. – Quem?

Ele sorri.

– Ramirez e Carter.

Sacudo a cabeça. A professora de música e a nova professora de inglês. As duas casadas com outras pessoas.

– Provas? É melhor você não estar concedendo vitórias sem...

Ele abre o laptop e mostra a foto. A Sra. Carter está com a mão na nuca da Sra. Ramirez e com a boca na frente do rosto dela.

– Montagem? – pergunto, esperançoso.

Ele sacode a cabeça.

– Sabe, as pessoas têm agido de forma estranha desde que assumi seus negócios. Perguntam sobre mim para os meus amigos.

– As pessoas não gostam de pensar que seus agenciadores de apostas têm amigos. Isso as deixa nervosas.

– Não vou deixar de ter amigos.

– É claro que não – retruco automaticamente. – Vou pegar o dinheiro. Olha só – digo e suspiro. – Me desculpe se pareço chato ou desconfiado, pedindo provas.

Minha pele coça de desconforto. Estou agindo como se Sam fosse criminoso.

– Você não está agindo de um jeito estranho – diz ele, com ar confuso. – Não mais do que o habitual, pelo menos. Você parece ótimo, cara.

Acho que ele está acostumado com pessoas desconfiadas e temperamentais. Ou talvez eu nunca tenha parecido ser tão normal quanto pensava. Ando até a biblioteca de cabeça baixa. Tenho certeza de que, se Northcutt ou alguns dos criados dela me virem, vão considerar meu passeio pelo campus como violação da “licença médica”. Consigo evitar o contato visual com as pessoas e encontrar alguém a caminho da biblioteca.

A Biblioteca Lainhart é o prédio mais feio do campus. Foi construído com os fundos doados por um músico nos anos 1980, quando as pessoas pareciam achar que um prédio redondo inclinado em um ângulo estranho era a coisa certa para modernizar o ambiente repleto de prédios velhos de tijolos que o cercavam. Mas, mesmo com o exterior muito feio, o interior é cheio de sofás e muito confortável. Há prateleiras irradiando de um salão central repleto de assentos e com um enorme globo que os formandos tentam roubar ano após ano (uma aposta bem popular).

A bibliotecária acena por trás da grande escrivaninha de carvalho. Ela acabou de se formar no curso de biblioteconomia e tem óculos de gatinha de todas as cores do arco-íris. Vários fracassados apostam dinheiro em conseguir ficar com ela. Eu me senti mal quando contei a eles a vantagem que atribuí a ela.

– É bom ter você de volta, Cassel – diz ela.

– É bom estar de volta, Srta. Fiske. – Depois de ter sido visto, acho que o melhor a fazer é não levantar suspeitas. Torço para que, quando ela descobrir que ainda não voltei, eu já tenha voltado.

Meu dinheiro de trabalho – um total de 3 mil dólares – está escondido entre as páginas de um enorme dicionário de nomes com capa de couro. Eu o guardo ali há dois anos sem que nada tenha acontecido. Ninguém nunca toca nele, além de mim. Meu único medo é que o livro seja recolhido, pois ninguém faz uso de um dicionário de nomes, mas acho que Wallingford o mantém na biblioteca porque tem aspecto de caro e é bastante obscuro para mostrar aos pais de alunos que seus filhos estão aprendendo coisas complexas.

Abro o livro e retiro 600 dólares, mexo em algumas prateleiras por alguns minutos, como quem está pensando em ler poesia renascentista, e volto para o alojamento, onde combinei de encontrar Sam. Quando acabo de subir a escada e entro no hall, Valerio sai do quarto dele. Desvio para o lado, entro no banheiro e me fecho em uma das cabines. Eu me encosto na parede enquanto espero que meu coração volte a bater normalmente e tento lembrar que, desde que ninguém veja você fazendo algo constrangedor, não há motivo para ser humilhado. Valerio não me segue. Mando uma mensagem de texto para Sam.

Ele entra no banheiro momentos depois, rindo.

– Que local clandestino para um encontro.

Abro a porta da cabine.

– Pode rir. – Mas não há rancor na minha voz. Só alívio.

– A costa está limpa – diz ele. – A águia saiu da gaiola. A vaca está sozinha.

Não consigo deixar de sorrir ao tirar o dinheiro do bolso.

– Você é um mestre da enganação.

– Ei – diz ele. – Você pode me ensinar a calcular as vantagens? Caso houvesse alguma coisa para a qual eu quisesse receber apostas? E qual é a dos pontos divididos entre os jogos? Como você decide isso? Você não faz do jeito que explica na internet.

– É complicado – respondo, enrolando. O que quero dizer é: é tudo predeterminado.

Ele se encosta à pia.

– Nós, asiáticos, somos todos gênios da matemática.

– Tudo bem, gênio. Mas tem que ser outro dia.

– Tudo bem – diz ele, e me pergunto se ele já está planejando me tirar do meu próprio negócio. Concluo que provavelmente posso ferrar com ele de alguma forma caso faça isso, mas a ideia de ter que planejar já me deixa cansado.

Sam conta o dinheiro com cuidado. Eu o observo pelo espelho.

– Sabe o que eu queria? – pergunta ele quando termina.

– O quê?

– Que alguém transformasse minha cama em um robô que lutasse com outras camas-robô até a morte por mim.

Isso me faz gargalhar.

– Seria incrível.

Um sorriso lento e tímido se espalha pelos lábios dele.

– E podíamos apostar nelas. E ficar podres de ricos.

Encosto a cabeça na moldura da porta da cabine, olho para a parede de azulejos e para o padrão de rachaduras amareladas que há ali e sorrio.

– Retiro qualquer coisa que possa ter dado a entender que penso o contrário. Sam, você é um gênio.

Não sou bom em ter amigos. Na verdade, sei ser útil para as pessoas. Consigo fazer parte do grupo. Recebo convites para festas e posso sentar à mesa que quiser no refeitório.

Mas confiar de verdade em alguém quando essa pessoa não tem nada a ganhar de mim simplesmente não faz sentido.

Todas as amizades são negociações de poder.

Por exemplo, Philip tem um melhor amigo, Anton. Anton é primo de Lila; ele ia para Carney com ela todos os verões. Anton e Philip passaram três meses calorentos bebendo todo o álcool que conseguiam arrancar dos habitantes e trabalhando nos seus carros.

A mãe de Anton é Eva, irmã de Zacharov, o que o torna o parente do sexo masculino mais próximo do chefão. Anton se certificou de que Philip soubesse que, se quisesse trabalhar para a família, isso significava que ia trabalhar para Anton. A amizade deles era (e ainda é) baseada no reconhecimento de Philip de que Anton está no comando e Philip está pronto para obedecer sua liderança.

Anton não gostava de mim porque minha amizade com Lila parecia vir sem reconhecimento do status dele.

Uma vez, quando tínhamos 13 anos, ele entrou na cozinha da avó de Lila. Ela e eu estávamos lutando por alguma coisa boba, esbarrando nos armários e rindo. Ele me puxou de cima dela e me derrubou no chão.

– Peça desculpas, seu perverso – disse ele.

Era verdade que os empurrões e golpes eram uma desculpa para que eu tocasse em Lila, mas eu preferia levar uma surra a admitir.

– Pare! – gritou ela para Anton, tentando pegar as mãos dele.

– Seu pai me mandou aqui pra ficar de olho em você – disse ele. – Ele não ia querer que você passasse todo o seu tempo com esse marginal. Ele nem é um de nós.

– Você não manda em mim – disse Lila – Nunca.

Ele olhou para mim.

– Que tal eu mandar em *você*, Cassel? Fique de joelhos. É assim que você deve agir na frente de uma princesa mestra.

– Não dê ouvidos a ele – disse Lila rigidamente. – Fique de pé.

Eu estava começando a me levantar quando ele me chutou no ombro. Eu caí de joelhos.

– Pare! – gritou ela.

– Ótimo – disse ele. – Agora, por que não beija os pés dela? Você sabe que quer.

– Eu mandei você deixá-lo em paz, Anton – disse Lila. – Por que você é tão imbecil?

– Beije os pés dela – disse ele – e vou deixar que se levante.

Ele tinha 19 anos e era enorme. Meu ombro estava doendo e minhas bochechas já ardiavam. Eu me inclinei para a frente e encostei a boca na parte de cima do pé de Lila, calçado de sandália. Tínhamos ido nadar mais cedo; a pele dela estava com gosto de sal.

Ela puxou a perna. Anton riu.

– Você acha que já manda alguma coisa? – perguntou ela, com voz trêmula. – Acha que papai vai tornar você o herdeiro, mas eu sou filha dele. Eu. Eu sou a herdeira. E quando eu for a chefe da família Zacharov, não vou me esquecer disso.

Fiquei de pé lentamente e andei de volta até a casa de vovô.

Ela não quis falar comigo por semanas depois disso, provavelmente porque fiz o que Anton mandou em vez de fazer o que ela havia mandado. E Philip continuou a agir como se nada tivesse acontecido. Como se já tivesse decidido de quem gostava mais, como se já tivesse escolhido o poder em vez de mim.

Não posso confiar que as pessoas de quem gosto não vão me magoar. E não tenho certeza de que posso confiar em não magoá-las também.

A amizade é uma merda.

A caminho do carro, olho para o relógio do celular e concluo que é melhor ir para casa se quiser que vovô não repare quanto tempo fiquei fora. Mas tenho mais uma parada a fazer. Antes de chegar ao carro, ligo para Maura. Ela é o ingrediente final do meu plano: uma pessoa para atender o celular de cartão caso ele toque.

– Alô – diz ela baixinho. Ouço o bebê chorando atrás.

– Oi – digo e expiro. Eu estava com medo de Philip atender. – É Cassel. Está ocupada?

– Só estava tentando limpar o pêssego que o bebê jogou na parede. Está procurando seu irmão? Ele...

– *Não* – respondo, talvez um pouco rápido demais. – Te-ngo que pedir um favor. Pra você. Me ajudaria muito.

– Tudo bem – diz ela.

– Você só precisa atender um celular que vou dar pra você e fingir que é a recepcionista de uma clínica de sono. Vou escrever exatamente o que você precisa dizer.

– Deixe-me adivinhar. Tenho que dizer que você pode voltar pra escola.

– Nada disso. Só confirmar que a clínica mandou uma carta e que o médico está com um paciente, mas vai retornar a ligação. Depois você me liga e eu cuido do resto. Acho que nem vai chegar a esse ponto. Eles podem querer verificar que a clínica realmente mandou a carta e provavelmente só isso.

– Você não é jovem demais para estar vivendo uma vida de crimes?

Eu dou um sorriso.

– Isso quer dizer que você concorda em fazer isso?

– É claro. Traga o celular. Philip só volta daqui a uma hora. Suponho que você não quer que ele saiba disso.

Dou outro sorriso. Ela parece tão normal que é difícil lembrar de uma Maura de olhos fundos sentada no topo da escada, falando sobre anjos.

– Maura, você é uma deusa. Vou esculpir sua imagem em purê de batata para que todos possam adorá-la como eu. Quando você deixar Philip, quer se casar comigo?

Ela ri.

– É melhor que Philip não escute isso.

– É. Mas você ainda vai? Ele sabe de alguma coisa?

– Sabe do quê?

– Oh! – respondo, sem jeito. – Na outra noite. Você falou sobre deixá-lo... Mas acho que vocês já se acertaram. Isso é ótimo.

– Eu nunca falei isso – diz Maura com a voz seca. – Por que eu diria isso, se Philip e eu somos tão felizes?

– Não sei. Eu provavelmente entendi errado. Tenho que ir. Logo chego aí com o celular.

Eu desligo, com as mãos escorregadias de suor. Não faço ideia do que acabou de acontecer. Talvez ela não queira dizer nada ao telefone, caso alguém esteja ouvindo. Ou talvez haja alguém lá, alguém que não possa ouvir.

Penso em vovô dizendo que Philip a estava enfeitiçando e me pergunto se *eu* entendi errado. Talvez ela realmente não se lembre do que disse porque ele contratou alguém para tirar essas lembranças dela. Talvez ela não se lembre de muitas coisas.

Maura abre a porta quando toco a campainha, mas só uma brecha. Também não me convida para entrar. Uma sensação ruim toma conta do meu estômago.

Olho nos olhos dela, tentando ler *alguma coisa* neles, mas ela parece vazia, esgotada.

– Obrigado de novo por fazer isso.

Entrego o telefone, enrolado em uma folha de papel com instruções escritas.

– Sem problema.

As luvas de couro dela se encostam nas minhas quando ela pega o celular, e percebo que ela está prestes a fechar a porta. Enfio o pé no vão aberto para impedi-la.

– Espere – digo. – Espere só um segundo.

Ela franze a testa.

– Você se lembra da música? – pergunto.

Ela abre a porta e me encara.

– Você também está escutando? Começou hoje de manhã e é tão linda! Você não acha linda?

– Nunca ouvi nada igual – respondo com cautela.

Ela realmente não se lembra. Só consigo pensar em uma pessoa que se beneficiaria de ela esquecer que ia largar o marido.

Procuro no bolso e pego o amuleto de memória. *Dar isso para lembrar*. Parece uma herança de família, um objeto que talvez fosse dado a uma cunhada favorita, para recebê-la na família.

– Minha mãe queria que você ficasse com isso – minto.

Ela se encolhe e eu me lembro que nem todo mundo gosta da minha mãe.

– Philip não gosta que eu use amuletos – diz ela. – Ele diz que uma esposa de mestre não deve parecer ter medo.

– Você pode escondê-lo – digo rapidamente, mas a porta já está se fechando.

– Cuide-se – diz Maura pela fresta da porta. – Adeus, Cassel.

Fico nos degraus por alguns momentos com o amuleto ainda na mão, tentando pensar. Tentando me lembrar.

A memória é fugidia. Ela se ajusta à nossa compreensão do mundo, se deforma para acomodar nossos preconceitos. Não é confiável. Testemunhas raramente se lembram das mesmas coisas. Identificam as pessoas erradas. Dão detalhes de eventos que nunca aconteceram. A memória é fugidia, mas minhas lembranças, de repente, parecem ainda mais fugidias.

Depois que os pais de Lila se divorciaram, ela foi arrastada pela Europa por um tempo e passou vários verões em Nova York com o pai. Eu só sabia onde Lila estava porque a avó dela contava para a minha, então fiquei surpreso quando entrei na cozinha um dia e a encontrei lá, sentada na bancada conversando com Barron como se nunca tivesse ido embora.

– Oi – disse ela, estourando a bola do chiclete.

Ela havia cortado o cabelo na altura do queixo e pintado de rosa-shocking. Isso e o delineador grosso faziam com que parecesse ter mais do que 13 anos. Parecia mais velha do que eu.

– Suma – disse Barron. – Estamos conversando sobre negócios.

Minha garganta estava apertada, como se fosse doer caso eu engolisse alguma coisa.

– Beleza. – Peguei meu livro do Heinlein e uma maçã e voltei para o porão.

Fiquei olhando para a televisão por algum tempo enquanto um cara de um desenho animado, com uma espada enorme, matava uma quantidade satisfatória de monstros. Pensei no quanto eu não me importava de Lila estar de volta. Depois de um tempo, ela desceu a escada e afundou no sofá de couro ao meu lado. Os polegares estavam enfiados em buracos no suéter cinza e reparei em um band-aid na curva da bochecha dela.

– O que você quer? – perguntei.

– Ver você. O que está achando? – Ela apontou para o meu livro. – É bom?

– Se você gosta de assassinos clonados. Quem não gosta?

– Só pessoas malucas – disse ela, e não pude deixar de sorrir.

Ela me contou um pouco sobre Paris, sobre o diamante pelo qual o pai tinha dado um lance em um leilão na Sotheby's e tinha ganhado, que diziam ter pertencido a Rasputin e dado a ele vida eterna. Sobre o modo como tomava café na varanda, bebendo xícaras de café com leite e comendo pão coberto de manteiga saborosa. Ela não parecia ter sentido muita saudade do sul de Jersey, e eu não a culpava.

– O que Barron queria? – perguntei a ela.

– Nada. – Ela mordeu o lábio ao prender o cabelo rosa em um rabo de cavalo apertado.

– Coisa secreta de mestres – falei, sacudindo as mãos para mostrar o quanto eu estava impressionado. – Ooooh! Não me conte. Eu posso ir correndo contar pra polícia.

Ela observou a linha enrolada em seu polegar.

– Ele diz que é simples. Só algumas horas. E me prometeu devoção eterna.

– É um bom pagamento – falei.

Coisa de mestres. Ainda não sei aonde eles foram nem o que ela fez, mas, quando voltou, o cabelo dela estava despenteado e o batom tinha saído. Não conversamos sobre isso, mas assistimos a muitos filmes de bandidos e mocinhos em preto e branco no porão, e ela me deixou fumar alguns dos Gitanes sem filtro que tinha comprado em Paris.

Um ciúme venenoso pulsava nas minhas veias. Eu queria matar Barron.

Acho que optei por matar Lila.

CAPÍTULO SETE

VOLTO PARA A ANTIGA CASA

a tempo do jantar, que é algum tipo de guisado, cheio de macarrão e pedaços de cenouras e cebolas pequenas. Como três pratos e acompanho com café preto, enquanto a gata anda ao redor dos meus tornozelos. Passo para ela todos os pedaços de carne que consigo pegar sem ser percebido.

– Como foi a consulta com o médico?

Vovô está bebendo café também, e suas mãos tremem um pouco quando ele leva a xícara aos lábios. Fico curioso para saber o que mais há na xícara.

– Ótima – respondo devagar. Não quero contar a ele sobre o exame nem sobre Maura e as lembranças sumidas dela, mas isso me deixa muito pouco a dizer. – Me ligaram a uma máquina e queriam que eu tentasse dormir.

– Bem ali, no consultório?

Isso parece mesmo improvável, mas não dá para voltar atrás.

– Consegui cochilar um pouco. Só estavam tentando colher alguns dados básicos. Dados de referência, ele disse.

– Aham – diz vovô, e se levanta para tirar a mesa. – Deve ter sido por isso que você demorou tanto.

Pego meu prato e ando até a pia sem dizer nada.

Mais tarde, quando estou coberto de poeira e a maior parte do andar de cima está arrumado e limpo, assistimos a *Band of the Banned*. Nesse

programa, mestres que fazem parte de uma equipe secreta do FBI usam seus poderes para deter outros mestres, em geral traficantes e assassinos em série.

– Quer saber como identificar se uma pessoa é mestre? – pergunta vovô com um grunhido.

Ele pôs de pé a cadeira que odeio e está sentado nela, com o rosto iluminado de azul pela luz da tela da tevê. O herói do programa, MacEldern, acabou de chutar uma porta enquanto um mestre de emoções faz os caras maus chorarem de remorso e confessarem de maneira incoerente. É bem ruim, mas vovô não me deixa mudar de canal.

Olho para os cotocos enegrecidos que eram os dedos do meu avô.

– Como?

– É a única pessoa que vai negar que tem poderes. Todas as outras pessoas acham que fazem alguma coisa. Elas têm histórias sobre a vez em que desejaram que uma coisa ruim acontecesse a alguém e realmente aconteceu, ou quando desejaram que algum bobo se apaixonasse por ela e ele se apaixonou. Como se toda coincidência que acontece no mundo fosse feitiço.

– Talvez essas pessoas tenham algum poder – digo. – Talvez todo mundo tenha.

Vovô ri com deboche.

– Não acredite nessa merda. Você pode não ser mestre, mas vem de uma família orgulhosa de mestres. É inteligente demais para falar como, qual é o nome dele, aquele cara que disse que, se as crianças ingerissem LSD suficiente, libertariam seus poderes.

Uma em mil pessoas é mestre, e, dentre todos os mestres, 60 por cento são mestres de sorte. As pessoas só querem brincar com as

chances. Vovô devia entender isso.

– Timothy Leary – respondo.

– Pois é, veja no que isso deu. Todos aqueles garotos tentando tocar uns nos outros, metade deles terminando loucos, imaginando que tinham enfeitiçado e sido enfeitiçados, imaginando que estavam morrendo por causa do rebote, atacando uns aos outros. Os anos 1960 e 1970 foram décadas estúpidas, cheias de informações erradas e de estrelas de rock loucas tentando ser profetas, fingindo ser mestres. Sabe quantos mestres foram contratados só para fazer os feitiços que Fabulous Freddie disse que fez sozinho?

Não há sentido em tentar distrair vovô quando ele começa com seus devaneios. Ele os ama demais para se dar conta de que os ouvi um milhão de vezes. O melhor que posso desejar é que eu consiga guiá-lo até um novo devaneio.

– Já foi contratado por algum deles? Você tinha uns 20 ou 30 e poucos naquela época, não é?

– Fiz o que o velho Zacharov mandou, não fiz? Nada de trabalhos freelancers. Mas conheço algumas pessoas que fizeram. – Ele ri. – Como um cara que viajava com a Black Hole Band. Mestre físico. Dos bons. Se alguém irritava a banda, acabava quebrado.

– Eu achava que feitiços de emoções eram mais populares.

Apesar de tudo, estou interessado. Em geral, quando ele faz esses discursos, sinto que está falando para o resto da família e eu estou apenas ouvindo por acaso. Desta vez estamos sozinhos. E penso em todas as coisas que vi em fotos na internet ou em especiais do VH1 sobre aquela época. Artistas com cabeças de bode, sereias que dançavam em tanques até se afogarem porque a feiticeira não sabia o que estava fazendo quando as amaldiçoou, pessoas transformadas,

similares a desenhos animados, com cabeças grandes e olhos enormes. E isso tudo era trabalho de uma única mestra de transformação, que morreu de overdose em seu quarto de hotel, cercada de animais enfeitiçados que ficavam de pé sobre duas patas e falavam coisas incoerentes.

Não há mestres de transformação para as bandas contratarem para fazer nada disso hoje em dia, mesmo que fosse legal. Talvez haja um na China, mas ninguém tem notícias dele há muito tempo.

– Bem, ninguém pode enfeitiçar um grupo de pessoas. Teve um garoto que tentou. Ele decidiu encarar, achou que daria um jeito no rebote. Deixou um grupo enorme de pessoas tocar nele, uma depois da outra, fazendo-as se sentirem eufóricas. Como se ele fosse um alucinógeno.

– Então o rebote seria ele ficar eufórico também, certo? Qual é o perigo disso?

A gata branca pula no sofá ao meu lado e começa a rasgar almofadas com as patas.

– Está vendo, esse é o problema dos jovens, é assim que todos vocês pensam. Que são imortais. Como se ninguém tivesse pensado em todas as coisas idiotas que vocês fazem. Ele ficou louco. Claro, louco do tipo que baba, sorri e é feliz, mas louco, mesmo assim. É filho de um dos grandões da família Brennan, então o mínimo que podem fazer é cuidar dele.

Vovô retoma o devaneio sobre a burrice dos jovens em geral e dos jovens mestres especificamente. Estico a mão para acariciar a gata e ela fica quieta debaixo da minha mão, sem ronronar, parada como uma pedra.

Antes de ir dormir mexo no armário de remédios. Pego dois comprimidos para dormir e adormeço com a gata no meu cotovelo.

Não sonho.

Alguém está me sacudindo.

– Ei, dorminhoco, acorde.

Vovô me entrega uma xícara de café forte demais, mas esta manhã fico feliz com isso. Minha cabeça está pesada e lenta.

Pego minha calça e a visto. Minhas mãos automaticamente reviram os bolsos, mas logo percebo que alguma coisa sumiu. O amuleto. O amuleto de mamãe. O que tentei dar a Maura.

Lembrar.

Fico de joelhos e procuro debaixo da cama. Encontro poeira, livros que não vejo há anos e 23 centavos.

– O que está procurando? – pergunta vovô.

– Nada – respondo.

Quando éramos pequenos, mamãe colocava Philip, Barron e eu de pé um ao lado do outro, e dizia que a família era tudo, que éramos as únicas pessoas com quem podíamos contar. Depois tocava nossos ombros com as mãos nuas, um de cada vez, e ficávamos tomados de amor uns pelos outros, sufocados de amor.

– Prometam aos seus irmãos que vocês vão se amar para todo o sempre e que farão o que for necessário para proteger uns aos outros. Que nunca vão machucar uns aos outros. Nunca vão roubar uns dos outros. A família é a coisa mais importante que há. Ninguém vai amar vocês como sua família.

Nós nos abraçávamos, chorávamos e prometíamos.

Feitiços de emoção somem com os meses. Um ano depois você se sente tolo quanto às coisas que fez e disse quando foi enfeitiçado, mas não esquece como era ser tomado por essas emoções.

Foram as únicas vezes em que me senti seguro.

Ainda segurando o café, vou até o lado de fora para desanuviar a cabeça. Um pé na frente do outro. O ar está frio e limpo, e inspiro lufadas de ar como um homem se afogando.

As coisas caem dos bolsos, digo para mim mesmo e concluo que, antes de ter um ataque nervoso, eu devia procurar no carro. Se estiver lá, preso no assento ou brilhando em um dos tapetes, vou me sentir um idiota. Torço para me sentir um idiota.

Impulsivamente, abro meu celular. Há algumas ligações não atendidas da minha mãe – ela deve odiar não poder me ligar em um telefone fixo –, mas eu as ignoro e ligo para Barron. Preciso que alguém responda algumas perguntas, alguém em quem possa confiar e que não vá tentar me proteger. A ligação vai direto para a caixa postal. Fico ali de pé, tentando ligar de novo e de novo, ouvindo o toque. Não sei para quem mais ligar. Por fim, tenho a ideia de que pode haver um jeito de ligar diretamente para o quarto dele no alojamento.

Ligo para o número principal de Princeton. Não conseguem encontrar o quarto dele, mas eu me lembro do nome da colega de quarto.

Uma garota atende, com voz rouca e baixa, como se o telefone a tivesse acordado.

- Ah, oi – digo. – Estou procurando meu irmão, Barron.
- Barron não estuda mais aqui – diz ela.
- O quê?

– Ele largou a faculdade alguns meses depois do início do ano. – Ela parece impaciente, não mais sonolenta. – Você é irmão dele? Ele deixou um monte de coisas aqui.

– Ele é esquecido. – Barron *sempre* foi esquecido, mas agora esquecer parece um mau sinal. – Posso pegar o que ele tiver deixado aí.

– Já mandei pelo correio. – Ela para de falar abruptamente, e eu me pergunto o que aconteceu entre eles. Não consigo imaginar Barron largando a faculdade por causa de uma garota, mas não consigo imaginar Barron largando Princeton por qualquer que fosse o motivo. – Fiquei cansada das promessas dele de vir buscar e depois não aparecer. Ele nem me deu dinheiro para o correio.

Minha mente dispara.

– O endereço para o qual você mandou as coisas dele... você ainda tem?

– Tenho. Tem certeza de que você é irmão dele?

– É culpa minha eu não saber onde ele está – minto rapidamente. – Depois que papai morreu, eu fiquei revoltado. Brigamos no velório, e não atendi nenhuma ligação dele. – Fico maravilhado porque o tom da minha voz fica automaticamente agudo na hora certa.

– Ah! – diz ela.

– Só quero pedir desculpas a ele – digo, enfeitando a história. Não sei se pareço arrependido. O que sinto é uma espécie de medo frio.

Ouçõ o som de papéis no outro lado da linha.

– Você tem uma caneta?

Escrevo o endereço na mão, agradeço a ela e desligo ao caminhar de volta para casa. Lá, encontro meu avô empilhando dezenas de cartões de Natal que está tirando de trás de uma cômoda. As luvas dele brilham

por causa da purpurina. É estranho o tanto que os cômodos parecem vazios sem as pilhas de tralhas. Meus passos ecoam.

– Ei – digo –, preciso do carro de novo.

– Ainda temos o quarto de cima pra terminar – diz ele. – Fora a varanda e a sala de visitas. E, mesmo nos cômodos que já terminamos, ainda temos que botar coisas nas caixas.

Levanto o telefone e o sacudo de leve, como se ele fosse o culpado.

– O médico precisa que eu volte pra fazer outros exames. – Minta até que você mesmo acredite, esse é o verdadeiro segredo de mentir. É o único meio de não ter nada que entregue você.

Pena que ainda não cheguei nesse ponto.

– Achei que pudesse ser algo assim – diz ele, com um suspiro profundo.

Espero que ele grite comigo, que diga que já falou com o médico ou que está claro para ele desde o começo que estou inventando. Ele não fala nada disso; só enfia a mão no bolso do casaco e joga a chave para mim.

Meu amuleto não está no chão do Buick de vovô nem preso no vão do banco do motorista, mas encontro um saco de comida para viagem amassado. Paro para botar gasolina e compro mais café e três barras de chocolate. Esperando que o cara volte com meu troco, programo o novo endereço de Barron no GPS do celular. Fica em Trenton, em uma rua que não conheço.

Não tenho muito em que me basear além de um palpite de que todas as coisas estranhas – meu sonambulismo, as lembranças contraditórias de Maura, o fato de Barron ter largado a faculdade sem contar para ninguém, até mesmo o amuleto desaparecido – estão relacionadas.

Mas, enquanto meu pé aperta o acelerador e o carro anda cada vez mais rápido, sinto pela primeira vez em muito tempo que estou indo na direção certa.

A festa de 14 anos de Lila foi em um grande hotel do pai dela, na cidade. Foi o tipo de evento no qual muitos mestres se reuniram, passaram envelopes que só teoricamente tinham a ver com a festa e conversaram sobre coisas que era melhor que pessoas como eu não ouvissem. Lila me levou para o quarto dela no hotel uma hora antes de a festa começar. Ela estava usando uma tonelada de maquiagem preta brilhante e uma camiseta enorme com a estampa de um gato de desenho animado. Seu cabelo não estava mais rosa; estava branco-platinado e espetado.

– Odeio isso – disse ela, sentando-se na cama. Suas mãos estavam nuas. – Odeio festas.

– Talvez você pudesse se afogar em um balde de champanhe – falei de forma agradável.

Ela me ignorou.

– Vamos furar as orelhas um do outro. Quero furar sua orelha.

As orelhas dela já tinham pequenas pérolas penduradas. Aposto que se eu as mordesse provaria que são verdadeiras. Ela tocou em um brinco meio sem jeito, como se pudesse ouvir meus pensamentos.

– Fiz estes com uma pistola quando eu tinha 7 anos – disse ela. – Minha mãe me disse que me daria sorvete se eu não chorasse, mas eu chorei mesmo assim.

– E você quer mais furos porque acha que a dor vai tirar sua atenção de toda a comemoração irritante? Ou porque me furar vai fazer você se sentir melhor?

– É por aí. – Ela sorriu enigmaticamente, foi até o banheiro e voltou com um punhado de bolas de algodão e um alfinete de segurança. Depois de arrumar isso tudo em cima do minibar, pegou uma das pequenas garrafas de vodca. – Vá pegar gelo na máquina.

– Você não tem amigos... Quero dizer, não que não sejamos amigos, mas...

– É complicado – disse ela. – Jennifer me odeia por causa de alguma coisa que Lorraine e Margot disseram a ela. Elas sempre inventam coisas. Não quero falar sobre elas. Quero gelo.

– Você é meio mandona – falei.

– Tenho que conseguir um dia dar ordens às pessoas – disse ela, com o olhar firme. – Como papai. Além do mais, você já sabia que eu era mandona. Você me conhece.

– O que faz você pensar que quero furar minha orelha?

– As garotas gostam de garotos com orelha furada. Além do mais, *eu* conheço *você* também. Você gosta de ser mandado.

– Talvez eu gostasse quando tinha 9 anos – falei, mas levei o balde para o corredor e voltei com ele cheio de gelo.

Ela andou até a cômoda, sentou em cima e empurrou para o chão uma pilha de CDs, calcinhas e bilhetes dobrados.

– Venha aqui – disse ela, com a voz baixa, dramática. – Primeiro, você acende o fósforo, depois, passa o alfinete pela chama. Está vendo? – Lila acendeu o fósforo e passou o alfinete pelo fogo. Seus olhos brilhavam. – Fica preto e iridescente. Agora está esterilizado.

Puxei meu cabelo preto e volumoso e virei a cabeça como se estivesse pronto para o sacrifício. O contato do gelo me fez tremer. As pernas dela estavam um pouco abertas, e tive que ficar de pé entre os joelhos dela para chegar bem perto.

– Fique parado – disse ela, com os dedos frios na minha pele.

Observei o gelo derretido escorrendo pelo pulso dela, até o cotovelo. Nós dois esperamos, em silêncio, como se isso fosse um rito cerimonial. Depois de mais ou menos um minuto ela soltou o cubo de gelo e pressionou o alfinete contra a minha orelha, perfurando lentamente.

– Ai!

Eu me afastei no último momento. Ela riu.

– Cassel! O alfinete está pendurado na sua orelha.

– *Doeu* – falei, meio surpreso.

Mas não era isso. Eram sensações demais; a sensação das coxas dela me prendendo junto com a intensidade da dor.

– Você pode me machucar mais, se quiser – disse ela, e empurrou o alfinete com um impulso repentino e selvagem. Prendi a respiração.

Ela pulou da cama para pegar mais gelo para furar a orelha dela. Seus olhos brilhavam.

– Faça o meu bem no alto. Você vai ter que apertar com força pra perfurar a cartilagem.

Passei o alfinete pela chama e o encostei acima dos furos que ela já tinha. Lila mordeu o lábio, mas não gritou, embora eu tenha visto os olhos dela ficarem cheios de lágrimas. Ela afundou os dedos no veludo da minha calça quando eu pressionei. O alfinete de metal se curvou um pouco, e me perguntei se eu conseguiria fazê-lo passar completamente, quando de repente ele escorregou com um estalo audível. Ela fez um som estrangulado, e eu fechei o alfinete de segurança com cuidado, para que ficasse pendurado como um brinco elegante no alto da orelha dela.

Depois ela embebeu as bolas de algodão com vodca para limpar o sangue e nos serviu de uma dose para cada um. Estava com mãos trêmulas.

– Feliz aniversário – falei.

Ouvi passos do lado de fora da porta, mas Lila não pareceu percebê-los. Ela se inclinou na minha direção. A língua dela estava quente como um fósforo na minha orelha e fez meu corpo dar um salto de surpresa. Eu ainda estava tentando me convencer de que tinha mesmo acontecido quando ela botou a língua para fora e me mostrou meu sangue.

Nessa hora, a porta se abriu e a mãe de Lila entrou. Ela limpou a garganta, mas Lila não se afastou de mim.

– O que está acontecendo aqui? Por que você não está pronta para sua festa?

– Vou chegar elegantemente atrasada – disse Lila, com um sorriso ameaçando aparecer nos cantos da boca.

– Você andou bebendo? – A Sra. Zacharov olhou para mim como se eu fosse um estranho. – Saia.

Passei pela mãe de Lila e saí.

A festa estava a toda quando cheguei, cheia de pessoas que eu não conhecia. Eu me senti deslocado ao seguir para a mesa, e minha orelha latejava como um segundo coração. Para compensar, tentei ser engraçado na frente dos amigos de Lila, e terminei sendo tão irritante que um colega dela de escola me deu um soco no banheiro masculino. Eu o empurrei e ele cortou a cabeça em uma das pias.

No dia seguinte, Barron me contou que tinha chamado Lila para sair. Eles tinham ficado juntos por volta da hora em que fui retirado do hotel.

De acordo com o GPS, a nova casa de Barron é num conjunto residencial em uma rua com calçadas rachadas e alguns prédios rodeados de tapumes. Uma das janelas da frente da casa dele está praticamente sem

vidro e meio coberta de fita crepe. Abro a porta de tela e bato na porta oca e vagabunda. Pedacos de tinta caem nas minhas mãos.

Eu bato, espero, e bato de novo. Não há resposta, e também não há nenhuma moto parada por ali. Não vejo luzes atrás dos jornais colados nos vidros.

Há uma tranca na fechadura e outra acima dela, na porta. Fáceis de abrir. Minha carteira de habilitação desliza pelo vão e abre a tranca da fechadura. A tranca de cima é mais difícil, mas pego um arame na mala do carro, enfio pelo buraco da fechadura e o prendo nos pinos até que todos estejam na altura certa. É uma sorte Barron não ter trocado por algo mais seguro. Giro a maçaneta, pego minha habilitação e entro na cozinha.

Por um momento, ao olhar para as bancadas de fórmica, penso que invadi a casa errada. Há bilhetes grudados em todos os armários. “O caderno vai contar o que você esqueceu”, “Chaves no gancho”, “Pagar as contas em dinheiro”, “Você é Barron Sharpe”, “Telefone no casaco”. Há uma caixa de leite aberta sobre a bancada, e o conteúdo coalhado está cinzento de cinzas de cigarro. Há guimbas flutuando no líquido. Há uma pilha de contas – a maioria de empréstimo estudantil –, todas fechadas.

“Você é Barron Sharpe” não deixa muito espaço para dúvida.

O laptop dele e uma pilha de pastas de papel pardo cobrem a mesinha no centro da cozinha. Eu me sento em uma das cadeiras e passo os olhos pelos papéis, resumos do recurso da minha mãe. Ele fez anotações em caneta vermelho-ketchup, e finalmente me ocorre que talvez essa tenha sido a razão de ele largar a faculdade. Deve estar cuidando do caso. Isso faz algum sentido, mas não o suficiente.

Há um caderno debaixo de uma das pastas, com as palavras fevereiro a abril na capa. Eu o abro, esperando encontrar mais

anotações do caso, mas parece muito um diário. No topo de cada página há uma data, e abaixo dela há uma lista obsessivamente detalhada do que Barron comeu, com quem falou, como estava se sentindo – e depois, ao final, uma lista de coisas que ele precisava lembrar. Na data de hoje se lia:

19 de março

Café da manhã: shake de proteína

Corri 1,5 km

Ao acordar, tive uma leve letargia e dor muscular.

Vesti: camisa de botão verde-clara, calça car-go preta e sapatos pretos (Prada)

Mamãe continua a reclamar das outras presidiárias, do quanto está sofrendo sem nós e do medo de que, basicamente, estejamos fora do controle dela. Ela precisa se dar conta de que crescemos, mas não sei se está pronta para isso. Conforme vamos chegando mais perto do julgamento, eu me preocupo mais com como será a vida quando ela voltar para casa.

Ela diz que seduziu um milionário e está depositando muitas esperanças nele. Mandei recortes de jornal sobre ele para ela. Estou com medo de ela se meter em confusão de novo e não consigo acreditar que esse homem não faça ideia de quem ela é – nem que, se ele não fizer, vai permanecer sem saber. Quando ela sair da prisão, vai ter que ser mais cuidadosa, coisa que tenho certeza de que não estará disposta a fazer.

Não consigo me lembrar dos rostos dos meus amigos de escola. Encontrei uma pessoa na rua que disse que me conhecia.

Falei para ele que eu era o irmão gêmeo de Barron, que estudei em outra escola. Preciso estudar o anuário.

Philip continua tão chato como sempre. Ele age como se estivesse decidido a fazer o que for necessário, mas não está. Não é só fraqueza, mas uma necessidade romântica permanente de se acreditar manipulado contra a vontade em vez de admitir que quer poder e privilégio. Ele me enoja cada vez mais, mas Anton confia nele de um modo que jamais vai confiar em mim. Anton acredita que sou capaz, e duvido que possa dizer o mesmo de Philip.

Talvez o dinheiro que vamos receber seja suficiente para controlar mamãe por algum tempo. Quando isso acabar, Anton vai nos dever tudo.

As anotações do dia de hoje param aí, mas, ao examinar as semanas anteriores, vejo que ele registrou detalhes aleatórios, conversas e sentimentos como se achasse que fosse esquecer. Abro o laptop com cuidado, sem saber que outras esquisitices vou encontrar, mas ele está no modo sleep, com a página mostrando minha estreia no YouTube.

A filmagem foi feita com celular, então a imagem está granulada e eu não pareço mais do que uma bolha pálida e sem camisa, mas faço uma careta na hora em que parece que estou perdendo o equilíbrio. Ouço alguém gritar “pule” ao fundo e o ângulo da câmera muda para a multidão. Naquele momento, eu a vejo. Uma forma branca perto dos arbustos. A gata, lambendo a pata. A gata que eu estava caçando no sonho. Olho para o vídeo e olho para ela, tentando entender como uma gata do meu sonho, uma gata que se parece muito com a gata que tem dormido no pé da minha cama, poderia estar lá naquela noite.

Tiro o caderno da mesa e abro no dia em que o vídeo foi postado.

15 de março

Café da manhã: claras de ovos

Corri 1,5 km

Me senti bem ao acordar. Cortei os pelos do nariz.

Vesti: jeans escuro (Monarchy), casaco, camisa azul (HUGO)

Entrei no e-mail de C e encontrei o vídeo. Ele mostra claramente L, mas não dá pista de onde ela está agora. C está na antiga casa, mas V está lá, de olho em tudo. P diz que vai cuidar de tudo. Isso tudo é culpa dele.

Cuidado com os idos de março. Grande piada. Encontrei a coleira dela, mas nenhuma pista de como ela a tirou. P não deve ter prendido direito. Tenho que encontrar um jeito de usar isso para afastar ainda mais P e A.

Tenho que controlar a situação.

“Controlar” está sublinhado duas vezes, o segundo sublinhado com tanta força que rasgou o papel.

Olho para as anotações até que as palavras ficam borradas na minha frente. C é Cassel – o vídeo devia ser de mim no telhado. P deve ser Philip. A pode ser Anton, pois Barron o mencionou antes. Olho para a letra V por um momento e acabo me dando conta que é o vovô. Mas L? Eu imediatamente penso em Lila, embora não faça sentido.

Pego o laptop e passo o vídeo de novo, quadro a quadro. Mal dá para ver as pessoas da multidão; a câmera passa rápido demais para que eu

consiga ver mais do que imagens borradas. Os únicos rostos que identifico são de alunos. Nada de Lila. Nada de garotas mortas. Ninguém que não deveria estar lá. Ninguém usando coleira.

A única coisa no vídeo que poderia estar de coleira é a gata.

Só você pode desfazer a maldição.

O pensamento é tão absurdo que me faz sorrir.

Caminho para o banheiro para jogar água no rosto, mas quando passo por uma porta o cheiro forte de amônia me faz parar. Ela dá em um quarto, vazio exceto por uma gaiola de metal perto de uma janela. A porta está aberta. O jornal no chão da gaiola e o piso de madeira ao redor dela estão manchados com o que, devido ao cheiro intenso e à cor amarelada, deve ser urina de gato. Há camadas grossas e secas de urina, como se alguma coisa tivesse sido deixada trancada ali por muito tempo e ninguém tivesse se dado o trabalho de limpar.

Prendo a respiração e chego mais perto. Há alguns pelos brancos e curtos presos em uma ponta de arame. Saio do quarto andando de costas.

Barron está perdendo a memória. Assim como Maura e, talvez, eu também. Não me lembro de detalhes do assassinato de Lila. Não me lembro de como cheguei ao telhado. Não me lembro do que aconteceu ao meu amuleto da memória.

Vamos dizer que alguém esteja retirando essas lembranças. Acho que isso não é exagero.

Vamos dizer, também, que alguém tenha provocado aquele sonho em mim, no qual o gato estava implorando por ajuda. Se eu tivesse sido amaldiçoado para tê-lo, isso significaria que alguém teve que tocar em mim com a mão na minha pele. A gata, a que dormia na minha cama, a

que estava perto do meu quarto do alojamento no vídeo, encostava em mim.

Então, talvez a gata tenha provocado o sonho.

Mas é claro que isso é ridículo. Gatos são animais. Eles não conseguem fazer feitiços tanto quanto não conseguem tocar uma sonata nem escrever uma poesia.

A não ser que a gata fosse, na verdade, uma garota. Uma garota que fosse mestra de sonhos. Lila.

O que significaria uma coisa muito diferente: não só que algumas lembranças do assassinato dela foram roubadas de mim. Significaria que ela não está morta.

CAPÍTULO OITO

AS PAREDES DE AZULEJO BEGE

no banheiro de Barron parecem muito familiares, mas como se eu as estivesse vendo do ângulo errado.

É loucura a ideia de Lila ser uma gata. A ideia de que Barron a manteve trancada na casa dele todo esse tempo é uma loucura ainda maior. E a ideia de que talvez eu não tenha matado Lila me deixa tão perdido que não sei como me achar.

Olho fixamente para o espelho. Para meu rosto. Examino o cabelo despenteado que se ondula ao redor do meu maxilar e os olhos escuros, observando se estou com aparência de medo. Se ainda sou um assassino. Se estou enlouquecendo.

Há uma sensação vertiginosa de *déjà vu* quando olho para o reflexo da banheira atrás de mim. Tropeço e quase caio.

Eu me debati na água e meus braços viraram tentáculos que se enroscavam como cobras. Tudo deu errado e eu estava desmoronando e a água se fechava acima da minha cabeça e...

Mais coisas que eu lembrava parcialmente.

Eu me viro, agacho-me no chão e toco o azulejo perto da torneira. Quase consigo me lembrar dos meus dedos indo em direção à mesma torneira, mas, então, a lembrança fica surreal e fantástica e meus dedos se tornam garras pretas.

Um medo animal, instintivo e horrível toma conta de mim. Tenho que sair daqui, é a única coisa que consigo pensar. Vou em direção à

porta e quase não tomo o cuidado de girar a maçaneta para que ela se tranque depois de fechá-la. Entro no carro de vovô e fico sentado por um momento, esperando me sentir como uma criança idiota fugindo de um fantasma imaginário. Como uma das barras de chocolate enquanto espero. O chocolate tem gosto de poeira, mas engulo mesmo assim.

Preciso entender as coisas.

Minhas lembranças estão cheias de sombras e, por mais que eu tente mantê-las dentro da minha cabeça, elas não ficam mais sólidas.

Preciso de um mestre. Um que me dê respostas sem fazer muitas perguntas. Um mestre que possa me ajudar a encaixar essas peças de quebra-cabeça e que me mostre a imagem que ele forma. Ligo o carro e vou para o sul.

O shopping sujo na Route 9 não é bem um shopping, mas um grande armazém com corredores de lojas separadas por bancadas ou cortinas. Barron e eu pedíamos para Philip ou vovô nos levarem e passávamos o dia comendo cachorros-quentes e comprando facas baratas para esconder em nossas botas. Barron reclamava de ter que me levar junto, mas, assim que chegávamos lá, ele desaparecia para cantar a garota que trabalhava vendendo picles a granel.

O lugar não está muito diferente do que era naquela época. Na frente, há uma mulher ao lado de um estande com cestas em cores pastel e um cara tenta vender peles de coelho. Três por 5 dólares.

Lá dentro o cheiro de fritura faz meu estômago roncar. Vou em direção aos fundos, passo pela loja de carteiras de pele de enguia e pela loja de anéis de prata e peltre com adorno de dragão, até chegar às cartomantes com saias de veludo e cartas marcadas. Elas cobram 5 dólares para dizer “Às vezes você se sente solitário, mesmo na companhia de outras pessoas” ou “Você já sofreu uma perda trágica que

fez você ter um discernimento incomum” ou até mesmo “Você costuma ser tímido, mas no futuro será o centro das atenções”.

Há vários pequenos shoppings parecidos em Jersey, mas este fica a apenas 20 minutos de Carney. O verdadeiro negócio das cartomantes é vender amuletos feitos por moradores aposentados da cidade; alguns mestres até oferecem seus serviços, nos fundos. É o melhor lugar para comprar feitiços baratos que não sejam diretamente relacionados às famílias mafiosas. E os amuletos são bem mais confiáveis e variados do que os que encontramos nos shoppings tradicionais e nos postos de gasolina.

Ando até a mesa coberta de lenços.

– Annie Torta – digo, e a velha sorri. Um de seus dentes está preto e podre. Ela usa anéis de plástico e vidro por cima das luvas de cetim roxo e veste várias camadas de vestidos com pequenos sinos pendurados na bainha.

– Conheço você, Cassel Sharpe. Como vai sua mãe?

Annie vende magia há mais tempo do que estou vivo. Ela é das antigas. Discreta. E, considerando o pouco que sei, a única coisa de que tenho certeza é que não posso contar nada.

– Na prisão. Foi pega enfeitiçando um cara rico.

Annie suspira. Ela está na vida, então não se surpreende nem fica constrangida por mim, como as pessoas da escola ficariam. Ela se inclina para a frente.

– Vai sair em breve?

Eu faço que sim com a cabeça, mesmo não tendo certeza. Mamãe fica dizendo que não fez nada (em que não acredito), que as provas contra ela são preconceito e incompetência (em que eu meio que acredito) e que tudo vai ser esclarecido no recurso que se arrasta.

– Você sente saudade da sua mãe, não sente?

Faço que sim novamente, embora também não tenha certeza disso. É mais fácil com ela um tanto distante, incapaz de virar nossas vidas de cabeça para baixo de uma hora para outra. Da cadeia, ela é uma matriarca benevolente e um tanto doida. Em casa, ela voltaria a ser uma déspota.

– Preciso comprar alguns amuletos. Para memória. Dos bons.

– O quê? Você acha que os que vendo não são bons?

Dou um sorriso.

– Sei que acha.

Isso transforma o sorriso dela em um sorriso perverso. Ela dá um tapinha no meu rosto com uma mão coberta de cetim. Lembro que não fiz a barba e que minhas bochechas devem estar bem ásperas para que o tecido agarre nelas, mas ela não parece se importar.

– Você é igual aos seus irmãos. Sabe o que costumavam dizer sobre garotos como você? São inteligentes como o diabo e duas vezes mais bonitos do que ele.

É um elogio meio ridículo, mas me deixa sem-graça, e olho para o chão.

– Também tenho algumas perguntas. Sobre magia de memória. Sei que não sou mestre, mas preciso muito saber.

Annie empurra um maço de cartas gastas de tarô para o lado.

– Sente-se – diz ela e remexe debaixo da mesa, pegando uma caixa grande de plástico. Dentro dela há uma variedade de pedras. Ela pega uma pedra brilhante de ônix com um buraco no meio e alguns cristais cor-de-rosa. – Uma coisa de cada vez. Aqui estão os amuletos que você pediu.

Muitos dos amuletos realmente bons parecem porcaria. Esses não parecem tão ruins.

– Detesto pedir – digo, sentado ao contrário na cadeira dura de ferro –, mas...

– Você quer alguma coisa mais bonita?

Sacudo a cabeça.

– Apenas menor.

Ela murmura alguma coisa e se vira para a caixa.

– Aqui, tenho estas. – Ela ergue uma pedrinha, talvez um pedaço de cascalho de entrada de garagem.

– Vou ficar com essas – digo, apontando para a pedrinha de cascalho e para o círculo de ônix. – Na verdade, vou querer três dessas pequenas, se você tiver. E a de ônix.

Anne ergue a sobrancelha e diz apenas:

– Quarenta. Cada uma.

Eu normalmente pechincharia, mas concluo que ela deve estar aumentando o valor para poder ter uma justificativa para as outras informações que vai me dar. Pego as cédulas e as empurro sobre a mesa.

Ela sorri com o dente preto.

– Então, o que você quer saber?

– Como dá para saber que sua memória foi modificada? Fica só um buraco preto no pensamento? As lembranças podem ser substituídas por outras?

Ela acende um cigarro enrolado à mão que fede a folhas de chá verde.

– Não estou admitindo que conheço alguém ao falar isso. Só estou especulando, entende? Eu só faço amuletos e vendo alguns que meus

amigos fazem, e o governo ainda não conseguiu tornar isso ilegal.

– Claro – digo, afrontado. – Só porque não sou...

– Não vá se irritando à toa. Não estou explicando por sua causa. Estou explicando para qualquer pessoa que possa estar ouvindo esta conversa. E tem gente ouvindo.

– Quem?

Ela me olha demoradamente, como se eu fosse lerdo, traga o cigarro e sopra fumaça herbal no ar.

– O governo.

– Ah! – digo.

Embora eu tenha certeza de que seja paranoia, talvez com um toque de demência, sinto uma necessidade intensa de olhar para trás.

– Vamos em frente com suas perguntas. A sensação depende de quem executou o feitiço. Os melhores mestres fazem com perfeição. Eles retiram uma lembrança e a substituem por uma nova. Os piores são descuidados. Podem fazer você se lembrar de que deve dinheiro a eles, mas, se não houver dinheiro no seu bolso e você não se lembrar de ter gastado, vai começar a fazer perguntas.

“A maior parte dos mestres de memória está no meio-termo em matéria de habilidade. Deixam peças para trás, evidências. Um céu azul sem o resto do dia. Uma dor sofrida sem causa.”

– Pistas – digo.

– Claro, se quiser chamar assim. – Ela dá outra longa tragada no cigarro. – Há quatro tipos diferentes de maldição de memória. Um mestre de memória pode arrancar lembranças direto da sua cabeça, deixando o grande buraco que você mencionou, ou pode lhe dar novas lembranças de coisas que nunca aconteceram. Pode revirar suas

lembranças e descobrir coisas ou pode simplesmente bloquear seu acesso às suas lembranças.

– Por que fariam isso? Bloquear o acesso? – Toco no círculo liso e preto que é a pedra da memória. Ela escorrega nos meus dedos enluvados.

– Porque é mais fácil bloquear o acesso do que remover completamente uma lembrança, o que torna o feitiço mais barato. Assim como mudar um elemento de uma lembrança é mais fácil do que criar uma nova. E se você remover o bloqueio, a lembrança volta, o que é uma coisa boa, se você quer poder reverter o processo.

Mexo a cabeça, embora não tenha certeza de estar acompanhando.

– Um mestre de memória trapaceiro cobra para arrancar uma lembrança, mas só a bloqueia. Depois ele cobra da vítima para retirar o bloqueio. Isso é desonesto, mas o que essa gente sabe? Ninguém tem mais respeito por nada. – Ela olha para mim com atenção. – Sua família nunca contou nada disso a você?

– Não sou mestre – lembro a ela, mas a vergonha aquece meu rosto.

Eu devia saber; minha família devia ter confiado em mim o bastante. O fato de não terem me contado diz muito sobre o que pensam de mim.

– Mas seu irmão... – diz ela.

– O feitiço pode ser revertido? – pergunto, interrompendo-a. Não quero falar sobre minha família agora.

Ela olha para mim com tanta intensidade que baixo os olhos. Depois, ela limpa a garganta e começa a falar como se eu não tivesse acabado de ser incrivelmente rude.

– A magia de memória é permanente. Mas isso não significa que as pessoas não possam mudar suas mentes. Você pode fazer alguém se

lembrar de que você é a pessoa mais linda que há, mas ela pode olhar bem pra você e concluir que não acha isso.

Forço um sorriso, mas meu estômago está pesado, como se eu tivesse engolido chumbo.

– E feitiço de transformação?

Ela dá de ombros. Os sinos pendurados nas saias dela soam.

– O que tem?

– É permanente também?

– Outro mestre de transformação pode desfazer o feitiço, desde que a pessoa tenha sido transformada em uma coisa viva. Um transformador pode transformar um garoto em barco e depois de volta em garoto, mas ele não vai sobreviver à transformação. Quando uma coisa viva vira uma coisa inanimada, é o fim.

É o fim. Quero perguntar a ela sobre uma garota transformada em gato, mas não posso correr o risco de ser tão específico. Já corri muitos riscos.

– Obrigado – digo, ficando de pé. Não tenho certeza do que descobri, além de que as respostas de que preciso não vão ser fáceis de conseguir.

Ela pisca.

– Diga para aquele seu avô que Annie Torta perguntou por ele.

– Pode deixar – respondo, sabendo que não vou fazer isso. Se eu contasse que tinha ido perto de Carney, ele ia querer saber por quê.

Começo a descer o corredor quando me lembro de outra coisa e me viro.

– A Sra. Z ainda mora na cidade?

A mãe de Lila. Penso no modo como desliguei o telefone ao ouvir a voz dela, no modo como ela me olhou quando me encontrou no quarto do hotel no dia da festa de aniversário de Lila.

Que durante anos pensei que ela via alguma escuridão secreta em mim que nem eu mesmo tinha visto.

– É claro que sim – diz Annie. – Não pode sair de Carney, senão aquele marido vai atrás dela.

– Atrás dela?

– Ele acha que ela sabe para onde a filha foi e não quer lhe dizer. Falei que ela não devia se preocupar. Ela vai viver mais do que ele. Mesmo o Diamante da Ressurreição não pode funcionar para sempre.

– Aquela pedra preciosa que ele comprou em Paris com Lila?

Eu me lembro que o diamante tinha alguma coisa a ver com Rasputin, mas não lembrava que tinha nome.

– Dizem que carrega uma maldição, para que a pessoa que o usa nunca morra. Parece um monte de baboseira, não é? Isso significaria que a pedra pode fazer mais do que desviar maldições. Mas parece funcionar. Ninguém o matou ainda, mas muitas pessoas tentaram. Eu adoraria dar uma olhada nela. – Ela inclina a cabeça para o lado. – Você estava apaixonado por essa garota, Lila, não é? Agora que estou pensando no assunto, eu me lembro de você triste por causa dela. Você e aquele seu irmão.

– Isso tem muito tempo.

Ela se inclina para beijar minha bochecha, o que me surpreende e faz com que me encolha.

– Dois irmãos apaixonados pela mesma mulher nunca termina bem.

Barron saiu com muitas outras garotas enquanto saía com Lila. Garotas da idade dele, garotas da escola dele e que tinham carros. Lila ligava e perguntava por Barron, e eu contava uma mentira ruim e óbvia que eu torcia para que ela percebesse, mas ela sempre acreditava.

Conversávamos até Barron voltar para casa a tempo de dar boa-noite a ela ou até ela adormecer.

Mas as piores vezes eram quando ele estava em casa e falava com ela com voz entediada enquanto assistia à tevê.

– Ela é só uma criança – falou ele quando perguntei sobre ela. – Não é minha namorada de verdade. Além do mais, ela mora a umas duas horas de distância.

– Então, por que você não termina com ela? – Pensei no som da respiração dela ao telefone, parecendo entediada. Eu não entendia como ele podia querer qualquer outra pessoa além dela.

Ele sorriu.

– Não quero magoar os sentimentos dela.

Bati a mão na mesa de café. Pilhas de pratos e de restos tremeram.

– Você só está saindo com ela porque é filha de Zacharov.

Ele sorriu ainda mais.

– Você não sabe se é verdade. Talvez eu só esteja saindo com ela pra provocar você.

Eu queria contar a verdade para ela, mas aí ela pararia de ligar.

Os membros da *yakuza* colocam pérolas nos pênis, uma para cada ano que passam na cadeia. O cara faz um corte na pele do pênis usando uma lasca de bambu e empurra a pérola para dentro. Deve ser incrivelmente doloroso. Concluí que não devia ser tão ruim enfiar três pedrinhas sob a pele da minha perna.

No banco de trás do carro de vovô dobro a barra da perna esquerda da calça jeans até o joelho. Comprei o que pensei serem os suprimentos necessários em um mercado ali perto e, agora, no estacionamento, tiro tudo do saco plástico e coloco sobre o banco. Primeiro, raspo uma área

de 8 centímetros na minha panturrilha usando um barbeador descartável e lavo com água mineral. É um processo demorado. O barbeador é barato, e, quando termino, minha pele está vermelha e sangra em alguns pontos devido aos pequenos cortes.

Percebo que não tenho nada para limpar, e que provavelmente vai haver mais sangue do que eu esperava. Tiro minha camiseta e a aperto contra a pele, ignorando a ardência. Tenho uma garrafa de água oxigenada para fazer a esterilização, mas não faço. Talvez eu tenha coragem de usar no final, mas agora minha perna já dói bastante.

Tiro uma lâmina de dentro de uma caixa e olho com culpa pela janela do carro. Há famílias andando pelo estacionamento, crianças em carrinhos de compras, homens carregando bandejas de café. *Não olhem*, digo para eles silenciosamente, e passo a parte afiada contra minha pele.

Ela corta tão facilmente e, provocando tão pouca dor, que até me assusta. Só sinto uma ardência e uma estranheza fria pelos membros. Ela parece até enganar minha pele, porque por um momento só há uma linha na minha perna, onde a carne se parte. Em seguida, o sangue jorra pelo corte, primeiro em gotas, depois formando uma linha longa e vermelha.

Empurrar as pedrinhas para dentro é a parte mais excruciante. Parece que estou arrancando minha pele quando deslizo as três pedrinhas sob ela, uma para cada ano que achei que era um assassino. Cada uma dói tanto que tenho que sufocar uma vontade de vomitar enquanto passo o fio na agulha, curvo-a e dou dois pontos terríveis, malfeitos e dolorosos.

Vou para casa pegar Lila e vamos para o mais longe que pudermos. Talvez possamos ir para a China procurar alguém que a transforme de

volta em garota. Talvez eu a leve até o pai e tente explicar. Mas vamos esta noite.

Não fiz progresso em descobrir quem é o mestre de memória, mesmo depois de ir visitar Annie Torta, mas tenho mais certeza do que nunca de que fui enfeitiçado. Acho que é Anton, pois está óbvio que Philip e Barron estão conspirando juntos. Achei que Anton fazia feitiços de sorte, mas ele pode ter mexido na minha cabeça para me fazer pensar isso. Se ele é o mestre de memória, certamente bagunçou a de Barron.

E Philip deixou.

Observo a água oxigenada espumar, e digo para mim mesmo que não tem problema ficar tonto agora, que não tem problema minhas mãos tremerem, porque está feito. Acabou. Ninguém vai conseguir me fazer esquecer nada. Nunca mais.

Quando saio do carro na entrada da garagem de casa, reparo que as portas do celeiro estão abertas. Ando até lá e olho para dentro. Nada de armadilhas. Nada de gatos. Nada de olhos brilhando na escuridão.

Fico ali olhando por um bom tempo, tentando entender o que aconteceu. Depois corro até a casa e abro a porta com força.

– Onde estão os gatos? – grito.

– Seu irmão ligou para o abrigo de animais – diz vovô, tirando os olhos de uma pilha de lençóis comidos por traças. – Vieram hoje à tarde.

– E a gata branca? A minha gata?

– Você sabe que não podia ficar com ela – diz ele. – Deixe que vá para pessoas que possam cuidar dela.

– Como você pôde fazer isso? Como pôde deixar que a levassem?

Ele estica a mão, mas dou um passo para trás.

– Que irmão? Quem ligou para o abrigo? – Minha voz está trêmula de ódio.

– Você não pode botar a culpa nele. Ele só estava tentando ajeitar as coisas por aqui. Estavam fazendo muita sujeira no celeiro.

– Quem foi? – pergunto.

– Philip – diz ele, com um movimento de ombros. Ele continua falando, dizendo que os gatos não estarem mais lá é uma coisa boa, mas não estou ouvindo.

Estou pensando em Barron e Maura e em minhas lembranças roubadas e na gata desaparecida e em como vou fazer Philip pagar por isso. Por tudo. Com juro.

CAPÍTULO NOVE

ODEIO ENTRAR EM ABRIGOS.

Odeio o cheiro de urina, fezes, comida e jornal molhado, tudo misturado. Odeio o choramingo desesperado dos animais, os gritos sem fim que vêm das gaiolas e a culpa por não poder fazer nada por eles. Já estou me sentindo meio estranho quando entro no primeiro abrigo, e só a encontro no terceiro. A gata branca.

Ela olha para mim do fundo da gaiola. Não mia nem esfrega o focinho contra a grade, como alguns dos outros animais fazem. Parece uma cobra, pronta para dar o bote.

Mas não parece com nada que um dia tenha sido humano.

– O que você é? – pergunto. – Lila?

Isso faz com que ela fique de pé e ande até a frente da gaiola. Ela mia uma vez, lastimosa. Um tremor percorre meu corpo, em parte terror, em parte repugnância.

Uma garota não pode ser um gato.

A lembrança da última vez em que vi Lila toma conta da minha cabeça sem ser convidada. Sinto o sorriso brincando nos meus lábios quando olho para o corpo dela. Mesmo se a lembrança for falsa, parece real. Isso, a ideia de que ela está viva, de que ainda posso salvá-la, parece brincadeira de faz de conta. Como mentir para mim mesmo. Como enlouquecer.

Mas os olhos diferentes, um azul e um verde, parecem muito com os de Lila. Ela está olhando para mim. E embora eu possa estar

enlouquecendo, embora pareça impossível, tenho certeza de que é ela.

Eu me viro e ela mia repetidamente, mas me obrigo a ignorá-la e saio da área onde ficam os animais. Vou até a recepção, onde uma mulher enorme, usando um moletom com o desenho de um schnauzer, está dizendo para um sujeito onde pendurar folhetos que prometem uma recompensa pela pítton-real dele que desapareceu.

– Eu gostaria de adotar a gata branca – digo a ela.

Ela me entrega um formulário. Nele tenho que escrever o nome e o endereço do meu veterinário, há quanto tempo moro no meu endereço atual e se sou a favor da remoção das garras dos gatos. Escrevo as respostas que acho que eles querem e deixo a parte do veterinário em branco. Minhas mãos estão tremendo e sinto o mesmo que senti depois do acidente do meu pai, quando o tempo pareceu passar de uma forma diferente para mim em comparação às outras pessoas. Vai rápido demais e depois devagar demais, e só consigo pensar que, se eu sair daqui com a gata, vou poder me sentar e esperar que o tempo se ajeite.

– Este é seu aniversário? – pergunta ela, batendo no papel.

Faço que sim com a cabeça.

– Você só tem 17 anos.

Ela aponta para a parte que diz, em letras em negrito no alto da página: *Só pessoas acima de 18 anos podem adotar*. Fico olhando para as palavras. Costumo prestar atenção a coisas assim. Eu me preparo. Avalio as variáveis. Mas agora estou inspirando ar como um peixe fora d'água.

– Você não entende – digo e observo as sobrancelhas dela se franzirem. Não falei isso como eu pretendia. – Aquela gata é minha, a que eu queria adotar. Alguém deve tê-la trazido pra cá, mas ela é minha.

– Ela não estava de coleira – disse ela. – Nem com uma plaquinha de identificação.

Dou uma risada desconfortável, pego no flagra.

– A coleira sempre fica presa em algum lugar e ela a perde.

– Garoto, a gata era uma gata de rua que morava em um celeiro. Chegou há poucas horas, e se alguém a estava alimentando, não estava dando comida suficiente nem há muito tempo.

– Ela estava morando em um celeiro – digo. – Mas agora ela mora comigo.

A mulher sacode a cabeça.

– Não sei o que aconteceu, mas posso adivinhar. Você não teve permissão pra levar a gata pra casa e seus pais a mandaram pro abrigo. Irresponsável...

– Não foi isso que aconteceu.

Eu me pergunto o que ela faria se eu contasse o que achava que *tinha* acontecido. Quase dou uma risada.

O sino preso à porta toca quando um casal e uma criança entram no abrigo. A mulher com moletom de schnauzer se vira para eles com um sorriso.

– Viemos escolher um cachorrinho! – grita a garotinha. A pele ao redor da boca parece melada. As luvas dela estão cobertas de manchas marrons.

– Espere – peço, desesperado. – Por favor.

A mulher me lança um olhar rápido e cheio de pena.

– Volte quando convencer um de seus pais a lhe dar permissão. Como essa garota.

Respiro fundo.

– Você vai estar aqui amanhã? – pergunto.

Ela coloca a mão no quadril, já irritada e provavelmente zangada porque chegou a sentir pena de mim, mas eu não ligo.

– Não, mas o cara de amanhã vai dizer a mesma coisa. Traga um dos seus pais.

Concordo, mas não estou mais ouvindo, porque minha cabeça está cheia do som de Lila gritando na gaiola. Chorando e chorando, sem ninguém lá.

Meu pai me ensinou um truque para me acalmar. Para antes de eu entrar em uma casa para pegar alguma coisa ou se a polícia estivesse me interrogando. Ele me disse para imaginar que eu estava em uma praia e me concentrar nos sons da água limpa e azul batendo nos meus pés. Na sensação da areia entre meus dedos. Disse que eu respirasse fundo o ar cheio de maresia.

Não funciona.

Sam atende no segundo toque.

– Estou no ensaio da peça – diz ele, quase sussurrando. – Stavrakis está me olhando de cara feia. Fale rápido.

Tenho pouco para dizer a Sam. Estou prestes a confiar nele apesar de não costumar fazer isso, e sei que confiança não vale muito. Nem sei se ele vai topar.

– Preciso muito da sua ajuda.

– Você está bem? Parece sério.

Eu me faço dar uma risada.

– Tenho que tirar uma gata do Abrigo de Animais Rumelt. Vai ser algo como uma fuga da prisão.

Funciona. Ele ri.

– Gata de quem?

– Minha. O que você acha? Que ajudo gatos de estranhos a fugirem?

– Deixe-me adivinhar. Armaram pra cima dela. Ela é inocente.

– Assim como todo mundo que está na prisão. – Penso em minha mãe. A gargalhada sobe pela minha garganta do jeito errado: sarcástica, cruel. – Ótimo, pode ser amanhã? – pergunto quando consigo parar.

– É, é ele – ouço Sam dizer, mas sua voz está abafada, como se a mão estivesse sobre o telefone. – Quer ir? – Ele diz mais alguma coisa, mas não consigo ouvir.

– Sam! – digo, batendo a mão no painel do carro.

– Oi, Cassel. – É Daneca, falando baixinho. Daneca, da bolsa de maconha e das convicções, que nunca repara que a evito. – Que negócio é esse de gata? Sam diz que você precisa de ajuda.

– Só preciso de uma pessoa – explico.

A última coisa que quero fazer é executar o golpe com Daneca espiando por cima do meu ombro.

– Sam diz que precisa de carona.

– Qual é o problema com o carro dele?

Sam dirige um rabeção, que consome muita gasolina. Então, para ser responsável quanto ao meio ambiente, ele o converteu para ser movido a óleo de cozinha. O interior do carro sempre tem o agradável cheiro de fritura.

– Não sei bem – diz ela.

Acho que não tenho muita escolha. Mordo o interior da bochecha e falo as palavras:

– Que ótimo. Você é uma grande amiga, Daneca.

Desligo o telefone antes que eu seja mais agressivo, pois minha mente está ocupada imaginando como poderei pagar o débito que terei

com eles. Se todas as amizades são negociações de poder, perdi essa negociação feio.

Vovô está furioso quando chego em casa. Ele começa a gritar comigo quando entro pela porta. Fala umas idiotices sobre eu pegar o carro sem permissão e que aquela casa é minha e que eu deveria estar cuidando dela. Ele tem muito a dizer sobre o quanto está velho e enfermo, o que me faz rir, e meu riso o faz gritar mais alto.

– *Cale a boca!* – grito, e vou para meu quarto.

Ele não diz nada.

Vamos imaginar que a gata seja mesmo Lila. Só por mais um minuto, mesmo se você achar que enlouqueci. Só para tentar entender algumas coisas.

Alguém a fez ficar daquele jeito.

E esse alguém está trabalhando com meus irmãos.

E esse alguém deve ser um mestre de transformação, o que faz dele (ou dela) um dos mestres mais poderosos dos Estados Unidos.

O que significa que estou ferrado. Não posso lutar contra isso.

O pôster de Magritte que está colado acima de mim mostra as costas de um homem bem-vestido do século XIX olhando no espelho acima da lareira, mas o reflexo no espelho é sua nuca bem-penteada. Quando o comprei, gostei do fato de nunca poder ver o rosto do homem, mas agora, quando olho para ele, me pergunto se ele tem rosto.

Meu telefone toca por volta das 22 horas. É Sam, e quando atendo, percebo que ele está bêbado.

– Venha – diz ele, frenético e com voz arrastada. – Estou em uma festa.

– Estou cansado – digo.

Estou olhando para a mesma rachadura no gesso há horas. Não sinto vontade de me levantar.

– Venha – diz ele. – Eu nem estaria aqui se não fosse por você.

Eu me deito de lado.

– O que você quer dizer?

– Esses caras me amam, agora que sou o agenciador de apostas deles. – Ele ri. – Gavin Perry acabou de me oferecer uma cerveja! Você fez isso por mim, cara, e não vou me esquecer. Amanhã vamos buscar sua gata e então...

– Tudo bem. Onde você está?

É meio engraçado ele achar que me deve alguma coisa, porque ele é que tem feito coisas para mim o tempo todo. Eu me forço a sair da cama.

Afinal, não faz sentido ficar aqui. Só fico pensando em Lila sendo uma gata, enfiada em uma gaiola e chorando até a garganta doer, ou fico repassando minhas lembranças sem parar.

Ele me dá um endereço. É a casa de Zoe Papadopoulos. Já fui lá. Os pais dela viajam a trabalho, o que quer dizer que ela dá muitas festas.

Vovô está dormindo na frente da televisão. Vejo o governador Patton no noticiário, um dos grandes defensores da proposição 2, que vai obrigar todo mundo a fazer o exame para detectar quem é mestre e quem não é. Patton fica falando sobre o quanto acredita que os mestres devem se manifestar para apoiar a proposição, para que o mundo saiba que são os cidadãos bons e seguidores da lei que dizem ser. Ele explica que ninguém precisa saber o que está no papel, exceto o indivíduo. Atualmente, não tem planos para propor uma legislação que dê ao governo acesso aos registros médicos particulares. Sei.

Vovô ronca.

Pego as chaves e saio.

A casa de Zoe fica em uma das novas áreas de Neshanic Station, em um trecho de vários acres com um bosque junto. É enorme, e quando chego lá o caminho até a garagem está lotado de carros. As enormes portas duplas estão escancaradas e há uma garota que não conheço rindo histericamente na varanda, encostada em uma grossa coluna coríntia com uma garrafa de vinho tinto na mão.

– O que você está comemorando? – pergunto a ela.

– Comemorando – repete ela, como se não entendesse a palavra. Em seguida, um sorriso lento se espalha pelos cantos dos lábios dela. – A vida!

Não consigo nem dar um sorriso forçado em resposta. Minha pele coça de vontade de estar em outro lugar. De invadir o abrigo de animais. De estar *fazendo alguma coisa*. A espera é a pior parte do golpe, as longas horas antes que as coisas comecem a acontecer. É quando os nervos tomam conta das pessoas.

Eu entro, mandando meus nervos não tomarem conta de mim.

A sala de estar está cheia de velas queimadas até o final, e a cera derretida se acumula nos móveis. Só tem algumas pessoas ali, sentadas no chão e bebendo cerveja. Uma pessoa do segundo ano diz alguma coisa, e todo mundo olha para mim.

Demorou dois anos e meio para as pessoas esquecerem o que eu tinha de diferente e só 15 minutos para lembrarem. Minha insignificante e patética vida social está prestes a piorar.

Faço um movimento de cabeça e me pergunto se Sam está ao menos pegando apostas dos boatos sobre mim. É melhor que esteja.

Na cozinha, um grupo de alunos do último ano está reunido em torno de Harvey Silverman, que toma uma pirâmide de doses de bebida. Do lado de fora, perto da piscina, vejo a maioria do pessoal da festa. Está frio demais para nadar, mas algumas pessoas nadam ainda de roupa assim mesmo, com os lábios azuis à luz do jardim.

– Cassel Sharpe – diz Audrey, passando o braço pelo meu. – Vejam só quem o gato arrastou pra cá.

Os olhos de Audrey estão vidrados, e seu sorriso é vago. Ainda assim, está linda. Ela olha na direção de Greg Harmsford, encostado em uma estante, conversando com duas garotas do time de hóquei na grama. Eu me pergunto se eles vieram para a festa juntos.

– Como sempre – diz ela, olhando para mim –, observando dos cantos. Observando todo mundo. Nos julgando.

– Não é isso que estou fazendo – digo. Não sei como explicar o quanto tenho medo de ser julgado.

– Eu gostava quando você era meu namorado – diz ela, e apoia a cabeça no meu ombro, talvez por hábito, talvez por estar bêbada. Parece muito com um gesto de carinho por mim para ser fingimento. – Eu gostava quando você me observava.

Resisto à vontade de prometer que, se ela me contar as coisas que fiz certo, posso fazê-las de novo.

– Você não gostava quando eu era sua namorada? – pergunta ela, com a voz tão suave que é quase uma respiração.

– Foi você quem terminou – respondo, mas minha voz está baixa, e as palavras saem como uma carícia.

Não ligo para o que estou dizendo. Só ligo para mantê-la ali, conversando comigo. Ela me faz sentir como se fosse possível sair da minha vida antiga e entrar na dela, onde tudo é fácil e honesto.

– Não esqueci você – diz ela. – Acho que não.

– Oh! – digo, depois me inclino e a beijo.

Acho que não. Acho que não. Simplesmente pressiono minha boca contra a dela. Tem gosto de tequila. É um beijo horrível, cheio de tristeza e frustração, e da certeza de que estou estragando tudo e não sei como fazer outra coisa além de estragar tudo ainda mais.

Ela estica a mão e toca meu ombro com delicadeza. Não me empurra. Os dedos dela se prendem à minha nuca, o que faz cócegas e me faz sorrir contra seus lábios. Diminuo o ritmo. Melhor. Ela suspira contra a minha boca.

Deixo que meus dedos percorram seu osso da clavícula e cheguem à frente do pescoço. Quero beijá-la naquele lugar.

Quero deixar que minha boca e minha língua sigam a trilha de sardas sobre a pele pálida.

– Ei – diz Greg. – Solte-a.

Audrey cambaleia para trás e quase esbarra em Greg. Sinto como se tivesse saído de águas tão profundas que até dói. Esqueci que estávamos em uma festa.

– Você está bêbada – diz Greg para ela e a puxa pelo braço. Audrey balança, desequilibrada.

Meus dedos se dobram e fecho os punhos. Quero empurrá-lo contra a parede. Quero ferir minha mão de tanto socar a cara dele. Olho para Audrey em busca de um sinal. Digo para mim mesmo que se ela parecer assustada ou mesmo com raiva, vou machucá-lo.

Mas ela está olhando para baixo, com o rosto virado para o lado que não posso ver. Toda a fúria se transforma em autodesprezo.

– O que você veio fazer aqui? – pergunta Greg. – Pensei que o supervisor tivesse finalmente descoberto que você é um criminoso e

expulsado você.

– Achei que isso aqui não era um evento oficial patrocinado pela escola – retruquei.

– Ninguém quer você por perto, enfeitando as namoradas. – O sorriso dele é pretensioso. – Você e eu sabemos que esse é o único jeito de você arrumar uma.

Penso em Maura e estreito os olhos. É como se eu estivesse olhando para Greg por um túnel de escuridão. Meus punhos estão tão apertados que sinto as unhas através do couro das luvas. Bato nele, com força, e ele cai esparrama do no chão de madeira. Meu pé está afundando nas costelas dele quando Rahul Pathak me pega pela cintura e me afasta.

– Acalme-se, Sharpe – diz Rahul, mas luto para me soltar. Tudo que quero é chutar Greg de novo. Alguém que não consigo ver agarra meus pulsos e os torce nas minhas costas.

Audrey sumiu.

Greg fica de pé e limpa a boca.

– Vi o julgamento da sua mãe no jornal, Sharpe. Sei que você é como ela.

– Se eu fosse, faria você implorar pra me chupar – falo com escárnio.

– Leve-o para fora – diz alguém, e Rahul me guia em direção à porta.

As pessoas na piscina olham para cima quando passamos por eles. Várias pessoas sentadas em espreguiçadeiras ficam de pé, como se estivessem torcendo por uma briga.

Tento me soltar dos garotos que me seguram, e quando me soltam, me pegam desprevenido. Caio na grama.

– O que deu em você? – pergunta Rahul. Ele está ofegante.

Olho para as estrelas.

– Desculpe – digo.

A outra pessoa que estava me segurando era Kevin Ford. Ele é baixo, mas forte. Lutador. Está me observando como se quisesse que eu fizesse alguma coisa.

– Fique frio – diz Rahul. – Você não é de fazer essas coisas, cara.

– Acho que esqueci quem sou – digo.

Esqueci que não sou como eles, que nunca serei. Que aos poucos os convenci de ser o agenciador de apostas, mas que nunca fomos amigos. Esqueci a base delicada sobre a qual minha vida social estava construída.

Kevin e Rahul voltam para a casa. Kevin diz alguma coisa baixo demais para eu ouvir e Rahul dá uma risadinha.

Olho para as estrelas de novo. Ninguém me ensinou as constelações, então, para mim, elas não passam de pontos brilhantes. Caos. Sem padrão algum. Quando eu era criança, inventei uma constelação, mas nunca consegui encontrá-la de novo.

Alguém anda arrastando os pés pela grama e se inclina sobre mim, bloqueando as estrelas caóticas. Por um momento, acho que pode ser Audrey. É Sam.

– Aí está você – diz ele.

Fico de pé devagar enquanto Sam se vira, tropeça e vomita em um arbusto de hortênsias perto da janela da cozinha. Algumas garotas deitadas em espreguiçadeiras começam a rir.

– Estou feliz que esteja aqui – diz Sam quando termina. – Mas acho que é melhor você me levar pra casa.

Compro um café para ele em um drive-thru e coloco bastante açúcar. Imagino que vai ajudá-lo a ficar sóbrio, mas ele vomita quase tudo no asfalto do estacionamento. E enxágua a boca com o resto.

Ligo o rádio e ficamos sentados ouvindo, o estômago dele ronca. Outra música sobre ser enfeitiçado pelo amor. Como se fosse romântico sofrer uma lavagem cerebral.

- Eu costumava fingir que era mestre quando criança - diz ele.
- Todo mundo finge - digo-lhe.
- Até você?
- Principalmente eu.

Ofereço outro copo de café a ele. É meu e não misturei nada, mas deve haver mais pacotes de açúcar em algum lugar. Ele sacode a cabeça.

- Como as pessoas descobrem que são mestres? Quando você soube que não era?

- Tenho certeza de que foi igual com você. Nossos pais nos mandaram não brincar de enfeitiçar. Minha mãe chegou ao ponto de nos dizer que as crianças que faziam feitiços antes de crescer podiam morrer pelo rebote.

- Isso não é verdade?

Dou de ombros.

- O único modo de o feitiço matar você imediatamente é se você for um mestre de morte muito azarado quanto ao rebote. E, mesmo nesse caso, não importa quantos anos você tem. Mas meus irmãos souberam quando eram bem novos. Barron ganhava coisas porque as outras pessoas perdiam, entende? E Philip sempre se saía bem demais nas brigas.

Eu me lembro de mamãe ser chamada na escola quando Philip quebrou as pernas de três caras bem maiores do que ele. O rebote o deixou doente por um mês, mas ninguém mais mexeu com ele. Não sei como ela conseguiu, mas ninguém o entregou às autoridades. Tento

pensar em alguma coisa que aconteceu com Barron, mas nada me vem à mente.

– Quando você descobre que é mestre, aprende coisas secretas com os outros mestres. Não posso contar essa parte porque não sei.

– Você podia ter me contado *qualquer uma* dessas coisas?

– Não – digo, ligando o carro. – Mas você está tão bêbado que tenho quase certeza de que não vai se lembrar de nada.

Em algum momento entre pedir desculpas ao Sr. Yu por levar Sam para casa tão tarde, jogá-lo na cama e sair de ré da entrada da garagem da enorme casa de tijolos me dou conta de uma coisa.

Se Lila é uma gata, então tem um mestre de transformação aqui nos Estados Unidos. Eu já sabia disso, mas não tinha refletido sobre o que isso significava. O governo faria o impossível para contratá-lo. As famílias mafiosas ficariam desesperadas para recrutá-lo. É sobre isso que eles estão conspirando. Se Philip sabe quem é essa pessoa, o feitiço de memória faz sentido.

Eles têm um verdadeiro mestre de transformação.

É uma coisa que vale a pena me fazer esquecer.

CAPÍTULO DEZ

SAM E DANECA ME ENCONTRAM

do lado de fora do café. Estão sentados no capô do rabeção Cadillac Superior 1978 vintage, no estacionamento. Sam está com uma aparência horrível e toma muitos pequenos goles de café, como se estivesse tendo tremores. O carro está encerado; a tinta metálica preta só é maculada pelo adesivo que diz MOVIDO A 100% DE ÓLEO VEGETAL, colado bem acima do para-choque cromado. Sam está usando um paletó sobre uma camisa branca e gravata, mas o paletó está curto nos braços, como se tivesse sido esquecido no fundo do armário havia muito tempo.

Daneca fica estranha sem uniforme. O jeans está com as barras gastas acima dos chinelinhos, mas a blusa branca está passada com perfeição.

– Estou vendo que seu carro saiu do mecânico – digo a Sam.

Ele parece confuso.

– Meu carro...

Daneca o interrompe.

– Achei que eu devia vir de qualquer jeito, pois já tinha dito que viria.

Respiro fundo e passo as palmas das mãos úmidas na calça. Estou nervoso demais para me importar com a mentira deles.

– Agradeço muito por vocês virem me ajudar em pleno sábado – digo, virando uma nova página no comportamento cavalheiresco.

– E aí, qual é o lance com essa gata? – pergunta Daneca.

– É uma amiga da família – respondo, esperando que eles riam.

Sam desvia os olhos do café. Posso ver um brilho de suor em seu rosto. Ele parece de ressaca.

– Pensei que você tivesse dito que a gata era sua.

– Bem, ela é. Era. Era minha. – Estou confundindo a mim mesmo. Estou esquecendo o básico sobre mentir. Mantenha a história simples. A verdade é complicada, e é por isso que ninguém acredita nela quando confrontada com uma mentira um pouco razoável. – O que preciso que vocês façam é o seguinte... Acho que vocês não receberam minha mensagem de texto.

– Não estou bem-vestido o suficiente? – pergunta Sam, levantando-se para que possamos admirar a exuberância do terno dele. – Não alimente seu ódio.

– Você parece maluco – digo, sacudindo a cabeça. – Um manobrista maluco. Ou um garçom.

Ele olha para Daneca e ela cai na gargalhada.

– É por isso que você está vestido assim?

Sam se senta sobre o carro.

– Isso não é muito bom pro meu ego.

– Daneca pode fazer o que quero – digo. – Daneca está com a cara do personagem.

– Humilhação seguida de humilhação – geme Sam. – Daneca parece rica porque ela é rica.

– Você também – diz ela para ele, o que o faz colocar os óculos de sol e gemer de novo. Os pais de Sam são donos de uma cadeia de lojas de carros, o que torna uma ironia tanto o fato de ele ter um rabecão quanto o de ser contra o uso de petróleo.

– Não vai ser difícil – digo a ela, tentando afastar da cabeça todas as vezes em que a tratei mal. – Você vai ser uma garota legal e rica que devia estar cuidando da gata branca de pelo longo da avó. O nome dela é Coconut, mas na verdade ela tem um nome enorme que você não lembra. A gata usa uma coleira de cristais Swarovski que vale milhares de dólares.

Sam se senta ereto.

– Sua gata é persa? Adoro aquelas carinhas amassadas. Sempre parecem tão zangadas.

– Não – respondo, com o máximo de calma que consigo, embora tenha vontade de dar uma porrada na cabeça de Sam. – Minha gata, não. A gata dela. Deixe-me terminar.

– Mas ela não tem uma gata. – Ele ergue as duas mãos depois que vê meu olhar. – Tudo bem.

– Primeiro você entra procurando por Coconut, mas depois pergunta se eles têm *qualquer* gata peluda. Está desesperada. Sua avó vai chegar na segunda e vai matar você. Você vai pagar à pessoa da recepção 500 dólares por qualquer gata branca, sem precisar responder a perguntas. – Eles olham para mim com estranheza. – Não há monitores na recepção, eu verifiquei.

– Então eles me dão a gata e eu entrego o dinheiro? – pergunta Daneca.

Eu sacudo a cabeça.

– Não. Eles não têm nenhuma gata branca peluda. Nossa gata tem pelo curto.

– Cara, acho que seu plano está cheio de falhas – diz Sam lentamente.

– Confie em mim – digo a ele e dou meu maior e mais encantador sorriso.

Daneca vai até o Abrigo de Animais Rumelt e volta, um pouco abalada.

– Como foi? – pergunto.

– Não sei – diz ela, e por um momento fico furioso de não poder fazer a parte dela também. Fico furioso pelos pais dela não a terem ensinado a mentir e dar golpes direito, e acabo traído pela inexperiência dela.

– Tinha uma mulher lá? – pergunto, mordendo a parte de dentro da bochecha.

– Não, era um cara magrelo. Uns vinte e poucos anos, acho.

– O que ele disse quando você falou sobre o dinheiro? E a coleira?

– Nada – disse ela. – Ele não tinha nenhuma gata branca peluda. Não sei se fiz direito. Eu estava tão nervosa.

– Está tudo bem. – Pego a mão dela. – Mostrar nervosismo é bom. Você acabou de perder a Coconut da sua vovó. Qualquer um ficaria nervoso. Só me diga que deu meu número para ele.

– Essa foi a única hora em que ele pareceu interessado no que eu estava dizendo. – Ela ri. – E agora?

Dou de ombros.

– Agora, esperamos. A próxima parte só pode acontecer daqui a uma hora, pelo menos. – Olho para Daneca e ela me olha do mesmo jeito de quando me recusei a assinar qualquer uma das causas dela. É o olhar que dizia que traí quem ela achava que eu devia ser. Mas ela não tira a mão enluvada da minha.

– É nessa hora que vou fazer minha parte? – pergunta Sam.

Estou tão nervoso que fico enjoado. Essa parte é delicada e, se não funcionar, meu único plano alternativo é recrutar mendigos para tentar adotar a gata.

– Eu mesmo posso fazer isso – digo.

Ele me lança um olhar ferido.

– Quero ir ver você executar sua magia.

Eu me sinto mal por tê-lo arrastado até ali em um sábado sem motivo algum.

– Tudo bem – digo por fim. – Apenas acompanhe o que eu fizer.

Esperamos por uma hora e meia, tomando café e chocolate quente até sentir a pele tensa. Por fim, pego uma pulseira de uma bolsa da Claire's, coloco-a no bolso e pego um maço de folhetos na mochila. Daneca está comendo um pacote de grãos de café cobertos de chocolate e olhando para mim de um jeito estranho. Eu me pergunto se vou poder voltar para Wallingford ou se já revelei coisas demais sobre mim.

Fico na dúvida se devo dizer que a parte dela terminou e ela pode ir para casa, mas se eu fosse falar isso para ela devia ter feito mais de uma hora atrás, então decido que é melhor não fazer agora.

– Para que servem? – pergunta Sam, apontando para os folhetos.

– Você vai ver – respondo.

Cruzamos a rodovia, o que envolve correr por duas faixas de tráfego quando o sinal muda e depois andar por uma rua secundária até chegarmos ao abrigo. Há várias pessoas lá em um sábado, a maioria em uma sala de gatos onde enormes árvores cobertas de carpete são atacadas por felinos. Sinto meu coração despencar quando vejo que Lila não está lá dentro. A possibilidade de ela ter sido levada para a casa de alguma família faz meu coração tremer.

Lila.

Não estou mais fingindo nem refletindo quando penso no assunto.

A gata branca é Lila.

Sam olha para mim como se tivesse acabado de perceber que não tenho ideia do que estou fazendo. Limpo a garganta. O cara na recepção

olha para mim. O rosto dele é coberto de espinhas.

– Ei, posso pendurar isso aqui? – pergunto, e mostro um folheto.

O papel é branco e brilhoso, e o folheto mostra a foto do gato persa mais fofo e bonitinho que consegui encontrar na internet, sem coleira. A imagem perfeita para nossa descrição de Coconut. Acima da foto há a palavra ENCONTRADO e um número de telefone. Coloco o folheto sobre a bancada da recepção, na frente do cara.

– Claro – diz ele.

Ele é um alvo perfeito. É bem jovem para querer o dinheiro e a glória de ajudar uma garota bonita. Fico repentinamente muito feliz de Daneca ter decidido fazer parte do plano.

Começo a prender um folheto no quadro de avisos, rezando para que, no meio do caos, o cara olhe para o que deixei para ele. Uma mulher mais velha começa a fazer perguntas sobre um mestiço de pitbull, distraíndo-o. Sam fica inquieto a meu lado, como se não tivesse ideia do que está acontecendo. Solto o papel como se tivesse sido sem querer e me abaixo para pegá-lo.

Por fim, a mulher vai embora.

– Obrigado por me deixar pendurar aqui – digo, para chamar a atenção do cara, e ele acaba olhando para o folheto. Posso ver seu cérebro fazendo as conexões por trás dos olhos.

– Ei, você achou essa gata? – pergunta ele.

– Achei – respondo. – Estou com esperança de ficar com ela. – As pessoas adoram ajudar, porque faz com que se sintam bem. A cobiça é o glacê do bolo. – Minha irmãzinha está superanimada. Ela quer um gato faz algum tempo.

Sam me olha quando falo “super”. Acho que ele está certo; preciso manear um pouco.

Enfio a mão no bolso e tiro a pulseira. Ela brilha nas luzes fluorescentes.

– Olha só essa coleira espalhafatosa. – Dou uma risada. – Quem coloca uma coisa assim num gato?

– Acho que eu talvez conheça a dona – diz o cara lentamente. Os olhos dele brilham como a pulseira.

Já vi pessoas menos convincentes do que ele.

– Cara, minha irmã vai ficar decepcionada. – Eu inspiro e expiro. – Bem, fale para sua amiga me ligar.

Esse é o momento da verdade, e quando olho no rosto do alvo, na recepção, percebo que ele está nas minhas mãos. Ele provavelmente não é um cara ruim, mas aqueles 500 dólares são muito atraentes. E ainda tem a coleira.

Além do mais, ele teria uma desculpa para ligar para Daneca.

– Espere – diz ele. – Talvez você possa trazer a gata para cá. Tenho certeza de que conheço a dona. O nome da gata é Coconut.

Eu me viro em direção à porta e depois volto a me virar para ele.

– Foi burrice minha falar pra minha irmã, mas agora ela está toda animada e... bem, acho que você não deve ter uma gata branca aqui, né? Só falei pra ela que a gata era branca.

Ele parece ansioso.

– Temos, sim. Claro.

Expiro fundo. Não estou fingindo o alívio que sei que toma conta do meu rosto.

– Ah, que ótimo. Eu adoraria levar uma gata branca pra casa e dar pra ela.

Ele sorri. Como falei, as pessoas adoram ajudar, principalmente quando conseguem ganhar alguma coisa ao fazer isso.

– Legal – digo. – Me dê o formulário e vamos levar a gata. A gatinha peluda da sua amiga está na casa dele, então vamos buscá-la e depois trazemos pra você. – Aponto para Sam ao falar.

– Ela deve estar enchendo o sofá da minha mãe de pulgas – diz Sam, no momento perfeito. Eu queria poder dizer isso a ele, mas só posso lançar-lhe um olhar agradecido.

O alvo me entrega o formulário, e desta vez sei o que fazer. Escrevo que tenho 19 anos, coloco o nome de um veterinário e invento um nome que não tem nada a ver com o meu.

– Trouxe a identidade? – pergunta ele.

– Claro – respondo, e enfio a mão no bolso de trás para pegar a carteira. Eu a abro e olho o local onde fica a carteira de habilitação. A minha não está lá.

– Ah, *cara* – digo. – Hoje não é meu dia.

– Onde você deixou? – pergunta o sujeito.

Sacudo a cabeça.

– Não faço ideia. Olhe só, eu entendo que isso é violar as regras e tal. Tenho outro lugar onde preciso pendurar folhetos, depois vou procurar minha carteira de habilitação. Talvez sua amiga possa me ligar e aí eu levo a gata pra ela. Minha irmã vai entender.

O cara me olha por um tempo, avaliando.

– Você tem a grana pra adoção? – pergunta ele.

Olho para o papel, mas já sei o que ele vai dizer.

– Cinquenta pratas, claro.

O sino da porta toca e algumas pessoas entram, mas o cara atrás do balcão da recepção mantém os olhos em mim. Ele passa a língua nos lábios.

Pego o dinheiro e coloco sobre a bancada, na frente dele. Gastei boa parte das minhas economias nos últimos dias, tanto por causa de apostas ruins quanto de gastos. Vou ter que ser cuidadoso se Lila e eu quisermos viver do resto.

– Tudo bem, vou dar um jeito – diz o alvo, pegando o dinheiro.

– Oh! Legal. Obrigado. – Sei que não devo exagerar.

– Então, quanto à gata peluda – diz Sam, e fico paralisado, torcendo para que ele não troque os pés pelas mãos. Ele está olhando para o cara atrás da bancada da recepção. – Você precisa ligar pra sua amiga?

– Vou ligar – diz ele, e posso ver uma vermelhidão subindo por seu pescoço. – Quero surpreendê-la.

Uma mulher vai até a bancada com um formulário preenchido na mão. Ela parece impaciente. Preciso me meter.

– Podemos levar a gata agora? – pergunto. Coloco a pulseira em cima da bancada. – Ah, sua amiga provavelmente vai querer a coleira de volta também.

Ele olha para a mulher e depois para mim. Então sua mão se fecha sobre a pulseira, ele vai até a parte de trás do abrigo e volta alguns minutos depois com uma caixa de papelão para transporte de animais.

Minha mão treme quando a pego. Sam sorri impressionado, mas só consigo pensar que a recuperei. Consegui. Ela está bem ali, nas minhas mãos. Olho pelos buraquinhos e a vejo, indo de um lado para o outro. Lila. Uma sensação de pavor percorre meu corpo quando penso no quanto é errado que ela esteja presa naquele corpinho.

– Volto em uma hora – digo para o cara, torcendo para nunca voltar a vê-lo.

Odeio essa parte.

Sempre odeio a parte em que sei que eles vão esperar, com a esperança se transformando em vergonha por causa da ingenuidade.

Mas contraio o maxilar, pego a caixa de transporte com Lila dentro e saio.

Quando abro a caixa no estacionamento do café a primeira coisa que ela faz é morder com força a base da minha mão. A segunda coisa, é ronronar.

Mamãe diz que por conseguir fazer as pessoas sentirem o que ela quer que sintam, sabe o que elas pensam. Ela diz que se eu fosse como ela, também teria esse instinto. Talvez ser um mestre influencie a pessoa a ser mística, mas acho que mamãe sabe sobre as pessoas porque observa rostos de perto. As pessoas fazem expressões que duram menos de um segundo – são chamadas de microexpressões, pistas fugazes que revelam muito mais do que desejamos. Acho que minha mãe vê essas coisas sem nem perceber. Eu também vejo.

Por exemplo, quando voltamos andando para o café com a gata nos meus braços, percebo que Sam está apavorado por causa do golpe, pela participação que teve nele, por eu ter planejado tudo. Consigo perceber. Independentemente do quanto ele sorria.

Mas não sou minha mãe. Não sou mestre de emoções. Saber que ele está apavorado não me ajuda. Não consigo fazê-lo se sentir diferente.

Coloco a gata sobre uma das mesas do café e pego alguns guardanapos para limpar o sangue do meu pulso. Minha mão está latejando. Daneca está sorrindo para a gata como se ela fosse uma peça de prataria da marca Gorham que caiu de um caminhão.

Lila mia alto, e o barista olha por trás da máquina de café expresso. A gata mia de novo e lambe a espuma da beirada do copo de papel de

Daneca.

Fico olhando para Lila, a gata, incapaz de fazer qualquer coisa mais além de sufocar o estranho som de lamento que sobe pela minha garganta.

– Não – diz Daneca, sacudindo a mão para afastar o animal. Ela sibila, deita-se sobre a mesa e começa a lamber a pata.

– Você não vai acreditar no que ele fez – diz Sam para Daneca, inclinando-se para a frente com ansiedade.

Olho para o barista, para os outros clientes e para ele. Todo mundo já está prestando muita atenção em nós. A gata começa a morder uma pata.

– Sam – falo, como um aviso.

– Sabe, Sharpe – diz ele, olhando para mim e depois ao redor. – Você tem algumas habilidades interessantes. E algumas paranoias interessantes.

Sorrio em reconhecimento às palavras dele, mas elas magoam. Tenho sido tão cuidadoso para não deixar que ninguém da escola veja o outro lado de mim, o que sou, e joguei isso no lixo em meia hora.

Daneca inclina a cabeça.

– É fofo. Tanto trabalho por uma gatinha. – Ela acaricia a cabeça da gata, atrás das orelhas.

Meu celular vibra no bolso. Fico de pé, joo os guardanapos com sangue no lixo e atendo.

– Alô.

– É melhor você voltar para cá com meu carro – diz vovô. – Antes que eu ligue para a polícia e diga que você o roubou.

– Desculpe – digo, arrependido. Aí penso no que ele falou e dou uma risada. – Espere, você acabou de me ameaçar com a polícia? Eu gostaria

de ver isso.

Vovô resmungava alguma coisa e acho que também está rindo.

– Vá para a casa de Philip, ele quer jantar com a gente. Disse que Maura vai cozinhar. Você acha que ela cozinha bem?

– Que tal eu levar uma pizza? – pergunto, olhando para a gata. Ela está se esfregando na mão de Daneca. – Vamos ficar só nós dois em casa.

Acho que não estou pronto para ver Philip sem cuspir na cara dele.

– Tarde demais, preguiçoso. Ele já me pegou, e você é minha carona para casa, então traga essa bunda para o apartamento do seu irmão.

Começo a responder, mas a linha fica muda.

– Está encrocado? – pergunta Sam. Pelo modo como ele fala, fico achando que está pensando em como sair dali se eu disser que sim.

Sacudo a cabeça.

– Jantar de família. Estou atrasado.

Quero dizer a eles o quanto estou agradecido, o quanto lamento tê-los arrastado para a minha confusão, mas nada disso é verdade. Só lamento por mim mesmo. Lamento que agora eles saibam de uma coisa que não quero que saibam. Queria poder fazê-los esquecer. Por um momento entendo perfeitamente o impulso de fazer feitiço de memória.

– Hã... – digo. – Será que um de vocês pode ficar com a gata por algumas horas?

Sam geme.

– Peraí, Sharpe. O que está acontecendo de verdade?

– Eu fico com ela – diz Daneca. – Com uma condição.

– Talvez eu possa deixá-la no carro – digo.

O que quero é olhar seus estranhos olhos de gato, suas pequenas patas e perguntar se ela é Lila. Mesmo já tendo tirado minha conclusão. Quero concluir de novo.

– Você não pode deixar uma *gata* em um *carro* – diz ela. – Ela vai sentir calor.

– É claro. Você está certa. – Sorrio, mas parece uma careta. Sacudo a cabeça, como se estivesse tentando tirar a expressão do rosto. Estou completamente fora do ritmo. Estou perturbado. – Você pode ficar com ela esta noite?

A gata geme do fundo da garganta.

– Confie em mim – digo para a gata. – Tenho um plano.

Daneca e Sam olham para mim como se eu tivesse enlouquecido.

Não quero ficar longe dela, mas vou precisar de um pouco de tempo para pegar o restante do dinheiro na biblioteca e arrumar um carro. Depois, podemos sair da cidade. É o único jeito de ela ficar em segurança.

Daneca dá de ombros.

– Acho que sim, mas vou para o alojamento esta noite. Meus pais têm uma conferência, por isso vão para Vermont de carro depois do jantar. Minha colega de quarto não é alérgica, e tenho certeza de que vamos conseguir esconder a gata. Acho que vai dar certo.

Lila sibila, mas me levanto mesmo assim, imaginando-as fazendo uma festa do pijama juntas. Eu me pergunto que tipo de sonhos Daneca vai ter.

– Obrigado – digo mecanicamente. Minha mente está em disparada, planejando.

– Espere – diz ela. – Falei que tinha uma condição.

– Ah! – digo. – Claro.

– Quero que me leve em casa.

– Eu posso... – Sam começa a dizer.

Daneca o interrompe.

– Não, preciso que Cassel me leve. E que concorde em entrar em casa por um minuto.

Eu suspiro. Sei que a mãe dela quer falar comigo, provavelmente porque acha que sou um mestre que se recusa a se juntar à causa.

– Não tenho tempo. Tenho que ir para a casa do meu irmão.

– Você tem tempo – diz Daneca. – Falei que é só um minuto.

Suspiro de novo.

– Tá, tudo bem.

A casa de Daneca fica perto da rua principal de Princeton. É uma elegante casa colonial de tijolos com hortênsias verdes e brancas ladeando a entrada. Tem cheiro de dinheiro antigo, do tipo de educação que permite que a elite permaneça do mesmo jeito e de privilégio intimidante. Eu nunca nem mesmo invadi uma casa assim.

Daneca, é claro, entra como se não fosse nada. Deixa a mochila no chão da entrada, coloca o transportador da gata no chão de madeira encerada e desce um corredor cheio de velhos entalhes do cérebro humano.

A gata mia baixinho na caixa.

– Mãe – chama Daneca. – *Mãe*.

Paro na sala de jantar, onde há um vaso azul e branco cheio de flores meio murchas sobre uma mesa encerada, entre castiçais de prata.

Meus dedos coçam para enfiar aqueles castiçais na mochila.

Olho para o corredor instintivamente e vejo um garoto louro, que parece ter uns 12 anos, de pé na escada. Ele me observa como se soubesse que sou um ladrão.

- Hum, oi - digo. - Você deve ser irmão de Daneca.
- Tanto faz - diz o garoto, e sobe a escada.
- Aqui - chama a mãe de Daneca, e sigo naquela direção.

Daneca está esperando por mim perto de uma porta entreaberta que dá em um salão cheio de livros até o teto alto. A Sra. Wasserman está sentada em um pequeno sofá, perto de uma escrivaninha.

- Se perdeu? - pergunta Daneca.
- A casa é grande - respondo.

- Bem, traga-o aqui - diz a Sra. Wasserman, e Daneca me leva para dentro. Ela se senta na cadeira de madeira em frente à escrivaninha da mãe e gira um pouco, empurrando com a ponta do pé.

O que me sobra para sentar é a beirada de uma poltrona de couro marrom.

- É um prazer conhecê-la - digo.

- É mesmo? - A Sra. Wasserman tem um cabelo castanho-claro e encaracolado, meio bagunçado, que ela não parece se dar o trabalho de ajeitar. Os pés descalços estão enfiados debaixo de uma manta mesclada de bege que parece macia. - Fico feliz. Ouvi falar que você estava um pouco desconfiado.

- Não quero desapontá-la, mas não sou mestre - digo a ela. - Achei que talvez tenha havido algum mal-entendido.

- Você sabe de onde vem a palavra "mestre"? - pergunta ela, inclinando-se para a frente e ignorando meu desconforto.

- De *mestre* de magia? - pergunto.

- É bem mais recente do que isso - diz ela. - Há muito, muito tempo, éramos chamados de teurgistas. Mas, do século XVII até os anos 1930, passamos a ser chamados de mãos hábeis. O termo mestre deriva da época dos campos de trabalho. Quando a proscrição foi aprovada,

ninguém sabia como aplicá-la, então as pessoas esperavam pelos julgamentos em campos de trabalho forçado. O governo demorou muito tempo para decidir como conduzir um julgamento. Algumas pessoas esperaram anos. Nesses campos, os mais novos começaram a chamar os mais velhos de mestres. Foi quando as famílias mafiosas surgiram, nesses campos. Eles começaram a recrutar. A proscrição criou o crime organizado que conhecemos.

“Na Austrália, por exemplo, onde fazer feitiços nunca foi ilegal, não há organização alguma com o tipo de poder que nossas famílias mafiosas têm. E na Europa as famílias estão tão estabelecidas que são praticamente uma segunda realeza.”

– Algumas pessoas acham que os mestres são reis e nobres – digo, pensando na minha mãe. – E a Austrália nunca tornou os feitiços ilegais porque foi fundada por mestres, ou mãos hábeis, sei lá, que foram enviados para uma colônia penal.

– Você sabe a história, mas quero que veja uma coisa. – A Sra. Wasserman coloca uma pilha de grandes fotos em preto e branco na minha frente. Homens e mulheres com mãos cortadas, equilibrando tigelas na cabeça. – Era isso que acontecia aos mestres no mundo todo, e ainda acontece em certos lugares. As pessoas falam que os mestres abusaram dos poderes que têm, que eram o verdadeiro poder por trás dos tronos, que eram fazedores de reis, mas você tem que entender que a maior parte dos mestres morava em aldeias pequenas. Muitos ainda moram. E a violência contra eles não é levada a sério.

Ela está certa quanto a isso. É difícil levar a violência a sério quando os mestres são aqueles que têm todas as vantagens. Olho para as fotos de novo. Meus olhos voltam sempre para a carne brutalizada e rompida, cicatrizada e preta, provavelmente queimada.

Ela me vê olhando.

– O surpreendente é que alguns deles aprenderam a enfeitiçar com os pés – diz ela.

– É mesmo?

Olho para ela. Ela sorri.

– Se mais pessoas soubessem disso, não sei se as luvas seriam tão populares. Usar luvas é um hábito que data do Império Bizantino. Naquela época, as pessoas as usavam para se proteger do que chamavam de *o toque*. Elas acreditavam que os demônios andavam entre as pessoas e que seu toque provocava caos e terror. Naquela época, achavam que os mestres eram demônios com os quais você podia negociar e obter grandes recompensas. Se você tivesse um bebê mestre, era porque um demônio tinha entrado nele. Justiniano I, o imperador, pegou todos esses bebês e os criou em uma enorme torre para serem um exército invencível de demônios.

– Por que está me contando isso? Sei que os mestres já foram considerados várias coisas muito idiotas.

– Porque Zacharov e os outros chefes de famílias mafiosas estão fazendo a mesma coisa. O pessoal deles fica em rodoviárias das grandes cidades esperando pelos fugitivos. Dão a eles um lugar para ficar e alguns trabalhinhos, e, antes que percebam, estão como as crianças-demônios bizantinas, tão endividadas que era melhor serem prisioneiros ou prostitutas.

– Temos um garoto morando conosco – diz Daneca. – Chris. Os pais dele o expulsaram.

Penso no garoto louro na escada.

A Sra. Wasserman olha com severidade para Daneca.

– Essa história quem tem que contar é o Chris.

– Tenho que ir – digo, ficando de pé. Estou pouco à vontade; sinto como se minha pele estivesse apertada demais no meu corpo. Tenho que sair dessa conversa.

– Quero que você saiba que, quando estiver pronto, posso ajudá-lo – diz ela. – Você poderia salvar muitos garotos das torres.

– Não sou quem você pensa que sou – digo. – Não sou mestre.

– Você não precisa ser – diz a Sra. Wasserman. – Você sabe de coisas, Cassel. Coisas que poderiam ajudar pessoas como Chris.

– Eu acompanho você – diz Daneca.

Vou rapidamente em direção à porta. Tenho que me afastar. Sinto como se não conseguisse respirar.

– Tudo bem. Vejo você amanhã – murmuro.

CAPÍTULO ONZE

O CHEIRO INTENSO DE

cordeiro com alho me atinge em cheio quando abro a porta do apartamento de Philip e Maura. Apesar do discurso sobre como eu deveria ir logo para lá, vovô está dormindo em uma poltrona reclinável com uma taça de vinho tinto apoiada na barriga, presa na mão esquerda e levemente inclinada em direção ao peito. Na televisão, um pregador está incitando os mestres a se voluntariarem a fazer o exame, para que as pessoas possam tocar as mãos umas das outras em um gesto de amizade, sem luvas. Ele diz que todas as pessoas são pecadoras e que o poder é muito tentador. Os mestres vão acabar cedendo se não forem controlados.

Não acho que ele esteja errado, exceto pela ideia de tocar as mãos de estranhos, o que me parece nojento.

Ouçó o barulho de pratos quando Philip sai da cozinha. Hesito ao vê-lo. É como ter uma espécie de visão dupla surreal. Philip, meu irmão. Philip, que provavelmente está roubando as minhas lembranças e as de Barron.

– Está atrasado – diz ele.

– O que estamos comemorando? – pergunto. – Maura está caprichando.

Barron aparece atrás de Philip, segurando mais duas taças de vinho. Ele parece mais magro do que na última vez em que o vi. Seus olhos

estão vermelhos e o cabelo curto de advogado está grande, desgrenhado, encaracolado.

– Ela está surtando. Fica dizendo que nunca deu um jantar. É melhor você voltar para lá, Philip.

Quero sentir pena dele quando penso em todas aquelas porcarias de bilhetes que escreveu para si mesmo, mas só consigo ver a gaiolinha de ferro no piso grudento devido às camadas de mijo. Só consigo imaginá-lo aumentando o volume da música para ocultar os miados de Lila.

Philip levanta as mãos.

– Maura sempre faz tempestade em copo d'água.

Ele vai em direção à cozinha.

– Por que estamos aqui? – pergunto a Barron.

Ele sorri.

– O recurso de mamãe está quase no fim. Só estamos esperando pelo veredito. Está acontecendo.

– Mamãe vai sair?

Pego uma taça das mãos dele e tomo o vinho de um gole. O fato de o primeiro sentimento que tenho ser pânico é errado. Mamãe sair da prisão significa tê-la de volta em nossas vidas, se metendo. Significa o caos.

Mas logo lembro que não estarei aqui. No trajeto até a casa de Philip, desisti da ideia de arranjar um carro. Amanhã vou usar um dos computadores da escola para comprar passagens de trem para o sul.

Barron olha para vovô e depois para mim.

– Depende do veredito, mas estou bem otimista. Perguntei a dois dos meus professores e eles acharam impossível ela não conseguir. Disseram que ela tem um dos melhores casos que já viram. Tenho

trabalhado no caso como um estudo independente, então meus professores também estão envolvidos.

– Ótimo – digo, sem prestar muita atenção. Queria saber se consigo pagar uma cabine no trem.

Vovô abre os olhos e percebo que ele não estava inconsciente.

– Pare com essa merda, Barron. Cassel é inteligente demais para acreditar em você. O importante é que sua mãe vai sair, e torço para que ela fique feliz de ir para uma casa arrumada. O garoto está fazendo um ótimo trabalho.

Maura passa a cabeça pela porta da cozinha.

– Ah, você chegou – diz ela. Está usando um conjunto de moletom rosa. Consigo ver os ossos da clavícula logo acima do zíper do casaco de capuz. – Que bom. Sente-se. Acho que estamos prontos pra comer.

Barron entra na cozinha, e quando começo a ir atrás, vovô segura meu braço.

– O que está acontecendo?

– O que você quer dizer? – pergunto.

– Sei que vocês, garotos, estão planejando alguma coisa, e quero saber o que é.

Posso sentir o cheiro de vinho em seu hálito, mas ele parece perfeitamente lúcido.

Quero contar a ele, mas não posso. Ele é um cara leal, e acho difícil imaginá-lo envolvido no sequestro da filha do chefe, mas minha falta de imaginação não é um motivo bom o bastante para eu confiar.

– Nada – digo, reviro os olhos e vou me sentar à mesa para jantar.

Maura colocou uma toalha branca sobre a mesa da cozinha e acrescentou duas cadeiras dobráveis. Sobre a mesa estão os castiçais de prata que um cara que todos chamam de tio Monopoly deu para Philip

de casamento e que tenho certeza de que são roubados. As velas acesas deixam melhor a aparência de tudo, principalmente porque o resto da cozinha fica na sombra. Um assado de cordeiro com fatias de alho espetadas na carne parecendo pedaços de osso está em uma travessa ao lado de uma tigela de cenouras e chirívias assadas. Vovô toma quase todo o vinho de uma taça que Barron volta a encher toda hora, mas eu tomo o suficiente para ficar apenas agradavelmente alegre. Até o bebê parece feliz por bater um chocalho de prata na bandeja e sujar o rosto de purê de batata.

Reconheço também os pratos nos quais estamos comendo. Ajudei mamãe a roubá-los.

Olhar para o espelho no corredor é como nos ver em um espelho da casa maluca de um parque de diversões, uma paródia de reunião de família. Observem-nos comemorando nossas empreitadas criminais. Observem-nos rir. Observem-nos mentir.

Maura está trazendo o café quando o telefone toca. Philip se levanta e volta alguns minutos depois, com o telefone esticado em minha direção.

– Mamãe – diz ele.

Pego o telefone da mão dele e ando de volta para a sala de estar.

– Parabéns – digo ao telefone.

– Você tem evitado minhas ligações. – Mamãe parece achar graça em vez de se irritar. – Seu avô disse que você estava se sentindo melhor. Ele diz que garotos que se sentem melhor não ligam para as mães. É verdade?

– Estou 100 por cento – digo a ela. – Nunca estive melhor.

– Aham! E você anda dormindo bem?

– Na minha própria cama, inclusive – respondo com alegria.

– Engraçadinho – diz ela. Ouço-a soltar o ar longamente, o que deixa claro que está fumando. – Fico feliz que você ainda consiga ser engraçado.

– Me desculpe – digo de novo. – Estou com muita coisa na cabeça.

– Seu avô também falou isso. Disse que você anda pensando muito em certa pessoa. Pensar faz a gente falar, Cassel. Havia outras pessoas a seu lado naquela época. Fique ao lado dessas pessoas e se esqueça dela.

– E se eu não conseguir? – pergunto. Não sei o que ela sabe nem ao lado de quem está, mas uma parte infantil de mim quer acreditar que ela me ajudaria, se pudesse.

Há um momento de hesitação.

– Ela se foi, querido. Você tem que parar de deixá-la ter poder sobre...

– Mamãe – digo, interrompendo-a. Vou para mais longe da cozinha, até chegar perto do janelão da sala de estar, perto da porta da frente. – Que tipo de mestre Anton é?

A voz dela fica mais baixa.

– Anton é sobrinho de Zacharov, herdeiro dele. Fique longe dele e deixe seus irmãos tomarem conta de você.

– Ele é mestre de memória? Só me diga isso. Diga sim ou não.

– Coloque Philip na linha.

– Mamãe – digo de novo. – Por favor, me conte. Posso não ser mestre, mas ainda sou seu filho. Por favor.

– Coloque seu irmão de volta na linha, Cassel. *Agora mesmo.*

Por um momento penso em desligar. Depois penso em bater com o telefone no chão até ele quebrar. Nenhuma das duas opções vai me dar nada além de satisfação.

Ando pela casa e coloco o telefone ao lado do prato de torta de Philip.

– Nos meus dias – diz vovô. Ele está no meio de um de seus discursos. – Nos meus dias, os mestres ainda eram respeitados. Preservávamos a paz nos bairros. Era ilegal, claro, mas os policiais olhavam para o outro lado se tivessem o mínimo de bom-senso.

Ele está bêbado.

Barron e vovô vão para a sala assistir televisão enquanto Philip conversa com mamãe na extensão do escritório. Maura está de pé na pia, jogando os restos de comida no triturador de lixo. Ela raspa uma panela com os lábios repuxados, como um cachorro antes de morder.

Quero contar a ela sobre as lembranças desaparecidas, mas não sei como fazer isso sem irritá-la.

– O jantar estava bom – digo, por fim.

Ela se vira e relaxa o rosto, formando uma expressão agradável e vaga.

– Queimei as cenouras.

Coloco as mãos nos bolsos, constrangido.

– Estava gostoso.

Ela franze a testa.

– Está precisando de alguma coisa, Cassel?

– Eu queria agradecer a você. Por me ajudar no outro dia.

– E por mentir para sua escola? – pergunta ela, com um sorriso dissimulado. – Ainda não ligaram.

– Vão ligar. – Pego outro pano de prato e começo a secar uma faca. – Você não tem lava-louças?

– Faz as facas ficarem cegas – diz ela, pegando a faca de minhas mãos e colocando-a em uma gaveta. – E a panela tinha muita gordura grudada no fundo. Algumas coisas ainda têm que ser feitas à mão.

Coloco o pano sobre a bancada, tomando uma decisão repentina.

– Tenho uma coisa para você.

Ando até onde está meu casaco e enfio a mão no bolso interno.

– Ei, venha sentar com a gente – grita Barron.

– Já vou – digo, voltando rapidamente para a cozinha.

– Olha – digo a Maura, esticando a mão para mostrar a ela o amuleto de ônix. – Sei que você falou sobre ser esposa de mestre e...

– Que gentil de sua parte – diz ela. A pedra brilha sob a pouca luz como uma gota derramada de piche. – Igual ao seu irmão. Vocês não entendem favores, só trocas.

– Pegue uma agulha e costure-o no seu sutiã – digo a ela. – Promete?

– Encantador. – Ela inclina a cabeça. – Você parece com ele, sabe. Com meu marido.

– Imagino que sim – digo. – Somos irmãos.

– Você é bonito com esse cabelo preto desgrenhado. E com esse sorriso torto. – São elogios, mas ela não fala como quem elogia. – Você treina esse sorriso?

Às vezes, em situações intensas, não consigo deixar de sorrir um pouco.

– Meu sorriso é naturalmente torto.

– Você não é tão encantador quanto pensa que é – diz ela, andando até mim, chegando tão perto que sinto seu hálito quente e azedo em meu rosto. Dou um passo para trás, e minhas pernas se chocam com a beirada da bancada. – Você não é tão encantador quanto ele.

– Tudo bem – digo. – Só prometa que vai usar.

– Por quê? – pergunta ela. – Que tipo de amuleto é tão importante?

Olho para a porta. Ouço a televisão no outro aposento, um game show do qual vovô gosta.

– É um amuleto de memória – digo baixinho. – É melhor do que parece. Diga que vai usar.

– Tudo bem.

Tento dar um sorriso o menos torto que consigo.

– Nós, não mestres, temos que nos unir.

– O que você quer dizer? – Ela aperta os olhos. – Você acha que sou burra? Você é um deles. *Disso* eu me lembro.

Sacudo a cabeça, mas não sei o que dizer. Talvez seja melhor eu esperar que o amuleto mostre a verdade a ela antes de tentar discutir sobre coisas que não importam.

– Vovô dormiu – diz Barron quando entro na sala. – Parece que vocês vão ter que passar a noite aqui. Acho que não vou a lugar algum também.

Ele boceja.

– Posso dirigir – digo.

Eu me sinto sufocado por todas as coisas que não consigo dizer, por todas as coisas que desconfio que meus irmãos fazem. Quero ir para casa e começar a fazer as malas.

– O que você falou pra mamãe? – pergunta ele. Ele está bebendo café preto em uma das xícaras boas de Maura, daquelas que têm pires. – Ele está demorando pra conseguir acalmá-la.

– Só que ela sabe alguma coisa que não quer me contar – digo.

– Pare com isso. Se ganhássemos um dólar por cada coisa que mamãe nunca nos contou, teríamos um milhão.

– Eu teria muito mais dinheiro do que você. – Sento no sofá. Não posso ir embora sem ao menos tentar avisá-lo. – Posso perguntar uma coisa?

Barron se vira para mim.

– Claro. Manda.

– Você se lembra de quando éramos crianças e íamos à praia perto de Carney? Havia sapos na escova de limpeza. Você pegou um pequenininho que pulou das suas mãos. Apertei o meu até que vomitasse as tripas. Achei que estivesse morto, mas quando o deixamos em um canto ele desapareceu. Como se tivesse engolido as tripas de volta e saído pulando. Você se lembra disso?

– Lembro – diz Barron, dando de ombros. – Por quê?

– E quando você e Philip pegaram aquelas revistas *Playboy* no lixão, cortaram todos os seios e cobriram um abajur com eles? Ele pegou fogo e você me deu cinco dólares para mentir para mamãe e papai sobre o que aconteceu.

Ele ri.

– Quem poderia se esquecer disso?

– Pois é. E quando você fumou aquela erva toda que você achou que estivesse adulterada? Você caiu na banheira, mas se recusou a sair porque estava convencido que sua nuca ia cair. A única coisa que acalmava você era leitura em voz alta, então li o único livro que havia no banheiro, um dos romances de mamãe, chamado *The Windflower*, de cabo a rabo.

– Por que está me perguntando essas coisas?

– *Você se lembra?*

– Claro que me lembro. Você leu o livro todo. Foi fácil limpar o sangue depois que saí da banheira. Agora me diga, pra que as

perguntas?

– Nenhuma dessas coisas aconteceu – digo a ele. – Não com você. Você não estava lá no lance do sapo. Meu colega de quarto me contou a história sobre o incêndio no abajur cheio de peitos. *Ele* pagou a irmãzinha *dele* pra mentir. A terceira história aconteceu com um cara, Jace, do meu alojamento. Infelizmente, ninguém tinha *The Windflower* à mão. Eu e Sam e outro cara do nosso andar nos revezamos lendo *Paraíso perdido* em frente à porta do banheiro, que estava trancada. Mas acho que ele acabou ficando mais paranoico.

– Isso não é verdade – diz ele.

– Bem, ele me *pareceu* mais paranoico – digo. – E ainda reage de um jeito meio estranho quando alguém fala em anjos.

– Você se acha tão engraçado! – Barron se senta mais empertigado. – Eu só estava vendo aonde você estava querendo chegar. Não pode me enganar, Cassel.

– Enganei você – digo. – Você está perdendo a memória e está tentando disfarçar. Também perdi algumas lembranças.

Ele me lança um olhar estranho.

– Você está falando das lembranças sobre Lila.

– Isso é história antiga – digo.

Ele olha para vovô de novo.

– Eu me lembro que você estava com ciúmes de eu estar saindo com ela, obviamente. Você era apaixonado por ela e sempre tentava fazer com que eu desse o fora nela. Um dia entro no porão de vovô e ela está deitada no chão. Você está de pé ao lado dela, com uma expressão aturdida no rosto.

Desconfio que ele esteja contando essa história só para me irritar, para se vingar por eu tê-lo deixado sem graça.

– E com uma faca – digo. Fico incomodado porque a coisa da qual me lembro melhor, meu sorriso horrível, não é mencionada por ele.

– Isso mesmo. Uma faca. Você disse que não se lembrava de nada, mas era óbvio o que tinha acontecido. – Ele sacode a cabeça. – Philip ficou apavorado com a perspectiva de Zacharov descobrir, mas os laços de sangue falam mais alto. Nós ajudamos você. Escondemos o corpo. Mentimos.

Tem alguma coisa errada com o modo como ele descreve a lembrança. Parece que está lembrando algumas frases de um livro sobre uma batalha em vez de realmente se lembrar da batalha. Ninguém jamais diria que os laços de sangue falam mais alto quando a lembrança deveria estar cheia de manchas e coágulos vermelhos.

– Você a amava, não é? – pergunto a ele.

Ele faz um gesto, um sacolejar de mãos, que não consigo interpretar.

– Ela era muito especial. – Um sorriso levanta um canto de sua boca.

– Você achava isso.

Ele devia saber o que estava na gaiola do quarto da casa dele, o que estava miando e comendo o que ele lhe dava e fazendo necessidades no chão.

– Acho que é verdade o que dizem: amei demais para não odiar.

Barron inclina a cabeça.

– O que você quer dizer?

– É uma citação de Racine. Você também deve ter ouvido que há uma linha tênue que separa o amor do ódio.

– Então você a matou porque a amava demais? Ou não estamos mais falando sobre você e ela?

– Não sei – respondo. – Só estou falando. Quero que você tome cuidado...

Paro quando Philip aparece na porta.

– Acabei de falar ao telefone com mamãe – diz ele. – Preciso falar com Cassel. Sozinho.

Barron olha para Philip e depois torna a olhar para mim.

– E, então, o que você desconfia que esteja acontecendo? O que fez você falar que eu devia tomar cuidado?

Dou de ombros.

– Eu seria o último a saber.

Philip me leva até a cozinha e se senta à mesa, cruzando os dedos sobre a toalha branca manchada. Sobre a mesa há alguns pratos e várias taças de vinho quase vazias. Ele pega uma garrafa de Maker's Mark e enche uma das xícaras de café com a bebida cor de âmbar.

– Sente-se.

Sento e ele me observa em silêncio.

– Pra que tanta seriedade? – pergunto, mas meus dedos esfregam inconscientemente o ponto onde as pedras estão, debaixo da pele. A dor é tão reconfortante e viciante quanto encostar a ponta da língua no espaço vazio de um dente recentemente perdido. – Devo ter aborrecido mesmo mamãe.

– Não faço ideia do que você pensa que sabe – diz Philip. – Mas você tem que entender que tudo que venho tentando fazer, que sempre tentei fazer, é proteger você. Quero que fique em segurança.

Que discurso! Sacudo a cabeça, mas não o contradigo.

– Tudo bem. Do que você está me protegendo?

– De você mesmo – diz ele, e agora me olha nos olhos.

Por um momento vejo o valentão de quem as pessoas têm medo, com o maxilar contraído, o cabelo encobrindo o rosto. Mas, depois de tantos anos, finalmente ele está olhando para mim.

– Acostume-se *você* que agora sou um cara crescido – digo.

– As coisas são difíceis sem o papai – diz ele. – A faculdade de direito não é barata. Wallingford não é barata. Só os gastos legais de mamãe são de tirar o fôlego. Vovô tinha algumas economias, mas já gastamos tudo. Tive que assumir. E estou fazendo o melhor que posso. Quero que tenhamos coisas, Cassel. Quero que meu filho tenha coisas.

Ele toma outro gole da xícara e dá uma gargalhada. Seus olhos brilham quando ele olha para mim, e me pergunto o quanto ele já bebeu. O bastante para deixá-lo bem relaxado.

– Certo – digo.

– Isso significa assumir alguns riscos. E se eu dissesse que preciso de você pra uma coisa? – diz Philip. – Uma coisa na qual Barron e eu precisamos de sua ajuda.

Penso em Lila no meu sonho, pedindo ajuda. A sobreposição de lembranças é perturbadora.

– Você precisa da minha ajuda? – pergunto.

– Preciso que confie em nós – diz Philip, inclinando a cabeça para o lado e me dando um sorriso superior de irmão mais velho. Ele acha que está me dando uma lição.

– Eu devia poder confiar nos meus próprios irmãos, não é? – pergunto. Acho que consigo falar sem sarcasmo.

– Que bom.

Tem alguma coisa cansada e triste no jeito como ele deixa os ombros penderem, algo que parece menos com crueldade e mais com resignação. Fico inseguro com as minhas conclusões. Penso em quando éramos crianças e no quanto eu adorava quando Philip prestava atenção em mim, mesmo o tipo de atenção que vinha como uma ordem. Eu adorava ir correndo pegar uma cerveja na geladeira para ele e abrir

a lata como um barman, depois sorrir, esperando o casual gesto de reconhecimento.

E aqui estou eu, tentando encontrar um caminho no qual ele não é o vilão. Esperando o gesto. Só porque ele finalmente me olhou nos olhos.

– As coisas vão ser diferentes pra nós logo, logo. Não vamos ter que brigar. – Ele faz um movimento com a mão que derruba uma das taças que Maura não retirou. Só há um pouco de líquido nela, mas escorre para a toalha branca em uma onda molhada e cor-de-rosa. Ele não parece perceber.

– O que vai ser diferente? – pergunto.

– Não posso contar detalhes – diz ele, e olha para a sala. Depois fica de pé, um pouco cambaleante. – Por enquanto, só não sacuda o barco. E não perturbe mamãe. Me dê sua palavra.

Eu suspiro. A conversa é circular, sem sentido. Ele quer que eu confie nele, mas não confia em mim. Ele quer que eu obedeça.

– Tá – minto. – Você tem minha palavra. A família se cuida. Eu sei.

Quando fico de pé, percebo que a taça que ele derrubou não está vazia como pensei. Há uma espécie de resíduo no fundo dela. Eu me inclino e passo o dedo pela borra de grânulos que parecem de açúcar, tentando lembrar quem estava sentado onde.

Sob protestos de Maura e insistência irritada de Barron, eu meio que carrego vovô até o carro. Meu coração bate como se eu estivesse em uma briga enquanto recuso propostas de dormir no escritório ou no sofá. Digo que não estou cansado. Invento um compromisso que vovô tem de manhã com uma viúva que joga bingo. Vovô é pesado e está tão drogado e bêbado que mal responde.

Philip o drogou. Não entendo o motivo, mas penso no resíduo na taça e sei que Philip deve ter feito aquilo.

– Você devia ficar – diz Barron pela milionésima vez.

– Você vai deixá-lo cair – diz Philip. – Cuidado.

– Então me ajude – peço, grunhindo.

Philip apaga o cigarro no apoio lateral de alumínio e coloca o ombro debaixo do braço de vovô para erguê-lo.

– Vamos levá-lo de volta pra casa – diz Barron, e eles trocam um olhar. Barron franze ainda mais a testa. – Cassel, como você vai levá-lo pra dentro de casa se precisa da ajuda de Philip para colocá-lo no carro?

– Ele vai ter despertado um pouco até lá – digo.

– E se não despertar? – pergunta Barron, mas Philip anda na direção da porta do carro.

Por um momento acho que ele vai bloquear minha passagem e não tenho ideia de como agir caso faça isso. Mas ele abre a porta e a segura enquanto coloco vovô lá dentro e prendo o cinto de segurança.

Quando saio com o carro, olho para Philip, Barron e Maura. O alívio toma conta de mim. Estou livre. Estou quase em casa.

Meu telefone toca e me assusta. Vovô nem se mexe, embora o toque seja alto; o volume está no máximo. Observo o movimento do peito dele para ter certeza de que ainda está respirando.

– Alô – digo, nem me dando o trabalho de ver quem está ligando. Eu me pergunto se o hospital fica longe e se devo ir para lá.

Philip e Barron não matariam vovô. E se estivessem planejando matá-lo, Philip não o envenenaria em sua própria cozinha. Se fizesse isso, certamente não tentaria me convencer a colocar o corpo em seu quarto de hóspedes.

Repito isso para mim mesmo sem parar.

– Está me ouvindo? É Daneca – diz ela, sussurrando. – E Sam.

Não sei há quanto tempo ela está falando.

Olho para o relógio no painel do carro.

– Qual é o problema? São tipo três da manhã.

Ela me diz, mas mal estou ouvindo a resposta. Minha mente está avaliando todas as coisas que se pode dar para alguém apagar. Comprimidos para dormir são o mais óbvio. Funcionam muito bem com álcool.

Percebo que a outra extremidade da linha está em um silêncio de expectativa.

– O quê? Você pode repetir?

– Eu disse que *sua gata é nojenta* – diz ela devagar, obviamente irritada.

– Ela está bem? A gata está bem?

Sam começa a rir.

– A gata está ótima, mas apareceu um ratinho marrom no chão do quarto de Daneca com a cabeça arrancada. Sua gata matou nosso rato.

– O rabo dele parece um pedaço de barbante – diz Daneca.

– O rato? O lendário rato? O rato no qual todos vêm apostando nos últimos seis meses?

– O que acontece se todo mundo perde uma aposta? – pergunta Sam.

– Ninguém acertou. Para quem pagamos?

– Quem liga pra isso? O que *eu* faço? – pergunta Daneca. – A gata está me olhando fixamente, e acho que está com sangue na boca. Olho pra ela e vejo a morte de centenas de ratos e pássaros. Eu os vejo se enfileirando para marchar para dentro da boca da gata sobre uma

língua que parece um tapete desenrolado, como num desenho antigo. Acho que ela quer me comer agora.

– Faça carinho na gata – diz Sam. – Ela trouxe um presente pra você. Ela quer que você diga o quanto ela é poderosa.

– Você é uma pequena máquina de matar – murmura Daneca, com carinho.

– O que ela está fazendo? – pergunto.

– Ronronando! – diz Daneca. Ela parece satisfeita. – Boa gatinha. Quem é uma fantástica máquina assassina? Isso mesmo! Você! Você é uma pequena leoa muito feroz! É, sim!

Sam ri tanto que se engasga.

– Qual é o seu problema? De verdade.

– Ela está gostando – diz Daneca.

– Odeio ser quem tem que dizer isso – diz ele –, mas ela não entende o que você está dizendo.

– Talvez entenda – digo. – Quem pode saber, né? Ela está ronronando.

– Deixe pra lá, cara. E, então, ficamos com o dinheiro?

– Ou fazemos isso ou arrumamos outro rato.

– Tudo bem – diz Sam. – Ficamos com o dinheiro.

Dirijo o resto do caminho até em casa, solto o cinto de segurança de vovô e o sacudo. Depois de ver que isso não dá certo, dou um tapa no rosto dele com bastante força para ele grunhir e abrir um pouco os olhos.

– Mary? – diz ele, e isso me apavora, porque é o nome da minha avó, e ela morreu faz tempo.

– Se segure em mim – digo, mas as pernas dele estão bambas, e ele não ajuda muito. Vamos devagar. Eu o levo direto para o banheiro e o

deixo apoiado na parede enquanto misturo um coquetel de água oxigenada e água.

Quando ele começa a vomitar, concluo que minha aula de química de Wallingford serviu para alguma coisa. Eu me pergunto se esse seria um bom argumento para convencer o supervisor Wharton de me deixar voltar.

CAPÍTULO DOZE

– EI, ACORDE – DIZ ALGUÉM.

Pisco, sem entender. Estou deitado no sofá do andar de baixo e Philip está de pé, ao meu lado. – Você dorme como um morto.

– Se os mortos roncassem – diz Barron. – Ei, vocês fizeram um bom trabalho aqui. A sala está ótima. Nunca vi este lugar tão arrumado.

O medo se enrosca na minha garganta e parece me sufocar.

Olho para vovô. Ele ainda está desmaiado na cadeira reclinável, com um balde ao lado. Vovô passou mal por horas, mas parecia estar bem na hora em que adormeceu. Estava coerente. Achei que o barulho o acordaria.

– O que você deu a ele? – pergunto, tirando uma das pernas de debaixo da manta.

– Ele está ótimo – diz Philip. – Até de manhã já vai ter passado.

Fico tranquilizado pelo movimento do peito de vovô. Observando-o dormir, imagino que vi suas pálpebras tremerem por um momento.

– Você sempre se preocupa – murmura Barron. – E nós sempre dizemos que ele está ótimo. Todos sempre ficam bem. Por que você se preocupa tanto?

Philip olha para ele.

– Deixe Cassel em paz. A família se cuida.

Barron ri.

– É por isso que ele não devia se preocupar. Estamos aqui para cuidar dos dois. – Ele se vira para mim. – Mas é melhor se aprontar

rápido, senhor pessimista. Você sabe o quanto Anton detesta esperar.

Não sei o que fazer, então visto o jeans e um casaco por cima da camiseta que já estava usando.

Eles parecem totalmente à vontade para me esperar. Tão à vontade que, pensando no que Barron disse, chego à conclusão de que isso tudo já aconteceu antes. Eles já me tiraram desta casa – e talvez do meu alojamento – e não me lembro de nada. Será que alguma vez entrei em pânico? Estou em pânico agora.

Pego as luvas e calço um par de coturnos. Minhas mãos estão tremendo por causa da adrenalina e do medo. Tanto que mal consigo calçar as luvas.

– Deixe-me ver seus bolsos – diz Philip.

– O quê? – Paro de amarrar os cadarços para olhar para ele.

Ele suspira.

– Vire os bolsos pra fora.

Faço o que ele manda, pensando no corte que arde na minha panturrilha, nos amuletos sob a minha pele. Ele aperta o tecido do bolso, procurando alguma coisa escondida nele, depois apalpa minhas roupas. Fecho os punhos e quero tanto dar uma porrada em Philip que meus braços doem com o esforço que faço para não fazer isso.

– Procurando uma balinha?

– Precisamos saber o que você está levando, só isso – diz Philip pacificamente.

A adrenalina se sobrepôs à exaustão. Estou bem desperto e começando a ficar furioso.

Ele olha para Barron, que estica a mão para tocar meu braço. Não está de luva.

Eu me afasto.

– Não toque em mim!

É engraçado como o instinto funciona; mantenho minha voz baixa quando digo isso. Porque, em uma parte ridícula da minha cabeça, isso ainda é coisa de família. Nem me ocorre a ideia de gritar pedindo socorro.

Barron levanta as duas mãos.

– Ei, tudo bem. Mas isso é importante. A lembrança antiga demora alguns minutos pra voltar. Pense bem. Estamos nisso juntos. Estamos do mesmo lado.

É aí que me dou conta de que eles já me enfeitiçaram. Antes de me acordarem. Minha pele se arrepia de pavor, e tenho que respirar rápido e superficialmente para me impedir de sair correndo deles, da casa. Faço que sim com a cabeça, ganhando o tempo que consigo. Não tenho ideia de que lembranças eles esperam que eu tenha.

Vejo Barron recolocar a luva e flexionar a mão, esticando o couro.

Eu me dou conta do significado de uma mão nua.

Philip não é quem está por trás das memórias roubadas. Não é Anton o mestre de memória.

É Barron, só pode ser. Ele não perdeu a memória porque foi enfeitiçado; ele não é desligado. Toda vez que remove uma lembrança de mim ou de Maura, ou das outras pessoas de quem deve estar roubando, ele perde uma das dele. Rebote. Reviro minhas lembranças em busca de uma ocasião em que ele fez feitiço de sorte, mas nada me ocorre, só uma sensação longínqua de que sei que ele é mestre de sorte. Nem consigo lembrar quando comecei a “saber” disso.

Agora que me concentro nisso a lembrança nem parece real. Ela me escapa, como uma cópia da cópia, indistinta.

– Está pronto? – pergunta Philip.

Fico de pé, mas minhas pernas estão trêmulas. Uma coisa é suspeitar que meu irmão estava me enfeitiçando, mas ficar de pé ao lado dele depois de saber que ele realmente fez isso é outra bem diferente. *Sou o melhor golpista desta família*, digo para mim mesmo, para me tranquilizar. *Posso me fazer parecer calmo até ficar calmo*.

Mas outra parte da minha mente está gritando, se debatendo e procurando outras lembranças falsas. Sei que é impossível procurar o que não está lá, mas é o que faço, repassando os dias – semanas, anos – anteriores na minha mente, como se fosse tropeçar nos buracos das lembranças removidas.

Quanto da minha vida foi reimaginado por Barron? O pânico se espalha pela minha pele como uma doença.

Descemos a escada da casa em silêncio, a caminho de um Mercedes estacionado na rua com os faróis baixos e o motor ligado. Anton está no banco do motorista. Ele parece mais velho do que na última vez em que o vi, e há uma cicatriz na beirada do lábio superior dele. Combina com a cicatriz de queloide que ele tem no pescoço.

– Por que demoraram tanto? – pergunta Anton, acendendo um cigarro e jogando o fósforo pela janela.

Barron senta no banco de trás, ao meu lado.

– Qual é a pressa? Temos a noite toda. Este aqui não tem escola de manhã. – Ele bagunça meu cabelo.

Afasto a mão enluvada dele. A irritação me parece surrealmente familiar. É como se Barron achasse que estivéssemos em um passeio de família.

Philip entra no banco da frente, olha para nós e sorri.

Preciso descobrir o que acham que eu sei. Tenho que ser esperto. Parece que eles podem acreditar em um pouco de desorientação, mas

não na completa ignorância.

– O que vamos fazer hoje?

– Vamos ensaiar para quarta-feira que vem – diz Anton. – Para o assassinato.

Tenho certeza de que me encolho. Meu coração dispara. Assassinato?

– E depois você vai bloquear a lembrança – digo, lutando para manter a voz firme. Eu me lembro do que Annie Torta disse sobre bloquear o acesso a memórias de forma que o bloqueio possa ser removido depois e a perda de memória revertida. Eu me pergunto se ensaiamos antes. Em caso positivo, estou ferrado. – Por que vocês sempre têm que me fazer esquecer?

– Estamos protegendo você – diz Philip automaticamente.

Certo.

Eu me inclino para a frente no banco.

– Então meu trabalho é o mesmo? – pergunto, o que me parece vago o suficiente para não mostrar minha ignorância, mas encoraja uma resposta.

Barron assente.

– Tudo que você tem que fazer é andar até Zacharov e botar a mão nua no pulso dele. E aí você transforma o coração dele em pedra.

Engulo em seco e me concentro em manter a respiração regular. Eles não podem estar dizendo aquilo.

– Atirar nele não seria mais fácil? – pergunto, porque a coisa toda é ridícula.

Anton olha para mim com severidade.

– Vocês têm certeza de que ele é capaz de fazer isso? Todo esse feitiço de memória... Ele está instável. É do meu futuro que estamos

falando.

Meu futuro. Certo. Ele é sobrinho de Zacharov. Se alguma coisa acontecer com o chefe, o manto cai nos ombros dele.

– Não vá amarelar – diz Philip para mim, com uma voz de quem está sendo paciente. – Vai ser moleza. Estamos planejando isso há muito tempo.

– O que você sabe sobre o Diamante da Ressurreição? – pergunta Barron.

– Que deu a imortalidade a Rasputin, ou algo do tipo – respondo, sendo deliberadamente vago. – Zacharov o comprou em um leilão em Paris.

Barron franze a testa, como se não esperasse que eu soubesse tanto.

– O Diamante da Ressurreição tem 37 quilates e é do tamanho da unha do polegar de um homem adulto – diz ele. – É vermelho-claro, como se uma única gota de sangue tivesse caído em uma poça de água.

Eu me pergunto se ele está citando alguém. O catálogo da Christie's. Alguma coisa. Se eu me concentrar nos detalhes como se fosse um quebra-cabeça, talvez não fique muito nervoso.

– Ele não só protegeu Rasputin em várias tentativas de assassinato, mas, depois dele, o diamante passou para outras pessoas. Houve registros de armas de assassinos não estarem carregadas no momento crítico ou do veneno de alguma forma ir parar no copo do envenenador. Atiraram em Zacharov em três ocasiões diferentes e as balas não o atingiram. A pessoa que tem o Diamante da Ressurreição não pode ser morta.

– Eu achava que essa coisa era mito, sei lá – digo. – Uma lenda.

– Ah, agora ele é expert em feitiços – diz Anton.

Mas os olhos de Barron estão brilhando.

– Estou pesquisando sobre o Diamante da Ressurreição há muito tempo.

Eu me pergunto o quanto ele ao menos se lembra dessa pesquisa ou se ela se resume a algumas frases. Talvez ele não estivesse citando um catálogo de leilão; talvez estivesse citando um de seus cadernos.

– Há quanto tempo você está pesquisando? – pergunto.

Ele está zangado de verdade agora.

– Sete anos.

No banco da frente, Philip ri com deboche.

– Então você começou *antes* de Zacharov comprar o diamante?

– Fui eu que contei a ele sobre o diamante.

A expressão de Barron é firme, segura, mas acho que consigo ver o medo em seu rosto. Ele está mentindo, mas nunca vai admitir. Não há evidência no mundo que faça com que ele volte atrás depois que afirmou uma coisa. Se voltasse atrás, teria que admitir o quanto de sua própria memória já se foi.

Philip e Anton se olham e riem. Eles também sabem que Barron está mentindo. É como ir ao cinema com eles nos verões em que ficávamos em Carney com nossos avós. A familiaridade me faz relaxar, apesar do meu medo.

– Eu realmente concordei em fazer isso? – pergunto.

Eles riem mais ainda.

Tenho que prosseguir com muito cuidado.

– Se o Diamante da Ressurreição impede assassinatos, vocês têm certeza de que vou conseguir fazer isso?

Isso parece estar dentro dos limites aceitáveis da ignorância ou da hesitação. Anton sorri para mim pelo retrovisor.

– Você não vai fazer feitiço de morte. Seja lá o que aquela pedra for, não vai impedir seu tipo de magia.

Meu tipo de magia.

Coração em pedra.

Eu? Eu sou o mestre de transformação?

Quem amaldiçoou você?, perguntei para a gata no meu sonho.

Você.

Acho que vou vomitar. Não, vou mesmo vomitar. Fecho bem os olhos, viro o rosto para a janela fria e me concentro em controlar a garganta.

Ele está mentindo. Tem que estar mentindo.

– Eu... – começo a falar.

Eu sou mestre. Eu sou mestre. Eu sou mestre.

O pensamento se repete na minha cabeça como uma daquelas bolas de borracha que quicam e não param de bater em tudo. Não consigo pensar em nada além disso.

Eu achava que daria qualquer coisa para ser mestre, mas, por algum motivo, isso parece uma terrível violação da minha fantasia de infância.

Qual é o sentido de fingir ser nada menos do que o mestre mais talentoso da maldição mais rara? Só que acho que não estou mais fingindo.

– Você está bem? – pergunta Barron.

– Claro – digo devagar. – Estou ótimo. Só estou cansado. Está tarde pra caramba. E minha cabeça está me matando.

– Vamos comprar café – diz Anton.

Nós paramos. Consigo derramar metade do meu na camisa, e a queimadura do líquido escaldante é a primeira coisa que faz eu me sentir meio normal.

A entrada do restaurante, Koshchey's, é tão decorada que parece coisa de outra época. A porta da frente é de um metal tão polido que parece ouro. Duas fênix de pedra ladeiam a porta, as penas pintadas de azul-claro, laranja e vermelho.

– Ah, quanto bom gosto – diz Barron.

– Ei, é da família – diz Anton. – Respeite.

Barron dá de ombros. Philip sacode a cabeça.

A calçada do lado de fora está calma do jeito que só acontece bem de madrugada, e nessa calma acho que o restaurante parece estranhamente majestoso. Talvez eu tenha mau gosto.

Anton gira uma chave na fechadura e abre a porta. Entramos no salão escuro.

– Tem certeza de que não tem ninguém aqui? – pergunta Philip.

– Estamos no meio da noite – diz Anton. – Quem estaria aqui? Não foi fácil conseguir essa chave.

– Certo – diz Barron –, então este salão vai estar cheio de mesas e pessoas do mundo da política. Pessoas ricas e entediadas que não se importam de socializar com gangsteres.

Talvez alguns mestres das famílias Volpe e Nonomura; estamos nos aliando a eles no momento. – Ele cruza o salão para apontar para um local debaixo de um candelabro enorme pendurado com alguns cristais azuis em meio aos transparentes. Ele brilha, mesmo com pouca luz. – Vai ter um pódio e discursos altos e chatos.

Olho ao redor.

– O que vai ser isso?

– Um evento de arrecadação de fundos para a campanha “Vote Não na Proposição 2”. Zacharov está organizando. – Barron olha para mim de um jeito estranho. Fico na dúvida se eu deveria saber isso.

– E eu vou simplesmente andar até ele? – pergunto. – Na frente de todo mundo?

– Calma – diz Philip. – Pela milionésima vez, temos um plano. Estamos esperando há muito tempo por isso para agirmos como idiotas, tá?

– Meu tio tem hábitos muito específicos – diz Anton. – Ele não vai manter os guarda-costas próximos dele porque não quer que o pessoal da sociedade e as outras famílias pensem que está com medo. Então, em vez de guardas, ele vai escolher funcionários de confiança para se revezarem a seu redor. Philip e eu estamos escalados para ficar tomando conta dele durante duas horas, começando às 22h30.

Faço que sim com a cabeça, mas meu olhar vai para as paredes, para as pinturas a óleo de casas com pernas de galinha correndo ao lado de mulheres voando em caldeirões no céu, tudo isso refletido em enormes espelhos. Eles refletem, também, todos os nossos movimentos, então toda hora penso que vi outra pessoa se mexer quando, na verdade, sou eu mesmo.

– Seu trabalho é ficar de olho em nós depois disso e esperar até que Zacharov vá ao banheiro. Ele quer que esteja vazio quando for usar, então estaremos sozinhos. É lá que você vai tocar nele.

– Onde fica? – pergunto.

– Tem dois banheiros masculinos – diz Anton, apontando. – Um tem janela. Ele vai escolher o outro. Vou mostrar para você.

Barron e Philip saem andando em direção a uma porta preta brilhosa, com uma imagem dourada de um homem sobre um cavalo. Eu vou atrás.

– Nós dois entramos com Zacharov – diz Philip. – Você espera alguns minutos e depois entra também.

– Eu não estarei lá dentro – diz Barron. – Ficarei do lado de fora, com você, para ter certeza de que tudo corra bem.

Empurro a porta e entro em um banheiro grande. Um mural de azulejos ocupa toda a parede oposta. Um pássaro enorme vermelho, laranja e dourado voa em frente a uma árvore coberta do que parecem alfaces, mas suponho que são apenas folhas estilizadas. O secador de mão fica preso naquela parede, mas alguém o pintou quase no mesmo tom de dourado dos azulejos. Há cabines de um lado e mictórios do outro, e uma bancada de mármore com várias pias de metal.

– Vou fazer o papel de Zacharov – diz Anton, e fica de pé ao lado da pia. Então ele olha para mim, e acho que se dá conta de que está prestes a ser assassinado de mentira. – Não, espere. Faço o papel de mim mesmo. Barron, você faz meu tio. – Eles trocam de lugar.

– Tudo certo. Vá em frente – diz Anton para mim.

– O que eu digo? – pergunto.

– Finja que está bêbado – diz Barron. – Bêbado demais para reparar que não deveria estar aqui.

Cambaleio da porta até Barron.

– Tirem-no daqui – diz Barron, com um sotaque falso que acho que era para parecer russo.

Estico minha mão enluvada e tento arrastar a voz.

– É uma grande honra, senhor.

Barron só fica me olhando.

– Não sei se ele apertaria a mão.

– É claro que sim – diz Anton. – Philip aqui vai dizer que Cassel é seu irmão caçula. Faça de novo, Cassel.

– Senhor, é uma grande honra estar aqui. Aprecio muito o modo como o senhor está fazendo sua parte para deixar os mestres em

segurança para que possamos explorar as pessoas inferiores. – Estico a mão de novo.

– Pare de bancar o comediante – diz Philip, mas não com muita seriedade. – Concentre-se no dinheiro e em como vai fazer com que seus dedos encostem na pele dele.

– Vou enfiar a mão pelo punho da camisa dele. Vou fazer um buraco na minha luva. Só preciso que meu dedo do meio encoste na pele dele.

Barron ri.

– O velho truque de mamãe. Como ela fez com o cara no hipódromo. Você lembrou.

Engulo um comentário sobre lembranças e só faço que sim com a cabeça, olhando para baixo.

– Vá em frente – diz Anton. – Mostre-me.

Estico a mão direita e, quando Barron a aperta, envolvo o pulso dele com a mão esquerda e aperto. A mão esquerda segura o braço de Barron de modo que, mesmo se ele lutar, vai demorar um momento para se soltar. Os olhos de Anton se arregalam um pouco. Ele está com medo. Consigo ler as pistas nele.

E assim, de repente, tenho certeza de que ele me odeia. Odeia ter medo e me odeia por fazê-lo sentir isso.

– É uma grande honra, senhor – digo.

Anton assente.

– Aí você transforma o coração dele em pedra. Isso deve parecer...

– Muito poético – digo.

– O quê?

– É muito poético transformar o coração dele em pedra. A ideia foi sua?

– Vai parecer um ataque cardíaco, pelo menos até a autópsia – diz Anton, ignorando minha pergunta. – E é o que vamos deixar que pensem que foi. Você vai esperar o rebote passar aqui dentro, depois vamos chamar um médico.

– Você não pareceu muito bêbado – diz Barron.

– Vou parecer mais bêbado – retruco.

Barron está se olhando no espelho. Ele ajeita uma das sobrancelhas, depois vira a cabeça para admirar seu perfil. A barba está tão bem-feita que parece ter sido feita a navalha. Bonito. Um verdadeiro vendedor de poções mágicas.

– Você devia vomitar.

– O quê? Você quer que eu enfie o dedo na garganta?

– Por que não?

– Por quê?

Eu me apoio na parede e observo Philip e Barron. Os rostos deles são os dois que melhor conheço no mundo, e neste momento estão desarmados. Philip se mexe para a frente e para trás, de cara feia. Ele cruza e descruza os braços em cima do peito. É um funcionário leal e deve estar um pouco incomodado com a ideia de matar o chefe da família, mesmo se isso significar ficar rico e poderoso da noite para o dia. Mesmo se significar colocar seu amigo de infância no poder e se tornar indispensável.

Já Barron parece estar se divertindo. Não sei o que ele vai ganhar com isso, além de adorar estar no controle. E é óbvio que conseguiu fazer Anton e Philip precisarem dele. Ele pode estar destruindo suas próprias lembranças para isso, mas tem poder sobre todos nós.

É claro que talvez ele tenha entrado pelo dinheiro. Estamos falando de muito dinheiro, por ser o chefe de uma família mafiosa.

– Com medo de não conseguir? – pergunta Barron, e lembro que estamos falando sobre vomitar. – Mas, pense, o mais difícil é entrar pela porta. Dessa forma, você pode irromper pela porta com a mão em cima da boca, entrar na cabine, fechar a porta e soltar tudo no vaso. Ele vai estar rindo de você quando você sair. Alvo fácil.

– Não é má ideia – diz Philip, assentindo.

– Nunca me forcei a vomitar – digo. – Não tenho ideia de quanto tempo vai demorar.

– Que tal fazer assim – diz Barron. – Vá até a cozinha. Vomite em uma tigela. Colocamos o vômito em uma garrafa e a prendemos atrás do vaso da primeira cabine. Se alguém encontrar, você estará por sua conta, mas, se não acharem, pode demorar o tempo que precisar e não vai ter que se preocupar.

– Que nojento – digo.

– Faça isso – diz Anton.

– Não – digo. – Sou capaz de fingir que estou caindo de bêbado. Sou capaz de fazer isso.

Não pretendo fazer nada disso na quarta-feira, embora não saiba bem o que fazer ainda. Mas posso planejar de manhã; agora, preciso observar.

– Vomite ou vou fazer você desejar que tivesse vomitado – diz Anton.

Viro meu pescoço para que ele possa ver minha pele sem marcas.

– Não tenho cicatrizes – digo. – Não sou da sua família e você não é meu chefe.

– É melhor você acreditar que sou seu chefe – diz Anton, andando até mim e pegando o colarinho da minha camisa, puxando-o em sua direção.

– Chega. – Philip se mete entre nós e Anton me solta. – Você, entre na cozinha e enfie o dedo na garganta – diz ele para mim. – Não seja fresco. – Ele se vira para Anton. – Deixe meu irmão em paz. Estamos colocando muita pressão sobre ele.

Não deixo de reparar que quando Anton se vira e soca a porta de uma cabine Barron está dando um sorrisinho debochado.

Quanto mais brigamos, mais Barron fica no controle.

Passo por Anton e pelas portas duplas onde acho que é a cozinha, escura e cheia de aromas de páprica e canela.

Tateio a parede e ligo o interruptor. Painéis amassados de aço inoxidável e cobre brilham na luz fluorescente. Preciso que continuem pensando que não sei de nada. Não preciso que corram atrás de mim pelas ruas e que inspecionem meu corpo, até acharem os amuletos na minha perna, mesmo se ficar ali significar o dever degradante e desagradável de vomitar em uma tigela. Abro uma das geladeiras industriais e bebo alguns goles de leite direto na caixa. Espero que isso proteja meu estômago.

As costuras das minhas luvas estão úmidas de suor quando as tiro. Minhas mãos estão pálidas naquela luz.

Bebo o peróxido de hidrogênio que dei para vovô e me pergunto se é algum tipo de punição cármica. Coloco o dedo na língua, testando o quanto aquilo vai ser ruim. Minha pele está com gosto de sal.

– Ei – diz alguém.

Quando me viro, vejo que não é Anton, nem Philip, nem Barron. É um cara que não conheço, com um casaco longo e uma arma apontada bem para mim.

O leite escorrega da minha mão e cai, sujando o chão.

– O que você está fazendo aqui? – pergunta o homem.

– Ah! – digo, pensando rápido. – Meu amigo tem a chave. Ele trabalha pra um dos donos.

– Está falando com alguém? – A voz vem dos fundos, e outro homem, com a cabeça raspada, entra na cozinha. Ele usa uma camiseta com gola em V, que deixa seu colar de cicatrizes à mostra. Ele olha para mim. – Quem é ele?

– Oi, cara – digo, erguendo as mãos. Estou inventando uma história na cabeça para explicar quem eu sou, estou me preparando para o papel. Sou um garoto mestre, que acabou de sair de um ônibus, estou em busca de emprego e de um lugar para ficar. Alguém me falou do restaurante por causa da ligação com Zacharov. – Eu só estava roubando comida. Me desculpe. Vou lavar os pratos ou qualquer outra coisa para pagar.

A porta do outro lado abre, e Anton e Philip entram.

– Mas que porra é essa? – diz o homem de cabeça ras-pada.

– Fique longe dele – diz Philip.

O cara com o casaco longo vira a arma na direção do meu irmão.

Estico a mão instintivamente e toco no cano, para empurrar para longe de Philip. O metal está mais quente do que eu achava que estaria. Mas então uma coisa em mim se manifesta tão instintivamente quanto meu gesto de esticar a mão e *muda* a arma.

É como se eu pudesse ver o metal até suas partículas, mas, em vez de ser sólido, é líquido, fluindo em formas sem fim. Tudo que tenho que fazer é escolher uma.

Olho para a frente e o homem está segurando o que imaginei: uma cobra enrolada em seus dedos, com as escamas verdes tão brilhosas quanto as asas da fênix lá da frente.

O homem grita e sacode o braço como se estivesse pegando fogo.

A cobra se move, se contrai, abre e fecha a boca como se estivesse engasgada. Um momento depois cai uma bala da boca da cobra, quica na bancada de aço inoxidável e sai rolando.

Soam dois tiros.

Tem alguma coisa errada comigo, com meu corpo.

Meu peito se contrai dolorosamente e meu ombro dá um salto. Por um momento acho que levei um tiro, até que olho para baixo e vejo meus dedos virando raízes retorcidas. Dou um passo para trás e minhas pernas falham. Uma delas está coberta de pelos e se dobra para trás. Eu pisco e de repente vejo tudo por dezenas de olhos. Posso ver até o que há atrás de mim, como se tivesse olhos lá também, mas a única coisa que há para ver é o chão rachado. Viro a cabeça e vejo os dois homens caídos no chão. O sangue está se misturando ao leite, e a arma está deslizando na minha direção, com a língua para fora, como se quisesse sentir o gosto do ar.

Estou tendo uma alucinação. Estou morrendo. O pavor sobe pela minha garganta, mas não consigo gritar.

– O que eles estavam fazendo aqui? Matar nosso pessoal não faz parte do plano – grita Anton. – Não era pra isso acontecer!

Meus braços são o tronco de uma árvore, os braços de um sofá, se contorcem e viram pedaços de corda.

Alguém me ajude. Por favor, me ajude. Me ajude.

Anton aponta para mim.

– Isso é tudo culpa dele!

Tento ficar de pé, mas a metade de baixo do meu corpo parece de peixe. Meus olhos se mexem na minha cabeça. Tento falar, mas um som gorgolejante sai daquilo que tenho no lugar dos lábios.

– Temos que nos livrar dos corpos – diz Barron.

Há outros sons em seguida, de ossos quebrando e um baque molhado. Tento virar a cabeça para ver, mas não sei mais como fazer isso.

– Faça-o ficar quieto – grita Anton.

Eu estava fazendo algum barulho? Não consigo nem ouvir a mim mesmo.

Sinto mãos me segurando e me erguendo, arrastando-me pelo restaurante. Minha cabeça pende para trás, e reparo que o teto está pintado com a imagem de um homem velho e nu, com a cimitarra erguida, montado em um cavalo castanho, descendo um morro. A crina do cavalo e o cabelo longo do homem voam ao vento. A imagem me faz rir, e o som sai como o apito de uma chaleira.

– É só o rebote – diz Philip baixinho. – Você vai ficar bom logo.

Ele me coloca no porta-malas do carro de Anton e fecha a porta. Lá dentro, sinto cheiro de óleo e de outra coisa, mas estou tão desorientado que mal reparo. Eu me contorço no escuro quando o motor é ligado, e meu corpo não pertence a mim.

Estamos em uma estrada quando volto a ser eu mesmo. Os faróis dos carros que vêm atrás passam erráticamente pelas frestas do porta-malas. Minha cabeça bate desconfortavelmente contra o estepe forrado de tapete a cada buraco na estrada, e sinto o sacolejar do chassi abaixo de mim. Faço força até ficar em uma posição diferente e encosto em algo plástico que envolve uma coisa macia e ainda quente.

Por um momento penso em apoiar a cabeça nisso, até encostar em um ponto grudento e úmido, e me dou conta do que são.

Sacos de lixo.

Sinto vontade de vomitar no escuro e tento rastejar para o mais longe deles que consigo. Eu me empurro contra o lado oposto do carro

até não conseguir me deslocar mais. O metal pressiona minhas costas, e só consigo apoiar meu pescoço em uma posição meio estranha com um dos braços, mas fico assim pelo resto do caminho.

Quando o carro para, estou dolorido e tonto. Ouço as portas baterem, cascalho sendo pisado, e aí o porta-malas abre. Anton está de pé à minha frente. Estamos na entrada de carros da minha casa.

– Por que você teve que fazer aquilo? – grita ele.

Sacudo a cabeça. Não sei por que transformei a arma, nem como fiz aquilo. Olho para minha mão e vejo que está manchada de vermelho-escuro.

Minha mão nua.

– Isso deveria ser segredo. *Você* deveria ser segredo. – Ele repara na minha mão. Devem ter deixado minhas luvas no restaurante.

Ele contrai o maxilar.

– Me desculpe – digo, ficando de pé, mas cambaleante. Lamento o que fiz.

– Como se sente? – pergunta Barron.

– Enjoado – digo a ele, mas não foi o percurso de carro que está me dando vontade de vomitar. Sei que estou tremendo, e não tem nada que eu possa fazer para controlar.

– Matei aqueles homens por sua causa – diz Anton. – As mortes deles estão nas suas mãos. Tudo que quero é trazer de volta os tempos antigos, quando ser mestre era uma coisa importante. Quando era bom, não uma coisa da qual se envergonhar. Quando mandávamos nos políticos, nos policiais. Éramos como príncipes nesta cidade, naquela época, e podemos voltar a ser.

“Mãos hábeis era como nos chamavam. Mãos hábeis. Experts. *Habilidosos*. Quando eu for o chefe, vou trazer o tempo antigo de volta e

fazer a cidade tremer. É um bom objetivo, um objetivo que vale a pena.”

– E como você vai fazer isso? – pergunto. – Você acha que o governo vai se comprometer com você por ter assassinado pessoas para chegar ao topo de uma família mafiosa? Acha que Zacharov pode segurar o mundo pelas bolas, mas prefere dizer “Não, obrigado”?

Anton me dá um soco direto no queixo. A dor explode na minha cabeça, e cambaleio para trás, mal mantendo o equilíbrio.

– Ei – diz Philip, empurrando Anton para trás. – Ele é só um garoto desbocado.

Dou dois passos na direção de Anton, mas Barron segura meu braço.

– Não seja burro – diz ele, e puxa as mangas do meu casaco por cima das minhas mãos.

– Segure-o – diz Anton para Barron. Ele olha para mim. – Ainda não terminei com você, moleque.

A mão de Barron me prende com mais força.

– O que está fazendo, Anton? – pergunta Philip, tentando parecer sensato. – Não temos tempo pra isso. Além do mais, ele vai acordar com os hematomas. Pense.

Anton sacode a cabeça.

– Saia do meu caminho, Philip. Eu não devia ter que lembrar a você de que sou seu chefe.

Philip olha de Anton para mim e de mim para Anton, pesando a raiva de Anton e minha burrice.

– Ei – digo, lutando contra Barron. Estou exausto e não luto com muita força, mas isso não impede minha boca de trabalhar. – O que você vai fazer? Me assassinar também? Como àqueles caras? Como a Lila. Me conte, o que ela fez? Ficou no seu caminho? Insultou você? Não se submeteu?

Às vezes, sou muito burro. Acho que mereço o soco que Barron me segura para eu levar. O que me acerta debaixo da maçã do rosto e faz minha visão ficar branca. Sinto o golpe até os dentes.

– Cale a boca! – grita Anton.

Minha boca se enche do gosto de moedas velhas. Minhas bochechas e minha língua parecem feitas de hambúrguer cru e sangue pinga dos meus lábios.

– Chega – diz Philip. – Já chega.

– Eu decido quando já chega – diz Anton.

– Tudo bem, me desculpe – digo, cuspendo sangue no chão. – Aprendi a lição. Você já pode parar de me dar uma surra agora. Eu não quis dizer o que falei.

Olho para a frente a tempo de ver Philip acender um cigarro e se virar, soprando a fumaça no ar. E para ver Anton levar o punho contra minha barriga.

Tento desviar, mas já estou ferido demais para ser rápido e não tenho para onde ir com as mãos de Barron me segurando. Uma dor intensa faz eu me curvar para a frente, gemendo. Fico agradecido quando sinto que ele solta meus braços e consigo escorregar até o chão e me encolher. Não quero me mexer. Quero ficar deitado, bem parado, até que tudo pare de doer.

– Chute-o – diz Anton. Sua voz está trêmula. – Quero saber se você é leal a mim. Faça o que mando ou todo o combinado vai ser cancelado.

Eu me forço a me sentar e tento me botar de pé. Os três estão olhando para mim como se eu fosse uma coisa que encontraram na sola dos sapatos deles. As palavras “por favor” se repetem na minha mente. Mas o que digo é “Não no rosto”.

O pé de Barron me derruba no chão. Bastam alguns poucos chutes para que eu perca a consciência.

CAPÍTULO TREZE

NÃO QUERO ME MEXER

porque até respirar faz minhas costelas doerem. Os hematomas doem mais de manhã do que doeram na noite anterior. Deitado na cama no meu velho quarto, testo minha memória em busca de pontos falhos. Isso me lembra de quando eu era criança e enfiava a língua na gengiva depois que um dente caía. Mas eu me lembro da noite de ontem claramente: meus irmãos de pé acima de mim, Barron chutando minha barriga sem parar. Eu me lembro da arma se transformando, se enrolando no pulso do homem. A única coisa de que não me lembro é como cheguei até a cama, mas acho que é porque desmaiei.

– Oh, Deus! – digo, passando a mão sobre o rosto, depois olhando para a mão para ter certeza de que ainda é minha. Para ter certeza de que não virou alguma outra coisa.

Estico o braço devagar e toco cuidadosamente na ferida da minha perna, onde estão os amuletos. Sinto o contorno duro de uma pedra inteira debaixo dos meus dedos e pedaços onde duas delas quebraram. Minha pele parece dar um salto, ardendo de dor, por causa do toque. Eu não estava maluco. Uma pedra se quebrou ontem à noite, debaixo da minha pele, cada vez que Barron tentou me enfeitiçar.

Barron.

Ele é o mestre de memória. Foi ele quem mudou a memória de Maura. E a minha.

Meu estômago se aperta e me viro de lado, com cuidado, com medo de vomitar e sufocar com o vômito. Ainda tonto, vejo a gata branca sentada em uma pilha de roupa suja, vejo aqueles olhos repuxados.

– O que você está fazendo aqui? – sussurro. Minha voz soa como se cacos de vidro estivessem presos na minha garganta.

Ela fica de pé e estica as patas para desfiar o suéter sobre o qual estava deitada. As unhas se afundam no tecido como se fossem pequenas agulhas. Em seguida, ela arqueia as costas.

– Você os viu me trazendo pra cá? – pergunto.

Ela passa a língua rosada pelo nariz.

– Pare de me enrolar – digo.

Ela se encolhe e pula na cama, assustando-me. Dou um gemido de dor.

– Sei o que você é – digo. – Sei o que fiz a você.

Só você pode desfazer a maldição. Claro.

O pelo macio encosta em meu braço, e estico a mão para ela, que me deixa acariciar suas costas. Estou mentindo. Não sei o que ela é. Acho que sei quem ela foi, mas não tenho mais certeza do que ela é.

– Não sei como transformar você de volta – digo. – Concluí que fui eu que transformei você. Isso eu descobri. Mas não sei como fazer.

Ela fica tensa e eu afundo o rosto em seu pelo. Sinto as almofadinhas ásperas das patas. As pequenas garras afiadas encostam na minha pele.

– Não tenho um amuleto de sonhos – digo. – Não tenho nada que impeça você de me enfeitiçar. Você pode me fazer sonhar, não pode? Como a tempestade e o telhado. Como antes de você ser gata.

O ronronar dela é como um trovão distante.

Fecho os olhos.

Acordo ainda com dor. Estou deitado em uma piscina de sangue, escorregando quando tento me levantar. Inclínados sobre mim estão Philip, Barron, Anton e Lila.

– Ele não se lembra de nada – diz a Lila garota. Quando ela sorri, seus caninos pontudos aparecem. Ela parece ter mais de 14 anos. Sua aparência é bonita e assustadora. Eu me encolho para me afastar dela.

Ela ri.

– Quem se machucou? – pergunto.

– Eu – diz ela. – Você não lembra? Eu morri.

Eu me ponho de joelhos e vejo que estou no palco do teatro de Wallingford. Sozinho. A pesada cortina azul está fechada à minha frente, e acho que consigo ouvir o barulho do público atrás dela. Quando olho para baixo, o sangue não está mais lá, mas uma porta no chão está aberta. Fico de pé, escorrego e quase caio no buraco.

– Você precisa de maquiagem – diz alguém.

Viro a cabeça. É Daneca, usando uma armadura brilhante, chegando perto de mim com uma esponja de pó de arroz. Ela bate no meu rosto com a esponja. Uma nuvem de pó sobe no ar.

– Estou sonhando – digo em voz alta, o que não ajuda tanto quanto deveria.

Abro os olhos e vejo que não estou mais no palco de Wallingford, mas no corredor de um teatro majestoso. As paredes revestidas de madeira estão cobertas de poeira acima do tapete escarlate. O candelabro é feito de centenas de cristais em forma de gotas, e o teto de gesso está pintado de dourado. Nas fileiras de assentos, em frente ao palco, gatos vestidos com roupas abanam uns aos outros, balançam programas e miam. Eu me viro de um lado para o outro e alguns deles olham na minha direção, com os olhos brilhando pela luz refletida.

Tropeço ao longo de uma das fileiras vazias e me sento na hora em que a cortina vermelho-escura se abre.

Lila aparece no palco, usando um longo vestido branco vitoriano com botões de pérola. Logo atrás dela estão Anton, depois Philip e Barron. Cada um dos homens está usando uma fantasia de um período diferente. Anton está com um terno roxo berrante e um enorme chapéu com uma pena; Philip está vestido como um lorde elisabetano, com gibão e colarinho alto; e Barron está usando uma túnica longa e preta. Não consigo concluir se ele deveria parecer um padre ou um juiz.

– Vejam – diz Lila, encostando a parte de trás do pulso na testa. – Sou uma jovem e gosto muito de me divertir.

Barron faz uma reverência.

– Acontece que sei ser divertido.

– Acontece, também – diz Anton –, que Philip e eu temos um negócio no qual me livro de pessoas mediante pagamento. Não posso fazer nada com o pai dela agora. Vou herdar os negócios um dia.

– Ah, ai de mim – diz Lila. – Que infortúnio.

Barron sorri e esfrega as mãos.

– Acontece que gosto de dinheiro.

Philip olha diretamente para mim, como se estivesse falando comigo.

– Anton vai ser nossa passagem para sair das coisas pequenas. E acho que minha namorada está grávida. Você entende, não é? Estou fazendo isso por todos nós.

Sacudo a cabeça. Eu não entendo.

No palco, Lila dá um gritinho e começa a encolher, mudando de forma até estar do tamanho de um rato. Nesse momento, a gata branca pula de um dos balcões, seu vestido rasga ao se prender nas farpas do

piso e se solta do corpo peludo. Ela ataca, pega a Lila-rato nos dentes e arranca a cabecinha. O sangue se espalha pelo palco.

– Lila – digo. – Parem. Parem com essas brincadeiras.

A gata engole o que sobrou e olha para mim. As luzes do palco são viradas na minha direção e a intensidade da luz me faz piscar, confuso. Fico de pé. A gata branca anda para mim. Os olhos dela, um verde e um azul, são tão obviamente os de Lila que cambaleio para trás no corredor.

– Você tem que cortar minha cabeça – diz ela.

– Não – respondo.

– Você me ama? – pergunta ela.

Seus dentes são como facas de marfim.

– Não sei – digo.

– Se você me ama, terá que cortar minha cabeça.

De alguma forma, uma espada aparece na minha mão, e a estou brandindo. A gata está mudando, como Lila mudou, mas está ficando maior, crescendo e virando algo monstruoso. O aplauso do público é ensurdecedor.

Minhas costelas estão latejando, mas me forço a tirar as pernas de cima da cama. Ando até o banheiro, urino e engulo um punhado de aspirinas. Ao olhar para meu reflexo no espelho e observar meus olhos vermelhos e os vários hematomas perto das costelas penso no sonho, na gata se aproximando de mim.

É ridículo, mas não estou rindo.

– É você? – A voz de vovô vem lá de baixo.

– Sim – respondo.

– Você dormiu muito – diz ele, e posso ouvi-lo resmungando, provavelmente sobre o quanto sou preguiçoso.

– Não estou me sentindo bem – grito do alto da escada. – Acho que não consigo arrumar nada hoje.

– Também não estou muito bem – diz ele. – A noite de ontem foi pesada, hein? Bebi tanto que não me lembro da maior parte dela.

Desço a escada, segurando as costelas meio inconscientemente. Tropeço. Nada parece certo. Minha pele parece não caber no meu corpo. Sou Humpty Dumpty. Todos os cavalos do rei e todos os cavaleiros do rei não conseguiram me montar.

– Aconteceu alguma coisa que você queira me contar? – pergunta vovô. Penso nos olhos dele, que pareceram piscar ontem à noite. Eu me pergunto o que ele ouviu. Do que desconfia.

– Nada – respondo e me sirvo de uma xícara de café. Tomo o café puro, e o calor na minha barriga é a primeira coisa reconfortante que me lembro de sentir há algum tempo.

Vovô inclina a cabeça em minha direção.

– Você está com péssima aparência.

– Eu falei que não estava me sentindo bem.

O telefone toca na sala, um som estridente que mexe com meus nervos.

– Você fala muitas coisas – diz vovô, e vai atender.

Vejo a gata na escada, o corpo branco parecendo fantasmagórico no facho de luz. A imagem dela fica enevoada. Meus irmãos não estavam à vontade, mas não pelas razões que imaginei. Não por eu ser um assassino ou um intruso. Eu era tão parte do grupo que nem sabia. Eu era o centro do grupo. Estava escondido dentro do meu poder. Por um momento quero jogar toda a louça da mesa no chão. Quero gritar e berrar. Quero usar o poder recém-descoberto para transformar tudo em que toco.

Chumbo em ouro.

Carne em pedra.

Paus em cobras.

Levanto a xícara de café e penso no cano da arma derretendo e se transformando na minha mão, mas, independentemente do quanto tento evocar aquele momento, a xícara permanece xícara. O slogan continua sendo TRANSPORTADORA AMHERST: LEVAMOS COISAS sobre um fundo brilhante e marrom.

– O que você está fazendo? – pergunta vovô, e minha mão treme, derramando café na camisa. Ele está segurando o telefone. – É Philip. Pra você. Disse que você deixou alguma coisa lá.

Sacudo a cabeça.

– Atenda – diz vovô, parecendo exasperado, e não consigo pensar em uma desculpa para não atender, então atendo.

– O quê? – pergunto.

– O que você fez com ela? – A voz dele parece rouca de raiva e outra coisa. Pânico.

– Com quem? – pergunto.

– Maura. Ela foi embora e levou meu filho. Você tem que me dizer onde ela está, Cassel.

– Eu?

Na noite de ontem ele viu Barron me chutar na barriga até eu desmaiar e hoje está me acusando de planejar a fuga de Maura? A raiva deixa minha visão embaçada. Seguro o telefone com tanta força que tenho medo de quebrar o fone de plástico.

Ele devia estar pedindo desculpas. Devia estar implorando.

– Sei que você andou conversando com ela. O que contou a ela? O que você fez?

– Oh, me desculpe – digo automaticamente, com fúria gélida em cada palavra. – *Eu não me lembro.*

Aperto o botão de desligar do telefone, sentindo-me tão satisfeito pela vingança que demoro um minuto para me dar conta do quanto fui incrivelmente burro.

Em seguida, lembro que não sou mais Cassel Sharpe, irmão caçula e decepção de todo mundo. Sou um dos mais poderosos executores de uma das maldições mais raras.

Não vou pegar Lila e fugir da cidade. Não vou a lugar algum.

Eles deviam ter medo de mim.

Vovô sai uma hora depois e me pergunta se preciso de alguma coisa do mercado. Digo que não. Ele me manda colocar algumas roupas em uma bolsa.

– O que está acontecendo? – pergunto.

– Vamos dar um passeio até Carney – diz ele.

Faço que sim com a cabeça, coloco as mãos sobre as costelas e o vejo sair.

Lila olha para mim do meio das pilhas de papéis, roupas e pratos sobre a mesa de jantar. Está comendo alguma coisa. Chego mais perto e vejo um pedaço de bacon, com a gordura se espalhando em um cachecol.

– Vovô deu isso pra você? – pergunto.

Ela se senta e lambe a pata.

Meu celular está tocando. O identificador me avisa que é Daneca.

– Você fugiu dela – digo. – Andou mesmo até aqui?

Lila boceja e mostra os dentes afiados.

Sei que tenho que transformá-la e tem que ser agora, antes que vovô volte. Antes que minhas costelas comecem a doer de novo e eu não consiga me concentrar.

Se ao menos eu soubesse como.

Os olhos dela brilham enquanto vou até ela.

Colocaram uma maldição em mim. Uma maldição que só você pode romper.

Estico a mão e toco no pelo dela. Seus ossos parecem leves, frágeis, como os ossos de um pássaro. Penso no momento em que o cano da arma começou a criar escamas, tento evocar o impulso que fez com que ela se transformasse.

Nada.

Imagino Lila, imagino o gato se alongando, crescendo e virando garota. Enquanto visualizo isso, percebo que não sei como seria a aparência de Lila agora. Afasto o pensamento e me permito fazer uma combinação entre a garota que eu conheci e a garota do meu sonho. Tem que ser o suficiente. Eu a imagino se transformando, imagino até tremer de concentração, mas ela não se transforma.

A gata geme do fundo da garganta.

Afasto uma das cadeiras da mesa de jantar e me sento. Apoio a cabeça no encosto.

Quando transformei a arma, não estava pensando em fazer isso. O instinto tomou conta de mim. Era como uma espécie de músculo da memória ou uma parte do cérebro que eu só podia acessar quando alguém de quem eu gostava estava em perigo.

Já fiquei furioso muitas vezes. Nunca transformei minhas luvas em folhas acidentalmente nem transformei ninguém em nada. Então, não é questão de emoção.

Penso na formiga que Barron falou que não transformei em graveto. Não consigo me lembrar do que fiz.

Olho ao redor, pela sala. A espada que encontrei quando estava arrumando a sala de estar está onde a deixei, encostada na parede. Eu a pego e sinto seu peso, como se estivesse distante do meu corpo. Reparo na ferrugem que cobre parte da lâmina. A espada é pesada, completamente diferente dos floretes leves das aulas de esgrima da escola.

Se você me ama, terá que cortar minha cabeça.

– Lila – digo –, não sei como transformar você.

Ela anda até a beira da mesa e pula no chão. Surreal. Tudo é surreal. Nada disso está acontecendo.

– Estou pensando em fazer alguma coisa para me forçar. Uma coisa louca. Para forçar a magia.

Isso é burrice. Alguém precisa me impedir. Ela precisa me impedir.

Ela esfrega a bochecha na lâmina, fecha os olhos e depois esfrega o corpo todo. Para a frente e para trás. Para a frente e para trás.

– Acha mesmo que é uma boa ideia?

Ela mia alto e pula de volta para a mesa. E fica sentada, esperando.

Estico o braço e coloco uma das mãos no pelo das costas dela.

– Vou levar esta espada até sua cabeça, tá? Mas não vou acertar você.

Me impeça.

– Fique parada.

Ela fica me observando, só observando. Não se mexe, exceto pelo rabo.

Ergo a espada e a levo em direção ao corpinho dela. Coloco todo o meu peso no movimento da espada.

Oh! Deus, vou matá-la de novo.

Mas aí eu vejo. Tudo fica fluido. Sei que posso transformar a espada que tenho na mão em um pedaço de corda, um fluxo de água, uma nuvem de poeira. E a gata não é mais um emaranhado de frágeis ossos de pássaro e pelo. Consigo ver a maldição mal-entrelaçada sobre ela, obscurecendo a garota que há por baixo. Basta um simples puxão mental e ela desmorona.

De repente, estou levando a espada em direção à forma nua de uma garota agachada. Eu me afasto, mas meu peso está desequilibrado.

Caio no chão e a espada voa das minhas mãos. Cai contra uma arca veneziana com a madeira manchada que fica na outra extremidade da sala.

Ela é uma confusão emaranhada de cachos embaraçados da cor do feno e pele queimada de sol. Tenta ficar de pé, mas não consegue. Talvez tenha esquecido como fazer isso.

Dessa vez, quando o rebote toma conta de mim, é como se meu corpo estivesse tentando se partir ao meio.

– Cassel – diz ela. Está inclinada sobre mim, usando uma camiseta grande demais. Consigo ver quase as pernas dela inteiras quando viro a cabeça. – Cassel, tem alguém vindo. Acorde.

Minhas costelas estão doendo de novo. Não sei se isso é bom ou ruim. Mas preciso dormir. Se eu dormir por bastante tempo, quando acordar, estarei de volta a Wallingford e Sam estará passando perfume demais e tudo voltará a ser como deveria.

Ela me dá um tapa com força.

Respiro fundo e abro os olhos. Minha bochecha está ardendo. Quando viro a cabeça, vejo o cabo da espada e um vaso quebrado que deve ter caído de cima da arca. O chão está coberto de livros e papéis.

– Tem alguém chegando – diz ela. Sua voz parece diferente do que me lembro. Áspera. Rouca.

– Meu avô – digo. – Ele foi ao mercado.

– Tem duas pessoas lá fora.

O rosto dela é familiar e estranho ao mesmo tempo. Olhá-la faz meu estômago doer. Estico a mão. Ela se encolhe. É claro que não quer que eu toque nela. Sabe o que posso fazer.

– Rápido – diz ela.

Cambaleio e fico de pé.

– Oh! – digo em voz alta, porque me lembro da besteira que falei para Philip. Não acredito que achei que eu era bom em enganação.

– O armário – digo.

O armário de casacos está cheio de peles e lã comidas por traças. Chutamos as caixas que estão no chão e nos esprememos lá dentro. A única forma de cabermos sem empurrar a porta é passando para trás da barra onde ficam pendurados os cabides e deixando que as roupas nos cerquem. A barra bate no meu braço, e Lila entra depois de mim, fechando a porta. Ela se aperta contra as minhas costelas doloridas e ofega. O hálito dela cheira a grama e a outra coisa, algo mais intenso e sombrio. A sensação é de calor contra meu pescoço.

Não consigo vê-la, só traços de luz no contorno da porta. Uma das golas de pelo de marta da minha mãe roça no meu queixo e há um leve aroma de perfume.

Ouçõ a porta da frente abrir e a voz de Philip gritar:

– Cassel? Vovô?

Automaticamente, faço um movimento repentino. É só um reflexo, nada demais, mas Lila agarra meu braço e enfia as unhas no meu bíceps.

– Shhhhh – diz ela.

– Fique quieta *ocê* – sussurro em resposta. Estou segurando seus ombros sem ter pensado em fazer isso, como um reflexo do gesto dela. No escuro, ela é um fantasma. Não é real. Seus ombros tremem de leve, vibram sob minhas mãos.

Nossas mãos estão nuas. É chocante.

Ela está inclinada para a frente.

Em seguida, seus lábios deslizam sobre os meus, abertos, macios e indulgentes. Nossos dentes se encostam e ela tem gosto de todos os pensamentos sombrios que já tive. Foi com esse beijo que fantasiei quando tinha 14 anos e mesmo depois disso, mesmo quando eu sabia que era doentio pensar nela – o beijo que eu quis e nunca dei e, agora que está acontecendo, não consigo parar. Meus ombros se encostam contra a parede. Estico uma das mãos para me apoiar e seguro no ombro de lã de um casaco com tanta força que sinto o tecido antigo rasgar.

Ela morde minha língua.

– Ele não está aqui – diz Barron. – O carro não está lá fora.

Lila vira o rosto de repente e inclina o pescoço, de forma que seu cabelo fica sobre o meu rosto.

– O que você acha que ele disse pro vovô? – pergunta Philip.

– Nada – diz Barron. – Você está exagerando.

– Você não o ouviu ao telefone – diz Philip. – Ele se lembrou, não sei do quê. O bastante para saber que alguém o enfeitiçou.

Alguma coisa estala debaixo do pé de um deles. Considerando tudo que há espalhado no chão, podia ser qualquer coisa.

– Ele é espertinho. Você está sendo paranoico.

A respiração de Lila está quente no meu pescoço.

Passos na escada me dizem que vão me procurar lá em cima.

Estamos tão próximos que é impossível não tocar nela. E isso me faz lembrar que ela devia andar tocando em mim para me fazer sonhar.

– Naquela noite, em Wallingford... você estava no quarto comigo? – sussurro.

– Eles precisavam que eu buscasse você – diz ela. – Para fazer você andar até eles, sonâmbulo. Fiz muitas pessoas andarem dormindo até eles.

Visualizo uma forma branca nos degraus e o cachorro no corredor começando a latir antes de ela fazê-lo sonhar também.

– Por que você me beijou? – pergunto a ela, com voz baixa.

– Para calar sua boca – diz ela. – O que você achou?

Ficamos em silêncio por um momento. Acima de nós, ouço meus irmãos andando no piso que range. Eu me pergunto se estão em seus antigos quartos. Eu me pergunto se estão em meu quarto, revirando minhas coisas como revirei as de Barron.

– Obrigado – digo por fim, com sarcasmo. Meu coração bate desesperadamente.

– Você não se lembra de nada, lembra? Já percebi isso. Barron me disse que você riu quando ele contou pra você que eu estava em uma gaiola, mas você não riu, riu?

– É claro que não – respondo. – Ninguém me disse que você estava viva.

Ela dá uma risada estranha, curta e gorgolejante.

– Como você achava que morri?

Penso na gaiola e nela presa lá pelos últimos três anos. Em como isso poderia deixar qualquer pessoa louca. Não que ela pareça mais louca do que qualquer pessoa. Do que eu, por exemplo.

– Esfaqueei você. – Minha voz falha nas palavras, mesmo eu sabendo que a lembrança não é real.

Ela fica em silêncio. Só consigo ouvir o bater do meu próprio coração.

– Eu me *lembro* – digo. – Do sangue. De escorregar no sangue. E de me sentir feliz, como se tivesse escapado do que fiz. Olhar para seu corpo e sentir como me senti... A lembrança ainda parece tão real! Como uma coisa que ninguém podia inventar, de tão terrível que era. E de como eu estava... É pior do que não sentir nada, como se eu fosse um psicopata. É bem pior pensar que você gostou do que fez.

Fico feliz por estarmos no escuro. É impossível me imaginar dizendo isso olhando no rosto dela.

– Eles iam me matar – diz Lila. – Barron e eu estávamos na casa do seu avô, no porão, e ele segurou meus braços. A princípio, pensei que estivesse brincando, que quisesse lutar, até que você e Philip entraram. Philip estava dizendo alguma coisa, e você ficava sacudindo a cabeça.

Quero dizer que não é verdade, que não aconteceu, mas é claro que não faço ideia.

– Fiquei pedindo para Barron me deixar levantar, mas ele nem olhava pra mim. Philip pegou uma faca, e foi nessa hora que você pareceu mudar de ideia. Você andou na minha direção e olhou pra baixo, mas parecia que não estava olhando pra mim. Parecia que nem sabia quem eu era. Barron começou a se levantar e eu fiquei aliviada, mas você segurou meus pulsos e os apertou contra o tapete. Você os apertou com mais força do que ele.

Engulo em seco e fecho os olhos, com medo do que ela vai dizer a seguir.

Passos na escada fazem com que ela se cale.

– Me conte – sussurro. Minha voz sai mais alta do que planejei. Provavelmente, não o bastante para que eles ouvissem. – Me conte o resto.

Ela aperta a mão nua contra minha boca.

– Cale a boca. – Ela está sussurrando, mas parece com raiva.

Se eu lutar, vou acabar fazendo barulho.

– Não quero que você conte a Anton – diz Philip.

Ele parece estar perto, e o corpo de Lila fica tenso. Tento colocar a mão no braço dela para acalmá-la, mas isso só parece deixá-la mais abalada.

– Contar o quê? – pergunta Barron. – Que você acha que Cassel vai amarelar? Quer que tudo desmorone?

– Não quero que estoure na nossa cara. E Anton está parecendo mais instável.

– Podemos cuidar de Anton quando terminar. Cassel está bem. Você o mima demais.

– Só acho que é arriscado. É um plano arriscado, e Cassel precisa participar. Acho que você se esqueceu de fazê-lo esquecer.

– Sabe o que eu acho? – pergunta Barron. – Acho que aquela vagabunda da sua esposa é o problema. Falei pra você deixá-la ir embora.

– Cale a boca. – Ouço a raiva sob a calma aparente de Philip.

– Tá, mas ele conversou com ela ontem à noite depois do jantar. Ela obviamente percebeu o suficiente para querer ir embora.

– Mas Cassel...

– Cassel nada. Ela contou a ele suas desconfianças. E ele pesquisou um pouco pra descobrir se era verdade. Pra ver como você ia reagir. Ele

não sabe de nada ainda, a não ser que você surte. É simples. Caso encerrado. Agora vamos.

– E Lila?

– Vamos encontrá-la – diz ele. – Ela é uma gata. O que pode fazer?

Escuto a porta da frente bater. Esperamos o que parecem ser uns dez minutos, passamos por debaixo da barra e abrimos a porta do armário. Olho ao redor. A sala está bagunçada, mas não mais do que antes.

Lila sai depois de mim, e quando olho para ela sua boca se curva em um dos cantos. Ela se vira em direção ao banheiro.

Seguro o pulso dela.

– Por que está fazendo isso? Me conte. Como escapou de Barron? Por que me levou para o telhado do Smythe Hall com aquele sonho louco?

– Eu queria matar você – diz ela, com o sorriso leve aumentando.

Solto o pulso dela como se tivesse me queimado.

– Você o quê?

– Não consegui – diz ela. – Eu odiava você mais do que odiava seus irmãos, mas não consegui matar você. Impressionante, não é?

Sinto como se ela tivesse tirado meu fôlego.

– Não – digo. – Não é nada. Menos do que nada.

A porta da cozinha se abre com um rangido. Lila se encosta na parede e me lança um olhar de medo. Não há tempo para corrermos até o armário, então entro na cozinha e encaro o que estiver a caminho. Para dar alguns minutos para Lila se esconder.

Philip sorri da porta.

– Eu sabia que você estava aqui.

– Acabei de chegar – digo, embora ele saiba que estou mentindo.

Ele dá um passo em minha direção e dou um passo para trás. Eu me pergunto se ele vai tentar me matar. Levanto as mãos, ainda nuas. Ele

nem parece perceber.

– Preciso que fale com ela – diz Philip, e por um momento não sei de quem está falando. – Diga a Maura que fui fraco. Diga que sinto muito. Diga que eu não soube parar.

– Já falei, não sei onde Maura está.

– Tudo bem – diz ele, tenso. – Vejo você na quarta à noite. E, Cassel, talvez você esteja com raiva ou tenha perguntas, mas vai valer a pena no final. Confie em nós só mais um pouco e vai ter tudo que sempre quis.

Ele sai andando em direção ao carro de Barron. Lila entra na cozinha e coloca a mão no meu ombro. Sacudo o ombro para retirá-la.

– Temos que sair daqui – diz ela. – Você precisa descansar.

Eu me viro para concordar, mas ela já está pegando luvas e um casaco no armário.

CAPÍTULO CATORZE

A LUZ DO FIM DA TARDE

entra pela janela, e acordo com a cabeça acomodada em cachos louros e pele quente. A princípio fico tão desorientado que não consigo entender quem poderia estar ao meu lado e por que não está usando muitas roupas.

Sam está fechando a porta do quarto.

– Oi, cara – diz ele, sussurrando.

Lila faz um pequeno gesto de reclamação e rola contra a parede, o corpo deslizando contra o meu, a saia subindo. Ela coloca o travesseiro sobre a cabeça.

Eu me lembro vagamente de andar até a loja de conveniência a três quarteirões de casa, chamar um táxi e sentar na calçada para esperar, com Lila encostada em mim. Eu sabia que meu quarto no alojamento ficaria vazio por algumas horas. Não consegui pensar em outro lugar.

– Não se preocupe – diz Sam. – Não vi Valerio. Mas, da próxima vez, coloque uma meia na porta.

– Uma meia?

– Meu irmão diz que é o sinal universal de quem está... é um modo seguro de avisar ao colega de quarto para passar a noite fora. Em vez de deixar que seu colega de quarto entre e pegue você no flagra.

– Ah, tá – digo, bocejando. – Me desculpe. Uma meia. Vou me lembrar.

– Quem é ela? – sussurra ele, apontando com o queixo. – Ela estuda aqui? – Ele baixa a voz ainda mais. – E você é louco?

Lila rola e dá um sorriso sonolento para Sam.

– O uniforme é fofo – diz ela com a nova voz, rouca.

Sam fica vermelho.

– Sou Lila e, sim, ele é louco. Mas você deve ter reparado nisso antes. Já era louco quando o conheci, e, obviamente, ficou pior com o tempo. – Seus dedos enluvados bagunçam meu cabelo.

Faço uma careta.

– Ela é uma velha amiga. Amiga da família.

– Todo mundo está voltando – diz Sam, erguendo as sobrancelhas. – É melhor você e sua amiga irem embora agora.

Lila se ergue sobre um cotovelo.

– Está se sentindo melhor?

Ela não parece se incomodar de estar semivestida e com uma perna apertada contra mim. Talvez tenha se acostumado a ficar nua quando era uma gata, mas eu não estou nada acostumado.

– É – digo. Minhas costelas doem, mas a dor diminuiu.

Ela boceja e alonga os braços, inclina o corpo para um lado e faz a coluna estalar.

Parece que o mundo todo virou de cabeça para baixo. Não há mais regras.

– Ei – digo para Sam, porque, se o mundo enlouqueceu, acho que posso fazer o que quiser. – Adivinhe? Sou mestre.

Ele fica me olhando fixamente, de boca aberta. Lila fica de pé.

– Você não pode contar isso pra ele – diz ela.

– Por que não? – pergunto e me viro para ele. – Eu não fazia ideia até ontem. Coisa de doido, né?

– Que tipo? – diz ele, baixinho.

– Se você contar *isso* – diz Lila –, vou matar você, mas primeiro vou matar seu amigo.

– Considere a pergunta retirada – diz Sam, erguendo as mãos em uma oferta de paz.

Algumas das minhas roupas ainda estão nas gavetas e no armário. Pego o que preciso e vou para a biblioteca buscar a grana do meu negócio emprestada.

Andamos até a loja da esquina, aonde todos os alunos de Wallingford vão para roubar chiclete. Lila pega um vidro de xampu, um sabonete, um copo enorme de café e três barras de chocolate. Eu pago.

O dono, Sr. Gazonas, sorri para mim.

– Ele é um bom menino – diz para Lila. – Educado. Não rouba. Não é como os outros que vêm aqui. Não perca esse aí.

Isso me faz rir.

Eu me encosto na parede do lado de fora.

– Quer ligar pra sua mãe?

Lila sacode a cabeça.

– Com toda a fofoca que rola em Carney? De jeito nenhum. Não quero que ninguém além de meu pai saiba que voltei.

Faço que sim com a cabeça lentamente.

– Então vamos ligar para ele.

– Preciso tomar um banho primeiro – diz Lila, passando a alça da sacola de plástico no pulso.

Ela dobrou as barras de uma calça minha e parece uma mendiga com ela, uma camisa larga e botas de amarrar que achou no fundo do meu armário.

Chamo a mesma empresa de táxi que nos levou até lá.

– Não temos onde tomar banho – digo.

– Um quarto de hotel – diz ela.

Tem um hotel não muito longe de onde estamos, um lugar simples e limpo onde os pais se hospedam às vezes. Mas não vai dar certo.

– acredite, não vão deixar nós dois pegarmos um quarto. O pessoal tenta toda hora.

Ela mexe os ombros.

Desligo na cara da atendente.

– Tudo bem – digo, pensando que as portas ficam abertas quando os quartos estão sendo arrumados. Nunca vamos conseguir um quarto, mas podemos conseguir usar o chuveiro de um se tivermos sorte.

Quando começamos a cruzar o estacionamento, vejo Audrey com duas das amigas dela, Stacey e Jenna. Stacey me mostra o dedo do meio. Jenna cutuca Audrey com o cotovelo. Sei que eu devia olhar para o outro lado, mas não olho. Audrey ergue a cabeça. Os olhos dela estão cobertos por uma sombra.

– Você a conhece? – pergunta Lila.

– Conheço – respondo, e me viro na direção do hotel.

– Ela é bonita – diz Lila.

– É. – Enfio as mãos nos bolsos, bem fundo, empurrando os dedos enluvados contra o tecido.

Lila olha para trás várias vezes.

– Aposto que ela tem um chuveiro.

Eis outra coisa que mamãe me falou várias e várias vezes sobre golpes. A primeira coisa que você precisa conquistar é a confiança do alvo, mas é sempre mais convincente quando alguma outra pessoa sugere o golpe

ao alvo. É por isso que a maior parte dos golpes baseados em confiança precisa que haja um cúmplice.

– Cassel me contou tudo sobre você – diz Lila a Audrey. O sorriso dela muda de mendiga para garota comum, mesmo com o cabelo imundo.

Audrey olha de mim para Lila e depois de novo para mim, como se estivesse tentando decidir se isso era parte de alguma brincadeira.

– O que ele disse? – pergunta Jenna, dando um longo gole na Coca Diet.

– Minha prima acabou de voltar da Índia – digo e aponto para Lila com a cabeça. – Os pais dela viviam em um *ashram*. Eu estava contando a ela sobre Wallingford.

Audrey coloca as mãos nos quadris.

– Ela é sua prima?

Lila coça as sobrancelhas por um momento e um sorriso largo se espalha por seus lábios.

– Ah! Porque sou muito branca?

Stacey faz uma careta. Audrey olha para mim como se estivesse tentando ver se estou ofendido. A ideia de politicamente correto de Wallingford é nunca mencionar nada sobre raça. Nunca. Pele morena e cabelo escuro têm que ser tão invisíveis quanto cabelo ruivo ou louro ou pele tão branca que as veias azuis são claramente visíveis.

– Não, está tudo bem – diz Lila. – Somos primos postiços. Minha mãe se casou com o irmão da mãe dele.

Minha mãe nem tem irmão.

Eu não ergo uma sobrancelha.

Não sorrio.

Não admito para mim mesmo que enganar a garota por quem eu talvez ainda esteja apaixonado está fazendo minha pulsação disparar.

– Audrey – digo, porque conheço bem o roteiro. – Podemos conversar por um minuto?

– *Cassel* – diz Lila. – Preciso cortar meu cabelo. Preciso tomar um banho. Vamos. – Ela sorri para Audrey e segura meu braço. – Foi um prazer conhecer vocês.

Mantenho meu olhar em Audrey, esperando a resposta dela.

– Acho que podem conversar quando você voltar para a escola – diz Jenna.

– Ela poderia usar o chuveiro do alojamento – diz Audrey, hesitante. Sou uma pessoa muito ruim.

– Para que possamos conversar? – pergunto a ela. – Isso seria ótimo.

– Claro – diz ela, sem olhar para mim.

Enquanto andamos de volta para Wallingford, Lila me dá um sorriso.

– Maravilha. – Ela move os lábios em vez de falar em voz alta.

Audrey e eu nos sentamos nos degraus de cimento em frente ao prédio de artes. O pescoço dela está vermelho, do jeito que fica quando está nervosa. Ela fica tirando o cabelo ruivo do rosto e prendendo atrás da orelha, mas ele se solta a cada rajada de brisa.

– Me desculpe pelo que aconteceu na festa – digo.

Quero tocar no cabelo dela, arrumá-lo, mas não faço nada.

– Sou uma mulher independente. Tomo minhas próprias decisões – diz ela e puxa as meias cinzentas com as mãos enluvadas.

– Eu só quis dizer que...

– Sei o que você quis dizer – diz ela. – Eu estava bêbada, e você não devia beijar garotas bêbadas, ainda mais na frente do namorado delas.

Não é nada cavalheiresco.

– Greg é seu namorado? – Isso certamente explica a reação dele.

Ela morde o lábio inferior e dá de ombros.

– E eu bati nele! – falo rapidamente, para fazê-la rir. – Nada de revólveres ao amanhecer. Você deve ter ficado tão decepcionada! O cavalheirismo está realmente morto.

Ela sorri, aliviada por ver que não vou interrogá-la.

– *Estou* decepcionada.

– Sou mais engraçado do que Greg – digo.

É fácil falar com ela hoje, sabendo que não matei a última garota que amei. Eu não tinha ideia do quanto isso era um fardo pesado até tirá-lo dos ombros.

– Mas ele gosta mais de mim do que você gostava – diz ela.

– Então ele deve gostar muito de você. – Olho nos olhos dela ao falar e sou recompensado pela vermelhidão se espalhando por suas bochechas.

Ela me dá um soco no braço.

– Ah, você é engraçado.

– Isso significa que não me esqueceu totalmente?

Ela se espreguiça.

– Não tenho certeza. Você vai voltar pra escola?

Faço que sim com a cabeça.

– Vou voltar, sim.

– Tique-taque – diz ela. – Eu talvez esqueça você completamente.

Dou um sorriso.

– A ausência reduz as paixões pequenas e aumenta as grandes.

– Você tem boa memória – diz ela, mas seu olhar está em algo atrás de mim.

– Eu mencionei que também sou mais inteligente do que Greg?

Ao ver que ela não reage, eu me viro para ver para quê ela está olhando.

Lila está cruzando a praça em nossa direção, usando uma saia longa e um suéter que obviamente convenceu alguém a lhe dar. Ela cortou tanto o cabelo que está mais curto do que o meu, apenas uma cobertura prateada sobre a cabeça. Ainda está com minhas botas, e seus lábios brilham com gloss rosa. Por um momento fico sem respirar.

– Que diferença – diz Audrey.

O sorriso de Lila se alarga. Ela se aproxima de mim e passa o braço pelo meu.

– Muito obrigada por me deixar usar o chuveiro.

– Não foi nada – diz Audrey.

Ela nos observa, como se de repente achasse que tem alguma coisa estranha no que aconteceu. Talvez seja por causa da aparência diferente de Lila.

– Temos que pegar o trem, Cassel – diz Lila.

– É – digo. – Eu ligo pra você.

Audrey faz que sim com a cabeça, ainda parecendo perplexa.

Lila e eu vamos em direção à calçada, e sei o que estamos fazendo. É o corte de relações e a fuga. Independentemente se a jogada é alta ou não, os passos são os mesmos.

Acontece que não sou como meu pai, afinal. Na verdade, sou igual à minha mãe.

A estação de trem está praticamente vazia sem o movimento de pessoas dos dias de trabalho. Um cara da minha idade está sentado em um dos bancos de madeira pintados, discutindo com uma garota com olhos

vermelhos e inchados. Uma mulher de idade empurra um carrinho de supermercado. De pé em um canto há duas garotas com penteados moicanos pintados de rosa que riem juntas de um jogo de Game Boy.

– Devíamos ligar pro seu pai. – Pego meu celular no bolso. – Pra ter certeza de que ele vai estar no escritório quando chegarmos lá.

Lila olha para o vidro de uma máquina que vende doces. Sua expressão está indecifrável. Seu reflexo oscila um pouco, como se ela estivesse tremendo.

– Não vamos para Nova York. Precisamos que ele me encontre em outro lugar.

– Por quê?

– Porque não quero que ninguém além dele saiba que voltei. Ninguém. Não temos ideia de quem está trabalhando com Anton.

– Tudo bem – digo, assentindo. Depois de tudo que ela passou, um pouco de paranoia não é má ideia.

– Eu ouvi muita coisa – diz ela. – Sei qual é o plano deles.

– Tudo bem – digo de novo. Nunca pensei que ela não soubesse.

– Prometa que não vai contar a ele o que me aconteceu – diz ela e baixa a voz. – Não quero que ele saiba que eu era uma gata.

– Tudo bem – digo mais uma vez. – Não vou dizer nada que você não queira, mas ele vai esperar que eu diga *alguma coisa*.

Fico envergonhado do meu alívio. Eu não tinha certeza do que ia acontecer depois. Por mais zangado que eu esteja com Barron e Philip, por mais que os odeie agora, se Zacharov soubesse o que eles tinham feito, os mataria. Não tenho certeza se os quero mortos.

Lila estica a mão para pegar meu celular.

– Você não vai estar lá. Eu vou sozinha.

Abro a boca, e ela me olha como se me avisasse que é melhor eu pensar bem antes de falar.

– Ao menos me deixe ir com você no trem. Vou embora quando você tiver chegado lá, seja onde for. Em segurança.

– Posso cuidar de mim mesma – diz ela, com um zumbido na voz que parece um rosnado.

– Sei disso.

Entrego o celular a ela.

– Que bom – diz ela, e abre o aparelho.

Minha testa se franze quando ela aperta os botões. Não contar para Zacharov, mesmo que adie minha necessidade de tomar decisões, não é a solução. A vida dele está em perigo. Precisamos de uma estratégia.

– Você não pode achar que seu pai vai culpar você. Isso é loucura.

– Acho que meu pai vai sentir pena de mim – diz ela.

Posso ouvir o telefone tocando na outra extremidade da linha.

– Ele vai achar que você foi corajosa.

– Talvez – diz ela. – Mas vai achar que não consigo cuidar de mim mesma.

Ouçõ uma voz de mulher, e Lila encosta o telefone no ouvido.

– Eu gostaria de falar com o Sr. Ivan Zacharov.

Há uma longa pausa. Ela aperta os lábios com força.

– Não, não estou de brincadeira. Ele vai querer falar comigo.

Ela chuta a parede com a bota grande demais.

– Coloque-o na linha!

Levanto as sobrancelhas. Ela cobre o fone com a mão.

– Foram chamá-lo – diz ela, só com o movimento da boca. – Oi, papai – diz ela, fechando os olhos.

Alguns momentos depois ela diz:

– Não, não posso provar que sou eu. Como poderia provar isso?

Ouçõ a voz dele como um zumbido distante que vai ficando mais alto.

– Não sei. Não me lembro! – diz ela, tensa. – Não me chame de mentirosa. Eu *sou* Lillian!

Ela morde o lábio e após alguns momentos me entrega o telefone.

– Fale com ele.

– O que você quer que eu diga? – Mantenho a voz baixa, mas a perspectiva de falar com o Sr. Zacharov deixa minhas mãos suadas.

Ela pega um folheto em um suporte cheio deles e me entrega.

– Mande-o nos encontrar aqui.

Olho para o folheto.

– Ele tem um quarto no Taj Mahal – sibila Lila.

Pego o telefone.

– Hum, oi, senhor – digo ao telefone, mas ele ainda está gritando. Por fim, ele parece registrar que ela não está mais na linha.

A voz dele é a de alguém que está acostumado a ter suas ordens obedecidas.

– Onde ela está? Onde vocês estão agora? Apenas me diga isso.

– Ela quer encontrar o senhor em Atlantic City. Ela diz que o senhor tem um quarto no Taj Mahal.

O telefone fica tão silencioso que por um momento acho que ele desligou na minha cara.

– Para que tipo de armadilha estou indo? – pergunta ele por fim, lentamente.

– Ela só quer que o senhor se encontre com ela. Sozinho. Esteja lá hoje às 21 horas. E não conte pra ninguém.

Não sei outra forma de impedir que ele argumente, então fecho o celular. Olho para Lila.

– Dá pra chegarmos lá até as 21 horas?

Ela abre o folheto de horários.

– Dá, tem tempo de sobra. Foi perfeito.

Coloco uma nota de vinte na máquina perto da escada e digito nosso destino. O troco vem em moedas de prata que tilintam na bandeja como sinos.

Não dá para pegar um trem do meio de Nova Jersey diretamente para Atlantic City. Você tem que ir até a Filadélfia e trocar de trem na Thirtieth Street Station, para pegar a linha de Atlantic City. Assim que nos sentamos, Lila abre o saco da loja e come três barras de chocolate com mordidas rápidas e famintas. Em seguida, limpa o rosto com a mão, com os dedos fechados passando pela bochecha e indo até o nariz. Não é um gesto humano, ou ao menos não é como os humanos fazem o mesmo gesto.

Eu me sinto pouco à vontade e olho pelo vidro sujo e rachado para o mar de casas que passa rapidamente, como um borrão. Cada uma cheia de segredos.

– Me conte o que aconteceu naquela noite – peço. – O resto da história. Quando transformei você.

– Tudo bem – diz ela. – Mas primeiro preciso que você entenda por que meu pai não pode saber o que me aconteceu. Sou a única filha dele e sou mulher. Famílias como a minha são muito tradicionais. As mulheres podem ser mestras poderosas, mas raramente são líderes. Entende?

Faço que sim com a cabeça.

– Se papai descobrisse, se vingaria de Anton e de seus irmãos, talvez até de você. Mas, depois, eu seria a filha que precisa ser protegida. Jamais poderia ser a chefe da família. Vou executar minha própria vingança e vou salvar meu pai de Anton. Aí ele vai ver que mereço ser a herdeira dele.

Ela cruza as pernas e coloca os pés perto de mim. Minhas botas ficam enormes nos pés dela, e um dos cadarços desamarrou.

É difícil imaginá-la como chefe da família Zacharov.

Concordo de novo. Penso em Barron me chutando nas costelas. Penso em Philip olhando para mim enquanto eu me contorcio. A raiva toma conta de mim, quente e perigosa.

– Você vai precisar de mim pra fazer isso.

Ela aperta os olhos.

– Isso é problema?

Eu os odeio, mas eles são minha família.

– Quero que você deixe meus irmãos fora dos seus planos.

Posso ver o maxilar se contrair quando ela fecha a boca e os dentes se chocam.

– Eu mereço vingança – diz ela.

– Você quer cuidar da sua família do seu jeito. Tudo bem. Deixe que eu cuide da *minha*.

– Você nem sabe o que fizeram com você.

Eu me encolho pela onda de medo que sinto. Tenho que engoli-la.

– Certo, me conte.

Ela umedece os lábios.

– Você quer saber o que aconteceu naquela noite? Já contei que eles estavam discutindo. Anton mandou Barron se livrar de mim. Você deveria me transformar... em alguma coisa. Alguma coisa de vidro, para

que ele pudesse me quebrar. Alguma coisa morta, para que eu ficasse morta. Era o que eles ficavam dizendo enquanto você me segurava no chão.

“Philip disse que se você não fizesse isso eles teriam que me machucar e seria uma confusão. Barron ficava falando alguma coisa sobre você lembrar o que eu tinha feito a você, e você gritava que eu não tinha feito nada.”

Ela baixa o olhar por um momento.

Pistas. Todo mundo dá dicas.

– Por que Anton queria você morta?

– Ele quer assumir a família. Estava com medo de papai nunca escolhê-lo como herdeiro se eu estivesse por perto. Por isso, ele sempre me quis morta. Só precisava de um modo de fazer acontecer que não o envolvesse.

“A desculpa para se livrar de mim foi que Barron tinha me pedido para fazer algumas pessoas saírem de casa dormindo, sonâmbulas. Eu esbarrava nelas durante o dia e na mesma noite elas tinham um sonho, levantavam e iam para o jardim. Às vezes, acordavam no meio do caminho e a maldição sumia, às vezes, não. Não sei por que me pediam isso. Barron disse que eram pessoas que deviam dinheiro ao meu pai e que Barron poderia falar com elas, impedir que se machucassem. Anton descobriu que Barron tinha me usado para ajudar e disse a ele que eu tinha que ser morta, senão ele ia ver o que ia acontecer.

– O que ia acontecer? Qual é o problema de fazer as pessoas saírem andando dormindo?

Eu me reclino. O assento de vinil range.

– Hum, seus irmãos? Eles fazem pessoas desaparecerem. É isso que eles fazem.

– Eles matam pessoas? – Minha voz sai alta demais. Não sei por que estou chocado. Sei que criminosos fazem coisas ruins e sei que meus irmãos são criminosos. Mas eu tinha concluído que o que Philip fazia para Anton era coisa pequena. Tipo quebrar pernas.

Lila franze a testa e olha ao redor no trem, mas, mesmo depois do que falei, ninguém parece interessado em nós. A voz dela fica baixa, praticamente um sussurro, como se ela pudesse consertar meu erro por compensação.

– *Eles* não matam ninguém. Botam o irmãozinho caçula pra fazer por eles. Ele transforma as pessoas em objetos. Depois, jogam os objetos fora.

– O quê?

Eu ouvi bem; só não consigo acreditar que ouvi direito.

– Eles usam você como um triturador de lixo humano. – Ela faz uma moldura com as mãos e olha para mim por ela. – Retrato de um assassino adolescente.

Fico de pé, embora estejamos em um trem e eu não tenha para onde ir.

– Cassel?

Ela estica a mão em minha direção, e dou um passo para trás.

Há um rugido no meu ouvido. Fico grato. Acho que não consigo ouvir muitas outras coisas.

– Me desculpe. Mas você devia desconfiar...

Acho que vou vomitar.

Empurro a pesada porta que leva à plataforma entre os vagões. A parte que os liga balança para a frente e para trás debaixo dos meus pés. Estou de pé acima dos ganchos e das correntes que prendem o

trem e dão a ele formato de serpente. O ar frio faz meu cabelo voar, e o ar quente do motor bate no meu rosto.

Fico ali de pé, com as mãos nas laterais de metal, até que começo a me acalmar.

Acho que entendo por que todos aqueles mestres foram reunidos e mortos. Acho que agora entendo esse tipo de medo.

Somos basicamente quem lembramos ser. É por isso que é tão difícil largar velhos hábitos. Se nos conhecemos como mentirosos, já temos a expectativa de não contar a verdade. Se nos vemos como pessoas honestas, nos esforçamos mais.

Durante três dias inteiros não fui assassino. Lila tinha ressuscitado e, com ela, houve a anulação do meu ódio por mim mesmo. Mas agora a pilha de cadáveres balança acima de mim, ameaçando cair e me sufocar de culpa.

Durante toda a minha vida eu quis que meus irmãos confiassem em mim. Que me contassem seus segredos. Eu queria que eles, especialmente Philip, pensassem em mim como um cúmplice valioso.

Mesmo depois que eles me espancaram, meu instinto foi de tentar salvá-los.

Agora, eu só quero vingança.

Afinal, já sou um assassino. Ninguém espera que um assassino pare de matar. Seguro a barra de metal do trem em movimento, apertando os dedos como se estivesse apertando o pescoço de Philip. Não quero ser um monstro, mas talvez seja tarde demais para ser qualquer outra coisa.

A porta se abre e o condutor pisa na plataforma e passa por mim.

– Você não pode ficar aqui – diz ele, olhando para trás.

– Tudo bem – digo, e ele abre a porta para o outro vagão, pronto para recolher mais passagens. Ele não se importa. Eu poderia ficar onde estou por muito tempo até ele voltar.

Inspiro o ar fétido mais algumas vezes e volto para Lila.

– Muito dramático – diz ela quando me sento. – Sair assim, batendo a porta.

Seus olhos parecem feridos ao redor. Ela achou uma caneta e começou a rabiscar a perna abaixo do joelho.

Eu me sinto péssimo, mas não peço desculpas.

– É – digo. – Sou um cara dramático. Tenso.

Isso a faz sorrir, mas o sorriso some rapidamente.

– Eu odiei você, deitado em sua cama confortável na escola, se preocupando com notas e garotas e não com o que fez comigo.

Trinco os dentes.

– Você dormiu na minha cama. Acha mesmo confortável?

Ela ri, mas o som parece mais o de um soluço.

Olho pela janela. Estamos no meio da floresta agora.

– Eu não devia ter dito isso. Você estava dormindo em uma gaiola. Não sou uma pessoa boa, Lila. – Hesito. – Mas me importo com o que fiz com você. Eu pensava em você todos os dias. E sinto muito. Sinto muito mesmo, de uma forma desprezível e patética.

– Não quero sua piedade – diz ela, mas a voz soa mais gentil.

– Que pena! – digo.

Ela dá um sorriso torto e me chuta com a bota.

– Eu gostaria que você me contasse o resto do que aconteceu. Como transformei você. Como você escapou. Não vou mais reagir assim. Vou ouvir o que você quiser me contar.

Ela assente e volta a desenhar na perna. São espirais que saem de um ponto de tinta azul.

– Certo. Ali está você, me segurando em cima do tapete. Você parece louco, com raiva. Mas de repente fica com um sorriso estranho no rosto. Estou com medo, com muito medo, porque acho que você vai fazer o que eles querem. Você se inclina e sussurra no meu ouvido. “Corra.” É o que você diz.

– Corra? – pergunto.

– Eu sei. Loucura, né? Você ainda está em cima de mim, como posso fazer qualquer coisa? Mas aí eu começo a me transformar. – A caneta aperta a pele, com força. Está arranhando a perna dela. – Foi como se minha pele estivesse ficando apertada e coçasse. Meus ossos se contorceram e eu encolhi, fiquei pequena. Minha visão se tornou embaçada, e consegui sair de perto de você. Eu não sabia correr sobre quatro patas, mas corri mesmo assim.

“Ouvi você gritar, mas não olhei para trás. Ouvi muitos gritos.

“Eles me pegaram debaixo de alguns arbustos. Consegui sair da casa, mas não consegui fugir rápido o bastante.”

Ela para de desenhar e começa a enfiar a ponta da caneta na perna.

– Ei – digo e coloco a mão enluvada sobre a dela.

Ela pisca rapidamente, como se tivesse esquecido onde estava.

– Barron me colocou em uma gaiola e botou uma coleira de choque no meu pescoço, do tipo que usam em cachorrinhos. Ele disse que era melhor do que se eu estivesse morta. Eu estava fora do caminho, mas ele ainda podia me usar. Fiz pessoas saírem andando sonâmbulas até vocês; é fácil para uma gata entrar em uma casa e tocar em alguém. Eu até fazia você sair dormindo do alojamento quando seus irmãos estavam esperando. Você olhava para mim como se eu não fosse nada.

Um animal. – As narinas dela tremem. – Achei que você tentaria me salvar. Mas você nunca tentou me salvar de novo.

Não sei o que dizer. Sinto uma dor profunda e sofrida que dói mais do que consigo expressar. Não tenho palavras. Quero tocar nela, mas não mereço.

Ela sacode a cabeça.

– Sei que Barron enfeitiçou você. Estou aqui agora graças a você. Eu não devia dizer isso.

– Tudo bem. – Respiro fundo. – Tenho muita coisa a lamentar.

– Eu devia ter desconfiado de que eles mudariam suas lembranças. Barron está tão ocupado tentando fazer as pessoas lembrarem o que ele quer que lembrem e fazê-las esquecer todo o resto que não percebe que está destruindo o próprio cérebro. Ele não consegue mexer os pauzinhos porque esqueceu onde eles estão.

“Mas é que a gente fica louco quando fica sozinho como eu fiquei. Às vezes ele esquecia minha comida e minha água, e eu chorava sem parar. – Ela para de falar e olha pela janela. – Eu tentava contar histórias para mim mesma para passar o tempo. Contos de fadas. Partes de livros. Mas acabei cansando delas.

“No começo, tentei fugir, mas acho que depois de um tempo minha esperança acabou, assim como as histórias. – Lila baixa a voz e se encosta em mim, tão perto que os cabelos do meu pescoço se levantam com a respiração dela. – Quando descobri que você ia atacar meu pai, quando os ouvi falando, percebi que fugir não era importante. Eu sabia que tinha que matar você.”

– Fico feliz que não tenha matado – digo. Penso nos meus pés descalços escorregando na ardósia.

Ela sorri.

- Acontece que Barron não estava me observando com tanto cuidado quanto antes. Consegui destruir a parte de nylon da coleira. Mesmo assim, foi difícil tirar, mas consegui.

Penso no sangue seco no pelo dela quando a vi pela primeira vez.

- Você ainda me odeia? - pergunto.

- Não sei - diz ela. - Um pouco.

Minhas costelas doem. Quero fechar os olhos. Em algum lugar do trem um bebê começa a chorar. O homem de negócios dois assentos à nossa frente está falando ao telefone.

- Não quero sorbet - diz ele. - Não gosto de sorbet. Compre uma porcaria de sorvete mesmo.

Acho que talvez eu mereça que minhas costelas doam mais.

CAPÍTULO QUINZE

AS LUZES DE ATLANTIC

City cintilam no calçadão, deixando-o iluminado como se fosse dia. Saímos do táxi em frente ao hotel Taj Mahal, ambos sonolentos e doloridos da longa viagem.

Olho para o relógio. Passam 15 minutos das 9 horas. Ela está atrasada.

– Vou sozinha a partir daqui – diz Lila.

Eu bocejo e pego uma caneta, a caneta dela. A que ela estava usando para escrever na perna. Escrevo o número do meu celular no braço dela, logo acima da beirada da luva.

Ela observa com olhos semicerrados as marcas de tinta que faço sobre sua pele. Eu me pergunto como seria beijá-la agora, sob a luz da rua, com os olhos abertos.

– Me avise quando estiver tudo bem – digo baixinho, em vez de beijá-la.

Ela olha para o número.

– Você vai embora?

Sacudo a cabeça.

– Vou esticar as pernas e comer alguma coisa. Não vou a lugar algum até você ligar.

Ela concorda.

– Me deseje sorte.

– Sorte – digo.

Observo-a sair andando com passos largos e arrogantes em direção à entrada do hotel. Espero alguns minutos e passo pelas portas de entrada do cassino.

Inspiro o cheiro familiar de cigarrilhas e uísque. As máquinas tocam música e fazem ruídos metálicos. Moedas tilintam ao longe. As pessoas se inclinam em frente a máquinas com grandes copos de plástico em uma das mãos e fichas na outra. Algumas delas parecem estar ali há muito tempo.

Dois seguranças que estavam perto da parede saem andando em minha direção.

– Ei, garoto – chama um deles. – Espere um segundo.

Eles provavelmente perceberam que sou menor de idade.

– Estou indo embora – digo e empurro a porta dos fundos. O ar marítimo atinge meu rosto.

Ando pelas tábuas cinzentas e gastas, com as mãos no bolso, pensando em Lila lá em cima com o pai. Quando eu era criança, Zacharov era uma figura sombria, uma lenda, o bicho-papão. Eu o vi umas três vezes, e uma delas foi quando fui expulso da festa de aniversário da filha dele.

Ele riu, eu me lembro disso.

Nos fundos do Taj Mahal algumas mulheres idosas se reclinam sobre a amurada e jogam alguma coisa na areia. Alguns homens de conjuntos de moletom fumam perto da entrada, chamando as mulheres quando elas passam. E um homem com um longo casaco de casimira e cabelo branco prateado olha o mar.

Encosto a mão no bolso que tem o telefone dentro. Eu devia ligar para vovô, mas não estou pronto para inventar desculpas.

O homem de cabelo branco se vira para mim. Ao olhar ao redor reparo em dois caras enormes tentando disfarçar perto de uma vitrine de loja de doces.

– Cassel Sharpe – diz o Sr. Zacharov, com o leve sotaque fazendo meu nome soar um tanto exótico. Embora já esteja escuro, ele está de óculos de sol. Uma pedra vermelha grande e pálida brilha no alfinete da gravata dele. – Creio que recebi uma ligação vinda do seu celular.

Parece que mamãe estava certa quanto a linhas de telefone, afinal.

– Certo – digo, tentando agir de forma casual.

Ele olha ao redor, como se pudesse encontrá-la na multidão.

– Onde está ela?

– Lá em cima, no quarto – respondo. – Onde disse que estaria.

Há um gemido de fundo da garganta e me viro de repente, mexendo o corpo com rapidez. Meus músculos doem. Esqueci o quanto já estavam doloridos.

O Sr. Zacharov ri.

– Gatos – diz ele. – Dezenas de gatos de rua moram embaixo do calçadão de madeira. Lila sempre amou gatos. Você lembra.

Não falo nada.

– Se ela estivesse no quarto, meu pessoal teria ligado. – Ele inclina a cabeça e enfia a mão enluvada no bolso. – Acho que você está fazendo algum joguinho. Quem botou para fingir que era minha filha ao telefone? Você ia me pedir dinheiro? Me parece um jogo bem idiota.

– Ela pediu para o senhor encontrá-la sozinho. – Eu me inclino na direção dele, e ele estica a mão para me impedir de chegar perto demais. Um dos capangas dele começa a andar em nossa direção. Abaixo a voz. – Ela provavelmente viu alguém do *seu pessoal* e foi embora.

Ele ri.

– Você é um vilão patético, Cassel Sharpe. Uma grande decepção.

– Não – digo. – Ela realmente está... – O sujeito grandão torce meus braços para trás com força. – Por favor – ofego. – Minhas costelas.

– Obrigado por me dizer onde bater – diz o sujeito. O nariz dele é torto para um dos lados. Ele é um estereótipo vivo.

O Sr. Zacharov me dá um tapinha na bochecha. Sinto o cheiro do couro da luva dele.

– Achei que você podia sair mais ao seu avô, mas sua mãe estragou todos vocês.

Isso me faz rir.

O cara puxa mais meus braços. Eles fazem um som de que estão soltando do corpo, eu emito um tipo de som diferente.

– *Papai.* – A voz de Lila, num tom baixo e estranhamente ameaçador, se sobrepõe aos ruídos do calçado. – Deixe Cassel em paz.

Lila aparece na praia. Por um momento eu a vejo como ele deve ver, meio fantasma e meio estranha. Ela é uma mulher, não a criança que ele perdeu, mas a boca cruel é igual à dele.

Além do mais, não devem existir muitas pessoas com um olho azul e o outro verde.

Ele pisca. Em seguida, tira os óculos de sol lentamente.

– Lila? – Ele fala de um jeito delicado como cristal.

O sujeito afrouxa um pouco o aperto e me liberto dele. Tento esfregar os braços e voltar a sentir os músculos.

– Espero que confie nos seus homens – diz ela. Sua voz falha. – Porque isso é segredo. Eu sou um segredo.

– Me desculpe – diz o Sr. Zacharov. – Achei que você não era real...

Ele estica a mão coberta pela luva na direção dela.

Ela fica ali de pé, enfurecida, como se estivesse lutando contra alguma coisa selvagem dentro de si. Não vai até ele.

– Vamos sair daqui – digo, tocando no braço dela. – Vamos resolver isso em particular.

Zacharov olha para mim como se não conseguisse lembrar direito quem eu sou.

– Lá dentro – digo.

Os dois sujeitos grandes de casacos compridos parecem aliviados por terem alguma coisa a fazer.

– As pessoas estão olhando – diz um deles, colocando a mão nas costas do Sr. Zacharov e o guiando para o cassino.

O outro olha para mim, com cautela. Lila pega minha mão e o olha com uma frieza pela qual fico grato. Ele se afasta e anda atrás de nós quando vamos na direção do Taj Mahal.

Ergo as sobrancelhas para Lila.

– Você tem um tremendo talento pra se meter em roubada – diz ela.

Ninguém nos pergunta nada quando passamos pelo cassino em direção ao elevador.

A emoção crua no rosto de Zacharov é uma coisa particular, que eu sei que ele não ia querer que eu visse. Eu me pergunto se devo tentar ir embora, mas a mão enluvada de Lila segura a minha com força suficiente para doer. Tento manter o olhar acima das portas do elevador, observando os números mudando, aumentando cada vez mais.

Na suíte, há uma parede de madeira com uma tevê de tela plana, um divã de couro e um vaso com hortênsias frescas sobre uma mesa baixa. O lugar é enorme, amplo, com grandes janelas que deixam à vista a extensão do mar preto como tinta, abaixo. Um dos sujeitos enormes

joga o casaco sobre uma cadeira e deixa à mostra as armas presas debaixo do braço e nas costas. Ele tem mais armas do que mãos.

Zacharov serve um líquido claro em um copo de cristal.

– Querem uma bebida? – pergunta ele. – O minibar está cheio de Cocas.

Eu me levanto.

– Não – diz ele. – Sou seu anfitrião.

Ele faz um sinal de cabeça para um dos homens. O homem resmunga e vai até a geladeira.

– Só água – diz Lila.

– Aspirina – peço.

– Ah, pare com isso – diz o sujeito ao entregar os copos e os comprimidos. – Não machuquei você tanto assim.

– Não – digo. – Você, não.

Engulo três aspirinas e tento me encostar nas almofadas de uma forma que não me faça querer gritar.

– Vocês dois, vão para o cassino – diz Zacharov para os dois homens. – Ganhem algum dinheiro.

– Pode deixar – diz um.

Ele pega o casaco e eles vão em direção à porta. Zacharov olha para mim como se quisesse me pedir para ir com eles.

– Cassel – diz ele –, há quanto tempo você sabe o paradeiro da minha filha?

– Há uns três dias – respondo.

Lila aperta os olhos, mas acho que não faz sentido esconder isso.

Ele se serve de outra bebida.

– Por que não ligou antes?

– Lila apareceu do nada – respondo, o que é basicamente verdade. – Pensei que ela estivesse morta. Não a vejo desde que tínhamos 14 anos. Eu só fiz o que ela pediu.

Zacharov toma um gole da bebida e faz uma careta.

– Lila, você vai me contar onde esteve?

Ela balança os ombros magros e evita o olhar dele.

– Você está protegendo alguém. Sua mãe? Sempre achei que ela tinha tirado você de mim. Me diga que ficou de saco cheio dos velhos...

– Não! – diz Lila.

Ele ainda está perdido nos pensamentos.

– Ela praticamente me acusou de mandar matar você. Disse ao FBI que falei que você estava melhor morta do que com ela. Ao FBI!

– Eu não estava com mamãe – diz Lila. – Papai, mamãe não teve nada a ver com isso.

Ele para e fica olhando para ela.

– Então o que foi? Alguém fez...? – Ele para a frase no meio e se vira para mim. – Foi você? Você machucou minha filha?

Eu hesito.

– Ele não fez nada comigo – diz Lila.

Zacharov encosta no meu ombro a mão coberta pela luva.

– O recurso da sua mãe está chegando, não está, Cassel?

– Está, sim, senhor – respondo.

– Eu detestaria ver alguma coisa dar errado. Se eu descobrir...

– Deixe-o em paz – diz Lila. – Me escute, pai. Escute por um minuto. Não estou pronta para contar o que aconteceu. Pare de tentar encontrar alguém para culpar. Pare o interrogatório. Estou de volta agora. Você não está feliz por eu ter voltado?

– É claro que estou feliz – diz ele, claramente abalado.

Encosto a mão nas costelas doloridas sem pensar. Quero outra aspirina, mas não sei onde o sujeito colocou o vidro.

– Estou confiando em você por causa dela – diz ele para mim. Depois, fala com voz mais suave: – Minha filha e eu precisamos conversar. Precisamos ficar sozinhos. Você entende isso, não é?

Faço que sim com a cabeça. Lila está olhando para a água negra. Ela não se vira.

Zacharov tira a carteira de dentro do casaco e conta 500 dólares.

– Tome – diz ele.

– Não posso aceitar – digo.

– Eu me sentiria melhor se você aceitasse – diz ele.

Fico de pé e tento não fazer careta. Sacudo a cabeça.

– Espero que não esteja querendo se sentir melhor.

Ele dá uma risada.

– Um dos garotos vai levar você pra casa.

– Posso ir? De verdade?

– Não se engane. Posso pegar você como se fosse uma moeda no calçadão, na hora que eu quiser.

Quero dizer alguma coisa para Lila, mas ela ainda está de costas para mim. Não consigo adivinhar os pensamentos dela.

– Vou dar uma festinha em um restaurante chamado Koshchey's para angariar fundos. Você deveria ir – diz Zacharov. – Sabe por que gosto do Koshchey's?

Sacudo a cabeça.

– Você sabe quem é Koshchey, o Imortal?

– Não – respondo, pensando no mural estranho no teto do restaurante.

– No folclore russo, Koshchey é um mago que pode se transformar em redemoinho e destruir seus inimigos. – Zacharov toca no alfinete reluzente que tem sobre o peito. – Ele esconde a alma em um ovo de pato, para não poder ser morto. Não me irrite, Cassel. Não sou um bom homem para se ter como inimigo.

– Entendo – digo e abro a porta. O que entendo é que Lila e eu estamos por conta própria e sequer temos um plano.

– E... Cassel?

Eu me viro.

– Obrigado por trazer minha filha de volta.

Atravesso a porta. Enquanto espero o elevador chegar, meu telefone toca. Estou tão cansado que me parece um esforço enorme tirá-lo do bolso.

– Alô – atendo.

– Cassel? – diz o supervisor Wharton. Ele não parece feliz. – Me desculpe por ligar tão tarde, mas acabamos de receber a ligação dos membros do conselho na Costa Oeste. Bem-vindo de volta a Wallingford. Recebemos o relatório do seu médico e o conselho todo votou. Gostaríamos que você continuasse como aluno, mas sem dormir no alojamento, durante um tempo de avaliação. Se você não arrumar mais problemas, podemos considerar sua volta para o alojamento no próximo ano letivo.

Sufoco a risada irônica que ameaça subir pela minha garganta. Meu golpe deu certo. Posso voltar para a escola. Mas não posso voltar a ser a pessoa que eu achava que era.

– Obrigado, senhor – consigo dizer.

– Esperamos vê-lo amanhã de manhã, Sr. Sharpe. Como já pagou até o final do ano, fique à vontade para tomar o café da manhã e jantar no

refeitório.

– Segunda de manhã? – pergunto.

– Sim, amanhã de manhã. A não ser que você tenha outros planos – diz ele secamente.

– Não – digo. – É claro que não tenho. Vejo o senhor amanhã, supervisor. Obrigado, supervisor.

Um dos homens de Zacharov me leva para casa de carro. O nome dele é Stanley. Ele é de Iowa e não sabe quase nada de russo. Diz que não é bom em línguas.

Ele me conta isso tudo quando me deixa na porta de casa. Embora tenha me feito sentar na parte de trás da limusine com o vidro de divisória erguido, acho que ele podia ver mais do que eu pensava. Acho que ele me viu desabotoar a camisa e passar os dedos nos hematomas escuros na pele acima das costelas, examinando cada osso em busca de alguma ruptura. Não estou supondo isso só porque ele foi tão simpático quando chegamos em casa. Ele também me deu o vidro todo de aspirina.

CAPÍTULO DEZESSEIS

MEU AVÔ NÃO

está em casa quando chego, mas há um bilhete rabiscado a caneta no verso de uma nota fiscal e preso na geladeira com um ímã escrito EU AMO ♥ CHIHUAHUAS.

Fui para Carney por alguns dias. Me ligue quando chegar em casa.

Olho para o bilhete e tento decifrar o que significa, mas não consigo pensar nada além do fato de que não haverá um carro para eu pegar emprestado amanhã. Cambaleio até o andar de cima, programo o alarme do celular, empurro uma cadeira contra a porta e engulo mais algumas aspirinas. Nem me dou o trabalho de tirar os sapatos ou entrar debaixo da coberta; encosto a cabeça no travesseiro e caio no sono como um morto voltando para o túmulo.

Por um momento, depois que o alarme toca e eu acordo, não sei onde estou. Olho ao redor do quarto onde dormi quando criança e ele parece ter pertencido a outra pessoa.

Estico o braço e desligo o celular, depois pisco algumas vezes.

Minha cabeça está mais clara do que nos últimos dias.

A dor diminuiu um pouco – talvez porque eu finalmente tenha dormido direito –, mas a realidade do que aconteceu e está prestes a

acontecer parece finalmente estar sendo registrada na minha cabeça. Não tenho muito tempo para planejar, só três dias.

E preciso ficar longe dos meus irmãos por tempo suficiente para fazer isso. Wallingford será bom para isso. Eles não sabem que tive permissão para voltar e, mesmo se descobrirem, pelo menos estar na escola não é me esconder de maneira óbvia. Pelo menos posso continuar a agir como um robô assassino esperando que eles deem a palavra de ordem.

Remexo em meu armário em busca da camisa surrada e da calça do uniforme. Não levei o paletó nem os sapatos quando arrumei a mala no alojamento, mas tenho um problema ainda maior. Não tenho como ir para a escola.

Coloco meus tênis e ligo para Sam.

– Você faz ideia de que horas são? – pergunta ele meio grogue.

– Preciso que você venha me buscar – respondo.

– Cara, onde você está?

Dou o endereço e ele desliga. Torço para que não vire para o lado e volte a dormir.

No banheiro, enquanto escovo os dentes, vejo que minha bochecha está roxa de um hematoma acima da fina barba que cresceu. Meu cabelo estava grande antes e agora está ainda mais desganhado, mas eu o molho e tento pentear de um jeito arrumado.

Embora seja contra as regras ficar de qualquer modo que não seja macio como bumbum de bebê, não faço a barba, pois posso imaginar como o hematoma deve estar horrível por baixo dela.

No andar de baixo, enquanto passo café e observo o líquido escuro pingar, penso em Lila olhando para o mar. Penso nela de costas para mim quando saio.

Mamãe diz que quando você está dando um golpe em alguém tem que haver alguma coisa em jogo, alguma coisa tão grande que o alvo não vai querer ir embora, mesmo se as coisas ficarem complicadas. Eles têm que se envolver completamente. Se estiverem completamente envolvidos, você vence.

Lila está em jogo. Ela não vai embora, o que significa que eu também não posso ir.

Estou completamente envolvido.

Eles estão vencendo.

Todos os professores são muito legais comigo. Com exceção do Dr. Stewart, que me dá um monte de zeros, enunciando os números cuidadosamente ao escrever cada um no caderno de notas. A maioria entende que não consegui manter os deveres de casa em dia, embora tenham me mandado as tarefas diariamente por e-mail. Dizem que estão felizes por eu ter voltado. A Sra. Noyes até me abraça.

Meus colegas me olham como se eu fosse um lunático perigoso com duas cabeças e uma terrível doença contagiosa. Fico de cabeça baixa, como batatas no almoço e tento parecer interessado nas aulas.

O tempo todo estou bolando planos.

Daneca senta a meu lado no refeitório na hora do almoço e empurra o caderno de cívica na minha direção.

– Quer copiar minhas anotações?

– Copiar suas anotações? – pergunto devagar, olhando para o caderno.

Ela revira os olhos. Seu cabelo está preso em duas tranças, cada uma amarrada com uma corda crua.

– Você não precisa, se não quiser.

– Não – digo. – Eu quero. Quero sim.

Olho para o caderno à minha frente, viro as páginas e vejo a caligrafia arredondada dela. Contorno as anotações com o dedo enluvado, e uma ideia começa a se formar em minha cabeça.

Sorrio.

Sam coloca a bandeja do outro lado. Nela há um amontoado grudento de macarrão com queijo com aroma delicioso.

– Oi – diz ele. – Prepare-se para ficar muito feliz.

É a última coisa que espero que ele diga.

– O quê? – pergunto.

Meus dedos estão traçando novas palavras na margem do caderno de Daneca. Planos. Estou escrevendo em um estilo familiar, mas que não é o meu.

– Ninguém achou que você voltaria. Ninguém. Ninguém.

– Obrigado. É, entendo por que você pensou que eu acharia isso legal.

– Cara – diz ele. – Um monte de gente acabou de perder muito dinheiro. Compensamos aquela aposta ruim. Somos os reis das finanças!

Sacudo a cabeça, impressionado.

– Eu sempre disse que você era um gênio.

Damos um soco no ombro um do outro, batemos os punhos e ficamos sorrindo como bobos.

Daneca franze a testa, e Sam para.

– Hum – diz Sam. – Tinha algumas outras coisas que queríamos falar com você.

– Coisas menos legais, suponho – digo.

– Me desculpe por ter perdido sua gata – diz ela depois de alguns instantes.

– Ah! – digo, olhando para ela. – Não. A gata está bem. A gata voltou para o lugar dela.

– O que você quer dizer?

Sacudo a cabeça.

– Complicado demais.

– Você está metido em algum tipo de encrenca? – pergunta Sam. – Porque, se você estivesse metido em alguma encrenca, talvez pudesse nos contar. Cara, sem querer ofender, mas você parece estar enlouquecendo.

Daneca limpa a garganta.

– Sam me contou o que você disse a ele quando encontrou você na cama com aquela garota. Sobre ser...

Olho ao redor no refeitório, mas ninguém parece estar bastante próximo para ouvir.

– Você contou a ela que sou mestre?

Sam olha para baixo rapidamente.

– Passamos muito tempo juntos, por causa da peça e tudo mais. Me desculpe. Desculpe. Sei que não foi legal.

Claro. As pessoas normais fazem fofoca. As pessoas normais contam coisas umas para as outras, principalmente quando querem impressionar. Acho que eu devia me sentir traído, mas só sinto alívio.

Estou cansado de fingir.

– Vocês estão juntos? – pergunto. – Estão namorando?

– Estamos – responde Daneca, com uma expressão misturada de prazer e constrangimento.

Sam parece que vai desmaiar.

– Que legal – digo. – Eu não queria mentir pra sua mãe, Daneca. Eu não sabia.

Mas sei que não teria contado a ela. Eu teria mentido; só não tive oportunidade.

– Você está saindo com aquela garota? – pergunta ela. – Aquela com quem você dormiu?

Isso me faz dar uma gargalhada.

– Não.

– Então o que foi, vocês só...

– Não aconteceu – digo rapidamente. – Acredite, não aconteceu. Primeiro, ela provavelmente é louca. Segundo, ela me odeia.

– Tá, então quem é ela? – pergunta Daneca.

– Pensei que vocês fossem querer saber o que eu sou.

– Quero que você acredite que pode confiar em mim. E em Sam. Pode confiar em nós. – Ela faz uma pausa. – Você tem que confiar em alguém.

Abaixo a cabeça. Ela está certa, porque, se quero que meu plano dê certo, vou precisar de ajuda.

– O nome dela é Lila Zacharov.

Daneca me olha boquiaberta.

– A garota que desapareceu quando estávamos no ensino fundamental?

– Você ouviu falar dela?

– Claro – diz Daneca, pegando uma das minhas batatas. Sua luva fica molhada de óleo. – Todo mundo ouviu falar dela. A princesa de uma família mafiosa. O caso apareceu muito no noticiário. Minha mãe começou a não querer me deixar sair sozinha depois daquilo. – Ela coloca a batata na boca. – O que aconteceu com ela, afinal?

Hesito, mas agora é tudo ou nada.

– Ela foi transformada em gata – respondo.

Posso sentir meu rosto se contorcendo em uma careta estranha. É tão anormal contar a verdade!

Daneca se engasga e cospe a comida na mão.

– Um mestre de transformação? – pergunta Daneca. Depois de um momento, ela sussurra: – A gata?

– Isso é *loucura* – diz Sam.

– Sei que vocês acham que estou inventando – digo, esfregando o rosto.

– Não achamos – diz ela e se mexe um pouco.

Sam faz uma careta. Acho que ela o chutou por baixo da mesa.

– Eu não quis dizer loucura como em “Você é louco” – diz ele. – Eu quis dizer “Uau”.

– Claro. Tudo bem. – Não tenho certeza se acreditam em mim, mas sinto uma frágil sensação de esperança.

Penso que fiz exatamente o que precisava para preparar Daneca e Sam para um golpe. Eles já estão envolvidos. Confiam em mim. Já me viram dar um golpe. Desta vez, há mais em jogo; eu só tenho que prometer a eles um prêmio maior.

Meu telefone toca, e olho para baixo. É um número que não conheço. Eu o abro e levo ao ouvido.

– Alô.

– O que quero que você faça é o seguinte – diz Lila. – Você vai para a festa na quarta e finge enfeitiçar meu pai, do jeito que deveria fazer. Estou confiando que você vai fingir direito. Acho que papai é bem esperto para seguir suas dicas.

– Esse é o plano?

– É a sua parte. Não posso falar muito, então você tem que ouvir. Alguns minutos depois, vou entrar com uma arma, atirar em Anton e salvar papai. Minha parte. Simples.

Tem tanta coisa que pode dar errado nesse plano que nem sei por onde começar.

– Lila...

– Eu até tirei seu irmão Philip da jogada, como você queria – diz ela.

– Como? – pergunto assustado.

– Falei pro meu guarda-costas que ele estava xeretando na cobertura e me viu. Deixaram que eu o trancasse lá. Isso significa que só temos Barron e Anton com quem nos preocupar.

Só Barron e Anton. Massageio o topo do nariz.

– Você disse que íamos deixar meus *dois* irmãos fora disso.

– Nossa combinação mudou – diz ela. – Só tem um problema.

– O que é?

– Ninguém pode levar arma pra festa. Não vão me deixar entrar com uma.

– Eu não tenho... – Paro de falar. Não é uma boa ideia falar sobre armas na escola, principalmente não com as duas palavras na mesma frase. – Não tenho uma.

– Vai haver um detector de metal – diz ela. – Arrume uma e pense em um jeito de entrar com ela.

– Isso é impossível – digo.

– Você me deve isso – diz Lila. A voz dela é suave como cinzas.

– Eu sei – digo, derrotado. – Sei disso.

A linha fica muda.

Fico olhando para a parede do refeitório, tentando me convencer de que ela não está armando para mim.

– Aconteceu alguma coisa? – pergunta Sam.

– Tenho que ir – digo. – A aula vai começar.

– Vamos matar aula – diz Daneca.

Sacudo a cabeça.

– Não no meu primeiro dia de volta.

– Vamos nos encontrar no período de dever de casa. – diz Sam. – Do lado de fora do teatro. Aí você nos conta o que está acontecendo.

A caminho da aula ligo para o número do qual Lila ligou.

Um homem atende, mas não é Zacharov.

– Ela está aí? – pergunto.

– Não sei do que você está falando – responde ele com irritação.

– Apenas diga que preciso de mais duas entradas para quarta.

– Não tem ninguém aqui...

– Apenas diga – insisto.

Tenho que acreditar que ele vai dizer.

Recostado na parede de tijolos do prédio, começo a falar. Contar a Sam e Daneca dá a sensação de tirar minha própria pele para expor tudo que há por baixo. Dói.

Não os engano. Nem tento. Só começo do princípio e conto a eles sobre ser o único não mestre em uma família de mestres. Conto sobre Lila e como eu achava que a tinha matado, sobre abrir os olhos e estar no telhado.

– Como é possível que todos vocês sejam mestres de maldição? – pergunta Sam.

– Ser mestre é como ter olhos verdes – diz Daneca. – Às vezes simplesmente acontece em uma família, mas, se os pais são mestres, há maiores chances de terem filhos mestres. Por exemplo, veja como quase

um por cento dos australianos são mestres, porque o país foi fundado como uma colônia penal para mestres. Mas só 0,01 por cento do povo americano é mestre.

– Oh! – diz Sam.

Acho que ele não estava esperando uma resposta tão abrangente. Sei que eu não estava.

Daneca dá de ombros.

Ele se vira para mim.

– Então, que tipo de mestre você é?

– Deve ser mestre de sorte – diz Daneca. – Todo mundo é mestre de sorte.

– Não – diz Sam. – Ele nos contaria isso.

– O que eu sou... não importa. A questão é que meus irmãos querem que eu mate um cara, e não quero fazer isso.

– Então você é mestre de morte – diz Sam.

Daneca dá um soco no braço dele, e apesar de ser enorme, ele se encolhe.

– Ai.

Eu suspiro.

– Na verdade, não importa, porque não vou enfeitiçar ninguém, tá?

– Você pode pular fora? – pergunta Sam. – Desaparecer?

Faço que sim com a cabeça por um momento, depois sacudo a cabeça.

– Não vou fazer isso.

– Deixe-me tentar entender – diz Sam. – Você acredita que seus irmãos podem fazer você matar uma pessoa e vai ficar aqui e deixar que tentem. Mas por quê?

– *Acredito* que sou um jovem muito inteligente com dois amigos ainda mais fantasticamente inteligentes – respondo. – E também acredito que um desses amigos anda procurando uma oportunidade de mostrar seu conhecimento com armas de fogo de mentira.

Nesse momento, os olhos de Sam adquirem um brilho de cobiça.

– É mesmo? O cara que vai levar o tiro tem que colocar os fios dentro da calça e o gatilho no bolso ou em algum lugar de fácil acesso. E tudo teria que ser planejado para que ele acionasse o gatilho no exato momento do tiro. A não ser que você esteja falando de fingir um feitiço de morte. Isso é bem mais fácil.

– Só o tiro – digo.

– Espere – diz Daneca. – O que exatamente você está planejando fazer?

– Tenho algumas ideias – respondo, da maneira mais inocente que consigo. – Em geral, ideias ruins.

Conversamos sobre o plano mais de dez vezes. Nós o refinamos do ridículo ao improvável, até algo que pode dar certo. Depois, em vez de ir jantar no refeitório, eles me levam até a casa de Barron, e mostro a eles como arrombar uma fechadura.

Sem vovô, a casa parece vazia e enorme. Sinto falta das pilhas de coisas enquanto faço café. A casa parece estranha e perturbadoramente cheia de possibilidades. Espalho os novos cadernos à minha frente, estalo os dedos e me preparo para uma longa noite.

Quando acordo na terça de manhã, com baba escurecendo o punho da camisa e Sam buzinando lá fora, mal consigo escovar os dentes antes de sair cambaleando.

Ele me entrega um copo de café.

– Você dormiu com essa roupa? – pergunta ele.

Quase não consigo suportar a ideia de beber mais café, mas bebo.

– Dormir? – pergunto.

– Você está com tinta azul na bochecha – diz ele.

Abaixo o quebra-sol e me olho no pequeno espelho. Minha barba está cada vez maior, e meus olhos estão vermelhos. Estou com uma aparência horrível. A mancha de tinta no meu rosto é o menor dos meus problemas.

Na escola, fico tão desorientado que a Sra. Noyes me chama e pergunta se está tudo bem em casa. Depois, ela verifica se minhas pupilas estão dilatadas. O Dr. Stewart me manda fazer a barba.

Caio no sono durante a reunião do grupo de debate. Quando acordo estão todos debatendo se devem ou não me acordar. Em seguida, me arrasto até o departamento de teatro para uma aula sobre armas, dada por Sam.

Engulo o jantar e vou para o estacionamento com Sam.

– Sr. Sharpe – chama Valerio, andando em nossa direção. – Sr. Yu. Espero que não estejam pensando em sair do campus.

– Só vou levar Cassel em casa – diz Sam.

– Você tem meia hora para voltar antes do horário de estudo – diz ele, apontando para o relógio.

Volto para a mesa e para os cadernos e acabo dormindo no sofá do andar de baixo, com todas as luzes acesas. Há tanto trabalho a ser feito! Não me lembro de metade do que escrevo, e quando olho para as palavras de manhã elas não parecem as que eu escrevi.

Sam chega na hora certa.

– Posso pegar seu carro emprestado? – pergunto. – Acho que não vou à escola hoje. Terei uma noite cheia.

Ele entrega a chave.

– Você vai querer ter seu próprio rabeção quando sentir como ele roda macio.

Eu o levo à escola, depois volto para a casa de Barron. Sou o melhor tipo de ladrão, o tipo que deixa itens de valor igual aos que roubou.

Depois, volto para casa e faço a barba até que minha pele esteja lisa e macia.

Estou tão exausto que adormeço às 16 horas e só acordo quando Barron sacode meu braço.

– Ei, dorminhoco – diz Barron, sentando na cadeira da qual jamais gostei, com os braços cruzados. Ele se reclina para trás e equilibra a cadeira nas pernas de trás.

Anton está encostado na passagem da porta que leva à sala de jantar. Está com um palito de dente apoiado no canto do lábio inferior.

– É melhor se vestir, garoto.

– O que você está fazendo aqui? – pergunto, tentando parecer sincero. Passo por eles a caminho da cozinha e me sirvo de café de ontem. Tem gosto de ácido de bateria, mas de uma forma boa.

– Vamos a uma festa – diz Barron, fazendo uma careta quando vê o que estou fazendo. – Na cidade. Vai ser bem legal, vai estar cheia de mafiosos.

– Philip está ocupado – diz Anton. – Zacharov mandou-o fazer uma coisa de última hora.

Sei que não é verdade, mas não consigo ver se Anton está preocupado. Posso imaginar Lila mandando uma mensagem de texto para ele do telefone de Philip.

Esfrego a mão sobre os olhos.

– Vocês querem que eu vá?

Anton e Barron trocam olhares.

– Queremos – diz Barron. – Achei que tínhamos contado pra você.

– Não... É melhor vocês irem sem mim. Tenho um monte de dever pra fazer.

Anton tira a caneca da minha mão e cospe o palito de dente dentro dela.

– Não seja burro. Nenhum garoto da sua idade quer ficar em casa fazendo o dever em vez de ir a uma festa. Agora suba e entre no chuveiro.

Eu vou. O chuveiro dá a sensação de agulhas quentes nas minhas costas, relaxando os músculos. Tem uma aranha, que não matei, encolhida no canto do teto, cuidando de um amontoado de ovos. Passo xampu no cabelo e observo as gotas de água ficarem presas na teia.

Quando saio do box no banheiro enevoadado, a porta está aberta, e Barron está ali para me entregar uma toalha. Ele dá uma rápida olhada em mim antes de eu enrolá-la no corpo. Tento me virar para um lado, mas não sou rápido o bastante.

– O que é isso na sua perna?

Eu me dou conta de que estar nu facilita a busca por amuletos.

– Ei – digo –, existe uma coisa chamada privacidade. Você deve ter ouvido falar.

Ele segura meu ombro.

– Deixe-me ver sua perna.

Seguro a toalha com mais força.

– É só um corte.

Ele me deixa passar por ele até o corredor, mas Anton está esperando no meu quarto.

– Segure-o – diz Barron, e Anton chuta minha perna, me derrubando. Caio na cama, o que não é ruim, exceto por Barron passar o braço por baixo do meu maxilar e me puxar no colchão.

– Me solte! – grito. A toalha foi retirada, e eu luto, constrangido e com medo, enquanto Anton enfia a mão no bolso de trás.

Uma lâmina salta do cabo de ébano na mão dele.

– O que temos aqui? – diz Anton, cutucando minha panturrilha onde as pedras estão costuradas debaixo da pele. A área toda lateja quando ele a pressiona. Está infeccionada.

Quando ele me corta, não consigo me controlar e grito.

CAPÍTULO DEZESSETE

– MALANDRO – DIZ BARRON, olhando para minha perna que sangra. Ele coloca os restos das três pedras vermelhas e molhadas no bolso. – Há quanto tempo está usando esse truque?

Até os melhores planos dão errado. O universo não gosta que pensem que pode ser controlado. Todos os planos exigem algum grau de improvisação, mas normalmente não dão errado *imediatamente*.

– Enfie no rabo – digo, o que é um tanto infantil, mas ele é meu irmão e desperta esse meu lado. – Vamos, me bata com tanta força até quebrar alguns dos meus dentes. Vai ser o visual perfeito para ir à festa.

– Ele lembra – diz Anton, sacudindo a cabeça. – Estamos ferrados, Barron. Bom trabalho.

Barron fala um palavrão baixinho.

– Para quem você contou?

Eu me viro para ele.

– Sei que sou mestre. *Mestre de transformação*. Vamos começar com *você me* contando por que me fez pensar que eu não era.

Eles trocam um olhar enfurecido, como se pudessem pedir tempo, ir para o quarto ao lado e decidir o que me contar.

Barron senta na beira da minha cama e se recompõe.

– Mamãe quis que mentíssemos. Você é uma coisa perigosa. Ela achava que você ficaria melhor se não soubesse até ficar mais velho.

Quando você descobriu, ainda criança, ela me pediu pra fazer você esquecer. Foi assim que começou.

Olho para os lençóis sujos e para o buraco na minha perna, que ainda sangra.

– Então ela sabe? Disso tudo?

Barron sacode a cabeça, ignorando o olhar sombrio que Anton lança na direção dele.

– Não. Não queríamos que ela se preocupasse. A cadeia já é difícil para ela, e o rebote dos feitiços dela a deixa emocionalmente instável. Mas o dinheiro estava escasso até antes de ela ser presa. Você sabe disso.

Faço que sim com a cabeça lentamente.

– Philip bolou um plano. Assassinato é o que oferece mais dinheiro, e com mais rapidez. E o dinheiro alto vai para os assassinos de confiança, que conseguem se livrar dos corpos de forma permanente. Com você, podíamos fazer isso. – Ele fala tudo isso como se eu fosse ficar maravilhado com a inteligência do meu irmão. – Anton se certificou de que ninguém soubesse quem era realmente responsável pelos assassinatos.

– E eu não tenho direito a opinião? Quanto a ser um assassino?

Ele dá de ombros.

– Você era só uma criança. Não pareceu justo que passasse por tantos traumas. Então fizemos você esquecer tudo que fazia. Estávamos tentando proteger...

– E quanto a me chutar na barriga? Não era trauma demais? E quanto a isso? – Aponto para minha perna. – Ainda está me protegendo, Barron?

Barron abre a boca, mas nenhuma mentira inteligente sai dela.

– Philip tentou proteger você – diz Anton. – Você não calava a boca. Até agora, tudo foi muito fácil pra você. É hora de crescer e virar homem. – Ele hesita, seu tom menos seguro. – Quando eu tinha sua idade, sabia que não devia responder à realeza mestra. Minha mãe fez essas cicatrizes no meu pescoço quando fiz 13 anos e abriu as feridas para enchê-las de cinzas todos os anos, até eu fazer 20 anos. Para me lembrar de quem eu era. – Ele toca nas cicatrizes que lhe cercam o pescoço. – Para me lembrar de que a dor é a melhor professora.

– Apenas diga se contou pra alguém – diz Barron.

Não se pode dar golpe em um homem honesto. Só os gananciosos e os desesperados estão dispostos a botar as reservas de lado para conseguir uma coisa que não merecem. Ouvi muitas pessoas, inclusive meu pai, usar isso para justificar alguma enganação.

– Me coloque na divisão da grana – digo para Anton. – Se vou fazer minha parte na hora de ganhar, quero decidir como gastar.

– Tudo bem – diz Anton.

– Falei pro meu colega de quarto, Sam, que sou mestre. Não de que tipo, só que sou mestre.

Anton expira.

– Só isso? Foi só isso que você fez? – Ele começa a rir.

Barron se junta a ele. Em pouco tempo estamos rindo como se eu tivesse contado a melhor piada que já ouviram.

Uma piada na qual estão desesperados demais para acreditar.

– Que bom, que bom! – diz Anton. – Coloque um terno bonito, tá? Não vamos a um baile de escola.

Eu manco até o armário, me inclino e procuro na mochila se tenho alguma coisa que sirva. Empurro para o lado meu uniforme e alguns pares de jeans e encontro uma camisa.

– Então Philip teve uma ideia e você fez o que ele sugeriu? Isso não parece coisa sua – digo, andando desajeitado até a porta. Finjo prender o pé acidentalmente em alguma coisa e finjo cair em cima de Barron. Meus dedos são rápidos e ágeis. – Opa, desculpe.

– Cuidado – diz ele.

Eu me encosto na moldura da porta e bocejo, cobrindo a boca com a mão.

– Vamos lá. Conte por que você não disse nada.

Um meio-sorriso estranho se espalha no rosto de Barron.

– É tão injusto. Você, logo você, consegue o cálice sagrado das maldições. E eu tenho que ficar com a mudança de memórias, como se fosse algum tipo de faxineiro. Claro, é útil quando você quer tornar alguma coisa mundana mais fácil. Eu podia colar na escola ou podia impedir que alguém lembrasse alguma coisa que fiz, mas qual é a importância disso? Não é nada demais. Você sabe quantos mestres de transformação nascem no mundo a cada década? Talvez um. Talvez. Você nasceu com um poder de verdade e nem apreciou.

– Eu não *sabia* – digo.

– É um desperdício – diz ele, colocando a mão nua no meu ombro. Os pelos da minha nuca se arrepiam.

Tento reagir como se não tivesse pegado e engolido a última pedra inteira que ele tirou de mim. Talvez seja um desperdício eu saber fazer feitiços de transformação, mas ter a mão leve, com certeza, não é.

Acabo pegando um dos antigos ternos de papai no quarto dos meus pais. Como era de se prever, mamãe não se desfez de nenhum dos pertences de papai, então, todos os ternos ainda estão pendurados no fundo do armário dele, um tanto fora de moda e com cheiro de

naftalina, como se estivessem esperando a volta de férias prolongadas. Um paletó transpassado me cai surpreendentemente bem, e quando enfio as mãos nos bolsos da calça risca-de-giz, acho um lenço de papel amassado que ainda tem o cheiro do perfume dele.

Fecho a mão ao redor do lenço enquanto sigo Anton e meu irmão até o Mercedes de Anton.

No carro, Anton fuma nervosamente um cigarro atrás do outro, observando-me pelo retrovisor.

– Você se lembra do que tem que fazer? – pergunta ele quando entramos no túnel a caminho de Manhattan.

– Lembro – respondo.

– Você vai ficar bem. Depois disso, se quiser, podemos fazer seu colar de cicatrizes. Em Barron também.

– Tá – digo. Com o terno de papai, sinto-me estranhamente perigoso.

A porta de metal do Koshchey's está escancarada quando estacionamos em frente ao restaurante, e há dois homens enormes de óculos de sol e sobretudos de lã verificando uma lista. Uma mulher de vestido dourado brilhante segura o braço de um homem de cabelo branco enquanto esperam atrás de três homens fumando charutos. Dois manobristas abrem as portas do Mercedes. Um deles parece ter minha idade, e sorrio para ele, mas ele não retribui o sorriso.

Recebemos um sinal para entrar direto. Nada de lista para nós. Só dão uma rápida verificada para ver se estamos armados.

O interior está lotado. Tem muita gente perto do bar, passando bebidas para que as pessoas levem para as mesas. Um grupo de caras jovens está tomando doses de vodca.

– A Zacharov! – brinda um.

– A corações e bares abertos! – grita outro.

– E pernas – diz Anton.

– Anton! – Um jovem magro se inclina com um sorriso, esticando a mão com um copo de vodca. – Você está atrasado. É melhor compensar.

Anton me olha demoradamente, e ele e outro homem se afastam de mim e de Barron. Entro no salão grande, passando por funcionários às gargalhadas, oriundos de sabe-se lá quantas famílias. Eu me pergunto quantos deles são fugitivos, quantos escaparam de uma vida normal no Kansas ou em uma das Carolinas para ir para a cidade grande e ser recrutado por Zacharov. Barron me segue, com a mão pressionando minha clavícula. A sensação é de ameaça.

No pequeno palco do outro lado do salão uma mulher com um terninho rosa-claro fala ao microfone.

– Vocês podem se perguntar por que nós aqui de Nova York precisamos doar dinheiro para impedir uma proposição que vai afetar Nova Jersey. Não deveríamos guardar nosso dinheiro para o caso de precisarmos lutar pela mesma causa aqui, em nosso estado? Deixe-me lhes dizer, senhoras e senhores, se a proposição 2 for aprovada em um lugar, principalmente um lugar onde tantos de nós têm parentes e familiares, ela vai se espalhar. Precisamos defender os direitos dos nossos vizinhos à privacidade, para que haja alguém que defenda os nossos.

Uma garota de vestido preto, com os cachos castanhos presos com presilhas de pedras e um sorriso largo demais, esbarra em mim. Ela está linda, e tenho que me segurar para não dizer isso a ela.

– Oi – diz Daneca com indiferença. – Se lembra de mim?

Consigo me controlar para não revirar os olhos para a atuação exagerada dela.

– Este é meu irmão Barron. Barron, esta é Dani.

Barron olha de mim para ela.

– Oi, Dani.

– Ganhei dele no xadrez quando a escola dele foi jogar na minha – diz ela, aumentando a história simples que inventamos ontem.

– Ah, é? – Ele relaxa um pouco e sorri. – Então você é uma garota muito inteligente.

Ela fica vermelha. Barron está bonito de terno, com os olhos frios e os cachos angelicais. Acho que Daneca não está acostumada com o flerte de sociopatas astutos como ele; ela tropeça nas palavras.

– Inteligente o bastante para... inteligente o bastante.

– Posso falar com ela um minuto? – pergunto a ele. – Sozinho?

Ele concorda.

– Vou pegar alguma coisa pra comer. Mas fique de olho na hora, rapaz.

– Certo – digo.

Ele segura meu ombro. Os dedos se afundam nos músculos tensos de um modo gostoso. Como um gesto de irmão.

– Você está pronto, certo?

– Estarei – respondo, mas preciso olhar para o outro lado. Não quero que ele saiba o quanto magoa que ele aja com gentileza agora, quando nada é verdade.

– Você é corajoso – diz ele e sai andando em direção aos bules de chá e às travessas cheias de arenque defumado, peixe com o brilho vermelho do molho de romã e um milhão de tipos diferentes de *pierogi*.

Daneca se encosta em mim, enfia um pacote de sangue enrolado em fios debaixo do meu paletó e sussurra:

– Trouxemos as coisas para Lila.

Olho para a frente involuntariamente. Os nós no meu estômago se apertam.

– Você conversou com ela?

Daneca sacode a cabeça.

– Sam está com ela agora. Ela não está muito feliz de só termos conseguido trazer uma arma de mentira, que Sam ainda está colando.

Imagino o sorriso afiado de Lila.

– Ela sabe o que tem que fazer?

Daneca assente.

– Conhecendo Sam, sei que ele deve estar explicando repetidamente. Ele queria que eu me certificasse de que você tinha entendido direito como prender seus fios ao mecanismo de gatilho.

– Acho que sim. Eu...

– Cassel Sharpe – diz alguém, e eu me viro. Vovô está usando um terno marrom e um chapéu inclinado em um ângulo extravagante, com uma pena presa nele. – Que diabos você está fazendo aqui? É melhor ter uma explicação muito boa.

Ontem, quando repassamos o plano repetidamente, nunca pensei em vovô aparecer na festa. Porque sou um idiota, basicamente, um idiota com péssima capacidade de planejamento. É claro que ele está aqui. Onde mais estaria?

O que mais poderia dar errado?

– Barron me trouxe – digo. – Não posso sair em dia de aula? Isto aqui é praticamente uma festa de família.

Ele olha ao redor, como se estivesse procurando a própria sombra.

– Você devia ir pra casa. Agora.

– Tudo bem – digo, erguendo as mãos em um gesto de quem pede calma. – Só vou comer alguma coisa e vou embora.

Daneca se afasta de nós e vai para o bar. Ela me dá uma piscadela que parece indicar a conclusão ultrajante de que tenho tudo sob controle.

– Não – diz ele. – Você vai sair daqui agora, eu vou levar você pra casa.

– Qual é o problema? Não estou arrumando confusão.

– Você devia ter me ligado depois que deixei o recado, esse é o problema. Este não é um lugar bom pra você, entendeu?

Um homem de terno escuro com um dente de ouro olha em nossa direção, rindo pela história comum que estamos vivenciando. Garoto levado. Homem velho. Só que vovô está agindo de um jeito estranho.

– Tudo bem – digo, olhando para o relógio. Dez e dez. – Mas me conte o que está acontecendo.

– Eu conto no caminho – diz ele, segurando meu braço.

Quero me soltar dele, mas meu braço foi apertado vezes demais nos últimos dias. Deixo que ele me guie em direção à porta até chegar bem perto do bar para chamar a atenção de Anton.

– Veja quem eu encontrei – digo. – Você conhece meu avô.

Pelo modo como Anton aperta os olhos, concluo que vovô não é uma das pessoas favoritas dele. O balcão de zinco do bar está cheio de copos pequenos e pelo menos uma garrafa vazia de Pshenichnaya.

– Só dei uma passada para ver uns velhos amigos – diz vovô. – Estamos indo embora.

– Cassel não – diz Anton. – Ele nem tomou nada ainda. – Ele me serve uma dose, o que chama a atenção de outros dos jovens funcionários. Eles viram seus olhares avaliadores em minha direção.

Há uma intensidade ardente no rosto de Anton, camuflada por um meio-sorriso e pelo modo lânguido como está encostado ao bar. Se ele

quer ser o chefe da família, vai ter que mandar em homens como vovô. Não pode se permitir ser desacreditado por um velho. Ele tem algo a provar e fica feliz de ter a mim para fazer isso.

– Pegue a bebida – diz Anton.

– Ele é menor de idade – diz vovô.

Isso faz os homens no bar rirem. Engulo a vodca de uma vez. Um calor invade meu estômago e queima minha garganta. Eu tusso. Todo mundo ri mais ainda.

– É como tudo mais na vida – diz um dos sujeitos. – A primeira é a pior.

Anton me serve outra dose.

– Nada disso – diz ele. – A segunda é a pior, porque você sabe o que vem por aí.

– Vá em frente – diz vovô para mim. – Pegue a bebida e vamos embora.

Olho para o relógio. Dez e vinte.

A segunda dose queima quando desce.

Um dos caras me dá um tapa nas costas.

– Pare com isso – diz ele para meu avô. – Deixe o garoto ficar. Vamos cuidar bem dele.

– Cassel – diz vovô com firmeza, tornando meu nome uma reprimenda. – Você não quer ficar cansado para aquela sua escola bacana.

– Vim com Barron – digo. Estico a mão em cima do bar e me sirvo de outra dose. Os caras adoram isso.

– Você vai comigo – diz vovô baixinho.

Desta vez, a vodca desce pela garganta como água. Eu me afasto do bar e me obrigo a tropeçar um pouco. Sinto-me inebriado de confiança.

Sou Cassel Sharpe. Minha boca quer emitir as palavras. Sou mais inteligente do que todo mundo e pensei em tudo.

– Você está bem? – pergunta Anton, olhando para mim como se estivesse tentando descobrir se estou bêbado. Os planos dele dependem de mim. Faço a expressão mais vaga possível e torço para que ele fique apavorado. Não faz sentido eu ser o único infeliz.

Vovô me puxa em direção às portas duplas, contra a maré de pessoas.

– Ele vai dormir no carro e acordar melhor.

– Só preciso ir correndo ao banheiro – falo para vovô. – Volto logo.

Ele parece furioso.

– Não seja chato – digo. – O caminho é longo.

Na parede, o relógio indica 22h30. Anton logo vai se posicionar para cuidar de Zacharov. Barron, provavelmente, já está me procurando. Mas não dá para saber quanto tempo Zacharov vai demorar para aparecer. A bexiga dele pode ser feita de ferro.

– Vou com você – diz vovô.

– Acho que você pode confiar que vou mijar sem me meter em encrencas.

– Posso, mas não confio – diz ele.

Vamos em direção aos banheiros, que são bem perto da cozinha para precisarmos passar pela área escura e sem janelas atrás do bar. Olho e vejo Zacharov e uma bela mulher com cabelo comprido cor de mel pendurada no braço dele. A pedra vermelha, pálida, sobre a gravata dele combina com os rubis pendurados nas orelhas dela. As pessoas estão declarando apoio e apertando a mão dele, luva de couro contra luva de couro.

No meio da multidão, eu a vejo. Lila. O cabelo dela está branco sob as luzes. A boca está pintada da cor de sangue.

Ela não devia estar aqui ainda. Vai estragar tudo.

Eu me desvio para o bufê. Na direção dela. Quando chego lá, ela sumiu.

– O que foi agora? – pergunta vovô.

Coloco um *syrniki* com gosto de rosas na boca.

– Estou tentado a pegar um pouco de comida – digo –, já que você está tão transtornado que nem me deixa comer.

– Sei o que está tentando fazer – diz ele. – Vejo você verificando o relógio. Chega de palhaçada, Cassel. Mije ou não mije.

– Tudo bem – digo, e entro no banheiro. Dez e quarenta. Não sei por quanto tempo mais consigo enrolar.

Há alguns outros homens no banheiro, penteando o cabelo em frente ao espelho. Um louro magrelo e de olhos inchados está cheirando uma carreira de cocaína na bancada. Ele nem olha para cima quando a porta se abre.

Entro na primeira cabine e sento na tampa abaixada do vaso, tentando me acalmar.

Meu relógio marca 22h43.

Eu me pergunto se Lila quer estragar tudo. Eu me pergunto se realmente a vi no meio das pessoas ou se conjurei a imagem dela por causa dos meus medos.

Tiro o paletó, desabotoo a camisa e grudo o saco de sangue falso diretamente sobre a pele, conformando-me com a depilação forçada que vou sofrer mais tarde, quando for tirar tudo. Enfio o fio por dentro do bolso da calça depois de descosturar o fundo e acrescento mais fita adesiva para facilitar na hora de pegar o gatilho.

22h47.

Procuro a garrafa de vômito grudada atrás do vaso. Está lá, mas não tenho ideia de qual deles acabou cedendo e vomitou. Sorrio ao pensar na situação.

Dez e quarenta e oito. Prendo o fio no gatilho.

– Tudo bem aí? – grita vovô.

Alguém ri.

– Só um segundo – digo.

Faço um som de engasgo e derramo metade do conteúdo da garrafa de vômito. O aposento fica tomado pelo cheiro avinagrado de vômito de três dias atrás. Tenho ânsia de novo, desta vez de verdade.

Derramo a outra metade e cuidadosamente coloco a garrafa vazia no lugar. A hora em que me inclino é pior. Tenho ânsia de vômito mais uma vez.

– Você está bem? – Vovô não parece mais impaciente. – Cassel?

– Ótimo – digo e cuspo.

Dou descarga e fecho a camisa com cuidado, depois visto o paletó, mas não o abotoo.

A porta se abre e ouço a voz de Anton.

– Todo mundo pra fora. Precisamos do banheiro vazio.

Minhas pernas ficam bambas de alívio. Abro a porta da cabine e me encosto na lateral. Quase todo mundo já tinha sido espantado pelo meu falso vômito, mas os mais lerdos e o cheirador ainda estão passando por Anton. Zacharov está de pé perto das pias.

– Desi Singer – diz ele, esfregando a lateral da boca. – Faz muito tempo.

– Esta festa está muito boa – diz meu avô seriamente, assentindo na direção de Zacharov, o movimento quase uma reverência. – Eu não

tinha imaginado você metido com política.

– Nós, que burlamos as leis, devíamos nos preocupar mais com elas. Lidamos com elas mais do que os outros, afinal.

– Dizem que todos os bons marginais acabam entrando na política – comenta vovô.

Zacharov sorri ao ouvir isso, mas quando me vê seu sorriso some.

– Não devia ter ninguém aqui – diz ele para Anton.

– Me desculpe – digo, esticando a mão. – Estou um pouco bêbado. A festa está ótima, senhor.

Vovô pega meu braço para puxá-lo, mas Anton o impede.

– Este é o irmão mais novo de Philip. – Anton está sorrindo, como se tudo isso fosse uma piada hilária. – Deixe o garoto ter um pouco de emoção.

Zacharov estende a mão lentamente, olhando-me nos olhos.

– Cassel, não é?

Nossos olhares se encontram.

– Está tudo bem, senhor. Se não quiser apertar minha mão.

Ele sustenta meu olhar.

– Vá em frente.

Pego a mão dele na minha e cubro seu pulso com a outra mão. Enfio os dedos cobertos pela luva na manga do paletó e estico o dedo pelo pequeno buraco no couro para poder encostar na pele do pulso dele. Seus olhos se arregalam quando encosto nele, como se eu tivesse lhe dado um choque elétrico. Ele dá um salto para trás.

Eu o puxo com força na minha direção.

– Você tem que fingir que está morrendo – sussurro em seu ouvido. – Seu coração acabou de virar pedra.

Zacharov cambaleia para longe de mim, abalado. Ele olha na direção de Anton e por um momento penso que vai fazer uma pergunta que vai me condenar. Mas ele dá um salto abrupto contra as dobradiças de uma das cabines e, cambaleando para trás, bate a cabeça contra o secador de mãos. Ofega sem emitir som algum e desliza parede abaixo, com a mão fechada sobre a camisa como se estivesse tentando segurar o peito.

Observamos seus olhos fecharem. Sua boca se abre mais uma vez, como se estivesse tentando respirar uma última lufada de ar.

Zacharov não é um golpista ruim.

– O que você fez? – grita vovô. – Desfaça, Cassel. Seja lá o que você tenha feito...

Meu avô olha para mim como se não me conhecesse.

– Cale a boca, seu velho – diz Anton, dando um soco na cabine atrás da cabeça de vovô.

Quero repreender Anton, mas não dá tempo. A falta de rebote vai me entregar.

Eu me concentro em transformar a mim mesmo. Imagino uma espada vindo em direção à minha própria cabeça, tento sentir o impulso para executar o feitiço que o perigo alimenta.

Tenho que apavorar a mim mesmo. Penso em Lila e em mim segurando uma faca acima dela. Imagino o momento em que ergo a faca e sinto o peso completo do horror e do ódio de mim mesmo. A lembrança falsa ainda tem o poder de me apavorar.

Eu realmente tremo a mão um pouco e sinto minha carne ficar maleável. Imagino a mão do meu pai no lugar da minha. Imagino os dedos grosseiros e os calos ásperos.

A mão do meu pai acompanhando o terno dele.

Uma pequena transformação. Uma pequena mudança. Uma que espero que cause um rebote mínimo.

Um tremor percorre meu corpo. Eu me concentro em dar um passo em direção à parede, mas meu pé parece estar se espalhando, derretendo.

Anton enfia a mão no casaco e abre uma faca dobrável. Ela dança nos dedos dele, brilhosa como as escamas de um peixe. Ele se inclina sobre Zacharov e cuidadosamente corta o alfinete da gravata.

– Tudo vai ser diferente agora – diz ele, enfiando o diamante da Ressurreição no bolso.

Anton se vira em minha direção, ainda segurando a faca, e de repente esse parece ser um plano terrível.

– Tenho certeza de que você não se lembra – diz Anton em voz baixa.
– Mas você me fez um amuleto. Nem pense em tentar *me* amaldiçoar.

Como se eu pudesse fazer qualquer coisa além de cair de joelhos enquanto meu corpo treme e se contorce.

Com a visão embaçada e em mutação, vejo meu avô se agachar perto de Zacharov.

Meus membros mudam, barbatanas saem da minha pele e um quinto e um sexto braço batem na parede. Minha cabeça salta para a frente e para trás. Minha língua se abre. Tudo entra em convulsão quando os ossos saem do lugar.

Meus olhos se tornam mil olhos, piscando ao olhar para o teto pintado. Digo para mim mesmo que vai acabar logo, mas as transformações continuam.

Anton anda na direção de vovô.

– Você é um mestre leal, então fico triste de ter que fazer isso.

– Pare onde está – diz vovô.

Anton sacode a cabeça.

– Estou feliz de Philip não ter que assistir. Ele não entenderia, mas acho que você entende, coroa. Um líder tem que ter cuidado com quem conta histórias sobre ele.

Tento me virar, mas minhas pernas são cascos e batem contra os azulejos. Não sei como enfeitiçá-las. Tento gritar, mas minha voz não é minha – há um silvo de pássaro no lugar dela, provavelmente por causa do bico que se forma no meu rosto.

– Adeus – diz Anton para meu avô. – Estou prestes a me tornar uma lenda.

Alguém bate na porta. A faca para acima da garganta de vovô.

– Sou eu – grita Barron do outro lado. – Abra.

– Deixe que eu abra a porta – diz vovô. – Guarde a faca. Se sou leal a alguém, é a este garoto aqui. E se quer que ele seja leal a você, vai tomar cuidado.

– Anton – digo, do chão. É difícil formar as palavras com minha língua enrolada. – Porta!

Anton olha para mim, fecha a lâmina da faca e abre a porta.

Eu me concentro em enfiar a mão transformada dentro do bolso da calça.

Barron dá alguns passos rígidos para dentro do banheiro, depois cambaleia para a frente, como se tivesse sido empurrado por trás.

– Ponha as mãos onde eu possa vê-las – grita uma voz de garota.

Lila está usando um vestido vermelho muito apertado e curto. O único acessório é uma enorme arma prateada que brilha sob a luz fluorescente. A porta se fecha atrás dela. A arma parece muito real. E está apontada diretamente para Anton.

Os lábios de Anton se abrem, como se ele fosse dizer o nome dela, mas nenhuma palavra sai.

– Você me ouviu – diz ela.

– Ele matou seu pai – diz Anton, apontando a faca fechada na minha direção. – Não fui eu. Foi ele.

O olhar dela vai até onde o corpo de Zacharov está caído e o cano da arma treme.

Enfio a mão dentro do paletó, torcendo para que meus dedos mantenham a forma de dedo por tempo suficiente para serem usáveis. Minha língua está trabalhando de novo.

– Você não entende. Eu nunca quis...

– Estou cansada das suas desculpas – diz ela, apontando a arma para mim. A mão dela treme. – Você não sabia o que estava fazendo. Não lembra. Não quis machucar ninguém.

Ela não parece estar fingindo.

Tento ficar de pé.

– Lila...

– Cale a boca, Cassel – diz ela e atira em mim.

Uma mancha de sangue cobre minha camisa.

Ofego como um peixe.

Quando fecho os olhos, ouço vovô balbuciar meu nome.

Não há nada como um tiro para tornar você o centro das atenções em uma festa.

CAPÍTULO DEZOITO

DÓI. EU ESPERAVA ISSO, mas, mesmo assim, me tira o fôlego. A umidade se espalha pela minha camisa, deixando-a grudada na pele.

Tento acalmar a respiração o máximo possível. As mudanças no meu corpo diminuíram; o rebote está acabando. Quero ficar de olhos abertos, mas preciso que Anton realmente acredite que levei um tiro, então escuto, em vez de olhar.

– Vocês dois, perto das pias – diz Lila. – Coloquem as mãos onde eu possa vê-las.

Pessoas se movem ao meu redor. Ouço um resmungo vindo da direção do meu avô, mas não posso me permitir olhar.

– Como você pode estar aqui? – pergunta Anton a ela.

– Ah, pare com isso – diz Lila, com voz baixa e perigosa. – Você sabe como cheguei aqui. Vim andando. De Wallingford. Com minhas quatro patinhas.

Tento me mexer, só um pouco, para ficar mais fácil me levantar depois.

Como um mágico de show, o golpista direciona as desconfianças para outra coisa. Enquanto todo mundo o observa tirar um coelho de uma cartola, ele está, na verdade, cortando uma garota ao meio. Você acha que ele está fazendo um truque quando, na verdade, está fazendo outro.

Você acha que estou morrendo, mas estou rindo de você.

Odeio o fato de eu amar isso. Odeio que a adrenalina pulsando pelas raízes do meu corpo esteja me enchendo de alegria eufórica. Não sou uma pessoa boa.

Mas enganar Anton e Barron é fantástico.

Ouçoo passos ecoando ao meu redor, indo na direção dela.

– Me desculpe, Lila – diz Anton. – Sei que...

– Você devia ter me matado quanto teve oportunidade – diz ela.

Alguém encosta no meu ombro e quase me encolho. Sinto dedos ásperos e nus no meu pescoço, procurando pulsação. A única coisa que não consigo fingir. Ele abre meu paletó. Se desabotoar minha camisa, vai ver os fios.

– Você é um diabinho, Cassel Sharpe – diz vovô num murmúrio quase inaudível.

Inteligente como o diabo e duas vezes mais bonito do que ele. Eu me forço a não sorrir.

– Me dê a arma – diz Anton, e desta vez abro os olhos um pouquinho. Ele está com a faca em uma das mãos. – Você sabe que não quer fazer isso.

– Fique de pé de frente para as pias! – diz ela.

Ele solta a faca e move a mão na direção dela, derrubando a arma, que desliza no chão.

Lila corre para pegá-la ao mesmo tempo em que ele, mas ele alcança primeiro. Tento me levantar, mas vovô me empurra contra o chão.

Anton ergue a arma e atira três vezes contra o peito dela.

Ela cambaleia para trás, mas não está preparada, então não há estouro nem sangue. As balas de ar comprimido a atingem sem ferir e quicam no chão.

Estamos ferrados.

Anton olha para ela e depois para a arma que tem na mão. Em seguida, olha para mim. Meus olhos estão bem abertos.

– Vou matar você – rosna ele, jogando a arma de mentira no chão. Ela bate com tanta força nos azulejos que quebra um pedaço.

A coisa está feia.

Meu avô entra entre nós e tento empurrá-lo para o lado na mesma hora em que uma voz soa do outro lado do banheiro.

– Chega – diz Zacharov em um momento repentino de silêncio. Ele fica de pé, cambaleante, e alonga o pescoço, como se estivesse dolorido.

Anton tropeça para trás, como se Zacharov fosse um fantasma. Todos nós ficamos paralisados.

Barron aponta um dedo acusatório na minha direção.

– Você me enganou.

Ele parece instável.

– Vocês todos estão se enganando – diz Zacharov, com sotaque carregado. – Vocês faziam isso com revólveres de água quando eram crianças. Ficavam sacudindo os revólveres e molhavam tudo.

– Por que... O que você sabia? – pergunta Anton. – Por que você fingiu...?

Zacharov faz uma careta.

– Eu nunca teria acreditado que você, Anton, trairia nossa família. Eu nunca teria acreditado que você planejava me matar. Logo você, que eu teria tornado meu herdeiro. – Zacharov olha para meu avô. – A família não significa mais nada, não é?

Vovô olha de Barron para mim, como se não tivesse certeza de como responder.

Anton dá dois passos na direção de Zacharov, com a boca retorcida de uma maneira horrível. Barron pega a faca que Anton deixou cair e a

gira na mão. Ele gira, fecha a faca, gira, abre a faca.

Rolo para o lado e tento me levantar, mas deslizo no chão coberto de sangue falso. Consigo ficar de joelhos.

– Você nunca vai sair daqui vivo – diz Anton a Zacharov, gesticulando para Barron e a faca.

Só tenho uma carta para jogar, mas é uma carta boa. Fico de pé. É como estar de novo no telhado de Smythe Hall; se eu escorregar, morro.

– Não tenho medo – diz Zacharov, ainda olhando para Anton. – É preciso coragem para matar um homem com as mãos. Você não tem colhões.

– Cale a boca – diz Anton. Ele se vira para Barron. – Me dê a faca. Vou mostrar a ele o que é medo.

Lila vai em direção a Anton, mas o pai dela segura seus braços e a puxa de volta para perto dele.

Ela franze o lábio. Seus olhos ardem com intensidade de fogo quando ela olha fixamente para o primo.

– Eu mato você – diz ela.

Barron não entrega a faca, mas começa a sorrir. Ele leva a ponta até o pescoço de Anton.

– Não aponte essa coisa pra mim – diz Anton, empurrando a mão de Barron. – O que está esperando? Entregue-me.

– Estou apontando para o lugar certo – diz Barron. – Desculpe.

Respiro fundo e preparo minha armadilha.

– Temos nos encontrado com Zacharov há meses, Barron e eu. Não é, senhor?

Zacharov me lança um olhar severo. Imagino que esteja cansado das minhas artimanhas, mas ele tem que se dar conta de que deixar a faca

no pescoço de Anton é o mais importante. Os dedos de Zacharov apertam ainda mais os braços de Lila.

– Isso mesmo.

Barron assente.

– É mentira – diz Anton a Barron. – Por quê? Mesmo se quisesse me ferrar, você jamais ferraria Philip.

– Ele também está nessa – diz Barron. Ele torce a faca que tem na mão, deixando que a luz fluorescente seja refletida na lâmina.

– Philip jamais se viraria contra mim. Isso é impossível. Planejamos juntos. Planejamos há anos.

Barron dá de ombros.

– Se é verdade, onde ele está? Se ele fosse tão leal, não deveria estar aqui?

Anton olha para mim.

– Isso não faz sentido.

– O que não faz sentido? – pergunta Lila. Ela vira o olhar em minha direção por um momento. – Você acha que é o único que pode trair pessoas, Anton? Acha que é o único que mente?

Posso ver o conflito no rosto de Anton. Ele ainda está tentando decidir seu próximo passo.

– Tínhamos que ter certeza de que você estava falando sério quanto a matar o chefe da nossa família – diz Barron. Ele não parece confuso; ele nem hesita.

– Mas ele vai matar você, idiota – diz Anton. Ele parece perdido. – Você jogou tudo no lixo por nada. Sequestrou a filha dele. É um homem morto. Ele vai executar todos nós.

– Ele nos perdoou – diz Barron. – Fez um acordo com Philip e comigo para deixar isso de lado. Era mais importante provar que você

planejava matá-lo. Nós não somos ninguém. Você é sobrinho dele.

Zacharov bufa baixinho, sacudindo a cabeça. Em seguida, estende a mão na direção de Barron, que coloca a faca com cuidado na mão de Zacharov.

Solto a respiração que não sabia que estava prendendo.

– Anton – diz Zacharov, soltando Lila como se de repente percebesse que era o que deveria fazer. – Você é minoria. Está na hora de admitir. Deite no chão. Lila, vá chamar Stanley. Diga a ele que precisamos resolver uma coisa aqui dentro.

Lila limpa as mãos no vestido e não olha nenhum de nós no rosto. Tento chamar a atenção dela, mas é impossível. Ela segue em direção à porta.

Zacharov é o único que me olha nos olhos. Ele sabe que o enganei, mesmo não sabendo como. Ele faz um leve movimento afirmativo de cabeça para mim.

Acho que acabei conseguindo mostrar do que sou capaz.

– Obrigado, Barron. E Cassel, é claro. – Posso ouvir seus dentes trincando quando ele agradece a mim e ao meu irmão por uma mentira. – Por que não vão com Lila e esperam por mim na cozinha? Não terminamos aqui. Desi, certifique-se de que eles não saiam andando por aí.

– Você – diz Anton, olhando para mim. – Você fez isso. Você fez isso acontecer.

– Não fui eu quem fez de você um imbecil – digo, o que talvez não seja a coisa mais inteligente a se dizer, mas sou burro e estou eufórico de alívio.

Além do mais, você sabe que sou péssimo em ficar de boca fechada.

Anton corre na minha direção, diminuindo a distância antes que eu possa reagir. Caímos em uma das cabines, e minha cabeça bate no azulejo ao lado da privada. Vejo vovô segurando o pescoço de Anton como se fosse puxá-lo de cima de mim, mas Anton é grande e forte demais para que ele consiga.

Os dedos dele se chocam com meu maxilar. Eu me inclino para cima e bato com a testa na cabeça dele com bastante força para ficar tonto de dor. Ele se curva para cima, como se fosse me dar outro soco, mas seus olhos perdem foco. Ele cai pesadamente em cima de mim e fica ali deitado, pesado como um cobertor.

Eu me arrasto para trás, sem me importar com o chão imundo, só querendo sair de debaixo do peso dele. Ele está pálido, e seus lábios já estão ficando azulados.

Ele está morto.

Anton está morto.

Ainda estou olhando para ele quando Lila se inclina e encosta um pedaço de papel higiênico na minha boca. Eu nem tinha reparado que estava sangrando.

– Lila – diz Zacharov. – Venha. Preciso tirar você daqui.

– Você já pensou que é inteligente até demais? – pergunta ela baixinho antes de voltar para onde está o pai.

Vovô está segurando o próprio pulso, encolhido sobre ele em uma postura protetora.

– Você está bem? – pergunto, forçando-me para cima e me recostando na parede.

– Ficarei bem quando sairmos deste banheiro – diz vovô. Reparo que sua mão está nua e que o dedo anelar está ficando preto, com o tom escuro se espalhando a partir da unha.

– Ah! – digo.

Ele salvou minha vida.

Ele ri.

– O que foi? Achou que eu não era mais capaz?

Fico com vergonha de admitir que tinha esquecido que ele *ainda* é um mestre de morte. Sempre pensei nele como mestre usando o verbo no passado, mas ele matou Anton com apenas um toque, com uma pressão dos dedos em um pescoço vulnerável.

– Devia ter me deixado ajudar você – diz vovô. – Eu os ouvi conversando depois do jantar naquela noite em que me drogaram.

– Lila, Barron – diz Zacharov –, vocês dois vêm comigo. Vamos deixar Cassel e Desi sozinhos por um minuto para se arrumarem. – Ele olha para nós. – Fiquem aqui.

Eu faço que sim com a cabeça, e eles saem.

– Você tem muito a explicar – diz vovô.

Ainda estou pressionando o pedaço de papel higiênico contra o canto da boca. O sangue de verdade que cai da minha boca junto com a saliva pinga na minha camisa, ao lado do sangue falso. Olho para o corpo de Anton.

– Você achou que eu ainda estava sofrendo do feitiço de memória. Foi por isso que queria me tirar daqui.

– O que eu deveria pensar? – pergunta vovô. – Que vocês três tinham um plano ridiculamente complicado? Que Zacharov também estava envolvido?

Sorrio para o espelho.

– Não estamos envolvidos em nada. Eu falsifiquei os cadernos de Barron. Barron acredita em tudo que há naqueles cadernos. É o jeito, considerando a perda de memória dele.

Foi isso que fiz no último dia e meio. Foi por isso que passei a noite acordado. Reescrevi páginas e páginas de anotações em uma caligrafia fácil de falsificar porque eu a conhecia muito bem. Construí uma vida completamente diferente para Barron; o tipo de vida na qual ele ia querer salvar o chefe de uma família mafiosa porque Zacharov era o pai de Lila. O tipo de vida no qual meus irmãos e eu trabalhávamos juntos por motivos nobres.

As mentiras mais fáceis de contar são as que você quer que sejam verdade.

Vovô franze a testa, mas logo a compreensão relaxa suas feições, que adquirem uma expressão de choque.

– Quer dizer que ele nunca se encontrou com Zacharov?

Sacudo a cabeça.

– Não. Ele só acha que sim.

– *Você* se encontrou com Zacharov?

– Lila queria que nós dois cuidássemos de tudo – digo. – Portanto, não.

Ele geme.

– É problema em cima de problema.

Dou uma última olhada no corpo de Anton. Alguma coisa brilha na luz. O alfinete de gravata de Zacharov está perto da mão esquerda de Anton. Ele deve tê-lo tirado do bolso.

Eu me inclino e pego o alfinete.

Zacharov está encostado na porta quando fico de pé. Não o ouvi entrar.

– Cassel Sharpe. – Ele parece cansado. – Minha filha me disse que foi ideia dela.

Faço que sim com a cabeça.

– Teria dado mais certo com uma arma de verdade.

Ele dá uma risada de deboche.

– Como foi ideia dela, não vou cortar sua mão por ter tocado na minha pele. Só me diga uma coisa: há quanto tempo você sabe que é mestre de transformação?

Por um momento abro a boca para protestar. Eu não o enfeiticei; como ele pode ter tanta certeza de que eu não estava fingindo? Mas aí me lembro do rebote e de que caí no chão de azulejo me contorcendo.

– Não faz muito tempo – respondo.

– E você, sabia? – Zacharov se vira para vovô.

– A mãe dele queria guardar segredo até ele ter idade suficiente. Ela ia contar quando fosse libertada. – Vovô olha para mim. – Cassel, o que você é capaz de fazer é muito valioso para algumas pessoas. Não estou dizendo que sua mãe estava certa, mas ela é uma mulher inteligente e...

Eu o interrompo.

– Eu sei, vovô.

Zacharov está nos observando, como se estivesse avaliando alguma coisa na cabeça.

– Quero deixar claro: nunca concordei em deixar seus irmãos viverem. Nenhum dos dois.

Concordo, porque consigo entender que ele não acabou de falar.

– Seu avô está certo. Você é valioso. E, agora, você é meu. Enquanto permanecer trabalhando para mim, seus irmãos permanecem vivos. Entendeu?

Concordo com um movimento de cabeça de novo.

Eu devia dizer a ele que não ligo. Que não importa para mim se eles morrerem. Mas não faço isso. Acho que é verdade; ninguém jamais amará você como sua família.

– Terminamos aqui – diz ele. – Por enquanto. Vá até a cozinha e veja se alguém consegue arrumar uma camisa limpa para você.

Vovô recoloca a luva da mão direita. Agora, um dos dedos pende vazio, como os da mão esquerda.

– Ah, eu achei... – digo a Zacharov, entregando o Diamante da Ressurreição, mas percebo uma coisa estranha. Um canto da enorme pedra está lascado.

Zacharov a pega de mim com um sorriso tenso.

–Mais uma vez, obrigado, Cassel.

Faço que sim com a cabeça, tentando não demonstrar que sei que o Diamante da Ressurreição não protege ninguém. Não vale nada. É feito de vidro.

Do lado de fora do banheiro a festa continua animada. O barulho me atinge como uma onda surreal, com música, risadas e discursos altos o bastante para abafar sons de tiro. Nada do que aconteceu – e, definitivamente, não o fato de Anton estar morto – parece real à luz bruxuleante dos candelabros, refletida em mil bolhas de champanhe.

– Cassel! – grita Daneca, correndo até mim. – Você está bem?

– Estávamos preocupados – diz Sam. – Você ficou lá dentro tempo demais.

– Estou bem – respondo. – Não pareço bem?

– Está coberto de sangue no meio de uma festa – diz Sam. – Não, você não parece bem.

– Por aqui – diz Zacharov, apontando para a cozinha.

– Vamos com você – diz Daneca.

Estou exausto, e minha bochecha está latejando. Minhas costelas ainda doem. E não vejo Lila em lugar algum.

– Tá – digo. – Tudo bem.

As pessoas quase tropeçam, tentando sair do meu caminho quando passo. Acho que devo estar com uma aparência péssima mesmo.

A cozinha parece menor com as pessoas correndo de um lado para o outro, carregando bandejas de blini coberto de caviar, massas douradas pingando manteiga de alho e pequenos bolos com limão cristalizado em cima.

Meu estômago ronca e me surpreende. Eu não devia sentir fome depois de ver outra pessoa ser morta, mas estou faminto.

Philip está de pé ao fundo, ladeado por dois homens fortes que parecem estar segurando ele. Não sei se Lila o trouxe para a festa ou se Zacharov mandou que o trouxessem do lugar onde ela o estava mantendo preso.

Quando ele me vê, aperta os olhos.

– Você tirou tudo de mim – grita ele. – Maura. Meu filho. Meu futuro. Meu amigo. Você tirou *tudo*.

Acho que tirei mesmo.

Eu podia dizer a ele que não quis que acontecesse desse modo.

– É horrível, não é? – pergunto.

Ele luta contra os seguranças que o seguram. Não me preocupo. Deixo que Daneca me guie até a área perto da despensa e das pias.

– Vou fazer você se arrepender do dia em que nasceu – grita Philip atrás de mim. Eu o ignoro.

Lila está esperando com uma garrafa de vodca em uma das mãos e um pano na outra.

– Suba na bancada – diz ela.

Eu subo, mas antes empurro para o lado uma tigela de farinha e uma espátula. Philip ainda está gritando, mas a voz parece vir de longe. Dou

um sorriso.

– Lila, esta é Daneca. Acho que você já conhece Sam. Eles são meus amigos da escola.

– Ele realmente admitiu que somos amigos dele? – pergunta Sam, e Daneca ri.

Lila derrama um pouco de vodca em um guardanapo.

– Me desculpe por não ter contado o resto do plano – digo a Lila. – Sobre Barron.

– Os cadernos, não é? Você os adulterou.

Quando pareço surpreso, ela sorri.

– Morei com ele durante anos, lembra? Eu vi os cadernos. Foi inteligente.

Ela aperta o pano contra a minha bochecha. Arde absurdamente.

– Ai – reclamo. – Você já pensou que é uma mandona?

O sorriso dela se alarga. Se fosse possível, acho que ele se curvaria nos cantos da boca. Ela se inclina para perto de mim.

– Ah, eu sei que sou. E sei que você gosta.

Sam ri. Eu não ligo.

Gosto mesmo.

CAPÍTULO DEZENOVE

PASSO AS DUAS SEMANAS SEGUINTE

exausto, compensando todos os deveres de casa que perdi. Daneca e Sam me ajudam e ficam comigo na biblioteca até a hora de voltar para os quartos, quando tenho que ir para casa e eles têm que ir para o alojamento. Passo tanto tempo na escola que vovô compra um carro para mim. Ele me leva a um amigo que me arruma um Mercedes-Benz Turbo 1980 por 2 mil dólares.

O carro funciona mal, mas Sam promete me ajudar a convertê-lo para ser movido a óleo de cozinha. Ele ganhou o prêmio em uma feira de ciências estadual com a conversão do rabeção e acha que podemos chegar a uma feira de ciências internacional com a ideia que teve para o meu carro. Até lá, fico com os dedos cruzados para que o motor continue funcionando.

Quando vou até o carro para voltar para casa naquela terça, encontro Barron encostado nele, girando umas chaves no dedo coberto pela luva preta. A moto dele está estacionada ao lado do meu carro.

– O que você quer? – pergunto.

– Hoje é dia de pizza – diz ele.

Olho para ele como se tivesse enlouquecido.

Ele retribui o olhar.

– Hoje é terça.

O problema de falsificar um ano inteiro da vida de alguém rapidamente é que suas fantasias se infiltram. Talvez você pretenda só

escrever as coisas que precisa, mas isso deixa muitos espaços para preencher. Preenchi o espaço com o relacionamento que queria que tivéssemos.

É meio constrangedor agora que Barron está ali de pé, acreditando que saímos para comer pizza uma terça-feira sim e outra não para falar dos nossos sentimentos.

– Eu dirijo – digo, por fim.

Pedimos uma pizza cheia de queijo, molho, calabresa e pepperoni em um lugarzinho com mesinhas reservadas e minijukeboxes em cada mesa coberta de linóleo. Cubro minha fatia de pizza com flocos de pimenta.

– Vou voltar para Princeton para me formar – diz ele, mordendo um pedaço de pão de alho. – Agora que mamãe vai sair. Alguma coisa me diz que ela vai precisar de um advogado de novo muito em breve.

Eu me pergunto se ele pode voltar, se pode preencher os vazios no cérebro com livros de direito e lembrar-se deles, desde que não execute mais feitiços. É um grande “desde que”.

– Você sabe quando ela vai ser realmente libertada?

– Dizem que será sexta-feira – responde ele. – Mas já mudaram a data duas vezes, então não sei se devo acreditar. Mas acho que devíamos comprar um bolo, sei lá. Só por precaução. No pior dos cenários, nós comemos o bolo.

A memória é uma coisa engraçada. Barron parece relaxado, como se realmente gostasse de mim, porque não se lembra de me odiar. Ou talvez ele se lembre do sentimento de não gostar, mas conclua que gostava mais de mim do que odiava. Mas eu não estou relaxado. Não consigo parar de lembrar. Quero pular da cadeira e esganá-lo.

– O que acha que ela vai fazer primeiro quando sair? – pergunto.

– Se intrometer – diz ele, e ri. – O que você acha? Ela vai começar a tentar fazer com que tudo aconteça do jeito que ela quer. E é melhor rezarmos pra esse ser o jeito que nós queremos também.

Tomo refrigerante pelo canudo, lambo a gordura na minha luva e penso em transformar Barron em uma fatia de pizza e entregá-la aos garotos da mesa ao lado.

Ainda assim, é bom ter um irmão com quem conversar.

Mantenha seus amigos perto e seus inimigos mais perto ainda.

É o que Zacharov diz quando explica que está mantendo Philip a serviço da família, onde pode ficar de olho nele. As pessoas não costumam sair das famílias mafiosas com vida, então acho que não devia me surpreender.

Pergunto a vovô se viu Philip, mas ele só resmunga em resposta.

Lila me liga na quarta-feira.

– Alô – digo, sem reconhecer o número.

– Oi pra você. – Ela parece feliz. – Quer sair?

– Quero – respondo, com o coração disparado. Troco minha bolsa carteiro de ombro com mãos desajeitadas.

– Venha para a cidade. Podemos tomar chocolate quente e talvez eu deixe você ganhar de mim no videogame. Estou há quatro anos sem jogar. Devo estar meio enferrujada.

– Vou ganhar de você com tanta vantagem que até seu personagem vai rir de você.

– Palhaço. Venha no sábado – diz ela e desliga.

Sorriso durante todo o jantar.

Na sexta, na hora do almoço, vou para o jardim. Está quente, e muitos dos alunos trouxeram a comida para almoçar sentados na grama. Sam e Daneca estão sentados com Johan Schwartz, Jill Pearson-White e Chaiyawat Terweil. Eles acenam para que eu vá até lá.

Levanto a mão e vou em direção a um grupo de árvores. Andei pensando em tudo que aconteceu, e tem uma coisa que ainda me incomoda.

Pego meu celular e digito um número. Não espero que ninguém atenda, mas ela atende.

– Consultório do Dr. Churchill – diz Maura.

– É Cassel.

– Cassel! – diz ela. – Eu estava me perguntando quando você ligaria. Sabe qual é a melhor sensação do mundo? Dirigir pela estrada com a música alta, o vento no cabelo e seu bebê fazendo ruídos de alegria na cadeirinha.

Sorrio.

– Sabe para onde vai?

– Ainda não – diz ela. – Acho que vou saber quando chegar lá.

– Fico feliz por você – digo. – Eu só queria ligar para dizer isso.

– Sabe do que mais sinto falta? – pergunta ela.

Sacudo a cabeça, mas me dou conta de que ela não consegue me ver.

– Não.

– Da música. – A voz dela fica baixa e macia. – Era tão linda! Eu queria poder ouvi-la de novo, mas ela se foi. Philip levou a música com ele.

Não consigo evitar um tremor.

Daneca está andando em minha direção quando desligo. Ela parece irritada.

– Oi – diz ela. – Venha. Vamos nos atrasar.

Devo parecer traumatizado ou algo do tipo, porque ela hesita.

– Não precisa fazer isso se não quiser.

– Não é isso. Eu quero – digo.

Não tenho certeza se estou sendo sincero, mas tenho certeza de que Daneca e Sam estavam ao meu lado quando precisei deles de verdade. Talvez o crucial na amizade verdadeira não seja que você tem que retribuir as gentilezas, mas e daí? Pelo menos eu deveria tentar.

Quando Daneca, Sam e eu atravessamos a praça, vejo Audrey comendo uma maçã perto da entrada do centro de artes.

Ela está sorrindo para mim, como costumava fazer.

– Aonde vocês estão indo?

Respiro fundo.

– Para um encontro do HEX. Para aprender sobre direitos dos mestres.

– É sério? – Ela olha para Daneca.

– O que posso dizer? – Dou de ombros. – Estou experimentando coisas novas.

– Posso ir? – Ela não fica de pé, como se esperasse que eu dissesse não.

– É claro que pode – diz Daneca, antes que eu consiga assimilar a ideia de ela *querer* ir. – Os encontros do HEX são para todos nós nos entendermos melhor.

– E tem café de graça – diz Sam.

Audrey joga a maçã nos arbustos perto da entrada.

– Podem contar comigo.

O encontro acontece na sala de música da Sra. Ramirez; ela é a orientadora. Há um piano no canto e partes de uma bateria perto da

parede dos fundos, encostados em uma estante cheia de pastas finas de partituras. Há um címbalo sobre a prateleira mais baixa, perto de uma parede de janelas e de uma cafeteira ligada.

A Sra. Ramirez está sentada no lado oposto, no banco do piano, em um círculo de alunos. Entro e pego mais quatro cadeiras. Todo mundo chega para o lado de uma maneira educada, mas a garota que está de pé não para de falar.

– O problema é que é muito difícil impedir a discriminação quando uma coisa é ilegal – diz a garota. – Quero dizer, todo mundo pensa nos mestres como criminosos. Por exemplo, as pessoas usam a palavra “mestre” com o significado de criminosos. E se executarmos um feitiço, ainda que só uma vez, somos criminosos. Então, a maior parte de nós é, porque tivemos que descobrir de alguma forma, e isso costuma ser fazendo alguma coisa acontecer.

Não sei o nome dela, só que é do primeiro ano. Ela não olha para ninguém enquanto fala, e a voz dela não demonstra emoção. Fico um pouco impressionado com sua coragem.

– E há muitos mestres que nunca fazem nada de ruim. Eles vão a casamentos e hospitais e dão sorte às pessoas. E tem gente que trabalha em abrigos e dá esperança às pessoas e faz com que se sintam confiantes e otimistas. E a palavra “maldição”... Parece que a única coisa que sabemos fazer é magia do mal. Por que alguém ia querer fazer coisas ruins? O rebote é terrível. Se tudo que um mestre de sorte fizer for dar sorte às pessoas, tudo que ele recebe é boa sorte também. Ser mestre não precisa ser algo ruim.

Ela faz uma pausa e ergue o olhar para nós. Para mim.

– Magia – diz a garota. – É apenas magia.

Quando chego em casa naquela noite, vovô está fazendo uma xícara de chá. Já arrumamos muito. As bancadas estão quase todas livres e o fogão não está coberto de comida velha e ressecada. Há uma garrafa de uísque sobre a mesa, mas ainda está com a tampa.

– Sua mãe ligou – diz ele. – Ela saiu.

– Saiu? – repito, um tanto lerdo. – Da prisão? Está aqui?

– Não. Mas você tem visita – diz ele, virando-se para limpar a torneira. – Aquela garota Zacharov está no seu quarto.

Olho para cima, como se pudesse ver através do teto, surpreso e feliz. Eu me pergunto o que ela acha da casa, mas depois me lembro de que ela já esteve aqui, muitas vezes. Já esteve até no meu quarto, mas como gata. Em seguida, o resto do que vovô diz me chama atenção.

– Por que você está chamando Lila de “aquela garota Zacharov”? E onde está mamãe? Ela não pode ter ido longe. A cadeia deve tê-la deixado mais lenta.

– Shandra foi para um hotel. Diz que não quer que a vejamos do jeito que está. A última notícia que tive era que estava pedindo champanhe e batata frita com molho ranch, para serem entregues a ela enquanto tomava banho de espuma.

– É mesmo?

Ele ri, mas o som parece vazio.

– Você conhece sua mãe.

Passo por ele e pelas caixas de coisas não separadas que ainda estão na sala de jantar e subo a escada, dois degraus de cada vez. Não entendo seu humor, mas minha necessidade de ver Lila supera minhas outras preocupações.

– Cassel – grita ele, e eu me viro, inclinando-me por cima do corrimão. – Vá lá em cima e a traga para baixo. Lila. Tem uma coisa que

preciso contar a vocês dois.

– Tudo bem – digo automaticamente, mas não quero ouvir, seja o que for. Dou dois passos rápidos pelo corredor e abro a porta do quarto.

Lila está sentada na cama, lendo uma das velhas coleções de histórias de terror que nunca devolvi para a biblioteca. Ela olha para mim e dá um sorriso dissimulado.

– Senti saudade, de verdade – diz ela, esticando a mão.

– É mesmo?

Não consigo parar de olhar para ela, para o jeito como a luz da janela suja brilha em seus cílios e os faz brilhar como ouro, para o modo como sua boca se abre ligeiramente. Ela parece a garota com a qual me lembro de subir em árvores, a que furou minha orelha e lambeu meu sangue, mas ao mesmo tempo não parece aquela garota. O tempo afinou-lhe as bochechas e tornou seus olhos febrilmente brilhantes.

Pensei nela tantas vezes neste quarto que parece que esses pensamentos a conjuraram, uma Lila de fantasia, deitada na minha cama. A irreabilidade torna mais fácil andar até ela, embora meu coração esteja martelando em meu peito.

– Sentiu saudade de mim? – pergunta ela, espreguiçando o corpo como um gato faria. Ela solta o livro sem marcar onde parou.

– Durante anos – digo, sendo honesto, ao menos desta vez. Quero pressionar a pele dos dedos na linha do maxilar dela e acompanhar as sardas na pele pálida, mas ela ainda não parece bastante real para eu tocar.

Ela se inclina mais para perto, e tudo nela é vertiginosamente quente e macio.

– Também senti saudade de você – diz ela, com a voz baixa e ofegante.

Dou uma risada, que me ajuda a ver as coisas mais claramente.

– Você queria me matar.

Ela sacode a cabeça.

– Eu sempre gostei de você. Sempre quis você. Sempre.

– Ah! – digo estupidamente. E em seguida a beijo.

Sua boca se abre sob a minha e ela se deita, puxando-me para a cama. Seus braços se enroscam no meu pescoço e ela suspira contra a minha boca. Minha pele está quente e formigando. Meus músculos se contraem, como se eu estivesse pronto para uma luta. Estou tão tenso que estou tremendo.

Respiro fundo uma única vez.

Estou cheio de felicidade. Tanta felicidade que mal consigo me conter.

Agora que comecei a tocar nela, não consigo parar. Como se, de alguma forma, a linguagem das minhas mãos vá contar a ela todas as coisas que não sei como dizer em voz alta.

Meus dedos cobertos pelas luvas deslizam por baixo da cintura do jeans dela, por cima da pele. Ela se contorce um pouco, para tirar a calça, e estica as mãos para tirar a minha. Estou respirando a respiração dela, e meus pensamentos giram para a incoerência.

Alguém bate na porta do quarto.

Por um momento, eu não ligo. Não paro.

– Cassel – grita vovô do outro lado da porta.

Rolo da cama e fico de pé. Lila está vermelha e ofegante. Seus lábios estão vermelhos e úmidos, seus olhos estão escuros, e eu ainda estou vacilante.

– O quê? – grito.

A porta se abre e meu avô está ali de pé, segurando o telefone.

– Preciso que você venha falar com sua mãe – diz ele.

Olho para Lila, com expressão de quem se desculpa. Suas bochechas estão rosadas, e ela está mexendo no jeans, tentando abotoá-lo.

– Depois eu ligo pra ela.

Olho para ele com raiva, mas ele mal parece reparar.

– Não – diz ele. – Atenda e ouça o que ela tem a dizer.

– Vovô – digo.

– Fale com sua mãe, Cassel. – A voz dele está mais dura do que jamais ouvi.

– Tudo bem!

Pego o telefone e vou até o corredor, levando vovô co-migo.

– Parabéns por sair da prisão, mamãe – digo.

– Cassel! – Ela parece extasiada por falar comigo, como se eu fosse um príncipe de um país estrangeiro. – Me desculpe por não ir imediatamente para casa. Quero ver meus bebês, mas você não sabe como é morar com um bando de mulheres por tantos anos e nunca ter um momento sozinha. E nenhuma das minhas roupas cabe em mim. Perdi tanto peso por causa daquela comida horrível. Preciso de muitas coisas novas.

– Ótimo – digo. – Então você está em um hotel?

– Em Nova York. Sei que temos muito para conversar, querido. Lamento não ter contado mais cedo sobre você ser mestre, mas eu sabia que as pessoas tentariam tirar vantagem de você. E olha só o que fizeram. É claro, se o juiz tivesse me ouvido e percebido que uma mãe precisa estar com os filhos, nada disso teria acontecido. Vocês precisam de mim.

– Aconteceu antes de você ser presa – digo.

– O quê?

– Lila. Tentaram me fazer matá-la antes de você ser presa. Eles a trancaram em uma gaiola antes de você ser presa. Não teve nada a ver com você.

Ela hesita um pouco.

– Ah, querido, tenho certeza de que não é verdade. Você só não está lembrando direito.

– Não... fale... comigo... sobre... lembranças. – Eu praticamente cuspo as palavras. Cada uma cai da minha língua como se fosse uma gota de veneno.

Ela fica em silêncio, o que é tão incomum que não consigo me lembrar de ter acontecido antes.

– Querido... – diz ela, por fim.

– Para quê você ligou? O que é tão importante que vovô me obrigou a falar com você imediatamente?

– Ah, na verdade, não é nada. Seu avô só está aborrecido. Sabe, mandei um presente pra você. Uma coisa que você sempre quis. Ah, querido, você não entende o quanto estou feliz de você ter conseguido tirar seus irmãos de uma situação ruim. Seus irmãos *mais velhos*. E você, o bebê, tomou conta deles. Você merece uma coisa só pra você.

Um frio gélido se espalha na minha barriga.

– O quê?

– Só um pequeno...

– O que você fez?

– Bem, eu fui ver Zacharov ontem. Já contei que nos conhecemos? Pois é. Acabei encontrando aquela filha adorável dele quando estava indo embora. Você sempre gostou dela, não é?

– Não – respondo, sacudindo a cabeça.

– Você não gostava dela? Eu achei...

– Não. Não. Mãe, por favor, me diga que não tocou nela. Diga que não a enfeitiçou.

Ela parece hesitante, mas também nada arrependida, como se estivesse tentando me convencer a gostar de um suéter que comprou na liquidação.

– Achei que você ia ficar feliz. E ela cresceu e ficou muito bonita, não acha? Não tanto quanto você, claro, mas mais bonita do que a ruiva com a qual você estava passando todo o seu tempo.

Dou um passo para trás e bato com os ombros na parede como se não me lembrasse de como mexer as pernas.

– Mamãe – falo, gemendo.

– Querido, qual é o problema?

– Apenas me diga o que fez. Fale. – É uma coisa terrível e desesperada implorar que alguém destrua sua esperança.

– Esse não é o tipo de coisa que se diz ao telefone – responde ela, com tom de reprovação.

– Fale! – grito.

– Está certo. Eu a enfeitei para que ame você – diz mamãe. – Ela fará qualquer coisa por você. Qualquer coisa que você quiser. Não é legal?

– Desfaça – digo. – Você tem que desfazer o feitiço. Deixá-la do jeito que era antes. Vou levá-la até você, para que a enfeite de novo e ela volte ao normal.

– Cassel – diz ela –, você sabe que não posso fazer isso. Posso fazê-la odiar você. Posso até fazê-la não sentir nada por você, mas não posso retirar o que já fiz. Se incomoda tanto você, espere passar. Esse sentimento vai acabar indo embora. Ela não vai ficar exatamente igual ao que era antes...

Desligo o telefone. Ele toca de novo, sem parar. Observo-o acender, vejo o nome do hotel aparecer no identificador de chamadas.

Lila me encontra sentado no corredor, segurando o telefone que toca, quando sai para ver por que eu estou demorando tanto.

– Cassel? – sussurra ela.

Eu mal consigo olhá-la.

A coisa mais importante para um golpista é nunca pensar como um alvo. Os alvos acham que estão fazendo um bom negócio ao comprar uma bolsa roubada, mas depois ficam aborrecidos quando o forro rasga. Acham que vão comprar ingressos para a primeira fileira pagando quase nada para um cara que está de pé na chuva, mas ficam surpresos ao verem que os ingressos são apenas pedaços de papel molhado.

Os alvos acham que conseguem alguma coisa sem pagar nada.

Os alvos acham que conseguem o que não merecem e que jamais mereceriam.

Os alvos são burros, patéticos e tristes.

Os alvos acham que vão para casa certa noite e a garota que amam desde a infância de repente retribuirá esse amor.

Os alvos esquecem que, quando uma coisa é boa demais para ser verdade, significa que é golpe.

Título Original
THE CURSE WORKERS
BOOK ONE
WHITE CAT

Primeira publicação pela Margaret K. McElderry Books, um selo da
Simon & Schuster Children's Publishing Division

Copyright © 2010 by Holly Black

Todos os direitos reservados, incluindo o de reprodução no todo ou
parte sob qualquer forma.

Edição brasileira publicada mediante acordo com Barry Goldblatt
Books LLC e Sandra Bruna Agência Literária S.L.
Todos os direitos reservados.

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Preparação de originais
CLAUDIA MELLO

Coordenação Digital
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital
JOANA DE CONTI

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

B562ml

Black, Holly

Gata branca [recurso eletrônico] / Holly Black ; tradução Regiane Winarski. -

1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2013.

recurso digital (Mestres da maldição ; 1)

Tradução de: White Cat

ISBN 978-85-8122-208-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção científica - Literatura infantojuvenil. 2. Ficção infantojuvenil americana 3. Livros eletrônicos. I. Winarski, Regiane. II. Título. III. Série.

13-00349

CDD: 028.5

CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

SOBRE A AUTORA

HOLLY BLACK é uma ávida colecionadora de volumes raros de livros folclóricos. Passou seus primeiros anos em uma mansão abandonada de estilo vitoriano, onde sua mãe a alimentava com uma firme dieta de histórias de fantasmas e livros sobre seres fantásticos. Ela mora em Amherst, Massachusetts, com seu marido Theo, numa casa que tem uma biblioteca secreta. Entre seus livros mais famosos, estão *Valiant* e *Tithe*, além de *As Crônicas de Spiderwick*, que escreveu com Tony DiTerlizzi – todos publicados pela editora Rocco. *Gata Branca* é o primeiro livro da série *Mestres da Maldição*.

Saiba mais sobre Holly Black no site www.blackholly.com